



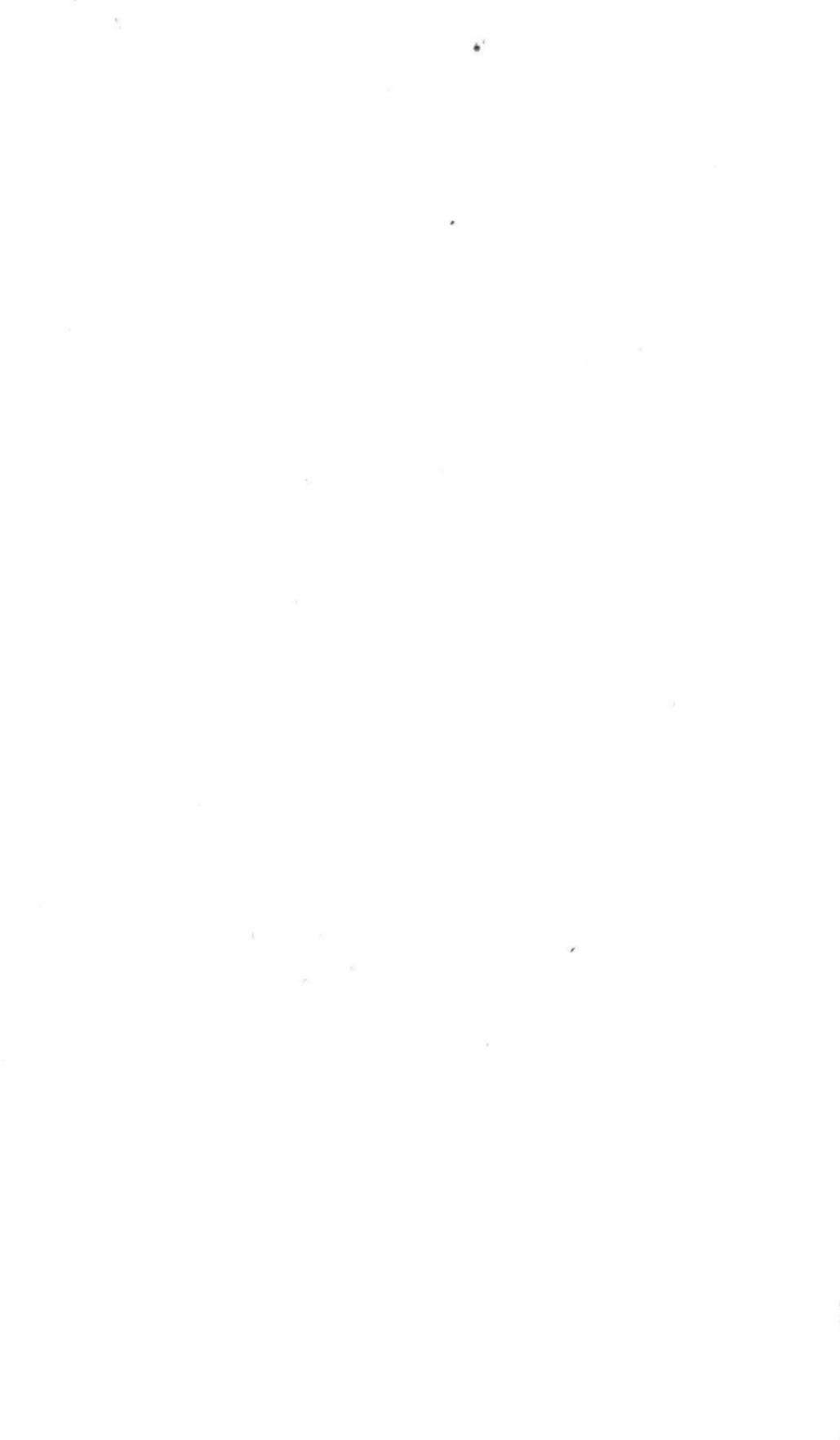


Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





**O PATRIOTA,**  
**JORNAL LITTERARIO,**  
**POLITICO, MERCANTIL, &c.**  
D O  
**RIO DE JANEIRO.**

---

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra ameí, e a minha gente.*  
Ferreira.

---

N. 4.<sup>o</sup>  
**A B R I L.**

---

  
**RIO DE JANEIRO.**  
**NA IMPRESSÃO REGIA.**

1813.

*Com Licença.*

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,  
na rua da Quitanda, n.<sup>o</sup> 34, por 800 reis.*





## L I T T E R A T U R A

## O D E

*Remettida de Versailles á Paris por Francisco  
Manoel Nascimento ( Filinto Elysio ) á  
Domingos Borges de Barros.*

*Thebaida 14 de Agosto de 1810.*

Quid nos? quibus te vita sit superstitute  
Jucunda, si contra gravis. Horat.

**C**OM magoa ouvi que partes, caro Borges (1),  
Deixas-me neste êrmos,  
Saudoso, velho? e ameaçadora a Morte  
Brande ( não de mim longe! )  
A luzidia fouce: agra a Pobreza  
De feia catadura,  
C'o as secas mãos me aperta o peito anciado!  
Em quanto o alivio tinha  
De receber teus versos, tuas prozas,  
De em cambio remetter-te  
As minhas, socegava a séva fragua  
De atribuladas penas,  
A ii

---

(1) Mande-me alguma poezia descriptiva das terras de Cabral.

Com que o futuro me enegrece os dias.

Mas de ti quando ausente . . .

Afasta-te de mim, acerba idéa !

Vai Borges: brandos zephyros

Nas azas teu baixel continuos tomem,

E á Patria te confiem (2);

A' Patria que contente os braços te abre

Para te estreitar n'elles.

Verás o Pai, que te ama, e que respeitas,

Os Irmãos, os Amigos (3),

O tecto, o berço; onde com raio puro

Ati recém-nascido

Deu prima luz o sol. Quanto se prezão

Os bosques, onde infantes

Demos tenrinhos passos mal seguros!

Com que prazer não vemos,

Depois de largos annos de apartados,

Os que, na verde idade

(2) Sic te Diva potens Cypri

Sic fratres Helenæ, lucida sidera,

Ventorumque regat Pater

. . . . .  
Navis, quæ tibi creditum

Debes: . . .

(3) Lembranças a Antonio d'Araujo, á Alexandre Gomes Ferrão, e a Paulo José de Mello, com quem me ligou d'amizade a Fama das suas virtudes, e a leitura de seus excellentes versos.

Com nosco erão no estudo , erão no jogo ?

De tudo vás lograr-te

E eu , apesar da dôr de ver-te ausente ,

Devoto aos Ceos t'ó imploro.

*Epistola em resposta , remettida de Paris á Versailles , por B\*\*\* á Filinto Elysio.*

*Paris 17 de Agosto 1810.*

Determiniei de assi nos separarmos ,

Sem o despedimento costumado ,

Que posto que he de amor uzança boa ,

A quem se aparta , ou fica , mais magoa.

*Camoens Cant. IV. Oit. 93.*

**V**Eio-me c'ó a razão o amor da Patria ,  
 Aquella enobrecendo , este incitando  
 O estudo : vereda encontrar busco ,  
 Que aos desejos , em que ardo , me encaminhe :  
 Nas plagas de Cabral , meu patrio ninho ,  
 Tão louçã , quanto inculta , a natureza  
 Admiro absorto : aqui longevos bosques  
 Com verde espesso manto , insultão , quebrão  
 Do sol os raios ; c'os erguidos cimos  
 Vão topetar co'as nuvens. Empinados  
 As curvas praias ornão , os pés dando  
 Aos abraços de Thetis , hospedosos ,  
 Ferteis coqueiros , que no fructo off'recem  
 Ao lasso navegante o licor doce ,

A saborosa pólpa , o oleo , a taça ,  
E nas fibras do tronco a forte amarra.

Por entre luteas flores , verdes ramas ,  
Do potente casulo pende a felpa  
Do niveo algodão ; bem quaes d'Odino  
Nas plagas , os carambanos alvevão.  
No matizado prado ergue a coroa  
O cheiroso ananás , qual Rei das fructas.  
A quente especiaria aqui se encontra ,  
Os balsamos , o aroma , e a casca amiga  
Da existencia do homem (1). Mais brilhantes ,  
Mais vivas cores patentêa Flora ,  
De mais formosos , variados fructos  
Pomona aqui se arrêa : aqui de Ceres  
São liberaes os dons. Mais longe encarø  
O Gigante das agoas (2), dominando  
Despota sobre os mares. Nestes climas  
Prodiga em tudo a mão da natureza ,  
Té nos horrores seus grande se ostenta :  
Porque junto a tão solidas riquezas  
As fontes pôs d'esse oiro insultuoso ,  
D'esse empeço d'industria , esse , que incita  
As sordidas paixoens , deslumbra Estados !..  
D'esse . . . após quem o homem corre ancioso ,  
O curso aos rios muda , desmorona  
Os montes ; e insultada a madre terra  
Mostra na esteril face a injuria sua.  
Vingar de Ceres pertendi o insulto ,

---

(1) Quina.

(2) Amazonas.

Deixando os patrios, em alheios climas  
 Luzes vim mendigar; e quando o esp'rito  
 Refocillar da lida me ordenava,  
 Deleitavão-me as Muzas: li teus versos,  
 Horacio em Luso metro ler cuidando,  
 A' mente e ao coração juntos fallarão.  
 Ah! quantas vezes pranteei teus Fados?...  
 O Poetico Stadio tu me abriste,  
 Se hum dia, em brando ocio, hum verso digno  
 Correr da pena minha, a gloria he tua.  
 Rôxos os pulsos já da tirania  
 Com os ferros não sinto. Adeos, ó França!  
 Terra credora de melhores fados,  
 Ah! Quando quebrareis as vis cadêas  
 Que estranhas mãos ao colo te lançarão?...  
 Do fraudulento Oceano os perigos  
 Vou de novo arrostar: talvez que veja  
 O berço de Franklin... Ficas, Filinto...  
 E eu parto!.. Porque amor divide as terras!..  
 Qual liga as almas d'amizade o laço,  
 Porque os corpos tambem ligar não póde?...  
 Tal quer a natureza, e tal nos dicta  
 Na saudade, atracção, que o peito chama  
 Para ao do amigo, que está longe, unir-se.  
 Se os Ceos derem que hum dia a cara Patria  
 O mui querido Pai, e Amigos veja,  
 Com nosco viverás, Filinto amigo.  
 No certamen poetico teu verso  
 Nosso farol será: o Luso idioma  
 Hemos d'estudar n'elle: nós com tigo,  
 Relendo-o, vezes mil conversaremos.

E quando juntos, no amical banquete,  
 Nos copos espumar festivo Bacho,  
 Seu primeiro tinir será teu brinde.  
 Em tanto qual vai ser a sorte minha!  
 Alheias terras deixo, irei a alheias!..  
 Quando verei os bosques, *onde infante*  
*Dei os tenrinhos passos mal seguros!*..  
 Corrêa, Marialva, Brito, Mello,  
 E os mais, que em triste exílio deixo! Quando!..  
 Quando!.. Filinto adeos! Lembre-te ás vezes  
 O mui saudoso caro Amigo Borges.

*Lyra inedita de Gonzaga.*

**T**U não verás, Marilia, cem cativos  
 Tirarem o cascalho, e a rica terra,  
 Ou do cerco dos rios caudalosos,  
 Ou da mina da serra.

Não verás separar ao habil negro  
 Do pezado esmeril a grossa areia,  
 E já brilharão os granitos de ouro  
 No fundo da batêa.

Não verás derribar os virgens mattos,  
 Queimar a capoeira ainda nova;  
 Servir de adubo á terra a fertil cinza,  
 Lançar os grãos na cova.

Não verás enrolar negros pacotes -  
 Das secas folhas do cheiroso fumo ,  
 Nem espremer nas endentadas rodas  
 Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza  
 Altos volumes de enredados feitos ;  
 Ver-me-has folhear os grandes livros ,  
 E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus Consultos ,  
 Tu me farás gostosa companhia ,  
 Lendo os fastos da sabia mestra historia ,  
 E os cantos da Poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella ;  
 E eu , vendo que lhe dás o justo apreço ,  
 Gostoso tornarei a ler de novo  
 O cançado processo.

Se encontrares louvando huma belleza ,  
 Marilia , não invejes a ventura ,  
 Que tens quem leve á mais remota idade  
 A tua formosura.

*Epigrammas de Diniz.*

I.

**N**ÃO teme do martello o estrondo e o pezo  
A bigorna, onde geme o ferro acceso :  
Nem varão, que tenaz segue a virtude,  
O insano murmurar do povo rude.

II.

Se os Poetas, segundo o teu juizo,  
Todos huns loucos são, se não tem cizo :  
Como não es Poeta, meu Filetas ?  
Mas ja sei : loucos são, e não patetas.

III.

Dizem, Bivio, que em velho dialecto  
Fizeste a alguns Poetas hum Soneto :  
Mas testemunhos são de homens preversos,  
Que tu nunca soubeste fazer versos.

IV.

Hum Poeta o epitaphio engrandecia,  
Que para os ossos seus composto havia ;  
É hum ouvinte lhe torna : está tão bello,  
Que já em seu lugar tomara eu ve-lo.

## S A T I R A . 5

*Est modus in rebus , sunt certi denique fines ,  
Quos ultra , citraque nequit consistere rectum.*

Horat. Lib. I. Sat. I.

**A** Satira grosseira por qual caminho novo  
Deixou os feios crimes , com que assustava o povo?  
Baco enrolando a parra nos tempos da vindima ,  
De fezes tinto o rosto , dictou obscena rima.  
Vio Thespis menos torpes os satyros violentos ,  
E da tragica scena lançou os fundamentos  
Da plebe iniqua e rude já com melhor destino  
A satira passou para o Paiz Latino ,  
Quando o feroz Lucilio co' braço levantado  
Ferio grande e pequeno c'hum azurrague hervado:  
Tão grande liberdade foi logo reprimida ,  
E sendo mais modesta , não foi menos temida.  
O espelho , que não mente , mostrou a Roma  
Horacio ;  
Fez Persio e Juvenal tremer depois o Lacio.  
Veio Regnier , e veio Despreaux com arficios ,  
E fez que alguém se risse ao ver seus proprios  
vicios ;  
E a nossa antiga gente julgou por impiedade  
Zombar dos prejuizos , que reinão na Cidade ,  
Confundindo o libello , que as justas Leis  
offende'  
Com a satira urbana , que os vicios reprehende.  
Mas esse véo grosseiro , que as luzes encobria ,

Rasgou-se , e deo lugar ao mais sereno dia.  
 Quanto se deve á Mão , que Rege o Sceptro  
 Augusto !

Cahio a estupidez , podemos rir sem susto ,  
 Se a querem levantar os timidos sequazes ,  
 Já soffre piparotes , e pulhas dos rapazes.  
 Animo agora , ó Muza , que as letras tem  
 Mecenas :

Não temos que invejar de Roma , nem d'Athenas.

No meio he que a virtude tem firme o seu lugar ;  
 Quem vai pelos extremos não o dezeja achar.  
 Triste , cançado , e magro o sordido Avarento ,  
 Harpagon , as moedas ajunta cento a cento.

Não fuma chaminé , na ea a reina a fome.  
 Quem póde advinhar o que , ou quando come ?  
 Conta-se que huima vez por festa do Natal  
 Comprou dez reis de nabos : ó epoca fatal !  
 Quebrou-se . . . ó dia triste , dia de graves  
 damnos ! (annos.

Quebrou-se-me a panella , que tinha ha quarenta  
 O' nabos ! ó desgraça ! ó infeliz panella ,  
 Que tão pouco duraste ! ficou-me esta tigella ,  
 Épondo-a sobre as brazas , rebenta : o estampido  
 Cobre de negras cinzas o velho espavorido ;  
 É para maior magoa quiz inimigo o fado  
 Que de carvoens volantes fosse o calção tostado.  
 Depois de tantas perdas fez voto , e com razão ,  
 De nunca mais gastar nem lenha , nem carvão.  
 De dia conta os sacos , de noite posto á vella ,  
 Espreita , e de si mesmo receia , e se acautella.

Treme ao leve ruído do vento, que sussurra,  
Tem o seu deos guardado na chapeada burra.  
He justo o que lhe agrada, e só lhe agrada o oiro,  
Que adora, e que o faz pobre no meio do  
thezouro.

Mata a rabuje ao cão, e o miseravel gato  
Vive, porque em descuido pilha por sorte hum  
rato.

Que usuras descaradas! que furtos, que rapina  
Achou da vil trapaça na detestavel mina!  
Ao triste devedor no Inverno desabrido  
Despe insolente as filhas, quer tudo convertido  
Em oiro n'hum leilão, passado a quem der mais;  
Vê sem remorso o pranto, ouve sem pena  
os ais.

Menos inexoravel em seus caprichos cegos,  
Achilles vio morrer junto das Náos os Gregos.  
Escravo da riqueza, miserrimo usurario,  
Inda co'amorte á vista recusa o necessario.  
Hum caldo de galinha restaura a natureza;  
Hum caldo! ha neste mundo quem faça tal  
despeza?

Moeda despendida ou tarde, ou nunca torna:  
A tosse, que me afflige, curo com agoa morna,  
E para a ter á mão achei hum facil meio,  
Pois n'hum pequeno vidro a aquento aqui no  
seio;

E sem carvão, nem lenha, nem outras invenções,  
Dos Medicos me rio nas minhas defluxoens.  
Harpagon, Harpagon, tropego, triste, e velho,  
Contempla o teu estado, eu te apresento o  
espelho.

Mas ah ! que tu desmaias ao ver-te em tãl  
figura ,

Espectro descarnado n'huma caverna escura !

Jã para respirar te faltão os polmoens :

Vigiliãs, frio, fome, cuidados, e afflicçoens

Nos braços te lançarão da morte enfurecida.

Responde que acção boa fizeste em toda a vida ?

Que premio conseguiste por dias tão cançados ?

Enchi aquella burra de dobras e cruzados.

O' que inuteis fadigas ! que sordidos trabalhos

Para ter hum capote com mais de mil retalhos,

Capote de Arco Iris, gala de todo o anno,

Que nem tu mesmo sabes qual foi o antigo  
pano ,

E o ventre, que escondido nos ossos mais trazeiros

Vio em longas dietas passar trinta Janeiros !

E que querias tu ? que eu fosse hum dos cas-  
quilhos ,

Que gasta o cabedal em chitas e polvilhos ?

Ou prodigo glotão, que passa o dia inteiro

Rodeado de cópos, bebendo o seu dinheiro ?

Que, sem lançar as contas ás minhas fracas rendas,

Juntasse os caçadores de ceias e merendas ?

Não ; essa boa gente comigo não faz vaza,

Eu gosto dos banquetes, mas não em minha casa.

Os lucros vão a menos, não ha ganhar vintem ;

E aquillo que se poupa, he só o que se tem.

Por isso o novo herdeiro promette á boa fé

Gastar em carruagem quanto ajuntaste a pé.

Quem he este, que passa vaidozo em seu carrinho ?

He do avaro Harpagon o prodigo sobrinho,

Que alegre vio morrer o sordido avarento,  
 De forças exaurido por falta de alimento.  
 Co'as chaves abraçado o Tio inda expirava,  
 Quando elle grandes coisas na idéa já formava.  
 Eis hum palacio erguido, bordados reposteiros,  
 Que por argollas correm á voz dos Escudeiros.  
 Revestem-se as paredes de peregrinas cores,  
 Que sobre os ricos panos varião os labores.  
 Seges, bestas, lacaios, que tem seus appellidos;  
 Que imitão a seu amo, fazendo-se atrevidos;  
 Ao sumptuozo, ao grande, o luxo, o fasto iguala;  
 Os teus quadros, ó Rubens, adornão esta sala,  
 Nest'outra, que moldura não tem cada painel,  
 Obra da sabia mão do illustre Rafael?

Que falta mais? amigos; e amigos que vem logo  
 Leva-lo ás assembleas, ao lupanar, e ao jogo.  
 Cheira a cozinha ao longe, tres Mestres occupados  
 Dispõe por arte as massas, os molhos, e os as-  
 sados.

Tres Mestres! e são todos precisos nas funcçoens  
 Para darem os banquetes ao gosto das Naçoens;  
 Que fora grão dezar, e acção mênos prezada,  
 Pôr ao sombrio Inglez a meza afrancezada.  
 Tudo o que he fino, e bom, aqui aos montes  
 acho,

Como as coisas grosseiras nas vodas de Camacho.  
 Que faz destas mulheres tão grande ajuntamento,  
 Que me parecem pobres á porta de hum Con-  
 vento?

Tudo he gente vadia, que tem algum direito  
 De arrecadar os roubos, que em casa se tem feito;

Encobrem-se huns aos outros, e fuita o boleeiro,  
 Lacaio, comprador, mordomo, e cozinheiro.  
 De dia e noite o cercão cem mil' adutores,  
 Que dos seus desvarios celebrão os louvores.  
 Vós sois homem de bem lhe diz, sereno o rosto,  
 Parurgo, o adulator, tendes juizo, e gosto;  
 Quanto os seus bellos dons com vosco o Ceo re-  
 parte! ( Marte,  
 Sois Alexandre, e Cezar; sois Hercules, e  
 Sois Adonis, Narcizo . . e que hei de dizer mais?  
 Sois homem sem segundo, que a todos assombraes.  
 Do vosso nome a gloria, e as inclitas acçoens  
 Celebra ao longe a fama por todas as Naçoens.  
 Prosegue, e quando o vê bem cheio de vaidade,  
 Expoem-lhe a sua triste, cruel necessidade;  
 E o ávido mancebo, que mais louvor dezeja,  
 De cem dobras a bolça magnanimo despeja;  
 Dobras por quem o Tio já macilento e fraco  
 Quiz antes ver a morte, que dezatar-lhe o sacco.  
 Duvída que haja frio, ou tragadora fome;  
 Sem pezo, nem medida, tudo o que tem consome;  
 Que mu ta gente sabe vencer a sorte dura,  
 Mas perde as estribeiras no cume da ventura.  
 Esgotão-se os thesoiros, torna ao estado antigo;  
 Todos o desconhecem, não acha hum só amigo;  
 E os mesmos argonautas por mófa, e por  
 desdoiro  
 Celebrão a conquista do Velocino de oiro.  
 Ei-lo de porta em porta, que mendigar  
 pertende. (arrepende!  
 Que amargos fructos colhe, quem tarde se

Infeliz ; -que abatido em tão adversa sorte ,  
 Até lhe faltão meios de abreviar amorte.  
 Huma corda deseja , mas o desejo he vão ;  
 Porque huma corda custa metade de hum tostão  
 De excessos e desgostos na esqualida presença  
 Se ajuntão os algozes da pallida doença. (real  
 Coberto em fim de opprobrio , com fome , e sem  
 Vai terminar seos dias á porta do hospital).  
 Lá ficão as Irmans , pobres na flor da idade ,  
 Expostas aos perigos da vil necessidade ; ( pejo ,  
 E Eulipo o barrigão sem té , sem lei , sem  
 Soltando alegre as vellas no mar do seo dezejo!  
 Com dadas , com rogos , e ainda com violen-  
 cia , *Coge Cofar* será da misera innocencia.  
 E os vãos dissipadores da sua rica herança ,  
 Tudo , e até os seos nomes apagão da lem-  
 brança ,  
 E se alguem se recorda da prodiga loucura  
 He para as insultar na sua má ventura.  
 Que tristes consequencias , que funebre retrato  
 Mostra de seos costumes o prodigo insensato !

Creonte o atrabilario compoem de sorte o rosto  
 Que a todos enfastia com seo mortal desgosto ,  
 Affecta o ser sincero , e em falta de razoes ,  
 Mostra o seu desprazer no gesto e nas accões ,  
 Encolhe o hombro ás vezes , e o modo seo  
 me ensina

Que ha rizo mais picante que a satira ferinã.  
 Elle aborrece os homens , mas elles com cuidado  
 Da sua vista fogem , como de cão danado.

Sempre raivoso, e fero, não tem mais grato  
estudo. (tudo.

Do que inventar os meios de pôr veneno em  
Ao mesmo sexo amavel dirá, franzida a testa,  
Que a triste velha he bruxa, que a moça he  
pouco honesta. (devora?

Quem ha que escape á bilis, que o seca, e que o  
Se hum canta he porque canta, se hum chora  
he porque chora.

Lidoro observa os astros: perde o seo tempo  
em vão.

Ticio estuda Direito: será grande ladrão.

Com gosto á Medecina Biophilo se aplica:

Não vale contra a morte sciencia, nem botica.

Nicandro faz bons versos; he leve do miôlo.

Emilio não os faz: não tem que ver, he tôlo.

Tudo vos desagrada! e que dirão de vós,

Que tudo escureceis co'vosso genio atroz?

Ainda espero ver-vos com quatro bonifrates

Reger o mundo em seco na caza dos orates.

Lá da vossa loucura dando as mais certas  
provas,

Veremos fecundar vossas idéas novas.

Em tanto Atalafron, que em tudo acha belleza,

Pertende ser distincto na graça e gentileza.

Tudo lhe causa gosto; que genio singular!

Até se põe a rir de ver os mais chorar.

Sempre mordendo os beiços, estuda com cuidado

Hum vagoroso andar, hum gesto adocicado.

Conhece das pomadas o autor, e nomes varios,

Que podem bem formar dois grossos dictionarios.

Polindo cada dia tres vezes as fivellas ;  
 Cuida que todo o povo só poem os olhos nellas.  
 Este novo Nireo busca ao entrar na Igreja  
 Hum sitio descuberto , para que o mundo o veja.  
 Tem gosto , e para as modas dá novas eleiçoens :  
 Sempre aos amigos falla, contando-lhe os botoens.  
 Quanto ouve na assemblea depois por seo nós  
 vende ,

Galra de pressa , e muito ; mas elle nada entende.  
 È até quando conversa , vós o vereis em pé  
 Fazer passos de dança , rosnando hum *tri-olé*.  
 Se tem de responder primeiro entoará  
 O lindo retornelio : *la-ran-tu-rá-la-rá*.

Tartufo o jacobeo , que destro em novas manhas ,  
 Sabe contos de velhas ordidos de patranhas ,  
 Dos Santos o lugar crê que não he mui alto ,  
 Pois co'as contas na mão lá quer chegar d'hum  
 salto ,

Devoto beija o chão , fazendo mil tregeitos ,  
 Os olhos põe no Ceo , bate com força os peitos.  
 Mas a inveja , a soberba , a intriga , e a ambição  
 São todas as virtudes , que tem no coração.  
 Para qualquer maldade hum destes se aparelhá ,  
 Lobo cerval coberto co' a lan da mansa ovelha ;  
 Que vezes lhe não foi nas impias mãos achado  
 Fogo devorador , ou ferro ensanguentado !

Clitandro d'outra parte , moço de engenho fino ,  
 He contra o jacobeo , mas faz-se libertino.  
 As mais santas verdades são fabula aos seos olhos ,  
 Quiz evitar as pedras , cahio sobre os abrolhos.  
 Serve-se em todo o cazo do lume natural ; --

Nem sei se elle acredita, que tem alma immortal.  
 Mas longe o libertino, longe o devoto falso,  
 De riso menos digno, que de odio e cadafalço.  
 Para vicios oppostos são varios os caminhos:  
 Ruffilo cheira a almiscar, Gorgonio a rapozinhos:  
 Deve de cheirar mal quem sempre cheira bem;  
 Fugamos dos extremos, tudo seus meios tem.

Mas quam poucos estimão o virtuoso meio!  
 De cabeças vazias o mundo está bem cheio!  
 Quem mais quer distinguir-se, não he quem  
 mais repouza;

Pois juizo entre loucos he perigosa cousa.  
 Nascido na Provincia, Ergasto ainda ignora  
 Os affectados modos, que o vão casquilho adora.  
 Doma hum feroz cavallo, e sabe posto em terra  
 Repulsar n'hum ataque todo o furor da guerra:  
 He justo, he moderado, mas vem servir de riso,  
 Porque sobre o espelho não sabe ser Narciso.  
 Ignoras, lhe diz hum, como se toma o chá...  
 Não tens este ar da Corte, diz outro d'acolá.  
 Já cresce dos topetés a turba louca e infame,  
 A quem o bom mancebo pergunta em seo ve-  
 chame,

A risto, o Sabio Aristo, que altos heroes imita,  
 He Espartano forte, ou fraco Sybarista?  
 Elles tornão a rir, mas sem saber porque.  
 E o aldeão prudente, que afflicto, e só se vê,  
 Deixa a Cidade, e foge do luxo, e desconcerto,  
 Para viver honrado no seo feliz deserto.

M. J. S. A.

*Grammatica Philosophica.*

Senhor Redactor.

**A**S Definições Grammaticaes, publicadas no primeiro numero do seu Jornal, moverão algumas pessoas a pedirem-me communicação do que eu tivesse por escrito sobre a Philosophia das Linguas: e posto que eu só lhes pudesse mostrar ensaios imperfeitos, instarão-me para que os publicasse mesmo nesse estado.

Reflecti que, apesar da sua imperfeição, poderião ter a vantagem de excitar engenhos mais felizes a publicarem tambem, ainda mesmo por fragmentos, o resultado das suas meditações sobre este tão vasto, quanto interessante assumpto; sendo certo que, á vista do pouco que sobre ella se tem escrito, só por este modo he que se pôde esperar que com o tempo se venha a formar hum corpo de doutrina.

Este o motivo, por que remetto, para serem inseridas no seu Periodicos estas primeiras idéas elementares, se ellas lhe parecerem de alguma utilidade: e com este testemunho da sua approvação, irei remettendo successivamente o que em outro tempo apontei sobre estas materias; bem como as correções, que ulterior estudo, ou a critica dos bons julgadores, forem descobrindo.

( Vejão-se as Tabellas juntas. )

3. O concurso de qualquer das  
nunciada a meio tom; chama-se  
N. B. Aos exemplos dos Diph-  
cumpre accrescentar os das Nasas  
teis (ou como se costuma escrev-  
Mien : em Francez.

m

{  
||  
}

*t, Portuguesa, Hespanhola,*  
*as afinidades.*

}<sub>th</sub> }<sup>t</sup> }

4. São compostas as seguintes combinações de consoantes : bd , bl ; br ; cl ; cm ; cn ; cr ; cs ; ct ; cz ; dn ; dr ; dz ; fl ; fr ; gd ; gl ; gm ; gn ; gr ; kl ; km ; kn ; kr ; ks ; kt ; kz ; pf ; pl ; pn ; pr ; ps ; pt ; sd ; sf ; sg ; sk ; sl ; sm ; sn ; sp ; sq ; st ; sv ; tl ; tm ; tn ; tr ; thl ; thm ; thn ; thr ; vl ; vn ( que se pronuncia : phl , phn ) vr , quer se pronuncie vr ; quer como phr .

5. São gutturaes : h ; ch ; gh ; g ; k—palatinas : ill ; j ; ll ; gn — maxillares : j ; x ; tx ; dj sh ; s ; n ; l ; r ; rr—dentaes : z ; dz ; tz ; ss ; th ; ç ; d ; t—labiaes : b ; p ; m ; w ; ph — labio-dentaes : f ; v .

6. Chama-se *Figurativa* de cada huma das vogaes de huma palavra simples a consoante , simples ou composta , que a precede immediatamente .

7. As consoantes , que se seguem até á figurativa da vogal seguinte , chamão-se *Addicionaes* .

8. Chama-se *Syllaba* cada huma das vogaes de huma palavra simples , com a sua figurativa e adicionaes ( havendo-as ) .

9. As palavras , que affirmão , ou negão a existencia real , ou hypothetica do significado , em tempo determinado ou indeterminado ; chama-se *Verbo* . Exemplos : *Firo* , *sou ferido* ; *Durmo* .

10. Se o facto , que o verbo exprime , se considera como rasão de outro facto ; chama-se o verbo *activo* .

11. É chama-se *transeunte*, se o effeito, de que esse factó he razão, se verifica em outro sujeito. Exemplo: *Cortei*.

12. Mas, se se verifica no mesmo sujeito; chama-se *intranseunte*. Exemplo: *Cubro-me*.

13. Porém, se o factó, que o verbo exprime, se considera, como effeito; chama-se o verbo *passivo*. Exemplo: *Foi ferido*.

14. Quando se não considera, nem como razão, nem como effeito; mas como hum simples estado do sujeito; chama-se o verbo *neutro*. Exemplos: *Anda*; *Dormia*.

15. As palavras, de que se usa para designar o agente da significação de algum verbo; chamão-se *Substantivos*. Exemplos, *Homem*; *Corpo*; *Alma*; *Entendimento*; *Virtude*; *Vicio*; *Força*.

16. As palavras, que só servem a especialisar os Substantivos, chamão-se *Adjectivos*. Exemplos: *Grande*, *Honrado*, *Feliz*.

17. Tanto os Substantivos, como os Adjectivos, chamão-se *Nomes*.

18. Se os Substantivos denotão qualidades communs a muitos individuos, chamão-se *Appellativos*. Exemplos: *Animal*; *Ferro*.

19. Todos os outros se chamão *proprios*. Exemplos: *Pedro*, *Roma*.

20. As palavras, que se empregão para especialisar a significação de algum verbo, ou de algum Adjectivo; chamão-se *Adverbios*.

21. As que são unicamente destinadas a

estabelecerem a relação de diferentes phrases, e tambem ás vezes as de diferentes partes de huma mesma phrase entre si; chamão-se *Conjunçõens*.

22. As que só se uzão para estabelecer a relação de algumas palavras de huma mesma phrase entre si; chamão-se *Preposiçõens*.

23. Aquellas, que, não significando nada, ou que alem da sua significação, exprimem só pelo tom com que se pronunciaõ, o sentimento da pessoa, que dellas se serve; chamão-se *Interjeiçõens*.

24. Se estas parecem suppor huma resposta, chamão-se *Interrogação*; senão, chamão-se *Exclamação*.

#### EXEMPLOS.

ã] Lam. a] Demora. à] Càro. â] Cãno.  
 a<sup>o</sup>] All, em Inglez. é] Lento. e] Feliz. è]  
 Fèro. é] Péro. eu] Peu, em Francez. î] Fim  
 i] Delicioso. ì] Perdido. ô] Bom. o] Rico;  
 Peseeste. ò] Rosa. ô] Pouca; Morra. o]  
 Roethe, em Allemão. ou] Pauvre, em Francez.  
 ù] Algum. u] Aguçar. ù] Agudo.

i<sup>ll</sup>] Prude, em Francez. i<sup>ũ</sup>] Dèfunt. u<sup>o</sup>]  
 But, em Inglez. b] Base. ch] Jch, em Allemão.  
 ç] Garvanços, em Hespanhol. d] Lado.  
 dj] Giallo, em Italiano; General, em Inglez.  
 dz] Pazzo, em Italiano. f] Face. g] Figo.

gh] Achter, em Hollandez; Baxo, em Hespanhol. gn] Ganho. h] Hidalgo, em Hespanhol; Haine, em Francez. ill] Vaillant, em Francez. j] Je, em Allemão.

N. B. Acha-se o j na Columna do i; porque a pronuncia daquella Consoante envolve esta vogal; e constitue a transição das consoantes para as vogues.

j] Jarro; Gesso. k] Cabo; Quer. l] Lado. ll] Malha. m] Mar. n] Nada. p] Passo.

N. B. Acha-se o p na columna do k, porque apesar de não terem nenhuma afinidade de pronuncia, acontece que pela da escrita, muitas palavras que em sua origem se escrevião em k passarão a escrever-se com p (falto das Linguas Grega e Latina) Exemplo Lycos, Lupus &c. ph] Vrow, em Hollandez. r] Para. rr] Barra. s] Esprit, em Francez. sh] Espada. ss] Massa. t] Tudo. th] Bath, em Inglez. tx] Faccia, em Italiano. Church, em Inglez. tz] Zahn. V] Vaso. x] Chave; Caxa. Shilling, em Inglez. z] Zelo. w] We, em Inglez; Schwach, em Allemão.

N. B. Acha-se w na mesma columna, que Ch, Gh, e G; porque muitas palavras, que no Dialecto Teutonico se escrevião com w, se escrevem no Latino com algumas daquellas gutturaes: Exemplos: Willhelm = Guilherme; War = Guerra; Ware = Gare.

Do mesmo modo acontece que nos ditos dois Dialectos M e W se convertem reciprocamente um no outro. Exemplos: Werth = Merito; With = Mit. &c.

S. P. F.

## E L O Q U E N C I A

*Pratica de Alexandre de Gusmão, entrando na Academia Real de Historia Portugueza, em o dia 13 de Março de 1732.*

**C**ONTRA a sorte commum de todos os que entrão na carreira Litteraria, consigo a Corôa, antes de me haver legitimamente assignalado no Certame. A insigne honra de ser admittido ao vosso numero, que bastaria, depois de grandes producçoens, por unico premio aos varoens mais eruditos, me concede hoje a vossa benignidade, sem ter mais prova da minha sufficiencia, que a noticia de haver em mim huma summa veneração ás Letras, e hum desejo ardentissimo de vir a merecer nellas algum nome. Porém tanto teria de opportuna esta recomendação por me acceitardes discipulo vosso, quanto he inefficaz para alcançar o glorioso titulo de vossó Collega.

Em hum Congresso, por tantos principios illustre, ou se attenda á Magestade do Ins-

tituidor, ou á importancia do Instituto, ou ao merecimento dos que o compõe, parece que só devião ter lugar sujeitos da mais experimentada capacidade, de juizo clarissimo, de eloquencia e erudição mui conhecida. Taes homens se requerem para corresponder á esperanza daquella mente sublime, que deu o ser a esta Academia, e lhe conserva o esplendor com influxos da sua soberana Protecção. Trata-se de escrever para a acceitação de hum Rei Sapiientissimo, a cujo finissimo gosto, apurado ao crisol de hum continuo estudo, mal pôdem agradar as obras, que não chegarem a tocar as raias da perfeição. Trata-se de dar cumprimento á magnifica idéa de hum Monarcha, que não contente de ter exaltado o seu Reino ao maior auge de gloria e de riqueza, em que se vio á muito tempo, não contente de haver resuscitado o respeito da Corôa da diminuição, que lhe tinhão causado as calamidades de mais de hum Seculo, para de todos os modos engrandecer o nome da Nação Portugueza, procura com a fundação deste Atheneo, resuscitar tambem as memorias da Patria da indigna escuridade, em que jazião até agora.

Quiz que vissem os seus vassallos em hum elegante painel dos successos de Portugal, quão formoso lie o retrato da honra, quão amavel o semblante da virtude, para que, observando a esclarecida menção, que se

faz daquelles , que puzerão todo o cuidado em conseguilas , sintão accender no seu peito huma nobre inveja , e huma ambição insaciavel de imita-los , ou excede-los. Desta sorte abriu a sua paternal attenção aos vivos , e aos vindouros , a melhor escola , em que podião cultivar-se , bem ajuizando , que he a lição da Historia hum segundo seminario de heroes ; e descobrindo á sua generosidade novo caminho para remunerar aos mortos os serviços , que fizerão á Monarchia , premiando-os com a eternidade da fama. Por meio desta Academia émprehendeu o seu religioso animo fazer patente ao mundo o muito , que obrou a antiga e exemplar devoção dos nossos Reis , em obsequio da Igreja , e augmento do Divino Culto ; não tanto para que fique manifesta a vantagem , que nessa parte , como em muitas outras , leva aos seus predecessores , quanto para que se conheça que esta hereditaria piedade , foi , e ha de ser sempre , o mais prezado brazão de sua Augustissima Casa. Com o exercicio dos vossos escritos dispôz a sua Real ponderação aperfeiçoar , e avivar entre os seus subditos , o mais util de todos os estudos , que he o da composição das Historias , e esperamos ver-se tão bem logrado este fim , que possão os futuros Historiadores tratar dignamente o largo assumpto , que lhes darão para escrever as gloriosas açoens do seu Reinado.

Sendo pois tão grande o projecto , e sua-

do tão difficil de satisfazer a expectação do elevado espirito , que concebeu ; de que engenho , de que doutrina não devem abundar , os que se elevarém para pôr em execução aquelles heroicos pensamentos ? ; Quanta capacidade se requer para saber entre a variedade de objectos , com que a penna ha de encontrar nesta composição , separar o proveitoso do superfluo , o pio do supersticioso , o agradável do insipido , e o certo do duvidoso ? ; E que arte , que pureza , e que graça de dizer he necessaria , para depois daquelle exame , acertar em escrever o que se escolheu , com methodo e estilo correspondente á excellencia da materia ? ; Quão judiciosos convem que sejam os escriptores , para divulgar as glorias da Patria sem immodestia , e para confessar tambem os desacertos com sinceridade , quando o principal idolo da Historia , que he a verdade , pedir este sacrificio ? ; Quão perfectos , e consummados , finalmente devem ser os homens , que se buscão para concorrer neste trabalho , com a flor dos talentos de Portugal , que aqui vejo congregados , capazes e proporcionados para tão ardua e relevante empreza , e por isso dignos de collegas mui diversos do que eu me considero ? Entre varoens eminentes em todas as faculdades , como se achão nesta Assembleia , notavel felicidade seria conseguir huma entrada para ouvir , e aprender ; mas he perigoso empenho ter hum exercicio , que traz consigo a necessidade de escrever , e ser ouvido.

Convenho em que não he facil encontrar sujeitos revestidos das qualidades, que se requerem para responder ás obrigaçoens, que acabo de ponderar; porém bastantes tinha esta Corte, a quem só huma desordenada vaidade me poderia impedir que reconhecesse por mais merecedores da occupação, com que me authorisae. Eu os vejo, Senhores, com admiração que me haja preferido a elles o vosso favor; e he natural que elles me vejam neste lugar com grande duvida, de que possam as minhas produçoens desempenhar o credito da vossa escolha. Esta justa desconfiança da propria capacidade, tem maior razão para augmentar-se em mim, á vista da porção, que determinaes ao meu estudo; destinando-me a escrever em Latim, tudo quanto pertence á Lusitania Sacra Ultramarina. Como o primeiro fim do que obrarão os Portuguezes em todos os seus descobrimentos, foi de arvorar os Estandartes de Christo, e de fazer venerar a sua Santa Lei, aonde quer que elles podessem penetrar com as suas peregrinaçoens, entendendo que a continua conexão, que daqui resulta entre a Historia Ecclesiastica e a Secular daquellés Paizes, me obrigará a envolver na obra, para que fique menos imperfeita, tudo o que acontecceu até ao presente nas conquistas e povoaçoens, que fizeram além do mar os nossos naturaes. O que supposto, vem a tocar-me por distribuição a mais famosa parte da Historia,

não digo de Portugal, senão do mundo todo, pois se pôde affirmar sem exaggeração, que não só este Reino, nem outra qualquer Região do mundo, vio desde o seu principio assumpto mais digno de immortal memoria.

Em quanto os nossos Antepassados combaterão com os Romanos, rechaçarão as Mouros, e disputarão o campo ás Potencias vizinhas, muito fizeram á proporção do seu poder, mas não adquirirão maior fama da que haviam grangeado, em semelhantes guerras, algumas outras Naçoens; porém quando o animo Portuguez, não cabendo nos estreitos limites, que possuia na Hespanha, sahio a buscar fóra della theatro mais amplo ao seu valor, então foi, que levantando o esforço á medida das empresas, e enchendo com o coração a immensidade do terreno, pareceo exceder com as suas acçoens as balizas da humana possibilidade. Então se distinguirão os Portuguezes entre todos os habitantes da Europa; não, invadindo, como outras Naçoens, Paizes mais cultos que os seus, e roubando a posse delles a quem justamente os governava, mas levando com zelo nunca visto a luz da Fé e das Leis a terras barbaras, e a gentes ferozes, que as não conhecião, ou as desprezavão. Para isto emprehenderão navegaçoens, que nem chegou a sonhar a extravagancia das mesmas fabulas, ou o furor dos mesmos Poetas; acometterão perigos, que a veneração de to-

dos os seculos , e o receio dos homens mais animosos , teve sempre por insuperaveis ; e obrarão proezas , que escurecerão tudo quanto se tinha escrito dos mais famosos conquistadores.

E verdadeiramente ; que comparação tem com estas expediçoens as de Alexandre , o qual , se venceu huma parte do Oriente , conduzio , para executar os seus intentos , hum poderosissimo exercito ? Que semelhança tem com as dos Romanos , que em conseguir o Senhorio da Italia , poserão mais de quinhentos annos , e com a multidão de tropas , que depois disso tinham á seu mando , gastarão ainda assim mais de duzentos para debellar os Reinos circumvizinhos ? Que igualdade tem por fim as dos Povos do Norte , que inundando a Europa com nuvens de insectos , não chegarão com tudo a firmar o seu poder , se não depois de muitos seculos de resistencia ? Quanto maior motivo de admiração se offerce a quem advertir que os nossos Nacionaes com pequeno numero de gente , como pôde conjecturar-se da extensão deste Reino , em menos de cem annos , plantarão a Fé , estabelecendo a admiração , e introduzindo o uso da sua lingua , em muito maior espaço de terra , do que comprehendem juntas as conquistas dos Macedonios , dos Romanos , e dos Septentrionacs ! E talvez que continuasse ainda agora este maravilhoso Imperio os seus pro-

gressos , em lugar das perdas , que padeceu , se os impenetraveis juizos do Altissimo não houvessem privado por muitos annos da Soberania delle aos Monarchas Portuguezes , que com tanta vigilancia attendem á conservação daquelles Padroens da gloria , como estamos vendo no poderoso soccorro , que despacha para a India a providencia do Sabio Principe , que nos governa.

Por modesta que seja a narração , que fizer de tão rapidas conquistas a nossa Historia ultramarina , hum de dous conceitos será forçoso que formem os leitores ; ou que a prudencia e a equidade do Dominio Portuguez fez receber sem repugancia a sua Lei em todas aquellas Regioens , suprimdo o respeito do nome a limitação das forças ; ou que as façanhas dos Portuguezes não tem exemplo nas de outra Nação. E seria ingrato á nossa Patria o mundo , se deixasse de reconhecer que deveu á ousadia Portugueza o sahir da prisão , em que viveu tantos mil annos , atado ao breve circuito de poucas terras , e até a costear pequenos mares. Deve-lhe , o que foi estimado pelos antigos sabios principio de toda a Sabedoria , isto he , o conhecimento de si mesmo , pois que sem os Portuguezes , ainda hoje ignoraria o mundo a sua verdadeira figura ; ainda caminharão ás cegas os Filósofos , Geógrafos , e Astronomos , perdendo as suas meditações em systemas vãos , por falta das lu-

zes , que depois dos nossos descobrimentos alcançarão , para melhor atinar com a verdade no conhecimento desta Maquina do Universo. Tantos segredos da Natureza penetrados , tantos problemas de Sciencias resolutos , tantas noticias aprendidas dos ultimos confins da terra , e tantas Artes aperfeiçoadas , ou achadas de novo por occasião da quellas viagens ; a quem o devem os Europeos mais que ás fadigas e intrepidez dos nossos Maiores , que para tudo lhes abriu caminho e alhanou as difficuldades ? Forão os Portuguezes os que annunciarão ao Genero humano que elle era duas vezes maior do que cuidava ; forão os que derão parte que se achava habitado quasi tudo o que elle suppunha inhabitavel ; forão finalmente os que ensinarão aos outros Povos do Europa a estender a navegação , até onde o Oceano estendesse as suas agoas ; a augmentar o commercio por meios mais abundantes dos que se havião nunca praticado , e a dilatar o Dominio por causas mais legitimas , com intento pio , e merecedor dos auspicios do Ceo.

Eis-aqui , Senhores , quão largo campo me põe diante dos olhos o emprego que me dais. Mas ; *quid dignum tanto feret hic promissor hitatu ?* Permitta a Divina Bondade , que possa o meu trabalho converter a fertilidade d'elle em proveitosa seára , antes do que degenerem em inuteis abrolhos , malgrado pela minha impericia.

Grande sem duvida , desigual aos meus hombros he o encargo , pela gravidade da materia ; mas ; para minha reverencia não he mais de temer pelo Antecessor , que tive nelle ; e quem entraria sem temor a occupar hum lugar , que tão conhecidamente enchia entre vós o Senhor Antonio Rodrigues da Costa ? ; Hum Varão ornado de todo o genero de erudição , dotado de grande madureza , solidez , e perspicacia ; critico mui judicioso , possuidor da mais pura Latinidade ; versado nas Letras grégas , e conhecimento de outras muitas linguas ? Hum Varão em fim , a quem havião affinado o engenho , e adquirido a veneração universal os seus muitos annos , assidua e venturosamente empregados em utilidade da Patria ? Por mais que me desvaneça o favor de ver-me escolhido por vós , mui louca presumpção seria a minha , se imaginasse poder substituir dignamente a falta de hum tal collega , de quem vos será sempre saudosa a lembrança , e mui difficilmente reparavel a perda. Quando me não inspirassem este sentimento as obras , que deixou mais completas , bastaria a lição de hum breve fragmento da Historia ultramarina , que delle vemos no I. tomo das Conferencias Academicas , para que perca a esperança de compor nunca cousa , que mereça a vossa approvação , á vista do que vos promettia aquelle elegantissimo Exordio.

Todas estas considerações me trazem des-

maiado á vossa presença , reparando na pobreza do meu talento , e no muito a que me empenha a confiança , que vos dignasteis mostrar delle. Parece-me que , aggregado a hum corpo tão conspicuo , venho a fazer nelle o mesmo effeito , que fazem no diamante as fochas , e as manchas no Sol ; e temo que não sirva a sublimidade do lugar , se não para deixar mais expostos á censura os meus defeitos. Se para mostrar a estimação devida ao beneficio , que de vós recebi , bastasse hum fidelissimo reconhecimento , este será tão inalteravel no meu conceito , quanto he sincera a confissão de não o haver merecido. Assim podessem as obras igualar a fineza do agradecimento ! Mas a memoria sempre viva da benevolencia , com que me distinguis ; o pejo de que haja de desmentirse , e macular-se em mim , o costumado acerto das vossas eleições ; a communicação da vossa doutrina , o estímulo do vosso exemplo , e o deleite , que se sente nos estudos , quando com elles se pôde fazer obsequio a hum Rei , que tanto nos anima , e a huma Patria que tanto nos honra , serão continuos despertadores á minha applicação , e darão azas ao meu rasteiro entendimento , para que procure elevar-se de sorte , que possa em alguma parte corresponder á vossa expectação.

*Memoria Historica e Geographica da descoberta das Minas, Extrahida de Manuscritos de Claudio Manoel da Costa, Secretario do Governo daquella Capitania, que consultou muitos Documentos authenticos, existentes na Secretaria do Governo, e em outros Archivos.*

**O**S naturaes da Cidade de S. Paulo, que tem merecido a hum grande numero de Geographos, antigos e modernos, a reputação de homens sem sujeição ao seu Soberano, e de faltos do conhecimento e respeito, que se deve prestar ás Suas Leys (1), são os que nesta America tem dado ao mundo as maiores provas de obediencia, fidelidade, e zelo, pelo seu Rey, e pela sua patria. A vigilancia, com que attendião pela armonia, e utilidade do seu paiz, os aconselhou, muito antes que a todo o Portugal, a fazer sahir das suas terras os Padres denominados da Companhia de Jezus (2); por sediciosos os poserão elles em hum total exterminio em o mez de Julho de 1640. E por effeito de huma caridade indiscreta de Fernão Dias Pães, forão depois resti-

---

(1) Lambert. Hist. Univ. t. 14. pg. 5. 53 e seg., Interesse das Naç. t. I. pg. 4. 102, Vaisete Geogr. pg. 216., &c.

(2) Vaisete pg. 217.

tuidos a S. Paulo em o anno de 1653, contra o voto cominum.

Trabalharão incessantemente por augmentar os interesses da Fazenda Real, e se glorião de que fossem os Paulistas Carlos Pedrozo da Silveira, e Bartholomeu Boeno de Serqueira, os primeiros, que appresentassem as amostras do ouro das Minas Geraes, ao Governador do Rio de Janeiro Antonio de Sande, pelos annos de 1695.

Fallecendo o dito Sande, ficou com o Governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetteo a ElRey D. Pedro as amostras daquelle ouro, com carta datada no Rio de Janeiro, em 16 de Junho do mesmo anno de 1695.

Por este tempo foi S. M. servido despachar a Artur de Sá e Menezes por Governador e Capitão General do Rio de Janeiro; e por Carta Regia de 16 de Dezeimbro de 1696, lhe ordenou passasse aos descobrimentos das Minas do Sul, a executar o que se havia encarregado á Antonio Pães de Sande, praticando com os Paulistas benemeritos as mesmas honras, mercês de Habitos, e Foros de Fidalgos, conteudos na Real instrucção, que pela Secretaria de Estado se expedira ao dito Sande.

Buscando porém as cousas na sua origem, he certo que não póde averiguar-se qual fosse indubitavelmente o primeiro Paulista, que descobrio as Minas Geraes. He sem controver-

sia, que o primeiro objecto dos conquistadores de S. Paulo foi o cativoeiro dos Indios, que elles substituíão á falta dos escravos, que depois entrarão em grande copia das Costas de Africa (3). Desde o estabelecimento daquella povoação em 1554, dia da conversão de S. Paulo, donde deriva o nome, se deve presumir que giravão muitos dos conquistadores pelo centro do sertão, e atravessavão as Minas; sahindo em bandeiras, que assim chamavão as companhias, que para esta diligencia se armavão, e recolhendo-se depois com a preza, que facilmente podião segurar (4).

Dos sertoes penetrados era o mais notavel o da Casa da Casca, nome que se deo a huma Aldêa sobre as margens do Rio-doce, que desagoa na Capitania do Espirito Santo, e começa a formar-se no corrego do ouro preto, recebendo depois em si immensos ribeiros, e rios caudalosos. Destes Sertoes se recolhia na era de 1693 Antonio Rodrigues Arzão,

(3) A beneficio da liberdade se publicarão as providentissimas Leys de 30 de Julho de 1609, 10 de Setembro de 1611, e a novissima de 6 de Junho de 1755, a qual abolio e derogou toda a restricção, que havia ácerça dos quatro cazos, em que era licito o cativoeiro dos Indios.

(4) Secr. do Cons. Ultramar. L. 1673 das cart. do Rio de Jan. f. 160—163.

natural da villa de Taboaté; com mais 50 homens da sua comitiva; e chegado que foi á Capitania do Espirito Santo, apresentou ao Capitão Mór Regente daquella Villa tres covas de ouro. A camara as recebeu com agrado, e lhe subministrou os viveres e vestiarias de que carecião, segundo as ordens que de ElRey tinha. Deste ouro se mandarão fazer duas memorias, huma que ficou ao dito Arzão, e outra que tomou para si o Capitão Mór.

A denunciação desta limitada porção foi, segundo a maior probabilidade, a primeira que se fez do ouro descoberto nas Minas Geraes; e a de Carlos Pedrozo da Silveira, de que se conserva memoria em S. Paulo, com razão se suppoem posterior a ella.

Antonio Rodrigues Arzão não podendo ajuntar na Villa do Espirito Santo a gente, de que precisava, para segunda vez penetrar pelos sertoes, se passou ao Rio de Janeiro, e dahi para S. Paulo. Nesta Cidade, ferido gravemente dos trabalhos que passara, enfermou, e veio finalmente a morrer, deixando encarregado a Bartholomeo Boeno, seu cunhado, de continuar o descobrimento, de que havia apresentado mostras.

Era Bartholomeo Boeno dotado de bastante agilidade, e fortaleza de espirito; e como tinha perdido em jogos todo o seu cabedal, foi facil querer melhorar de fortuna, tomando sobre si com os filhos de alguns paren-

tes e amigos, a grande empreza á que havia dado principio Antonio Rodrigues Arzão. Guiados pelo roteiro, que lhes deixara o fallecido, sahirão da Villa de S. Paulo pelo anno de 1697. Romperão os matos, e servindo-lhes de norte os picos, e cabeços de algumas serras, que erão os farões na penetração dos densissimos bosques, vierão finalmente estes generosos aventureiros a sahir sobre a Itaverava, serro que de Villa rica dista pouco mais de 8 legoas. Ahi plantarão meio alqueire de milho, e porque este sertão era mais esteril de caça, que o do rio das velhas, para este ultimo passou Bartholomeu Boeno a tropa, em quanto madurecia a pequena sementeira, de que esperava manter-se para continuar o descobrimento. No anno seguinte, que foi o de 1698, voltarão os referidos sertanejos a colher a sua plantação, e entrando na sua Itaverava, forão encontrados pelo Coronel Salvador Fernandes Furtado, pelo Capitão Mór Manoel Garcia Velho, e por outros, conquistadores tambem do gentio, e povoadores das Villas, que ficão a E. de S. Paulo. Já a este tempo os primeiros sertanejos trabalhavão com algum desembaraço, ajudados de hum grande numero de Indios, que havião captivado nos sertões do Caeté, e Rio-doce, mas como lhes obstava a falta de experiencia e pericia necessaria, e não tinham instrumentos de ferro para a labutação, contentavão-se com o pouco, que apenas podião apurar em

pequenos pratos de páo ou de estanho, servindo-lhes páos aguçados de cavar a terra, e de descobrir os pequenos cascalhos, ou formações, em que se conserva, e cria o ouro. Quiz Miguel de Almeida, hum dos companheiros de Boeno, melhorar de armas, e propoz ao Coronel Furtado a troca de huma clavina, dando-lhe em retorno todo o ouro, que se achasse nos da comitiva. Aceitou o Coronel a oferta, e dando-se busca, não se achou entre todos mais que doze oitavas de ouro. Recebeu-as o Coronel; e como Manoel Garcia Velho quizesse ter a vaidade de apparecer com todo aquelle ouro em S. Paulo, cometteu ao Coronel a venda de duas Indias Mãi e Filha por preço das doze oitavas. Conveio este no trato, e comprou as Indias; e despedidos os sertanejos huns dos outros, partio ufano para S. Paulo o Capitão Mór Manoel Garcia Velho. Entrando este na Villa de Taboaté, ahi o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira, e porque lhe não faltava manha e engenho para se conciliar com os patricios, houve a si as doze oitavas de ouro: com ellas se passou ao Rio de Janeiro e apresentando-as ao Governador Sande, foi premiado com a patente de Capitão Mór de Taboaté. Consequentemente o nomeou o mesmo Governador por Provedor dos quintos, concedendo-lhe a authoridade necessaria para estabelecer fundição na mesma Villa, por ser ella a povoação, onde desemboca-

yão primeiro os conquistadores. Por este modo se vê que , posto que o Arzão denunciase primeiro que o Silveira o ouro das Minas Geraes , a sua morte impedió o progresso desta denunciação , e conseguiu o Silveira a gloria de apresentar o ouro , que não descobrira. A denunciação feita pela interposta pessoa de Carlos Pedroso da Silveira , e o estabelecimento da Casa de fundição em Taboaté , foráo os dous fortes estimulos , que animarão aos Paulistas a armar tropas , prevenir-se de alguma fabrica mais proporcionada ao uso de minerar e a desamparar a patria , rompendo os matos geraes da grande serra do Lobo , que divide a Capitania de S. Paulo , até penetrarem no mais recondito das Minas , menos já na conquista do gentio , que na deligencia do ouro .

O grande numero de concorrentes , que buscaváo as Minas , e a emulação , que logo se acendeu entre os da Villa de S. Paulo , e os naturaes de Taboaté , fez que derramados por varias partes , buscassem cada hum novo descobrimento em que se estabelecesse ; não se contentando os Paulistas de entrarem em parte nas repartiçoens , que denunciaváo os de Taboaté , nem estes nas que denunciaváo os Paulistas. Esta opposição , que tinha hum semblante de fanatismo , por serem todos da mesma patria , posto que de differentes districtos , veio finalmente a produzir a grande utilidade de se desentranharem cabalmente as Minas do ouro ,

não se perdoando ao rio mais remoto ou caudaloso, nem á serra mais intratavel e aspera, se bem que o conhecimento do ouro nas montanhas e serras veio mais tarde que o dos rios, e de seus taboleiros, que são as margens planas que os bordão. Como porem seria sumamente extensa huma relação individual de todos os nomes da multiplicidade dos que se glorião de descobridores, bem como dos rios, corregos, e serras, que por sua ordem se forão descobrindo; ainda que de tudo isto tenhamos huma veridica e sufficiente informação, contentar-nos-hemos de fazer ver ao leitor pelas datas dos tempos, quaes forão aquelles, que derão ao manifesto as mais ricas *faisqueiras*, em que hoje se achão creadas as Villas do Ouro preto, do Sabará, e a Cidade de Mariana; as Villas do Caeté, de S. João d'El-Rei, do Principe no Serro Frio, que fazem as cabeças das quatro Comarcas da Capitania de Minas Geraes.

*Villa do Carmo, hoje Cidade de Marianna.*

**M**Anoel Garcia, natural de Taboaté, foi o primeiro, que deu ao manifesto hum corrego, que faz barra no ribeirão do Campo, e he comprehendido no districto da Cidade de Mariana. Fez a repartição o Guarda Mór Garcia Ródrigues Velho, com assistencia do Escrivão

das datas Salvador Fernandes Furtado. João Lopes de Lima, natural de S. Paulo, descobriu pelo mesmo tempo o ribeirão chamado do Carmo, e o manifestou em 1700. Repartio-se; e porque as suas faisqueiras erão impraticaveis pela grande frialdade das agoas, despenhadeiros, e densissimos matos, que o bordavão, o que não permitia que se trabalhasse dentro d'elle mais de quatro horas por dia; além da grande penuria de mantimentos, que chegou o alqueire de milho a valer 30 e 40 oitavas, e 80 o de feijão, foi facil desampararem os mineiros por algum tempo a sua povoação, e só permaneceu nella o Coronel Salvador Fernandes Furtado. Dista este ribeirão da barra do Rio doce 16 a 18 legoas, e pela volta do rio se computão 30. Está situado em 20<sup>o</sup> 21' de latitude S. Foi creado em Villa em 8 de Abril de 1711, pelo Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

*Ouro-preto, ou Villa rica.*

**O** Ouro-preto, que comprehende em si varios ribeiros, e morros de differentes denominaçoens, como são Passa-dez, Bom-successo, Ouro-fino, ou Boeno, &c. teve por descobridores nos mesmos annos de 1699, 1700, 1701, a Antonio Dias, natural de Taboaté, ao Padre João de Faria Fialho, natural da Ilha de S. Sebastião, que viera por Capellão das tro-

pas de Taboaté , a Thomaz Lopes de Camargo , que se estabeleceu nas lavras , que depois vierão a ser de Pascoal da Silva , e a Francisco Boeno da Silva , ambos Paulistas. Destes tomarão nome alguns bairros de Villa Rica. Foi erecta em Villa pelo Governador Albuquerque em 8 de Julho de 1711. Está situada em 20° 24'

### *Sabará.*

**O** Dilatadissimo sertão de Sabará Bussú foi penetrado muito antes de qualquer das Minas , por quanto os primeiros conquistadores demandavão o Rio das Velhas , cujas extensas campinas erão mais povoadas de gentio , e ferteis de caça ; e as primeiras diligencias do ouro e pedrarias se fizeram ao N. de S. Paulo. Consta que o seu descobridor , ou denunciante de suas faisqueiras , fora o Tenente General Manoel de Borba Gato , natural de S. Paulo , no anno de 1700. Por inacção do Governador Antonio de Albuquerque , assistio á repartição o Governador Artur de Sá e Menezes. Passou a Villa em 17 de Julho de 1711. A sua situação he em 14° 25''

### *Caeté , Villa da Rainha.*

**E**Ntre o Sabará e o arraial S. Barbara se creou a Villa-nova da Rainha , conhecida ainda

pelo nome Brazílico de *Caeté*, que vale o mesmo que mato bravo sem mistura alguma de campo. Foi descobrimento do Sargento Mór Leonardo Nardes, Paulista, e de huns fulanos Guerras, naturaes da Villa de Santos. O Governador D. Braz da Silveira lhe deo o foral de Villa em 29 de Janeiro de 1714, em virtude da faculdade concedida ao seu antecessor Antonio de Albuquerque. Está situada em 19° 55'

*Serro Frio, Villa do Principe.*

**A**ntonio Soares, natural de S. Paulo, avançando maior salto que todos os outros, atravessou os sertoes ao N. de S. Paulo, e descobriu o grande serro chamado *do Frio*, que na lingua gentilica era tratado por Hyvituruy, por ser combatido de frigidissimos ventos, todo penhascoso e intratavel. Do seu descobridor se conserva o nome em huma das suas serras, que hoje se conhece pelo morro de Antonio Soares. Neste descobrimento se associou hum Antonio Rodrigues Arzão, descendente do primeiro Arzão, de quem já demos noticia. As grandes preciosidades deste continente em ouro, diamantes, e pedrarias de todo o genero, são bem conhecidas por toda a Europa. Nelle se estabeleceo o Real contrato dos diamantes, que tem devidò aos Senhores Reis de Portugal a maior vigilancia e zelo, especial-

mente ao Senhor D. Pedro II. de saudosa memoria, que beneficiou, e honrou com muitos privilegios e regalias aos que se empregassem neste exercicio; encarregando aos Governadores do Estado do Brazil D. Francisco de Souza, e Salvador Corrêa de Sá, de promoverem por todos os modos os descobrimentos do ouro, pedrarias, e mais haveres, que promettia o largo Continente do Brazil, os quacs se esmerarão muito na sua commissão. A Capital denominada Villa do Principe foi creada por D. Braz da Silveira em 29 de Janeiro de 1714. Está situada em 14<sup>o</sup>, 17'

*Rio das Mortes — Villas de S. João, e de S. José.*

**O** Rio das Mortes, que os Paulistas e viandantes das mais partes atravessavão frequentemente nos primeiros tempos, por distar do Ouro-preto pouco mais de 5 dias de jornada ordinaria, foi descoberto por Thomé Portes de ElRey, natural de Taboaté, muitos annos depois do descobrimento das primeiras povoações. Ahi se creou a Villa de S. João d'ElRey, ficando-lhe a E. a de S. José no lugar chamado a Ponta-do-morro, que foi descobrimento de João de Serqueira Affonço, natural de Taboaté. Forão creadas estas Villas pelo Governador D. Pedro de Almeida, em 19 de Janeiro de 1728. S. João está em 21<sup>o</sup>. 20', e S. José em 21<sup>o</sup>. 25',

Além destes tão assignalados serviços, em que se vê a grande parte, que tiverão os Paulistas, o achado das esmeraldas he hum facto de muita consequencia para que o passemos em silencio.

Em 27 de Setembro de 1664 commetteo o Senhor Rei D. Affonso VI., a Agostinho Barbalho a empreza do descobrimento das esmeraldas, facilitando-lhe o fim deste negocio com huma carta, que escreveo o mesmo Senhor á Fernão Dias Paes, cujo zelo e capacidade já erão bem conhecidos na Corte; em que lhe ordenava que prestasse todo o soccorro necessario para a conclusão deste particular. Esta carta fez tanta impressão no espirito generoso de Fernão Dias, como se pôde colligir da presteza, com que satisfez ás primeiras ordens, que nella se continhão.

Depois de passados alguns annos, tempo em que já estava no Throno o Senhor D. Pedro II.; sabendo Fernão Dias que com a morte de Agostinho Barbalho não tiverão effeito as ordens que trouxera, se quiz encarregar voluntariamente da execução dellas; escrevendo primeiro a Affonso Furtado de Mendonça, Governador, que era então daquelles Estados, e tinha a sua residencia na Bahia, e offerecendo-se-lhe para este fim com a sua pessoa, e com todos os seus bens. Mandou-lhe Affonso Furtado huma patente de primeiro chefe daquella empreza aos 30 de Abril de 1672, e nos principios de 1673 se pôz

Fernão Dias em marcha com varios parentes e amigos, demandando o sitio, em que Marcos de Azeredo fazia certo o descobrimento das esmeraldas; e soffrendo trabalhos e perigos infinitos, chegou á paragem chamada pelos naturaes *Anbonhecanhuva*, que quer dizer *agoa que se some*, e entre nós tem o nome de *sumidouro*. Aqui se deteve Fernão por espaço de quatro annos com pouca differença, e fez varias entradas no Sabará Bussû, que vale o mesmo que cousa felpuda, e he humra serra de altura desmarcada, que está visinha ao sumidouro, á qual chamão todos hoje comarca do Sabará. Nella achou diversas qualidades de pedras, que por falta de pessoa entendida nestas materias se lhes não sabia dar o valor, de que talvez erão dignas.

Da sua demora e soffrimentos nasceo a discordia entre muitos dos seus companheiros, que quasi todos conspirarão contra a sua vida, e por ultimo o deixarão só. Neste desamparo Fernão Dias não esmorece, antes cuida em apressar a sua derrota, com animo de se dirigir em direitura a *Hepabussú*, ou *Vepabussú*, que equivale a *Lago-grande*, e junto deste se suppunhão os socavovens das esmeraldas. Falto porém do necessario para continuar a sua expedição, escreve a sua mulher, e lhe ordena se lhe não recuse cousa alguma do que pede. Com effeito chegou o Postilhão, e trouxe consigo o que Fernão pedia. Poze:

rão-se logo a caminho, e forão discorrendo por huma dilatada montanha, até que chegaram á *Tocumbira*, que quer dizer *papo de Tocano*; e deixando todo este passo avassallado, partirão para Itamirindiba, que propriamente significa *pedra pequenina e bolicosa*, e he hum rio muito fertil de peixe. Aqui pararão por algum tempo, e se prevenirão contra qualquer invasão do gentio; e ultimamente seguindo o rumo do N., depois de atravessarem grande parte dos incultos sertoes, chegarão a ver as agoas do Vepabussú. Aqui cuidou logo Fernão em expedir cem *bastardos* (especie de tropa ligeira) dos que trazia, a fim de explorarem o terreno, e ver se achavão alguma lingoa, que os informasse melhor do que buscavão. Não se frustrou esta diligencia; porque vendo os bastardos sobre o cume de huma montanha muita gente daquella, que podia dar noticia das pedras pertendidas, investirão com ella, e apenas segurarão hum, que sendo conduzido á presença de Fernão, mandou este que com toda a humanidade fosse tratado entre os seus. Era este hum moço robusto, e de animo seguro, e sendo inquirido, descobriu com effeito os socavoens de Marcos de Azeredo, junto a hum morro, que corre de N. ao S.

Sete annes trabalhou Fernão nesta empresa, rompendo muitas vezes com os seus, que o aconselhavão se retirasse para Itamirindiba, e

aguardasse por tempo mais oportuno para a conclusão do descobrimento; certificando-o de que os matos circumvisinhos a Vepabussú exalavão hum halito pestilento e mortifero. Finalmente mandou enforear á vista de todos os seus soldados hum filho bastardo, que muito estimava, por lhe constar que conspirava contra a sua vida. Chegou com effeito a vér o que tanto desejava; porém fazendo-se na volta de S. Paulo, donde era natural, não quiz o Ceo que elle tivesse a gloria de apresentar ao seu Soberano o testemunho do seu zelo. Morreu junto ao Guaycuhy, que entre nós vale o mesmo que Rio das velhas.

*Serie dos Governadores.*

**O**S primeiros Governadores residião no Rio de Janeiro; e tinham annexa a Capitania de S. Paulo ou S. Vicente, que comprehendia as Minas já descobertas, e as que para o futuro se descobrissem, como consta do Regimento de Vallhadolid de 15 de Agosto de 1603, e Alvará de 8 de Agosto de 1618. Porém tomando a serie do primeiro, que entrou nas Minas (deixando alguns Governos interinos de ordem de El-Rei, ou sem ella), o primeiro destes que governarão esta Capitania separada ou collectivamente com as de S. Paulo e Rio de Janeiro, foi D. Rodrigo de Souza.

Falecendo Fernão Dias Paes, quando se

recolhia a enviar a El-Rei as mostras das esmeraldas, deixou a seu genro Manoel de Borba Gato, morador no Rio das Velhas, a polvora, chumbo, petrechos e ferramentas dasua labutação, para voltar ás Minas logo que recebesse as Reaes ordens. Pelos annos de 1688 sahia D. Rodrigo acompanhado de alguns Paulistas, como forão Matheus Cardozo, Domingos do Prado, João Saraiva de Moraes, e varios outros, que tinham pratica dos sertoes das Minas; e avezinhando-se ao Borba, no intento de passar aos socavoens das esmeraldas. Ihe mandou pedir o soccorro que precisava de polvora, chumbo, e ferramentas. Repugnou o Borba, sob pretexto da espera, em que estava de seu sogro Dias; e querendo os que acompanhavão o Fidalgo hir violentamente despojar o Borba do que pedião, calmou D. Rodrigo este primeiro impeto, tomando sobre si a conciusão do negocio por meios mais arrasoados.

Desordenou a imprudencia de hum ameaço toda a felicidade do empenho; e ainda que sem mandado expresso do Borba, foi então morto D. Rodrigo por huns pagens ou bastardos, que vivião aggregados ao Borba; o qual se salvou engenhosamente, affectando a repentina chegada de Fernão Dias. Poserão-se logo em fugida os Paulistas da comitiva de D. Rodrigo, e forão elles os primeiros, que se en tranharão pelo Rio de S. Francisco, povoarão, e encherão de gado as suas margens,

de que hoje se sustentão as Minas Geraes; nem mais quizerão voltar para a patria, envergonhados do engano, em que havião cahido. O Borba temeroso das justicas, e que sobre a sua prizão fizesse El-Rey as maiores diligencias, metteo-se ao sertão do Rio-doce com alguns Indios domesticos da sua comitiva, e ahí viveo varios annos respeitado por Cacique, do modo que o permittia hum tal estado. Com tudo os remorsos o obrigarão a mandar dous Indios praticos a S. Paulo, para se informarem dos seus parentes sobre o estado do seo-crime. Estes lhe facilitarão o accesso ao Governador Artur de Sá e Menezes, recentemente chegado áquella Capitania; o qual lhe fallou com affabilidade, e lhe prometteo o perdão em nome d'El-Rey, com tanto que elle fizesse certo o descobrimento do Rio das Velhas.

Bem se póde considerar o estado em que se achavão as Minas por este tempo, em que o despotismo, e a liberdade dos facinorosos punhão, e revogavão as Leis a seu arbitrio. O interesse regia as acçoens, e só se cuidava em amontoar riquezas, sem se attender á innocencia dos meios. A soberba, a lascivia, a ambição, e o atrevimento tinhão chegado ao ultimo ponto.

Aprestado o Borba, e soccorrido de muitos parentes e amigos, accompanhou a Artur de Sá, e chegando ao Rio das Velhas, deo ao manifesto este descobrimento; fazendo-se digno

pela riqueza de suas faisqueiras, de que o Governador o premiase com a patente de Tenente General de huma das Praças do Rio de Janeiro.

Pouco tempo se demorou Artur de Sá no Rio das Velhas, lavrando o mais facil daquelles ribeiros; e se retirou outra vez para S. Paulo, substituindo huma especie de jurisdicção no civil e crime, ao Guarda Mór das repartiçoens das terras e datas mineraes Domingos da Silva Boeno, creado pelo mesmo Governador.

Com a ausencia de Artur de Sá tornarão as Minas á primeira desordem. As distancias das quatro Comarcas já penetradas, e cheias de grande numero de povoadores de diferentes Capitaniaes, dificultavão as providencias de hum só homem, em quem ainda não acabavão de reconhecer os povos a jurisdicção, de que estava munido.

Por este tempo se começaram a suscitar os odios entre os filhos de S. Paulo, e os naturaes de Portugal, que elles denominavão *Buabas*. Dous Frades, cujos nomes e Religioens se calão por evitar o escandalo, fomentarão o calor desta desunião. Vivião elles na liberdade, que permittia o paiz, e a impulsos de huma desordenada ambição, atravessarão com tres arrobas de ouro, fumo, e cachaça, para venderem estes generos monopolizados pelo mais alto preço. Não parando aqui, pretendirão estender o monopolio ás carnes; e encontrando opposição nos Paulistas, resolve-

rão acabar com elles , expellindo-os de huma vez das Minas , que havião conquistado , e em que se achavão estabelecidos com as suas familias e fabricas. Hum destes Religiosos aconselhou que se fingissem ordens Regias , por meio das quaes , pretestando o interesse commum , se recolhessem todas as armas dos Paulistas a hum armazem publico , tratando-se de rebelde o que recusasse obedecer. Tomadas assim as armas , forão prezos os Paulistas mais poderosos , e de quem mais se temião ; Domingos da Silva Rodrigues , e Bartholomeu Boenc Feijó. Com as prisoes destes se intimidarão os outros , accrescendo para os aterrar a noticia , que em breve circulou , ou falsa , ou verdadeira , de hum massacre , que lhes estava preparado para certo dia. Em consequencia fugirão a maior parte dos Paulistas ; e ainda hoje conserva o nome de *Capão da Traição* hum sitio junto ao Rio das Mortes , aonde hum troço destes desgraçados , que procurava a sua patria , conduzido por Gabriel de Góes , sendo sorprendido por Bento do Almaral Coutinho , e deixando-se persuadir das rasoens deste malvado , acompanhadas do mais tremendo juramento ; porque erão isentos da vil perfidia , os Paulistas entregarão as armas , e para logo forão todos assassinados ; e roubados por Amaral , e seus sequazes.

Havião os rebelados revestido com o character de Governador a Manoel Nunes Vian-

na, homem atbicioso, e que ardia por governar; com tudo deve-se confessar que entre todos os levantados daquelle tempo era elle o de melhor indole. Não consta que commettesse positivamente acção alguma damnosa ao proximo: desejava reger com equidade o desordenado corpo, que se lhe ajuntara; acolhia com afabilidade a huns e a outros; soccorria-os com seus cabedaes; apaziguava-os; compunha-os, e os serenava com bastante prudencia. Fizerão elles conselho, e determinou-se, que por 8 ou 9 annos disfrutassem as Minas, não consentindo Governadores, nem justicas nellas, e sustentando-se, como em Republica a seu arbitrio; e que depois, se não alcançassem perdão d'El-Rey, facilmente se passarião para as Indias de Hespanha. Nisto votarão com mais efficacia os desertores da Praça da Colonia, de que havia hum grande numero habitando nas Minas, e cujo principal Chefe era Antonio Francisco, que o Vianna havia nomeado Mestre de Campo, logo que se arrogou o Governo.

Succedendo huns a outros factos, e a discordia estando já no seu auge, tomarão-se as armas de parte a parte; e os Paulistas commandados por Amador Boeno, e desafiados por carta de Ambrozio Caldeira Brano, que mandava os rebellados, investirão a Fortaleza, que estes haviam erigido, fronteira á Villa de S. João d'El-Rey. Durou o ataque

quatro dias , e quatro noites , ficando dos rebeldes 80 mortos , e muitos feridos. Os Paulistas não tiveram mais de 8 mortos , e muito poucos foram os feridos ; mas , não obstante , os sitiados ficarão vencedores. Desta sorte conseguirão os Europeos a expulsão e despejo dos Paulistas pelos annos de 1709 , e 1710. Em 22 de Agosto de 1709 tinhão-se os Paulistas obrigado , por hum termo lavrado na Camara de S. Paulo , a marcharem com o seo Exercito ; sómente para o fim de segurarem o Real Quinto nas Minas , e sometterem á paz e obediencia os vassallos de Portugal , que nellas se achavão postos em rebeldia ; e em todo este tempo derão evidentes provas de que nem a vingança , nem a rebellião dirigião as suas acçoens ; deixando passar livremente os Portuguezes , que hião de volta para o Rio de Janeiro : e até punindo severamente aquelles , que pertendião roubar , ou insultar os filhos de Portugal.

Atormentavão os ouvidos de D. Fernando Martins Mascarenhas os tumultos e desordem , em que estavão as Minas ; e querendo este , que foi o terceiro Governador , hir pessoalmente socega-las , marchou para ellas do Rio de Janeiro em 1710. Chegou ao Rio das Mortes com o intento de passar ao Ouro preto ; zonde residião principalmente os chefes dos levantados. Não consentio no obsequio de alguns Paulistas e Filhos de Portugal mais bem intencionados , que pertendião accompanha-lo ,

por evitar assim maior ruído entre os sublevados ; porém não cessarão aquelles de espalhar que D. Fernando trazia cargas de correntes, e outros aparelhos para punir os complices da conspiração contra os Paulistas.

Derramada esta voz pelas Geraes, se dispoz Manoel Nunes Vianna para tomar-lhe o passo ; armando em tom de politica e cortejo, hum grande numero de homens de a cavallo, e distribuindo ordens por todos os districtos circumvizinhos ao Ouro preto, para que os moradores se apromptassem para huma diligencia, sob pena de morte. Chegava D. Fernando ao Arraial das Congonhas, quando os que acompanhavão o Vianna, avistando de longe o Governador, clamarão = Viva o nosso Governador Manoel Nunes, e morra D. Fernando, se não quizer voltar para o Rio de Janeiro. = Querem alguns que Vianna entrasse violento nesta acção ; mas he certo que elle pertendeo escusar-se do conceito de rebelde e sublevado, passando occultamente na noite seguinte a fallar com D. Fernando ; e protestando-lhe estar prompto para entregar o Governo quanto a sua parte ; de tudo lhe pediu huma attestação. Porém apezar disto o Governador assustado com a inesperada saudação dos rebeldes, pediu 8 dias para se retirar, os quaes lhe forão concedidos ; e assim mesmo se não aproveitou do beneficio, porque sem muita demora deo as costas ás Minas, e vol-

tou para S. Paulo. Ahi trabalhava com ancia em se reforçar com os Paulistas para vir sobre os levantados, fazendo a afronta commua; e meditando para o seu despique puxar tropas do Rio e Bahia, e juntos atacarem ao mesmo tempo, e por toda a parte as Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro a Frota de Portugal, e nella veio render a D. Fernando, o Governador e Capitão General Antonio de Albuquerque. Sem perda de tempo se poz este em marcha para as Minas; e levando a resolução de entrar nellas disfarçado, buscou o arraial do Cacté, afim de ter huma entrevista com hum Sebastião Pereira de Aguilár, filho da Bahia, homem rico e poderoso, de conhecido valor e espirito, e que tinha então tomado sobre si atacar o Vianna, e a todos os seus pareiaes, pelas injustiças e violencias, que praticavão, especialmente com os filhos do Brazil de qualquer Provincia, a quem se havia estendido o odio, conciliado contra os Paulistas. Consta que o dito Aguilár escrevera a S. Paulo ao Governador Mascarenhas, offerecendo-se-lhe para segurar o Governo, com o poder de muitas armas, e gentes, que tinha adquirido. Talvez foi este o motivo que obrigou ao Albuquerque a fazer a sua entrada por aquelle districto. Na passagem, que fez o Albuquerque pelos levantados, foi conhecido por Antonio Francisco, o Capitão José de Souza, que vinha na sua guarda; de cuja Com-

panhia fora soldado na Praça da Colonia o mesmo Antonio Francisco. Comprimentarão-se sem receio, e o Capitão lhe deo a noticia de haver já entrado nas Minas o Governador; persuadindo-o ao mesmo tempo com fortes razões, de que o buscassem, e se lançassem a seus pés os chefes dos conjurados, se querião melhorar o semblante da sua causa.

A perturbação, em que se via o Governador Vianna, combatido já pela avultada parcialidade de Sebastião Pereira, já pelo susto do tremendo castigo, que vinha de insinnar o Capitão José de Souza, o obrigou, bem como a Antonio Francisco, e a muitos outros cabeças dos levantados a partirem sem demora para o Caeté. Ahi se achava o Governador, hospedado em casa de huns tres irmaons Mirandas Pereiras, talvez parentes ou amigos de Sebastião Pereira de Aguilar. Prostrarão-se os rebeldes aos pés de Albuquerque, desculpando os seus crimes do modo possível: este os recebeu affavelmente; e não querendo usar do poder, de que vinha munido, seguiu a todos o perdão, pela emenda, que dessem a conhecer para o futuro; capacitando ao Vianna, e a Antonio Francisco de que não convinha a sua assistencia nas Minas, a fim de melhor calmar o tumulto do povo. Retirarão-se os dous com este conselho para as Fazendas, que tinham nos sertoes, e o povo soceguou com a sua ausencia. Albuquerque proseguio na criação das

Villas, e estabelecimentos da Capitania. Que fadigas, que trabalhos não passaria o prudente General, para segurar o bom exito de huma tão escabrosa, como interessante empreza? - Foi elle o primeiro, que soltou com ardimento as redeas do Governo; que pizou as Minas com o luzimento e firmeza correspondente ao character que o Rey lhe dera; que promulgou as Leys do Soberano, e fez respeitar o seu Nome neste Continente.

A Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho succedeo D. Braz Balthazar da Silveira, que tomou posse na Camara de S. Paulo em 1713, e passou para as Minas no fim do Setembro do mesmo anno. Foi o seu Governo bastantemente critico por encontrar a opposição dos povos na erecção das casas de Fundição. Subjugou heroicamente alguns levantamentos e sublevações, principalmente em Pitangui, sendo o seu author Domingos Rodrigues do Prado. De Villa Rica foi ter a Marianna em 28 de Junho de 1720. Aqui lhe foi necessario prender huns, e castigar outros com a ultima pena; cujos procedimentos lhe grangearão nas Minas o nome de tirano; mas a sua constancia, e resolução deve Portugal a sujeição desta Capitania. O exemplar castigo conseguiu aterrar os animos de hum povo tantas vezes rebelde, e segurou para sempre a Real authoridade. (5)

---

(5) Foi este Governador que presidio á

Durou o Governo do Conde de Assumar até ao anno de 1721, em que o substituiu

---

divisão das Comarcas, que se effectuou em 6 de Abril de 1714, com assistencia do Sargento Mór Engenheiro Pedro Gomes Chaves, e do Capitão Mór Pedro Frazão de Brito; e em que assignarão todos os Procuradores das Villas. Então se assentou que a Comarca de Villa Rica ficasse dalli em diante separada da de Villa Real, hindo pela estrada de mato dentro pelo ribeiro, que desce da ponta de morro entre o sitio de Antonio Ferreira Pinto e de Antonio Correa Sardinha, e faz barra no ribeirão de S. Francisco, ficando a Igreja das Casas altas para a Villa do Carmo; e pela parte do Haubira faria a divisão o mais alto do morro della. Tudo o que pertence a agoas vertentes pela parte do S. tocou á Comarca de Villa Rica; e pela parte do N. á Comarca de Villa Real. O Ribeiro das Congonhas, junto do qual está hum sitio chamado Casa branca, serve de divisão entre as Comarcas de Villa Rica e de S. João d'El-Rey, tocando a Villa Rica tudo o que se comprehende até ella, vindo do dito ribeiro para as Minas Geraes. Do mesmo modo pertence á Comarca de S. João d'El-Rey tudo o que vai até á Villa do mesmo nome, a qual se divide com a Villa de Gorantiguitá pela serra da Martinqueira.

D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro Governador positivo de Minas; pois neste tempo se separou a Capitania de S. Paulo em Governo á parte, ficando os respectivos Generaes só com sujeição ao Vice Rey do Estado. Tomou posse D. Lourenço na Igreja Matriz de N. S. do Pilar do Ouro preto, com assistencia da Camara em 28 de Agosto de 1721.

A D. Lourenço succedeo o Conde das Galvêas André de Mello e Castro, que tomou posse em 10 de Setembro de 1732, na Igreja Matriz de N. S. da Encarnação, de Antonio Dias.

O Conde das Galvêas deo posse a Gomes Freire de Andrade em 26 de Março de 1735. Mediarão alguns Governos interinos, como foi o de Mendonça, Pina, e Mello, na hida que fez o dito Conde de Bobadella ao Rio de Janeiro em 15 de Março de 1736. Foi então outra vez levantado o preito da homenagem em 26 de Dezembro de 1737. Emquanto se deteve no Uruguai com a Real commissão do Tratado de limites, substituiu-o seu Irmão José Antonio Freire de Andrade, que tambem depois foi Conde de Bobadella. Foi no tempo deste incansavel General, pelos annos de 1745, que se fez a divisão das Dioceses, repartindo-se o Bispado em tres Cathedraes, que são Rio de Janeiro, S. Paulo, e Minas; cujo primeiro Bispo, que se denomina de Mariana, foi Frei Manoel da Cruz, Religioso de

S. Bernardo. Então passou tambem o Ribeirão do Carmo a Cidade, por Ordem Regia de 23 de Abril do mesmo anno de 1745. Falledendo Gomes Freire de Andrade no Rio de Janeiro no primeiro de Janeiro de 1763, se praticou a via de successão no Illustrissimo Bispo D. Fr. Antonio do Desterro, e nos mais chamados para ella; até que em 28 de Dezembro do mesmo anno, entrou no Governo o General Luiz Diogo Lobo da Silva.

Este Governador, enchendo de merecimento os dias de seu Governo, deo a posse delle ao Excellentissimo Conde de Valladares, em 16 de Julho de 1768.

---

## A R T E S

*Noticia acerca de varios carros de transporte, e particularmente do que os Francezes chamão Haquet, invenção do celebre Pascal.*

*por B.\*\*\**

**M**uito se tem trabalhado sobre a melhoria dos carros; mas além das difficuldades que ha no aperfeiçoar esta maquina tão interessante, accresce que ella deve variar segundo o uso, a que se destina, e o país em que tem de servir; assim não ha país, que não tenha os seus carros particulares, melhores ou

peores, segundo os habitantes entendem melhor, ou peor os seus interesses.

Não nos propomos a dar hum tratado sobre os carros, mas sómente fazermos conhecidos dois, que julgamos do maior prestimo, todavia faremos menção de alguns dos que nos parecem mais bem entendidos, a fim de suscitar-mos o desejo de que se ponhão em pratica entre nós.

Ha carros de duas, de tres, e de quatro rodas, o seu comprimento, e largura, o eixo inteiro, ou separado para cada roda, o ser este fixo ou movel, o bem equilibrado da meza sobre o eixo, o tamanho, e largura das rodas, &c., tudo varia segundo o país, e emprego, a que he destinado.

O principio geral porém, sobre que se devem estribar he, que sendo o centro da força de inercia, ou resistencia, no eixo, e o da força motris no peito do cavallo, cabeça dos bois, &c. as rodas tenham altura proporcional tal, e o eixo seja disposto de modo, que corresponda ao peito d'aquelle, ou á cabeça deste, &c. Note-se que o boi ao puchar abaixa a cabeça até pô-la ao nivel do eixo, e que quanto mais baixas forem as rodas, tanto mais obrigado será o animal a abaixar o pescoço, e maior fadiga sofrerá, que, sendo muito altos, o inconveniente opposto succederá, e que por tanto se deve buscar pôr-se o eixo paralelo ao ponto, em que reside a força, que deve dar movimento á maquina.

Huma das principaes vantagens, que se deve buscar dar aos carros, he diminuir-lhes a fricção, ou atrito, o que se consegue, ou augmentando a circumferencia da roda, ou diminuindo o diametro do eixo; mas já vimos o inconveniente, que resulta de serem aquelles mui grandes, e de mais não convém então nos paizes montanhosos; fazendo-se o eixo muito mais delgado, diminuido o seu diametro, temos que, obrando as rodas como alavancas, tanto menor será o atrito, quanto maior for, em proporção do seu, o diametro da roda, mas então o eixo com facilidade se quebra.

O carro de quatro rodas he preferivel nas descidas, pois que, offerecendo maior fricção, mais difficil he de despenhar-se, todavia nesse caso se podem pôr os de duas rodas, enraian-do ambas, ou huma só, segundo for a descida mais ou menos ingreme, o que se faz atando-a ao eixo com huma corrente ou corda, obrigando-a a arrastar em vez de rolar; vindo sempre a ficar a vantagem do carro de duas rodas sobre o de quatro nas subidas.

De muitas e repetidas experiencias conclue-se que se deve preferir o eixo fixo, e simples, ao duplo e movel: e bem como a experiencia mostra que he mister o dobro da força, que se emprega em fazer rodar o carro, para o que o põe em movimento, ensina tambem que a falta de cuidado em trazer o eixo bem untado augmenta  $\frac{1}{4}$  da resistencia.

Os Inglezes sentindo de quanta utilidade he a bem entendida construcção dos carros, e quahto da largura das caimbas depende a conservação das estradas; em 1754 ordenarão que roda alguma podesse ter menos de 5 polegadas de largura, dimensão prescrita ás caimbas das rodas d'aquelles carros, que no inverno carregassem 2400 libras, e no verão 3300, sendo de duas rodas: sendo porém de quatro, dá-se a mesma largura, mas para o pezo de 8900 libras no Inverno, e de 14900 no Verão: e nesta proporção derão segundo o pezo, a largura de 8, de 15, &c. polegadas ás caimbas, e em 1758 já lhes havia mostrado a experiencia a vantagem desta tarifa.

Em França, vendo-se que se sabia com que pezo pôde o animal, admittio-se dar duas polegadas ás caimbas das rodas por cada cavallo que puchasse pelo carro; mas a medida, que parece poder-se geralmente adoptar para as caimbas dos carros, que servem nas Cidades, he a de seis polegadas. Cumpre tambem ordenar aos Calceteiros que nunca ponhão humz pedra grande ao pé de huma pequena, pois que nada ha menos conveniente á conservação das calçadas, e com effeito a razão mostra como a differença do tamanho da pedra soffrendo o mesmo pezo, deve ceder mais ou menos: podem separar as pedras grandes para huma rua, e as pequenas para outra.

Se bem que saia fóra da minha tarefa,

seja-me licito suplicar que acabe o mal entendido uzo de derrubar as arvores, e que se plantem as mais que se poder nas bordas das estradas, e mesmo nas novas povoaçoens e ruas, que felizmente ( graças á Presença do Principe, que fecilita o Brazil, ) se vão formando todos os dias: ha nada mais barbaro do que privar-nos da sombra em hum paiz, onde tão fortes são os ardores do Sol? Que comparação ha entre o constante calor, que sofremos, com o de alguns dias na America Septentrional, na Hollanda &c., e alli não ha rua, a que lindas alas d'arvores não aformosêem.

Mas passando ao nosso proposito, cumpre nôtar no uso dos carros que, residindo a mór força dos bois nas suas pontas, as cargas ou jugos devem ser prezos á ellas por corréas, e os canzíz inclinados para diante, a broxa larga, e não, como praticamos, obrigando o boi a trabalhar com os encontros, e affogado. Na Champagne os canzíz e broxa são formados por hum páo curvo, ficando o pescoço do boi como em tronco. Na Alsace as cangas são separadas para cada boi, e postas á testa do animal, e das extremidades d'ellas partem tirantes, que vem prender ao carro. Nas margens do Rheno as cangas são chatas, e assentão na testa dos bois sobre esteiroens; e assim varião segundo o paiz: mas seja qual for a sua fórma, o essencial he fazer com que prenda ás pontas dos bois.

Igualmente, segundo os paizes, varia o modo de prender os cavallo aos carros: são ou hum atrás do outro, ou dous e tres em parelhados &c., e bem como fallei das cangas, lembro para os cavallo os peitoraes, da fórma dos quaes acho escusado fazer a enumeração, pois os que julgo melhores são os feitos de sola, e estufados, formando como cochim, aos quaes se adoptão duas peças de pào, a que prendem os tirantes; abrangendo assim melhor o peito do cavallo, e os tirantes ficando mais afastados não ferem o animal; no Rio de Janeiro ha já huns, que se avizinhão dos que menciono, a que dão o nome de Inglezes.

Entre os melhores carros, que se tem inventado, merece attenção o de *Mr. Berthelot*, aperfeiçoado depois por *Mr. Bauer* (1) com a addição de novos eixos de ferro torneado; tão fortes que para sustentarem o pezo de 120 quintaes tem apenas hum polegada de diametro, quando a pratica he darem-se duas polegadas para o pezo de trinta quintaes. (2)

Em 1784 em París a Academia propôs hum premio para quem descobrisse o melhor carro, e *Mr. Boulard* o alcançou, inventando hum, que reune ao rolar bem a fortaleza, e o não estragar as calçadas; he de duas ro-

(1) *Annales des Arts et Manufactures* n.º 62 pag. 175.

(2) *Mecanisme appliqué aux arts* v. 2. pag. 76.

das de sete pés de alto , e o eixo tem só 18 linhas de diametro. (3)

Com os viajantes faz *Arthur Young* grandes elogios á carroça Irlandeza , que com hum só cavallo leva de 14 a 15 quintaes : suas rodas são de pequeno diametro , e cylindricas , e postas diferentemente de todas as outras ; andão por baixo da caixa do carro , ficando assim a carroça menos larga , e mais livre de pegar-se ; falta-lhe porém mais largura na periferia. (4)

A carroça inventada por *Arthur Young* (5) a de *Perronet* , a de *Fossombroni* , que he de tres rodas , duas de hum , e hum de outro lado , e que mereceo tanto na Italia , e varias outras , são credoras de toda a attenção , e que se fação conhecidas , afim de que tiremos dellas o partido , que podem dar.

Porém de todos os carros o mais bem entendido , e que mais attenção mereceo he o que passamos a mencionar. Foi dado ao celebre Filosofo *Pascal* o invento da quelle , que reune quanto se deseja. Os Francezes dão ao carro em questão o nome de *Haquet* , e nós em

(3) *Journal de Phisique* an. 1785 , Part. 2. pag. 426.

(4) *Annales des Arts et Manufactures* n.º 68 pag. 15.

(5) *Diccionario de Rozier* v. 10. Art. *Voitures*.

honra do seu inventor, chamalo-hemos carro de *Pascal*. *Rosier* no artigo *carros* lamenta o pouco uzo, que d'elle fazem: tanto custa desarreigar máos hábitos, e propagarem-se ainda as melhores descobertas; todavia hoje nas cidades da França he mui empregado e mórmente em Paris.

Convencido da utilidade, e vantagem, que sobre os mais carros tem o de *Pascal*, dirige no Rio de Janeiro a factura de hum, que presentemente está em acção, e pôde servir de modelo para quem desta maquina se quizer aproveitar.

Duas barras de madeira formão a meza, ou corpo do carro, a estas se unem dous varaes por duas cavilhas de ferro, que os deixa jogar livremente d'alto abaixo: huma barra de madeira, que prende as duas barras principaes, pouzando sobre os varaes, sustenta a meza: assim posta forma hum corpo com os varaes, nestes dous extremos está atravessado hum sarilho, que serve para carregar e descarregar o carro: diversas travessas unem as duas barras principaes, formando com ellas a meza: as duas extremidades posteriores das barras principaes acabão em dous talhos, que servem para melhor se ajuntarem com o chão, quando se empina para ser carregado o carro, o qual estando nesta posição, e formando plano inclinado, o carreiro passa huma corda ao pezo, que tem de carregar, e esta preza ao sarilho, moven-

do este, e firmando os pés na roda do carro para estar mais firme, e poder melhor forçar, vai levando com facilidade o pezo, que de si mesmo fás abaixar a meza do carro, e po-la na posição, que convém.

O eixo deste carro he fixo, e collocado de modo, em relação á meza, que esta guarda o mais perfeito equilibrio, de sorte que deixada á si mesma se conserve suspensa.

Gastar palavras em descripçoens, quando damos a que melhor falla aos olhos na estampa, que apresentamos, fora perder tempo.

Vê-se pois do exposto que, conservando-se a razão, que a experiencia ensina, que haja entre as rodas e o eixo, temos que o nosso carro rolará com a facilidade, que se requer; demais que em os outros o animal além do trabalho, que tem de puchar, perde muita força em carregar o pezo do carro, o que aqui felizmente se obvia, no equilibrio, que se lhe dá.

Que a bem entendida addição do sarilho, junta á do plano inclinado, que fórma o corpo do carro, e que de si mesmo se move, economiza força immensa; e com effeito hum homem pôde carregar este carro de pezo tal, que 6, ou mais, não poderião carregar em outro.

Que não he mister desprender o animal, pois que com o jogo independente da meza com os varaes ficão prezos a estes sem sofrer o menor incommodo, em quanto se carrega ou descarrega, por isso que em ambas as opera-

çoens, empinada a meza, ou corpo do carro, esta fórma corpo separado dos varaes.

Ao descer das ladeiras enraia-se, como fica dito, huma ou ambas as rodas, afim de que augmentada a fricção, senão despenhe, e ao subir, huma barra de madeira ferrada na ponta, e preza ao eixo por dous ancis de ferro, a qual anda suspendida por baixo da meza; se larga, e deixa arrastar, e no recuar do carro, ficando-se no chão, prohibe-o recuar, es-  
corando-o.

Querendo-se servir de bois, ou por-se-há o animal entre os varaes, e então o jugo será prezo ás duas pontas dos varaes, ou, a quere-los jungir do modo ordinario, das duas barras principaes do carro partirão dous barrotes, que se reunirão formando triangulo, de cujo vertice partirá o cabeçalho, e a este se prenderão os bois.

O carro assim disposto serve para o transporte de pipas, caixas d'assucar, rolos de tabaco, fardos &c.

Querendo accommoda-lo ao carreto de pedras arêa, lama &c., então faz-se a meza soalhada de taboas, e cercada de taipaes, tendo pela parte posterior porta, que se abra por corrediça, aldraba etc., neste caso suprime-se o sarilho, mas fica sempre a vantagem no descarregar, e assim disposto está no caso dos carros, a que os Francezes chamão *Fombereau*, e tendo de servir para condução de palha, er-

vas, canas etc., cerca-se de foeiros dos quatro lados, e estes prezos huns ao outros com ripas, formando grade, ou sómente foeiros, segundo o emprego, que se lhe quer dar, havendo porém em todo o caso o cuidado de fazer os furos para os foeiros, da parte de diante e de trás, obliquos, de maneira que se abráo inclinando para fóra, e dem lugar á maior carga, e para descarregar facilmente pratica-se huma porta, ou cancela na parte posterior. Este he o carro, a que chamáo os Francezes *Guimbarde*.

Chamáo *Camion* ao mesmo carro de Pascal, quando he de quatro rodas mui baixas, e que serve de carregar grandes pezos.

Vê-se como, sempre fundado no mesmo principio, Pascal varia o seu carro accommodando-o aos diversos usos, que se lhe houvesse de dar, mas, deixando as demais fórmás, vejamos a do que fizemos construir no rio de Janeiro.

A figura 1.<sup>a</sup> representa o perfil do carro em questão. AB he huma das barras, ou chedas, nas quaes engastáo as travessas, ou chatas. DE hum dos dous varaes. F a extremidade da traveta *p*, dente, ou macho do varal. C huma das caixas do sarilho. *rs* barras ou braços do sarilho. *m* gato de ferro, que cinge a cavilha de ferro, que prende o varal ás chedas. KL chapas de ferro, que apertáo as duas chedas. GH especie de chumaceira. *mn* gato de ferro das chumaceiras.

A figura 2.<sup>a</sup> representa o plano do carro AB, *ab* chedas, cujas faces superiores são inclinadas. C gola, que recebe o pescoço do sarilho. DE, *de* varaes. F travessa adaptada à parte inferior dos varaes. *p* travessa dos varaes. Yy cavilha de ferro, que prende as travessas das chedas. xxx &c. travessas, ou chatas das chedas. MN sarilho. Kk, Ll, chapa de ferro que aperta as duas chedas. TV chapuzes, ou cubos, que servem de impedir á roda o tocar na meza do carro.

Tendo-se de conduzir mui grandes pezos, então o carro, que mais convem he o que representamos nas figuras 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>. A figura 3.<sup>a</sup> offerece o seu perfil. *ab* he o varal esquerdo e rolo, sobre que passa a cadêa, que suspende o pezo, que vai por baixo, e nunca por cima do carro. H chumaceira movel em toda a extensão do varal. CD alavanca, por baixo da qual passa a corrente. DTV corda, que suspende o pezo. *f* chapús. ST pezo, ou carga.

A figura 4.<sup>a</sup> apresenta o plano do mesmo carro, ao qual se figura suspenso hum madeiro ST. AB, *ab* varaes. E e rolo. CD alavanca, que passa sobre a cadêa e por baixo do rolo. *g, h, k, l, m, o, p, q, r*, travessas ou chatas. *n* eixo. Ff chapús.

Outro carro para a condução de pezos, bem entendido, e que merece attenção, vem annunci-

de nos Annaes das Artes e Manufacturas. (6) Mas em quanto não temos estradas, as lamas apresentam grande difficuldade ás conduçoens; e com effeito são inconcebiveis as que tem o pobre lavrador que vencer no reconcavo da Bahia, e mómente no termo de Santo Amaro da Purificação: por isso para o transporte no tempo chuvoso lembra-me que os Treneis deverião ser preferidos aos carros, e sei com summo gosto, que Alexandre Gomes Ferrão, Agricultor distincto, e que a bem d'Agricultura viajou grande parte da Europa, trazendo copia de luzes á nossa Patria, me precedeo, pondo os treneis em pratica, e provando a sua vantagem.

O Trenel he huma especie de carro sem rodas, e em fôrma de naveta, que arrastra sobre duas barras de madeira curvas, e chapeadas de ferro; he o em que nos paizes do norte se viaja no tempo dos gelos.

Não obstante o que acabamos de dizer, convem que se ponhão os carros mencionados em acção, tanto nas cidades e povoaçoens, como nos paizes e districtos, onde não ha o inconveniente dos lamaças, e mesmo nestes podem servir no tempo seco. Sem haver quem abra o exemplo, vem a ser inuteis quantas memorias se escrevem, ainda que sejam de co-

---

(6). Vid. Ann. des Arts et Manuf. n.º 64 pag. 104; e tambem Encyclopedia, Art. Efourceau.

nhecida utilidade. Tanto pôde o hábito nos homens afincados á rotina ! Todavia temos tantos lavradores distinctos , que he de esperar que as melhoraçoens em todos os generos facilmente se propaguem ; e as que se fizerem á cerca dos carros devem convidar , pelas ventagens não equivocas , a que sejam logo abraçadas , e o carro de Pascal mostrando já em pratica a sua utilidade , espero que a minha lembrança seja proveitosa e seguida pelos meus compatriotas ; a bem dos quaes consagrei , e consagrarei sempre os meus estudos e desvelos.

---

## N E C R O L O G I A .

**N**A Gazeta de Lisboa de 4 de Janeiro veio annunciada a morte de hum benemerito guerreiro Portuguez , tão distincto por seus serviços , como por seus sofrimentos. Servia-me-hei das mesmas expressoens daquella Gazeta , que são as seguintes

O Illustrissimo *Francisco Teixeira Lobo* , natural de *Villa Real* , Tenente Coronel do Regimento de Cavallaria N.º 12. depois de se ter distinguido por muitas vezes , e batido no decurso desta Campanha com os nossos inimigos em differentes occasioens , com aguerdido valor , e honra , de que os papeis pú-

blicos já algumas vezes fizeram menção, foi aprisionado pelos nossos inimigos no dia 11 de Agosto do presente anno, na batalha de *Macclanda*, e conduzido ao Exército *Francez*, hindo muitas vezes a pé, soffrendo muitas ignominias dos Soldados do Tyranno, cujas terriveis acçoens, sendo contrarias aos direitos da Guerra, e das Gentes (porém sempre por elles praticadas), apezar de muitos trabalhos, pôde aquelle honrado Official escapar-se dos *Vandalos* em *Alculia*, e foi buscar o azilo dos nossos fieis Alliados da *Gran-Bretanha* em *Alicante*, aonde reto, descalço, e cheio de miserias, se encontrou na Sala do General *Mellani* com seu filho do mesmo nome, e Alferes do mesmo Regimento, que tinha hido com despachos, e passaportes do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de *Torres Vedras*, para tratar do resgate de seu Pai, que alli se encontrarão por casualidade, e acabando-se-lhe o dinheiro, que levava, pediu ao Excellentissimo General de *Alicante* algum dinheiro para tratar de seu Pai gravemente molestado, ao que respondeo o dito Excellentissimo General, que elle tinha ordem do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General para lhe prestar todo o soccorro, de que carecesse, e lhe mandou dar duzentos duros; e fallecendo o dito Tenente Coronel no dia 15 de Outubro, foi enterrado em *Alicante* com toda a pompa, e grandeza Militar,

como se vê na Ordem do dia, que aqui se transcreve.

---

*Ordem do Dia do Excellentissimo Senhor General Metland para o enterro do Senhor Tenente Coronel Lobo.*

**O** Enterro do Senhor Tenente Coronel *Lobo*, do Serviço *Portuguez*, será ás 3 horas e meia da tarde. O General em Chefe espera, que todos os Senhores Officiaes *Inglezes* da Guarnição de *Alicante*, e aquelles da III. Brigada, que não estejam de Serviço, acompanharão o defuncto até á sepultura, como hum signal de respeito á memoria de hum respeitavel, e veneravel Official no Serviço de hum verdadeiro, e intimo Aliado da Nação *Britanica*. A Partida de Tropa, que ha de acompanhar o Funeral, consistirá de hum Senhor Tenente Coronel, hum Major, tres Capitães, seis Subalternos, vinte e quatro Sargentos, seis Tambores, e trezentos Soldados; os Senhores Tenentes Coroneis *Hamilton*, *Blache*, *Holiombe*; e os Senhores Majores *Frasa*, *Baltandi*, *Williamson*, pegarão no caixão; os Musicos do Regimento N.º 81 assistirão a acompanhar o enterro; os Senhores Officiaes se ajuntaráo em frente da Casa do fallecido, na rua da *Liorna* pelas tres horas da tarde, aonde o enterro será arranjado por hum Official do meu Estado Maior.

f

## P O L I T I C A.

*Tratado de Alliança entre S. M. o Imperador e Rei e o Imperador de Austria.*

**S**UA M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e S. M. o Imperador de Austria, dezejando perpetuar a amizade e harmonia, que existem entre elles, e concorrer pela intimidade e força da sua união, quer para manter a paz do Continente, quer para restabelecer a paz interior:

Considerando que nada seria mais proprio para produzir estes felices resultados do que a conclusão de hum tratado de alliança, que tivesse por fito a segurança dos seus Estados e possessoens, e a garantia dos principaes interesses de sua politica respectiva, nomearão para este effeito os seus Plenipotenciarios, a saber:

S. M. o Imperador dos Francezes a Mr. Hugues Bernard, Conde Maret, Duque de Bassano &c. &c.; e S. M. o Imperador da Austria, ao Principe Carlos de Schwartzenberg, Duque de Kruman, &c.

Os quaes, depois de haver trocado os seus plenos poderes respectivos, convierão nos artigos seguintes:

I. Haverá para sempre, amizade, união, sincera alliança entre S. M. o Imperador dos

Francezes , Rei de Italia , e S. M. o Imperador d'Austria , Rei de Hungria , &c. Em consequencia , as altas Potencias contratantes applicarão a maior attenção em manter a boa intelligencia tão felizmente estabelecida entre si , seus Estados e vassallos respectivos , evitar quanto poder altera-la , e procurar em toda a occasião a sua mutua utilidade , honra , e interesse.

II. As altas partes contractantes se garantirão reciprocamente a integridade dos seus territorios actuaes.

III. Em consequencia desta garantia reciproca , as duas altas partes contractantes trabalharão sempre de mãos dadas nas medidas , que lhes parecerem mais proprias para a paz ; e caso que os Estados de huma ou outra sejam ameaçados de huma invasão , ellas emprezarão os seus bons officios mais efficazes para a prevenir.

Mas como estes bons officios poderiam não ter o effeito desejado , ellas se obrigão a socorrerem-se mutuamente no caso , em que huma ou outra viesse a ser atacada , ou ameaçada.

IV. O soccorro estipulado pelo artigo precedente será composto de 3000 homens , dos quaes 2400 de infantaria , e 600 de cavallaria , constantemente conservados completos , e de hum trem de 60 peças de artilharia.

V. Este soccorro será fornecido á primeira requisição da parte atacada , ou ameaçada ,



*Tratado de Alliança concluido a 24 de Fevereiro entre Sua Magestade o Rei de Prussia e Sua Magestade o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, &c., e ratificado em Berlin a 5 de Março de 1812.*

**S**UA Magestade o Rei da Prussia, e S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rhim, Mediador da Confederação Suissa, etc., Querendo apertar mais estreitamente os laços, que os unem, nomearão para seus Plenipotenciarios, a saber: S. M. o Rei da Prussia a Mr. Frederico William Louis Barão de Krusemarch, Major General de S. M. o Rei da Prussia, Seu Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario a S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Cavalleiro da Grande Ordem da Aguia, e da do Merccimento.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rhim, Mediador da Confederação Suissa, a Mr. Hugues Bernard, Conde Maret, Duque de Basano, Grande Aguia da Legião de Honra, Commendador da Ordem da Corôa de ferro, Grão Cruz da Ordem de S. Estevão de Hungria, S. Hubert de Baviera, e da Corôa de Saxonia, Cavalleiro da Ordem do Sol da Persia da 1.<sup>a</sup> Ordem, Grão Cruz da Ordem da Fidelidade de Baden; hum dos Quarenta da

2.<sup>a</sup> Classe do Instituto Imperial Francez, Seu Ministro dos Negocios Estrangeiros, os quaes depois de haverem communicado os seus respectivos plenos poderes, concordarão nos seguintes artigos:

Art. I. Haverá Alliança defensiva entre S. M. o Rei da Prussia, e S. M. o Imperador dos Francezes, Rei da Italia, seus herdeiros e successores, contra as potencias da Europa, com as quaes qualquer das partes Contractantes, tem agora, ou houver de ter guerras.

II. As duas Altas Potencias Contractantes garantem reciprocamente a integridade dos seus actuaes territorios.

III. No caso que a presente Alliança se ponha em effeito, e cada vez que aconteça semelhante caso, as Potencias Contractantes fixarão as medidas, que for mister tomar, por huma convenção particular.

IV. Cada vez que a Inglaterra quizer atacar os direitos de Commercio, quer declarando bloqueadas as costas de huma, ou outra das Partes Contractantes, quer por alguma outra disposição contraria aos direitos maritimos consagrados pelo Tratado de Utrecht, todos os portos e costas das ditas Potencias serão igualmente interditas aos navios das nações neutras, que soffrerem ser violada a independencia da sua bandeira.

V. O presente tratado será ratificado, e

as ratificaçoens trocadas em Berlin; dentro do espaço de 10 dias, ou mais cedo, se possível for.

Dado, e assignado em Paris a 24 de Fevereiro de 1812.

( Assignados )

O Duque de Bassano.

O Barão Krusemark.

**N**ÃO havendo recebido noticias modernas da Europa, nem podendo em consequencia adiantar cousa alguma ao que tenho dito nos Numeros precedentes, tenho toda ia a satisfação de occupar-me neste de hum objecto muito interessante, que em vez de aterrar a humanidade, como as scenas sanguinarias da guerra, fazem o seu mais bello ornato, e concorrem directamente á sua felicidade. O augmento das luzes, procurado anciosamente por uteis instituicoens, he o agradável objecto, que do melhor grado tenho hoje que offerecer ao Publico.

A Academia Real Militar fez a sua publica abertura no dia 1 de Abril, em presença da Junta de Direcção, e de grande concurso do povo; abrirão-se pela primeira vez as Aulas de Astronomia, e Geodesia, de Tactica, de Physica, e brevemente a de Chymica. Por este modo a referida Academia, depois de dois annos de assiduo trabalho, of-

ferecer á educação militar as seguintes doutrinas, explicadas pelos Professores, que mencionarei igualmente, para deste modo se avaliarem melhor os grandes benefícios, que trouxe ao Brasil a Augusta Presença de S. A. R. E se a moral se apura, á medida que se propagação os conhecimentos, e daquella depende a felicidade publica, eu estou certo que nenhum homem sensato se recusará ao fiel tributo de veneração, que eu tantas vezes hei offerecido em nome do meu Continente, assim de voz como por escrito.

*Mathematica.*

1.º anno. Arithmetica, Algebra, Geometria, e Trigonometria Plana.

Lente o Capitão Engenheiro Antonio José de Amaral.

Numero de Discipulos matriculados no presente anno 10.

2.ª Aula Desenho.

Lente o Capitão Engenheiro João José Ferreira de Souza.

2.º anno. Algebra superior, Complemento d'Algebra, Applicaçáo d'Algebra á Geometria, Calculo Differential e Integral.

Lente o Capitão Engenheiro André Pinto Duarte. Por seu impedimento rege actualmente a Cadeira o Lente Substituto Fr. Pedro de Santa Marianna.

Discipulos matriculados 15.

2.<sup>a</sup> Aula, como no primeiro.

3.<sup>o</sup> anno. Mechanica.

Lente o Capitão Engenheiro José Saturnino da Costa Pereira.

Discipulos matriculados 12.

2.<sup>a</sup> Aula, como no primeiro.

4.<sup>o</sup> anno. Trigonometria Esferica, Optica, Astronomia, e Geodesia.

Lente o Sargento Mór Engenheiro Manoel Ferreira de Araujo Guimaraens.

Discipulos matriculados 6.

2.<sup>a</sup> Aula do mesmo, Physica.

Lente o Capitão Engenheiro Luiz Antonio Barradas.

5.<sup>o</sup> anno e 1.<sup>o</sup> militar. Strategia, Tactica, &c.,

Lente o Sargento Mór Engenheiro João de Souza Pacheco Leitão.

Discipulos matriculados 14.

2.<sup>a</sup> Aula, Desenho Militar.

Lente o mesmo dos precedentes.

*Chimica.*

Lente o Doutor Gardiner.

Vemos por tanto applicando-se ás Sciencias 57 discipulos, pela maior parte Officiaes, que por este meio se habilitão a fazerem relevantes serviços ao Estado, e conservarem ao nome Portuguez aquella gloria inauferivel, que lhe provém do seu valor decidido, e não de

circunstancias algumas estranhas, como o pro-  
varão nos Seculos passados na Europa, na  
Africa, e sobre tudo na Asia, e ao presente  
na honrosa lida, que tão briosamente sustentão  
pela causa da sua liberdade contra os Vanda-  
los dos nossos dias.

A este Regio Estabelecimento tenho a sa-  
tisfação de ajuntar o utilissimo Plano de Pre-  
lecçoens Philosophicas de hum homem de con-  
hecido saber, e da mais bem merecida repu-  
tação. He escusado pronunciar sobre a sua  
utilidade, quando sobra a sua mesma exposi-  
ção. Além da manifesta necessidade das ma-  
jorias, que se vão explicar, brilha no Plano  
que se segue aquelle espirito de methodo  
que he só produzido por huma madura me-  
ditação sobre as materias, que tem já feito o  
objecto de hum serio e aturado estudo.

O Curso de Prelecçoens Philosophicas  
terá por objecto

1.º A Theórica do *Discurso* e da *Lingua-  
gem*: em que se exporão os Principios da  
*Logica*, da *Grammatica* geral, e da *Rethorica*.

2.º O Tratado das *Paixens*: primeira-  
mente consideradas como simples sensaçöens,  
e versando sobre materias de *Gosto*; donde se  
deduzirão as regras da *Esthética*, ou da Theo-  
rica da *Eloquencia*, da *Poesia*, e das *Bellas-  
Artes*: depois consideradas, como actos mo-  
raes, comprehendidos nas idéas de *Virtude* ou

de *Vicio*, darão lugar a desenvolverem-se as maximas da *Dicèosyna*, que abrangerá a *Ethica* e o *Direito Natural*.

3.º O *Systema do Mundo*: em que depois de se tratar das propriedades geraes dos Entes, ou da *Ontologia*, e da *Nomenclatura das Sciencias physicas e mathematicas*, se expenderão as noçoens elementares da *Cosmologia*: e destas se deduzirão as relaçoens dos Entes creados com o Creador, ou os Principios da *Theologia Natural*.

Além da Exposição de *Theórica*, haverá em cada huma das *Prelecçoens* lição e analyse de alguma Obra escolhida dos principaes *Philosophos*, *Oradores* e *Poetas*, assim antigos como modernos, sagrados e profanos.

No dia 26 do corrente recitou o Sabio Professor hum eloquente discurso sobre as materias acima enunciadas, onde brilharão os principios filosoficos, que o distinguem, e prorogou as suas *Prelecçoens* para o dia 18 de Maio.

## S T A T I S T I C A .

*Mapa dos Habitantes da Capitania da Paraíba do Norte em 1812 e 1811.*

	1812		1811	
	Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.
<b>Branços</b>	17833	18169	22560	22648
<b>Indios</b>	1567	1734	1707	1698
<b>Pretos</b>	3747	3776	4228	4198
<b>Mulatos</b>	17696	17652	23621	24114
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	40843	41331	52116	52658
	Cativos.			
<b>Mulatos</b>	1216	1291	7044	6679
<b>Pretos</b>	5872	4609	1900	2010
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	7088	5900	8944	8689
<b>Total Homens</b>	47931		61060	61347
<b>Mulheres</b>	47231		61347	
<b>Soma</b>	95162		122407	
			95162	
			<hr/>	
			27245	

*Capitania do Espirito Santo.*

Livres	11	900	}	24	00
Captivos	12	100			
<hr/>					
Engenhos de Assucar	60	}		126	
de Agoardente	66				
Embarcaçoens	21	}		47	
Sumacas	26				

*Produçoens.*

Panos de algodão	12	lib.
Algodão	12	
Agoardente	48	can
Assucar	15	lib.
Milho	12	alq.
Feijão	17	800
Fazinha	72	

## C O M M E R C I O.

*Produções da Ilha Grande, consumo, e exportação.*

1811.

Generos.	Producç.	Consum.	Export.	Exist.
Assucar	3927 ar.	1700	1527	700
Caffe	18000	350	9650	8000
Anil	5		5	
Cacão	15		15	
Algodão	112		112	
Arroz	9531 alq.	1400	8131	
Feijão	1889	1889		
Goma	8	8		
Milho	1024	1024		
Farinha	72000	72000		
Madeira	161 duz.		161	
Agoardente	1061 pip.	75	886	100
Peixe	62000 cent.	57600	4400	
Cal	400 mo.		400	
Couros	531	531		
Estes productos importão por media.			192 778	160
O consumo			103 042	760
A exportação			71 755	400
O existente			17 980	000
			<hr/>	
			192 778	160

Importação dos generos em 1810	166 319 360
Augmento	26 458 800

*Noticia da Importação, e exportação das possessões Portuguezas no porto de Liverpool nos mezes de Julho, Agosto, Setembro. e Outubro de 1812, extrahida de Mappas officiaes.*

*Importação.*

Generos.	Portos.	Quantidades.
Algodão	Lisboa	157 sacas
	Bahia	6151
	Pernamb.	10647
	Maranhão	11282
	Total	28237
Azeitonas	Porto	4 barris
Barrilha	Lisboa	805 ton. e 74 sur.
Brazil páo	Bahia	2 e 20 pedaços.
	Pernamb.	83 ton.
	Lisboa	23 cai.
Cabel. de Camelo	Rio	60 sac.
Caffé	Rio	292 marq.
	Bahia	74
	Total	366
Cebolas	Porto	406 caix.
	Potto	25 $\frac{1}{2}$ ton.
Cortiça	Faro	17 $\frac{1}{2}$

	Total	43
<b>Couros</b>	Rio	20040
	Bahia	1148
	Total	21188
<b>Fruta</b>	Lisboa	606 caix.
	Porto	841
	Total	1447
<b>Ypicacuanha Lan</b>	Pernamb.	2 caix.
	Lisboa	2350 sac.
	Porto	77
	Total	2427
<b>Pelles</b>	Bahia	1 sacco
	Porto	8 sac. e 66 a.
<b>Sarro de vinho</b>	Porto	307 sacos
<b>Sumagre</b>	Rio	270 $\frac{1}{2}$ ton. 2290 p.
<b>Tatagiba</b>	Bahia	274
	Pernamb.	98
	Total	842 t. 290 ped.
	Porto	348 $\frac{3}{4}$ pip.
	Madeira	26 $\frac{3}{4}$
<b>Vinho</b>	Lisboa	50
	Total	425 $\frac{1}{2}$

*Exportação*

<b>Aço</b>	Madeira	2 quintaes
<b>Agardeme</b>	Lisboa	1576 galoens
	Brazil	1518
<b>Alcatrão</b>	Brazil	27 q. e 67 bar.
<b>Algodão</b>	Lisboa	1088 $\frac{1}{2}$ pç.

	Porto	34514
	Madeira	142
	Brazil	127814
	Total	271302 lib.
Algodão tecido	Lisboa	6256
	Porto	13472
	Brazil	860
	Total	20588
Arame	Lisboa	10 q.
Arcos de ferro	Brazil	4600
Arcos de páo	Brazil	20000
Arenques	Madeira	50 bar.
Arreios	Lisboa	19 q.
	Porto	7
Arroz	Lisboa	5 $\frac{3}{4}$ q.
	Porto	1 $\frac{1}{2}$ ton.
Assucar	Lisboa	232 $\frac{1}{4}$ q.
Ataduras de lan	Lisboa	30 q.
	Porto	12
Batatas	Lisboa	500 bar.
	Porto	150
	Açores	200
	Brazil	1715 bux.
Barretes de lan	Lisboa	705 duz.
	Porto	120
	Brazil	1242
	Total	2067
Caparroza	Porto	10 q.
Carne	Lisboa	219 b.
Cartas de jogar	Brazil	2 caixas

Carvão	Lisboa	19 ch. 2 ton.
	Madeira	38
	Brazil	83 49
	Total	180 grozas
Caximbos	Lisboa	180 grozas
	Brazil	9 duz.
Chailes de alg.	Lisboa	27 duz.
	Porto	19
Chapeos	Madeira	48
	Brazil	1158
	Total	1252
	Lisboa	207 duz.
Chapeos de sol	Porto	55
	Brazil	911
	Total	1173
	Lisboa	89988 jard.
Chitas	Porto	29016
	Brazil	217760
	Total	336664
	Lisboa	104 $\frac{1}{2}$ q.
Chumbo	Porto	18
	Brazil	327
	Total	449 $\frac{1}{2}$
	Lisboa	22 $\frac{3}{4}$ q.
Cinzas	Lisboa	1088
	Porto	72
Cobertores	Brazil	1539
	Total	2699
	Brazil	38 $\frac{3}{4}$ q.
	Porto	7
Cobre em folha manufact.	Brazil	449 $\frac{1}{2}$

Cordagem	Brazil	14 q.	
Cordão de lan	Lisboa	4 q.	
	Porto	9	
	Brazil	30 d.	
Çapatos	Lisboa	27 q.	
	Porto	9	
	Brazil	2	
	Porto	10 q.	
Estanho	Brazil	42 $\frac{3}{4}$	
	Lisboa	1187 q.	
Farinha	Porro	457	
	Brazil	33 lb.	
Fazenda de seda	Lisboa	649 q.	
	Porto	243	
	Madeira	47	
	Açores	5	
	Brazil	746	
	Total	1690	
	Ferro	Porro	27 q.
		Madeira	18
Brazil		387	
Arame	Porto	6	
	Porto	188 $\frac{1}{2}$	
Fundido	Lisboa	57	
	Madeira	26	
	Brazil	268 $\frac{3}{4}$	
	Lisboa	5 ton.	
Arcos	Madeira	48	
	Porto	113 $\frac{1}{4}$	
Barra	Brazil	36	

Pastas	Porto	30
	Brazil	0,1
Fitas	Lisboa	33 q.
	Porto	9
	Brazil	36
Folhas de lata	Porto	12 q.
	Brazil	38
Folhas de tabaco	Brazil	19867 lb.
Garrafas	Porto	10 groz.
Ladrilhos	Brazil	10000
Lan	Lisboa	6413 peç.
	Porto	21940
	Madeira	1031
	Açores	400
	Brazil	9074
	Total	38858
	Lenços	Lisboa
Madeira		280
Brazil		2938
Total		6180
Lona	Lisboa	2658 varas.
Louça	Lisboa	249 gig.
	Porto	320
	Brazil	202
	Açores	181
	Madeira	15
	Total	967
Luvas	Lisboa	84 duz.
	Brazil	18
Manteiga	Brazil	2666 bar.

	Porto	105	
Meia	Porto	187 peç.	
	Brazil	64	
Meias de algodão	Lisboa	706 duz.	
	Brazil	1251	
	de lan. Lisboa	464 d.	
	Porto	120	
Mialhar	Porto	3 q.	
Munição	Porto	57 q.	
Nastro	Lisboa	3638 duz.	
	Porto	765	
	Brazil	2384	
	Total	6787	
Oleo de balêa	Porto	6 ton.	
	de linhaça	Porto	420 gal.
	Brazil	206	
Panellas de ferro	Brazil	400	
Pano de linho	Lisboa	33659 jar.	
	Porto	429	
	Brazil	27682	
	Madeira	6 peças	
Papel	Lisboa	2353 lb.	
	Brazil	13104	
Papeis impressos	Brazil	20 q.	
	Açores	3	
Pip $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$ em ado.	Açores	1523	
Prezuntos	Lisboa	349 q.	
	Madeira	3	
	Brazil	23	
Quejo	Lisboa	135 q.	

	Porto	86
	Brazil	77
Renda de alg.	Brazil	216 peç.
de lan	Lisboa	90 mas.
Sal	Porto	4432 bux.
	Brazil	14610
Seda	Brazil	186 lb.
Serveja	Lisboa	184 bar.
	Porto	63
	Madeira	10
	Brazil	670
	Total	927
Suspensorios	Lisboa	66 duz.
	Brazil	507
Tabaco	Lisboa	11748 lb.
Tapetes	Lisboa	20
Tinta	Porto	318 q.
	Brazil	9
Toucinho	Lisboa	240 q.
Transad. de lan	Lisboa	44 q.
Verguinha	Porto	135 ton.
Vidro	Brazil	19 q.
	Açores	1
Vinho de Hesp.	Brazil	59 gal.

Em o N. 3. pag. 79 , Pensamento 6 em lugar de — Muitos se abstem por acanhados do que outros fazem por virtuosos — lêa-se — Muitos se abstem por acanhados do que outros fogem por virtuosos. E pag. 80 , Pensamento 7 , em lugar de — Querendo prevenir males , de ordinario contingentes , o homem prudente vive sempre em tortura , gosando menos do presente do que do futuro — lêa-se — Querendo prevenir males , de ordinario contingentes , o homem prudente vive sempre em tortura , gosando menos do presente do que soffre no futuro.

## Continuação do Estado da atmosphera.

Dia	Ther. Graos	Bar.			Tempo
		Pol.	Vint.	Mil.	
28	79	29	16	16	chuvoso
29	77		16	18	denso
30	77		16	22	dito e chuvoso

## Abril.

1	75	29	16	24	denso
2	75		16	32	claro
3	76		16	24	dito
4	76 $\frac{1}{2}$		16	16	
5	80		16	24	
6	76		16	22	chuvoso
7	74		16	36	claro
8	74 $\frac{1}{2}$		16	40	dito
9	77		16	20	dito
10	76		16	12	
11	74		16	20	
12	74		17	42	chuvoso
13	74		17	40	claro
14	74		17	44	dito
15	74		15	18	dito
16	75		15	12	
17	74		15	22	
18	74		15	26	
19	74		15	30	
20	75		15	20	chuva

<i>Dia</i>	<i>Ther.</i>	<i>Bar.</i>			<i>Tempo</i>
		<i>Graos</i>	<i>Pol.</i>	<i>Vint.</i>	
21	71	29	15	20	denso, e chuva
22	70		15	12	dito
23	71		15	14	dito
24	71		15	34	chuva
25	70		17	8	denso, e chuva.

## I N D I C E.

## L I T T E R A T U R A.

<i>Ode remettida de Versailles á Paris por Francisco Manoel do Nascimento ( Filinto Elysio ) á Domingos Borges de Barros.</i>	pag. 3
<i>Epistola em resposta, remettida de Paris á Versailles, por B*** á Filinto Elysio.</i>	5
<i>Lyra inedita de Gonzaga.</i>	8
<i>Epigrammas de Diniz.</i>	10
<i>Satira.</i>	11

## G R A M M A T I C A P H I L O S O P H I C A.

<i>Memoria de S. P. F.</i>	21
----------------------------	----

## E L O Q U E N C I A.

<i>Pratica de Alexandre de Gusmão, entrando na Academia Real de Historia Portugueza, em o dia 13 de Março de 1732.</i>	29
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

## H I S T O R I A.

<i>Memoria Historica e Geographica da descoberta das Minas, Extrahida de Manuscritos de Claudio Manoel da Costa, Secretario do Governo daquella Capitania, que consultou muitos Documentos authenticos, existentes na Secretaria do Governo, e em outros Archivos.</i>	40
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

## ARTES.

- Noticia acerca de varios carros de transporte, e particularmente do que os Francezes chamão Haquet, invenção do celebre Pascal. Por B.\*\*\** 68

## NECROLOGIA.

- Falecimento e enterro do Tenente Coronel Lobo.* 81

## POLITICA.

- Tratado de Alliança entre S. M. o Imperador e Rei e o Imperador de Austria.* 84
- Tratado de Alliança concluido a 24 de Fevereiro entre S. M. o Rei de Prussia e S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, etc., e ratificado em Berlim a 5 de Março de 1812.* 87

## STATISTICA.

- Mappa dos Habitantes da Capitania de Paraiiba do Norte em 1812 e 1811.* 94

## COMMERCIO.

- Producções da Ilha Grande, consumo, e exportação.* 96
- Noticia de Importação, e Exportação das*

*possesoens Portuguezas no porto de Liverpool nos mezes de Julho, Agosto, Setembro, e Outubro de 1812, extrahida de Mappas Officiaes.*

97

*Continuação do Estado da athmosfera.*

106



E

Co





**O P A T R I O T A ,**  
**JORNAL LITTERARIO,**  
**POLITICO, MERCANTIL, &c.**  
D O  
**RIO DE JANEIRO.**

---

*Eu desta gloria só fico contente ,  
Que a minha terra ameí , e a minha gente.*  
Ferreira.

---

N. 5.º  
**M A I O .**

---

*M.*

**RIO DE JANEIRO.**  
**NA IMPRESSÃO REGIA.**  
1 8 1 3.  
*Com Licença.*

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin , filho ,  
na rua da Quitanda , n.º 34 , por 800 reis.*



**O P A T R I O T A,**  
**JORNAL LITTERARIO,**  
**POLITICO, MERCANTIL, &c.**  
D O  
**RIO DE JANEIRO.**

---

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra amei, e a minha gente.*  
Ferreira.

---

N. 5.<sup>o</sup>  
**M A I O.**

---

*M.*

**RIO DE JANEIRO.**  
**NA IMPRESSÃO REGIA.**  
1 8 1 3.  
*Com Licença.*

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,  
na rua da Quitanda, n.<sup>o</sup> 34, por 800 reis.*

AM



## A G R I C U L T U R A .

*Memoria sobre o Café, sua história, cultura,  
e amanhos.*

*Por B.\*\*\**

Et je crois, du Genie éprouvant le reveil,  
Boire, dans chaque goutte, un rayon du soleil.

*De Lille.*

## PRIMEIRA PARTE.

*Historia do Café.*

**O** Café tem sido de tal maneira admittido no uso economico, que chega ao gráo dos objectos da primeira necessidade; se bem que para o Lavrador, e o Negociante seja de pouca utilidade o saber porque revoluçoens, e caminhos passou esta producção antes de alcançar a voga, que hoje tem, não acho fóra de proposito misturar o util ao agradável, satisfazendo á curiosidade sempre amiga da novidade, com o que com effeito ha na historia desta planta, tanto menos estudada quanto só aos que professão a Agricultura, e Agricultura dos paizes quentes, devem de preferencia pertencer taes indagaçoens.

O Cafezeiro (1) he natural da alta Ethio-  
pia, diz *Reynal*, onde foi conhecido de tem-  
po immemorial, e ainda cultivado com vanta-  
gem, *Lagrenie de Mézières* diz ser ali o grão  
maior e verde, e de perfume igual ao que  
se começou a colher na Arabia nos fins do  
Seculo 15.<sup>o</sup>

Outros o dizem d'Arabia feliz, donde  
tomou o nome *Coffea Arabica*, e que não  
obstante esteve em uzo n'Africa, e Persia,  
antes que os Arabes o empregassem como  
bebida, uzo que ao seu paiz trouxe, no meio  
do Seculo 15.<sup>o</sup>, voltando da sua viagem á  
Persia, o Muphti *Aden* (2). Os amigos do  
maravilhoso pertendem que já era conhecido  
muito antes, e que he o *Nepenthe*, que *He-  
lena* obteve de huma Egypcia, o qual he  
tão gabado por *Homero*, como proprio a cal-  
mar a colera, e afliçoens &c.

*Maronite Fausta Niaronne* citado no Dic-  
cionario de *Trevoux*, diz que o Café foi  
descoberto por certo Prior d'Arabia, a quem  
comunicando hum cabreiro que suas cabras,  
comendo certa bage, saltavão toda a noite,  
examinou-a, e a deo a beber á seus monges,  
para que não dormissem no coro; ve-se quanto  
isto sabe á fabula, pois que não he crível

(1) Brotero diz = Cafeeiro.

(2) Manuscrito Arabe da Bibliotheca Real  
de París N.<sup>o</sup> 944.

que o Prior tentasse huma experiencia em toda a communitade, e demais como a preparou? A virtude de causar insomnios se lhe attribuiu muito tempo depois de conhecido.

*Thevenot Herbert Guilherme Kuling*, empregado na Companhia das Indias Orientaes, parece o primeiro que fez menção do Café em 1607, dizendo que os habitantes de *Socotora*, onde pela primeira vez o encontrou, fazem grande uzo de huma bebida negra chamada *cobo* produzida de hum grão, que vem de *Meca*, que a bebem quente, e julgão boa para a cabeça e estomago.

Seja o que for, sabemos que da Cidade d'*Adem* se espalhou por toda a *Arabia*, e começou a ter credito em *Constantinopla* em 1554; que das bordas do mar vermelho passou á *Medina*, e *Meca*, e pelos Peregrinos á todo o Imperio Ottomano.

*Mollach Chedely* foi o primeiro, que fez uzo d'elle para combater huma letargia, que o privava de fazer as suas oraçoens nocturnas, e a seu exemplo o tomarão os que tinham precisão de velar.

O Padre *Labat* teima em favor da descoberta feita pelas cabras, questão tão interessante quanto a de saber se o seo nome vem de *Cufa* ou *Cafa*, Cidade da Arabia feliz; se do nome Árabe *Ban* (grão de Café) ou do Grego *Bovy* (cevada molhada), e outras inuti-

lidades , em que se engolfão os ethimologistas (1).

Propagou-se o gosto do Café entre os Mahometanos ; e os lugares , onde se vendia , começarão á ser infamados ; a Policia , a Religião e Medicina lutarão , já para destruir o seu uzo , já para conserva-lo , e só em Meca houverão mais de 5 leis pro , e contra , dando essas alternativas lugar á rumores populares não de pequenas consequencias , como o que em Meca em 1533 suscitou hum Pregador , em que houverão mortes , e donde nasceo hum scisma , que durou até o reinado de Amurath 3.<sup>o</sup> , o qual permittio se bebesse o Café em cazas particulares com as portas fexadas ; pouco a pouco tornou-se a vender em publico , e vigiando a Policia sobre as desordens praticadas nos Botequins , estes vierão a ser o azilo dos ociosos , o lugar das novidades , das recitaçoens dos versos dos Poetas , e dos Sermoens dos *Mollachs*.

Semelhantes desordens houverão por causa do Café em Constantinopla. Mas o gosto por esta bebida triunfou , e os botequins forão em maior numero : o Grão Visir *Koproli* no meio do seculo 16 , visitando-os incognito , achou que os devia mandar fexar , e o fez.

---

(1) Quem com mais individuação quizer saber o que á este respeito se tem dito veja *Sylvestre Dufour* , que escreveu em 1688 , e *Mr. Ellis* , que escreveu em 1774.

Em 1554 no reinado de *Solimão o Grande* foi que o Café ganhou a maior voga em Constantinopla, e hum seculo depois (justamente quando alli se prohibiáo os botequins) he que estes começarão em Londres, e París, sendo o Café introduzido em Londres em 1652 por hum Mercador chamado *Eduardo*, que vinha do Levante. Mr. *Aublet* (1) quer que já no tempo de Luiz XIII se vendesse em París no *Petit-Chatelet* a decocção de Café com o nome de *Cahové* ou *Cahovet*: mas fosse ou não assim; o que he para admirar he que no tempo de *Carlos II* em Inglaterra a introdução do Café soffresse as mesmas difficuldades, que na Turquia nos reinados de *Amurath*, e *Mahomet 4.º*, e que, julgados seminarios de sedição os lugares onde elle se vendia, fosse prohibido em 1675.

Em 1669 *Solimão Aga*, passando hum anno em París fez á muita gente provar o Café, e o seu gosto se fez mais geral, se bem que já em 1644 *Pietro del Valle*, Veneziano o tinha levado á *Marseille*.

Pertendem que o primeiro Cafezeiro conhecido na Europa foi cultivado em *Dijon* em 1670; e, segundo *Boerhave*, foi hum Governador Hollandez o primeiro que, cultivando-o em *Batavia* em 1690, enviou hum pé á *Amster-*

---

(1) Historia das plantas da *Guianna Fran-*  
*ceza*.

dam , do qual provierão todos os que ha hoje n'America Meridional : Mr. *de Resson*, Tenente General de Artilheria , foi o primeiro que fez vir hum pé de Café de Hollanda para París , porém morreo ; e *Paneras*, Burgmestre d'Amsterdam , em 1714 fez presente de outro á *Luiz XIV.*, o qual foi posto no jardim de *Marly*. Eis a sua historia em resumo (1).

Em 1716 as plantinhas vindas das sementes deste Cafezeiro forão confiadas á Mr. *Isembery*, Medico , a fim de as transportar para as Antilhas , porém morrendo pouco depois de sua chegada , a tentativa não teve o desejado exito. Estava reservada á Mr. *Declieux*, Official de Marinha , a gloria de dar ao Novo Mundo esta nova riqueza , e em 1720 por via do Dr. *Chirac* obteve hum pé de Café , filho do Cafezeiro em questão , e com elle se embarcou para a Martinica : deixemos falar a Mr. *Declieux* dando o resumo de sua curiosa carta escrita a Mr. de Breton aos 22 de Fevereiro de 1774.

„ Depositario dessa para mim tão preciosa  
 „ planta , embarquei-me , a viagem foi longa ,  
 „ e faltando a agoa , fui obrigado por mais de  
 „ hum mez a repartir a escaça porção , que  
 „ me cabia , com o Cafezeiro , no qual fundava  
 „ as minhas mais felices esperanças : elle estava

---

(1) *Ellie*, *Breton*, *Cossigny*, *Rosier*, *Jussieu* &c. &c.

„ tão fraco , que tinha apenas a grossura de  
 „ huma haste de craveiro ; ao chegar plan-  
 „ tei-o , e bem que o tivesse debaixo dos  
 „ olhos , escapou por varias vezes de ser fur-  
 „ tado , de modo que lhe puz huma guarda  
 „ até que o fructo amadurecesse : colhi duas  
 „ libras de sementes , e reparti com quantos  
 „ se interessavão na prosperidade da planta :  
 „ foi abundante a primeira colheita , e com  
 „ a segunda podemos augmentar prodigiosa-  
 „ mente a sua cultura , e leva-la até *S. Do-*  
 „ *mingos* , *Guadalupe* , e Ilhas adjacen-  
 „ tes &c. &c. „

Em 1719 hum fugitivo Francez (1), ha-  
 vendo-se refugiado em *Surinam* , escreveu para  
*Cayenna* que , se o perdoassem , levaria com sigo  
 sementes de Café , apezar das penas , que  
 nisso incorria : feito o ajuste , trouxe sementes  
 á Mr. *Albon* , Comissario da Marinha , e dellas  
 vierão as plantaçoens de Café daquela Colonia.

Mr. *Elie* (2) quer que esse fosse o ca-  
 minho , mas que em 1722 Mr. *Lemotte Aigron* ,  
 viajando em serviço por *Surinam* para apren-  
 der a cultivar o Café , obteve do dito fugitivo  
 sementes , que este alcançou apezar da pena  
 de morte , em que incorria (3) , e diz que

(1) *Rozier* , *le Breton*.

(2) *Le Parfait Indigotier* pag. 124.

(3) Havia pena de morte em *Surinam*  
 para quem levasse sementes de Café para fóra

em 1724, e 25, havião já mais de 60 mil pés provindos das ditas sementes.

Começarão pois com pequena differença a cultivar o Café, os *Hollandezes* em *Suriname*, os *Francezes* na *Martinica*, e em 1728 os *Inglezes* na *Jamaica*, sendo levado para esta Ilha o primeiro pé por *Nicoláo Laws*.

A companhia das Indias estabelecida em París enviou alguns pés de Café vindos de *Moka* em 1717 para a Ilha de *Bourbon*, e em 1720 restava hum só, que deo mais de 15000 sementes, e obstou á perda eminente. Mr. de *Cossigny* diz (1) que na *Ilha de Bourbon* ha hum arbusto indigena, cujo fructo he huma especie de Café, que foi o que deu lugar á transplantação do Café directamente de *Moka* para aquella Ilha, no que he conforme com o que se lê no volume da Academia Real das Sciencias de París, anno 1715.

Mr. de *Jussieu*, Patriarcha da Botanica, se explica assim (2). „ A Europa deve esta planta aos cuidados dos *Hollandezes*, que de *Moka* a levarão para *Batavia*, e daqui para o Jardim Botânico d' *Amsterdam*; e a França a deve ao zelo do Tenente General de *Resson*, que

---

do Paiz sem ser fervida antes, ou em estado de germinar.

(1) *Lettre á Mr. Le Meunier sur le Caffé.*

(2) Memoria da Academia Real das Sciencias de París anno de 1715.

de Amsterdam trouxe hum pé para o Jardim Real, e a Mr. *Peneras* outro &c. Li em 1713 huma relação, que me enviou Mr. *Goudron*, Botânico de S. Malo, que a tinha recebido do Cirurgião Francez *Desnoyers*, chegado de *Zedia* lugar vizinho a *Moka*, mas tendo occasião de examinar o Cafezeiro, á essa má relação substituo esta outra lida em 1715, e estamos fóra das duvidas e erros dos Autores, se constitue hum genero particular como quizerão *Koi* e *Dale*, se tem relação com o *Fusain*, como pertenderão os que escreverão depois de *Rauwolf*, *Prosper*, *Alpino*, e os *Baubins*, se he huma planta rasteira, segundo *Bernier* &c.,

Vejo que me pôdem increpar de longo nas miudezas, que tenho referido sobre a historia do Café; mas com ellas pretendi mostrar o caso, que as mais naçoens fazem dos caminhos, porque passa huma produção, a que vem a dever parte da sua riqueza; e o cuidado que ha em conservar a memoria daquelles, que por seus desvelos derão á sua patria hum novo ramo de commercio; antes este defeito do que o desleixo nosso em deixar tudo ao esquecimento: perguntemos huns aos outros quem nos trouxe a cana de assucar, e em pouco tempo quem hoje a cana de *Taiti*, quem as plantas exóticas, que se cultivão na Lagoa de Frcitas? (1) e ver-nos-hemos tão

---

(1) No Numero 3.<sup>o</sup> tenho satisfeito a es-

embaraçados como eu, quando indaguei, donde nos veio o Café, podendo apenas colligir que ao *Pará* nos veio por *Cayenna*, e que o primeiro Cafezeiro, que appareceu no Rio de Janeiro, o devemos a *Hopeman*, Hollandez de Nação, que se estabeleceu nesta Cidade. (1) Não sei porque gastamos tanto tempo, e paginas em saber quem commandou em tal batalha, quantos mortos se acharão no campo; e nenhum em trasmittir ao futuro os nomes daquelles, a quem devemos tal ou tal planta; por ventura interessa mais saber-se quem contribue para a destruição do que para a conservação da especie humana? Os Romanos ao menos, se conservavão os nomes de *Marte*, e de *Bellona*, com igual devoção reverenciavão os de *Ceres*, *Flora*, *Pomona*, &c.

Vimos os erros, que havião sobre a natureza do Cafezeiro, e foi Mr. de *Fussieu* o primeiro que deu a sua verdadeira descripção. Esta planta, diz elle, a que se póde cha-

---

ta pergunta, e se fosse esta a unica utilidade, que se tirasse deste Periodico, elle não poderia ser taxado de nenhuma importancia. Espero que o meu amigo B., que a 20 dias de viagem me enviou esta Memoria, estimará muito que eu tenha tirado do esquecimento hum tão relevante serviço. *Redact.*

(1) Devo esta nota á amizade do nosso illustre Botanico *José Corrêa da Serra*.

mar ,, *Jasminum Arabicum*, *Laari folio*, *cujus semen apud nos Cofé dicitur* ,, a que *Linneo* chamou *Cofea Arabica*, e classificou na *Pentandria Monogyna* &c.

Continua a descripção, que julgo inutil, visto não haver hoje quem deixe de conhecer o Cafezeiro entre nós, e envio os curiosos, que a quizerem consultar, ás Memorias da Academia Real das Sciencias de París do anno já citado: bem como á outros Autores, que derão descripções de Cafezeiro (1). No mesmo tempo que Mr. de *Jussieu* descrevia o Cafezeiro, achava-se coincidir com *Commelin*, Professor de Botanica em Amsterdam, e cahio o erro em que estava *Rouwolf*, que pretendia que o que *Avicenna* chamou *Bunk*, e *Rhesis* chamou *Bunca*, e a mór parte dos seus interpretes dizem ser huma raiz, que vinha d' *Arabia Feliz*, fosse o Café. Mui fastidiosa, e inutil fora a enumeração dos nomes, que os viajantes tem dado á arvore do Café, e ao seu fructo;

---

(1) Vid. *Hans Sloane*. Trans. Philos. n. 208 pag. 63. *Browne* Hist. Nat. da Jamaica — *Bon. Alpin.* de Plantis Egypt. Cap. 16 — *Bon. vel. Bon. arbor.* J. *Baubin* 422 — *C. Baubin* — *Pinax Theat. Botanic.* 428 — *Rais. hist. Plant.* t. 2. p. 1691. — *Duglas* — *Parkinson.* Theat. Bot. 1622. — *Boerhave* Ind. P. 2. pag. 217. — *Till.* Pis. 87. t. 32. — *Linneo* Spec. Plant. ed. 2. p. 245 — *Ellis*, 1774 &c.

além do que , mesmo quando isso de alguma coisa servisse , nem os interpretes dos Arabes , nem os Autores , convem entre si da sua verdadeira ethimologia , como o fez ver *Galand* no extracto de hum Manuscrito Arabe , que tratava do Café. Basta saber que a palavra *Café* ou *Coffe* em *Inglez* e *Hollandez* , traz a sua origem da *Caoubé* , nome que os Turcos dão á bebida , que preparão da semente em questão.

Cremos ter satisfeito assás aos que accusão de falta de fundo a quem , deixando inutilidades , viza direito ao util , á aquelles que desprezão os escritos , que não são recheados de erudição , e enfastiado tambem assás ao Lavrador , que grita — vamos á cultura , á cultura , e amanhos do Café. Deixemos pois aos cuidados daquelles o delucidarem se ás cabras , que despertarão a idéa do Prior do Mosteiro d' Arabia ; se á piedade do Mufti mais devoto que o mais devoto Dervis , ou á qualquer outra circumstancia devemos a descoberta do Café. He tambem loucura o perder o tempo em querer ler por pequenas coisas nas trevas dos tempos , quanto , torno a dizer , digno de reprehensão o deixar no esquecimento os nomes daquelles , a quem devemos alguma descoberta util , e o enriquecer-nos de alguma nova produção vegetal.

Plantar huma arvore , e dar hum filho á sua Patria , são os maiores bens , que o Cidadão lhe póde prestar , diz Montesquieu , e não temo errar dizendo o mesmo com elle.

Alguns Autores pertendem que ha muitas especies de Café (1), e outros que as differenças vem meramente do solo, da cultura, e cuidados, que se lhes prestão (2). *Commerçon* ex. gr. observou duas especies nos bosques da *Ilha de Bourbon*, e outra na *Ilha de França*, e Mr. de *Cossigny* diz o mesmo, e Mr. *Brulley*, Colono de S. Domingos, he tambem da opinião dos primeiros, na sua Memoria sobre a cultura e preparação do Café: nós porèm limitando-nos a dár os meios de melhor cultivar, e preparar o Café, para que nos mercados dê o mais alto preço possível, passamos a preencher quanto estiver em nós, a nossa tarefa.

---

## L I T T E R A T U R A.

*Discurso recitado em Presença de S. A. R., na Meza do Desembargo do Paço, pelo Desembargador Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, Communicado por hum amigo do Autor.*

**D**Esprezar aggravos, e perdoar injurias, abraçar o delinquente, e restitui-lo á si mesmo, á sua familia, á Patria, e a todos os

---

(1) Geofroy.

(2) Le Breton,

direitos perdidos ; aquelle que isto faz , Muito Alto , e Muito Poderoso Principe e Senhor Nosso , ou he hum Deos , ou quem o representa sobre a terra.

Desta verdade temos á vista o mais authentico testemunho. Neste dia , para sempre memoravel , a Igreja acompanhada do Estado , que a vio nascer no seu seio , arrastando lutos , e pranteando cantos funebres e dolorosos , apresenta ao povo Christão a scena mais pavorosa , e ao mesmo tempo a mais consoladora , que o mundo abalado em hum e outro pólo , tremulo e espavorido , devia ver huma vez só : a morte de Jezus Chtisto , e o seu glorioso triumpho , que recebeo ainda muito maior lustre da petição , digna certamente do mais prompto differimento , dirigida a seu Eterno Pai a favor daquelles mesmos , que dezejavão banhar-se no seu innocente sangue ; sem duvida porque ignoravão o que fazião.

Neste mesmo dia Manda V. A. R. , e com quanta razão ! Que o primeiro Tribunal da Monarquia Portugueza , tão antigo , como ella mesma , ainda que debaixo de outra denominação , appareça ente o seu Throno Augusto ; e cheio do maior , e mais devido respeito , dirija instantes supplicas em beneficio de victimas desgraçadas , e já entregues ao rigor das Leis ; porque conduzidas unicamente , pela apparencia do bem , fraudarão os seus deveres , e só merecião a imparcial vingança da Justiça offendida.

A honra, que o mesmo Tribunal recebe da fiel execução de tão benigno preceito, e se diffunde por cada hum de seus membros em particular, he verdadeiramente inapreciavel: poucos a conhecem; muitos a invejão. Ah! e desfructarei eu ainda entre os meus amados Collegas a honra deste Dia junto ao Throno Regio! Esperão-me, já na cançada idade, os dezertos do Maranhão: asperos, rudes, e intrincados bosques, aonde, ó Santo Dever, quererás guiar meus passos. Mas que Perdão, Senhor, a favor de criminosos humilhados, e não de soberbos orgulhosos, pede hoje pela minha fugitiva, e debil voz a Meza do Desembargo do Paço ao Melhor dos Soberanos, que nascido de Reis Justos, e Benignos, e costumados a tractar os seus vassallos, como se forão filhos naturaes, sabião com perfeição a arte de perdoar; e com ella tornarão illustre o nome Portuguez, e ditosa em outros climas a sua condição.

Desfructe agora tambem a inculta America igual fortuna, e quando nos Seculos vindouros muitos Principes, e grandes Potentados disputarem á porfia a honra de Netos, e Descendentes do primeiro Monarcha, que conduzido nos braços da inexoravel Providencia, veio felicitar o grande Paiz, que habitamos, reconheção: Que a gloria dos Conquistadores recebe dos estragos, que a acompanha, não pequenas sombras; que os Louros

salpicados de sangue derramado pelas Victorias, murchão; que as virtudes porém, tendentes a beneficiar a desvalida humanidade, não fenecem jámais. E cheios de hum nobre enthusiasmo, digão: O Mais Illustre, o Mais Justo, e o Mais Glorioso dos Soberanos, he aquelle, que ama os povos, e he amado delles: Aquelle, cujo character parece ter sido formado pelas candidas mãos da bemfeitorea clemencia. E accrescentem por fim: Tal foi o Monarcha, de quem descendemos; as suas acçoens não receião a injuria dos tempos; e serão sempre dignas da nossa mais fiel imitação.

---

*Grammatica Philosophica.*

*Memoria remettida de Macau ao Redactor da Gazeta desta Corte por Joaquim José Leite, Reitor do Real Collegio de S. José em 14 de Janeiro de 1813.*

**H**E concorrer para a gloria da Nação, concorrer para afformosear seu idioma: conceito, em que facilmente tem cuidado os sabios escritores de todas as naçoens civilizadas. Quem isto escreve se levou deste motivo para indicar breve e claramente como com melhor acerto, e tino se poderão dar nomes á

infinidade de objectos novos, que naturalmente agora no Brazil se vão a ver, e sobre que se ha de escrever. Os Eruditos, ou empregados pelo Governo, ou de outra sorte, singularmente os que tiverem de tirar mappas, e por conseguinte nomear rios, montes, vales, arvores, animaes, &c., novas culturas, e manufacturas, que ou ainda não tem nomes e vocabulos, com que se nomêem, ou os tem barbaros, e improprios; se veráo embaraçados; ou omittirão fazer á sua lingua hum estimavel beneficio, quando só pendia da sua penna.

Mas de que serviria dar-se a oceazião e a vontade, se quem esereve, não se tendo antes lembrado de tal genero de applicação, se visse agora sem tempo, nem livros de algum soccorro? Preeipitadamente se communição estas abreviadas reflexoens, por dois fins: hum, não retardar os effeitos esperaveis: outro, que mais cedo, e com mais motivos appareça quem dê á materia toda a possível luz, e extenção; de sorte que este papel já se não lea mais, e de todo esqueça. E qual será então o sentimento de quem aqui prezenta o que póde? A maior satisfação: pois será completo o seu dezejo, e empenho pela illustração de nossos Concedadãos com vantagem do nosso entre outros já mui nobre, e muito mais então bellissimo idioma.

*Advertencias sobre as boas palavras.*

**A**S qualidades das boas palavras , creio , se pódem reduzir a tres : que sejam regulares ; bellas ; e significantes.

Regulares serão evitando anomalias , que são huns defeitos , ou erros , que a vulgar ignorancia introduzio , o que muito embaraça , e affeia as linguas. E quando alguns sabios , advertindo nisso , se tem querido oppôr , ou já he tarde para extinguir erros inveterados no uzo , ou se vem opprimidos pelos ignorantes , e prejudicados , de cuja parte está a vantagem do numero.

Evitem-se pois as anomalias de genero ; nunca dando terminação feminina a nome masculino , ou pelo contrario. Por tanto não se dê mais terminação feminina a nome de animal macho , rio , monte , que são masculinos por significação. Irregularmente dizemos : ,, o Guadiana , o Tâmega , o Oéta , Etna , &c. , não augmentemos mais tais irregularidades.

Quanto aos nomes de animaes : se evitem os epicenos , que são verdadeiras irregularidades ; mas de sorte se dê nome ao macho , que fique natural declinação para o da femea : como succede em lobo , loba : pato , pata : ou pomba , pombo. E não irregularmente como : - boi , vaca : cavallo , egoa : ou ovelha , carneiro.

Como os mais dos nomes entre nós , ti-

rando além dos ditos masculinos, os de fem-  
 mea, femininos por significação, se governão  
 pela terminação, isso religiozamente se obser-  
 ve. Não augmentemos por nossa eleição, ou  
 ignorancia os catalogos das excepçoens. Não se  
 oição mais as anomalias semelhantes a estas  
 inveteradas no uzo: - o dia, o mappa, o  
 clima, ou a enxó, a náu, &c.

As terminações masculinas são em - o,  
 el, r, i, u, im, om, um, tambem e.

As femininas são em a, am, ade, íce,  
 é, em.

A terminação em *ão* melhor he evitala:  
 porque he irregularissima, não só quanto ao  
 genero, mas tambem quanto á declinação  
 para plural. Já está a lingua demasiadamente  
 della carregada, e não he ella appetecivel.  
 Porém esta terminação, tão difficil para os es-  
 trangeiros, e que he escrita por alguns tambem  
 assim *am*, deve ser considerada; pois tem equi-  
 vocado muita gente, até da instruida. Tem-se  
 entre nós dado dois sons ao *m*; o proprio,  
 e como se dá a qualquer outra consoante  
 quando fere vogal seguinte, como em *ma*, *me*,  
*mi* &c.: outro que alguns chamarão meio  
 som, ou meio *m*, que tambem se supre com este  
 sinal ~ chamado til: e este som he o que se  
 dá ao *m* quando se segue consoante, como em  
*campo*, *tempo*, *limpo*, &c.; e tambem quando  
 a syllaba he final, como se vê em *fim*, *som*,  
*ejum*. Porém quando a syllaba final he *am*,

ou *em*, segundo alguns escrevem *amam*; *amem*, sente-se já outro som, que não he o mesmo, que em *campo*, *tempo*.

Mas a verdade he, que não vem de que o *m* admitta hum terceiro som, vem de que se não escreve o que se pronuncia. Pronuncia-se *am-o em-e*; *o*, e *e* finaes, mudos; e pertencendo o som do *m* para a vogal antecedente, como praticamos em *huma*. E os nossos Portuenses, por dialecto seo proprio, quando dizem *bom-a* por *boa*. E por tanto os que, como he mais usado, escrevem em tal cazo *ão* são os que acertão: e não os que repartem a duvida, como fazem alguns, que nos verbos escrevem *am*, e nos nomes *ão*: como se *verão* de *vêr*, e *verão*, estação do anno, soassem differentemente. Assim se escrevesse em vez de *tem*, *bem*, *lem*; *têe*, *bêe*, *lêe*. Se alguém disser que lhe parece ouvir aqui hum *i* final, e não *e*, responde-se que, assim como o som do *o* mudo se confunde com *u*, assim o de *e* mudo se confunde com *i*. E se se disser que mais se conformaria á escripta a pronuncia, escrevendo em taes casos esses *u*, e *i*; não serei eu quem o contradiga. Ha com tudo hum final em *am*, que segue regular na pronuncia, como em *manham*, *lam*; e he acertado o uso de muitos, que nestes casos escrevem sempre em vez do *m*, *õ*, o que tira o equivoco.

O caso porém he, creio, que *m*, meio som de huma letra, e que tambem o he de

outra ; ( pois tambem se dá ao *n*, como se vê em *canto* ) são expressoens de quem não faz idéa do que profere , e outros tantos absurdos. Não he nem *m*, nem *n*, nada disso ; mas hum som particular , hum som nazal ; outra letra que se chame til embora , mas que se escreva sempre com a sua figura propria ; e tudo ficará liquido : e até a eseritura abreviada ; sendo o *m* letra comprida , e muitas vezes repetida na nossa lingua. Até para os impressores será mais breve , havendo nas typografias além de *a*, *e*, *i*, *o*, *u* ; tambem *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ* : assim como para o latim tem os seus diphtongos *æ*, *œ* ; e só terão de ajustar huma letra , onde antes ajustavão duas. Será então mais verdadeiro o nosso bem singular privilegio de escrevermos , como fallamos ( ou só quasi nos faltarão dois caractéres para os sons de *nh*, *lh*, que nenhum parenteseo tem com o som para que se applicão. )

Do dito se entenderá que *limoens*, *opiniens*, não he senão *opiniões*, *limões* ; ou se quizerem *limõis opiniõis*.

De mais , como os finaes nasaes são ingratos , cuide-se em diminuir os já introduzidos. Já hoje dizemos *tampo*, *frango*, *pente* ; esquecidos os antigos *tampão*, *frangão*, *pentem*. E facilmente poderemos dizer *page*, *lavage*, *personage*, &c., mas he besta devastadora a ignorancia , que nos levou o nosso *rubi* : agora só ouvimos *rubim*. O Grande Ca-

moens bem vezes disse *mi*, que além de valer bem mais que *mim*: era mais regular dizermos *mi*, como dizemos, *ti*, *si*; mas não o consentio a bruta ignorancia, que teve mais combatentes, do que Camoens, por si.

Bellas serão, senão excederem a trissylabas: não tiverem vogaes seguidas sem mediar consoante; o que pôde produzir hiato: este sempre se dá, quando se repete immediatamente humma mesma vogal: fóra disso bem vezes a successão immediata de certas vogaes, em vez de dureza, pôde até produzir muita suavidade: disto havia muito no elegantissimo idioma Grego: taes são estas bellas palavras: *Dannae*, *Ilia*, *Leandro*, *Maleagro*, *Leucothoe*, *Actéon*: nem concurrencia de certas consoantes, que fazem difficil a pronuncia, como quando ao *s* se segue *r*: se se fugir a monotonia, evitando letras repetidas, singularmente vogaes, como em *batata*. Evite-se a terminação em *s* já demasiada, e que causa aspereza: e demais ficará mais conspicua a regularidade, sendo a distinctiva dos pluraes dos nossos nomes. A accentuação se julga melhor a de penultima, depois a da ultima, e inferior a de ante-penultima.

São estimadas, singularmente dos Poetas, e Oradores, as que no seu mesmo som parecem imitar o seu objecto. Em todas as linguas talvez se achão estas palavras imitativas, mui especialmente das vozes dos animaes: taes

entre nós são *latir*, *ladrar*, *uivo*, *silvo*, *zur-  
rar*, *grasnar*, e também *trovão*, *tambor*, *esta-  
lar*, *fragor*. Para significar coisas asperas, for-  
tes, e terríveis, abundem em consoantes, e  
de som aspero; como *contrastar*, *transtorno*,  
e das mesmas vogaes se busquem as de som mais  
aberto, e claro, ou já pelo contrario. Para  
coisas suaves, e de mimo abundem mais de  
vogaes, e de consoantes brandas, como em  
*animo*, *amado*, *bonina*, *menino*, &c. Com  
tudo, sem se desprezar esta qualidade, não  
convirá atter-se a ella tão escrupulozamente,  
que com isso se embaracc o escriptor, que  
convem proceder racionavelmente livre.

Significantes serão no especial sentido, que  
aqui se dá a esta palavra, se significarem bem,  
e distinctamente o seu objecto. Sobre isto at-  
tenda-se que as palavras, que mais particula-  
rizaõ, mais significão. Assim *loja*, significa  
mais que *casa*; pois que significa demais que  
he no andar da rua, e destinada a vender ao  
povo algum genero de coisas. *Botica* porém  
significa ainda mais, porque além de tudo aquil-  
lo, significa que o genero de coisas, que se  
vende, são medicinas. Qualidade precioza,  
que dá energia, e força, além da inestima-  
vel brevidade. Oxa'á não fossemos obrigados  
nas outras lojas a acrescentar palavras; v. g.  
de *Capelista*, de *ferragem*, de *mercador*, de  
*panos*, &c. O mesmo se entende com os ver-  
bos. Dizendo-se *trabalha* não se diz tanto co-

mo *cultiva* ( em agricultura ), e ainda mais diz *podar*, ou *empa*, pois que *podar* he *trabalhar*, e de mais *cultivar*, e de mais *podar*, que explica só tudo aquillo. Reflectindo nesta regra, conheceremos as palavras mais significantes; e veremos as de que necessitamos. Assim, quando dizemos *lavar madeira*, podemos entender que nos falta palavra propria, pois que *lavar* não compete em particular a esta acção. Não he porém assim quando dizemos *cepilhar*, palavra unicamente propria, e significante da sua acção, que a distingue ella só de toda outra. Nas linguas, quanto mais barbaras, e incultas, tanto menos se achão de taes palavras: e as poucas, que tem, lhes suprem para todas as coisas; o que não pôde dar idéas bem distinctas dos objectos, e obriga a muitas circumlocuções, o que faz o estilo frouxo, e insipido, gastar mais papel, e, o que mais que tudo val, o tempo.

O vicio mais opposto a esta virtude he o equivoco, quando hum mesmo som designa diferentes objectos, o que obriga a buscar outra, ou outras palavras, para distinguir hum. Neste vicio incorrerão singularmente os Europeos na America, onde todas as nações, não tanto com tudo a nossa, transplantarão os nomes de quantas Cidades, ou Provincias tinham deixado nas suas patrias, e dando nomes dos animaes conhecidos a outros de diferente especie, só por alguma leve similhaça.

O mesmo succede , quando se appellidão objectos novos com adjectivos , como *Doce* , *Negro* , *Verde* , *Grande* , dados a rios , vindo assim a não se poderem designar sem duas palavras , e o que peor he , passando a tal nomenclatura viciosa para outro tal objecto em outro lugar , como no Brazil *Rio Grande do Sul*. Se os Poetas tivessem de celebrar este rio , como o tem feito com o Tejo , ou Danubio , pobres elles ! E , se cada couza temos de nomear com duas , ou tres dicções , teremos de occupar dous volumes , sem dizer mais , nem tão bem , como se poderia em hum só.

Porém não creio sem remedio esses mesmos nomes mal postos , ainda que já celebres , como Rio de Janeiro. *Constantinopla* primeiro foi *Bysancio* ; e mudou para peor , por honrar o nome de seu engrandecedor Constantino. Pernambuco seria Olinda , senão fosse talvez o olio á nação inimiga , que a quiz melhorar de nome ; e em Lisboa se intimou ao publico a mudança de *Campo do Curral* para *Campo de S. Anna* só para ficar mais decente e habitavel para Nobres. Mas não julgo necessarios Decretos no ordinario. Façam-se os Mappas logo , posto que não perfectos já , sempre melhores que os até agora feitos , que para esta melhoria he impossivel não se ter , e poder haver materiaes ; e nelles se nomeie só pelos nomes correctos , ou novos. Depois

assim se escreva, assim se imprima, &c. Ao principio terão esses objectos dois nomes, o velho, e o novo, e por fim só o novo vagará; sendo assim que os nossos Escriptores serão em diante mais cautos, e a Nação mais civilisada, como he de esperar.

Em Latim o nome do Rio de Janeiro adjectivado só se diz *Fluminensis*. Talvez poderia para ambas as linguas ficar o substantivo *Flumina*, ou *Flumia*, ou ainda *Fluma*, e em fim como os Portuguezes sempre gostarão, e com razão, de passar o *u* dos Latinos para *o*, melhor ficaria o bello nome *Floma*. Assim como agora huns sabios deverião preparar, e dirigir o novo Mappa com suas ratificaçoens Geograficas, ou huma Geografia Braziliense, o que tudo seria estimado, e buscado; outros lhes deverião ter promptos os nomes, para se porem para sempre; e por conseguinte, que levem a marca de bom senso.

Quanto mais se eliminarem equivoocos, mais clara será a linguagem, e mais formosa, como mais regular. Evite-se o uso de *ch* em cujo lugar se escreva ou *x*, ou *k*, segundo o som que se quer: se o uso do *k* nos fosse mais familiar, nos livrariamos de equivoocos, e irregularidades, qual em *fico*, *fique*. O uso tambem de *c* occasiona ficar a escrita frequentemente errada. Em fim, se devem accentuar sempre as palavras novas, especialmente polyssilabas, e escreverem-se com todas as le-

tras bem formadas, e distinctas: o que oxalá praticassem sempre os escriptores com as menos vezes ouvidas no uso: e não se verião ainda pessoas instruidas, hesitando á leitura de taes palavras, ou equivocando-se copiando-as.

Depois das lembradas qualidades da boa palavra, e sobre o que entendo se pôde accrescentar não pouco; talvez intimide a difficuldade de achar muitas dessas escolhidas palavras: mas propoem-se o optimo para ao menos se obter o bom; ou ainda o menos máo; e já seria algum fructo da nossa deligencia. Porém methodo temos de entre palavras sem numero se poderem escolher boas a milhares.

*Continuar-se-há*

# ODE ANACREONTICA.

Leves auras, que voando  
 Entre as flores mansamente,  
 Sobre a limpida corrente  
 Deste arroio andais brincando,  
 Leves auras, por piedade,  
 Mitigai minha saudade.

Sussurrando lisongeiras,  
 Ide os olhos meus cerrando,  
 Hum tranquillo sono brando,  
 Me trazei, trazei ligeiras:  
 Leves auras, por piedade,  
 Mitigai minha saudade.

Póde ser que o gentil rosto  
 De Nerina em sonho veja,  
 E se amor faz que assim seja,  
 Qual será então meu gosto?  
 Leves auras, por piedade,  
 Mitigai minha saudade.

Então sua formosura,  
 Qual hum tempo já soía,  
 Em prazer, em alegria  
 Tornará minha amargura;  
 Leves auras, por piedade,  
 Mitigai minha saudade.

Seu suave rosto lindo  
 Nesta ausencia ver dezejo ,  
 Fartai , auras , meu dezejo ,  
 Seja embora , ou não , dormindo :  
 Leves auras , por piedade ,  
 Mitigai minha saudade.

Auras leves , se benignas  
 Annuis ao que vos peço :  
 Vosso altar a ornar me offreço  
 De fragantes flores finas :  
 Leves auras , por piedade ,  
 Mitigai minha saudade.

*Diniz.*

*Outra do mesmo Author.*

**D**E mil Nynfas na innocente ,  
 E lustrosa companhia ,  
 Passava o outro dia  
 N'hum vergel fresco e virente ,  
 Onde a Arte e Natureza  
 Competião na belleza.

Entre as varias lindas flores ,  
 Que viçosas abrolhavão ,  
 É a verdura marchetavão  
 Com as finas , varias cores ,  
 Hum rosal crescendo vinha ,  
 Que mil rosas em si tinha.

Hum botão entre ellas vejo ,  
 Que na graça os mais vencia ,  
 De o colher a fantasia  
 Me excitou logo o desejo ;  
 Para pô-lo no meu peito.  
 Vou corta-lo satisfeito.

Mas apenas lhe bolia ,  
 De seu seio molle e brando ,  
 Terno vulto vai voando ,  
 Leve abelha parecia ;  
 E era amor , que alli pousava  
 E em seu calis repousava.

Das gentis Nynfas voando  
 Pelo meio foi ligeiro ,  
 Porém logo lisongeiro  
 Torna entre ellas , revõando.  
 Mas alli ( caso estupendo ! )  
 O tyranno foi crescendo.

De Marilia nos cabellos  
 Ora salta velozmente ,  
 Ora vôa mansamente  
 De Micale aos olhos bellos :  
 De Nerina as faces toca ,  
 E de Aglaura a linda boca.

De voar em fim cançado,  
 As purpureas azas fecha,  
 E cahir d'Egle se deixa  
 Em o seio delicado,  
 Onde embebe prestemente  
 No arco eburneo a setta ardente.

E o farpão adamantino  
 A meu peito indireitando,  
 Foi comigo assim fallando:  
 Vê agora, triste Elpino,  
 Que castigo sente enorme  
 Quem despertã amor, que dorme.

Disse, e a setta despedindo  
 Me traspassa o coração.  
 Ai de mim! que deste então  
 Abrazar-me estou sentindo:  
 Cresce o mal, e não tem cura,  
 Pois de mim Egle não cura.

### E P I G R A M M A.

**Q**Uando, Laurindo, sahes tão peniado,  
 Tão nedio, tão gentil, e tão rosado;  
 Da matreira rapoza n'hum momento  
 Logo me vem o dito ao pensamento:  
 Oh! que bella cabeça, por Appollo!  
 Mas que prol! se não tem dentro miolo!

*Outro.*

**T**udo Laurindo tens : trajas á Ingleza,  
 É a perna manca arrastas á Franceza:  
 Hes bonito , hes facundo , hes engraçado,  
 E em extremo das moças cobiçado.  
 Só huma leve falta em ti deviso.  
 Sabes de que , Laurindo ? de juiso.

*O mesmo.*

*Ao Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor D.  
 Manoel de Portugal e Castro , sobre a Tra-  
 dução dos Ensayos Moraes , e Ensayo sobre a  
 Critica d'Alexandre Pope , feita pelo Illus-  
 trissimq , e Excellentissimo Senhor Conde d'A-  
 guiar , seu Tio. Em 29 de Julho de 1812.*

O D E.

. . . . . O juizo quero  
 De quem com juizo , e sem paixão me leia.

*Ferreiru.*

**A**ssim da Gloria se franqueia o Templo,  
 Se cobre, e doura d'immortal renome,  
 Quem por clara Ascendencia  
 Já nasceo para Ella.

Assim se eleva , e durará viçoso ,  
Apar dos Evos , na longinqua Historia ,  
    Como he viçoso o campo  
    Das Muzas , que enobrece.

Pope ! Revives : Monumento egregio ,  
Que mais d'hum Povo te adquirisse os cultos ,  
    Acabou d'erigir-te  
    D'hum sabio Conde o Genio.

Inglez brilhaste , e Portuguez agora  
Brilhas nos trajos do Idioma Luso ;  
    Perdes-te ? não : he a mesma  
    Tua alma , e graça , e força.

Sóbra energia á Portugueza Lingua  
Para em tudo versar-se : e ora em ti fulge  
    Tão pura , que nos lembra  
    Hum Adrade , hum Vieira.

Salve da Lingua Pays , da Patria Lumes !  
Porém . . . . que vejo ! . . . tresvalio ? sonho ?  
    Não sonho : he Nume : o gesto . . . .  
    Quem es ? quem es ? responde.

„ Sou de Lysia , quem vês , o affavel Genio ,  
„ Que sá justiça ao Merito fazendo ,  
    „ Sento a par dos que salvas  
    „ O Traductor de Pope.

Nume! E não mais? . . não mais: raio no brilho,  
Sumio-se aos olhos, como a luz do raio;  
E n'alma absorta deixa  
Não soluto embaraço.

Qual seja, Elmano! Eu to confio: he este:  
Se tão digna Mulher cabendo ao Conde,  
Como talvez Britania  
Té hoje em si não vira:

Foi obra digna d'ocupar-lhe a Mente,  
Sem que do justo transcendesse a meta,  
Ter vertido de Pope  
= A satira ás Mulheres. =

*Fr. João da Costa Faria.*

*Vantagens da vida campestre ; em resposta á carta, em que de Lisboa se despedia, devendo partir para a Bahia, Paulo Joze de Mello (1), escritas de Paris aos 21 de Maio de 1806*

por B.\*\*\*

Heureux qui vive en paix du lait de ses brebis,  
De leur simples toison voit filer ses habits ;  
Qui soupire en repos l'ennui de la vieillesse  
Aux lieux, où pour l'amour soupira sa jeunesse.

*Racan.*

**V**enturoso o mortal, que ausente vive  
Do tumulto enfadonho das cidades,  
Que de Flora e de Ceres dado ao culto,  
Só nos campestres bens ventura encontra ;  
Claros e puros os seus dias correm,  
Como a limpida linfa, que o sacia :  
Da querida consorte os mimos goza,  
E a cada lado seu, gostoso encara  
Gentis porções de si, que hum dia alegres,  
Doce lhe tornarão da idade o pezo.  
Venturoso mortal, quanto te invejo? . . .  
Quem dos campos conhece todo o encanto,  
Tem da ventura no seu peito o germen.  
Gostosa solidão, da paz inorada!  
Se os Ceos d'entre os humanos te roubassem,  
Que restára na terra ás almas puras ?  
Livres do pezo, que aniquila as mentes,

He no teu seio que do genio as molas  
Mostrão quanto vigor lhes deo natura.

As leis que a illustre Roma fez ditosa  
Foi no teu seio que estudou Pompilio :  
Vós , campos Mantuanos , vós dictasteis  
A o sublime cantor , sublimes versos. (gens

Nos campos do Mondego , ou nos do Gan-  
He que Appollo baixava a ter com tigo ,  
Camões , grande Camões , genio divino.  
Murchão na frente dos Heroes os loiros ,  
Os Monarchas baqueão do alto solio ,  
Esbroão raios empinadas torres ,  
Grandezas , honras , titulos acabão ;  
Mas teu nome , Camões , teu nome illustre ,  
Qual as eras , eterno , he sempre novo.  
A morte destruir não pode o Genio ,  
Porção sagrada , qu' emanou do Eterno.  
Gostosa solidão da paz morada ,  
Teu silencio nas almas gera , arreiga  
Os puros , virtuosos sentimentos.

As mentes opprimidas crimes gerão  
Das cidades o ar a mente opprime ,  
E tu da liberdade as portas lhe abres. (novo,

De momento em momento hum quadro  
Mandas rizonho captivar os olhos ,  
Do que o justo valor sabe empregar-lhe ,  
Se ha ventura no mundo , he só nos campos ,  
Que do bafo empestado das cidades  
Os putridos miasmas não mancharão.  
Almas perversas , corações dobrados ,  
Homens , que só de humano a forma tendes ,

Entes, que ensovalhaes da Natureza  
 A melhor producção ( onde inda existem  
 Para vos dar em rosto alguns, que o nome  
 Sabem desempenhar d'homem, d'amigo ),  
 Dos Fados a despeito hei de fugir-nos.

Paulo, fuge dos homens, fuge amigo,  
 Vai no lindo Maré ( 2 ) gozar da vida:  
 Victima, como eu sou, tambem tens sido.  
 Basta já d'affeições, sim cumpre hum dia  
 Os males esquecendo, ser ditoso.

São vistas as demais, vista huma Corte,  
 Quanto por lá tens visto, cá verias,  
 Algumas addições demais acharas,  
 D'afidalgados Mydas a cohorte (3)  
 Fingindo antigos mal sabidos usos,  
 Na grandeza noveis: verias outros...

Mas isso val apenas de deixar-se  
 Homens para ver homens? Nada, Amigo,  
 São tão poucos os bons por toda a parte,  
 Como por toda a parte os maos abundão.

Dizem París theatro de prazeres,  
 Que isolado se vive ao pé da Corte!  
 Se os theatros, se os bailes, se os concertos,  
 A ventura fazer de hum homem podem,  
 Este viva em París, será ditoso.  
 Isolado viver cercado d'homens?  
 Não posso combinar noções oppostas.

O velho habitador d'hum mundo velho,  
 Prazeres naturaes tendo esgotado,  
 Accommode á seus vicios seus prazeres;  
 Mas quem n'hum mundo novo origem teve,

Novos deleites no seu mundo encontre.  
 Viçosa a Natureza nos circunda ,  
 E velhos hemos ser , onde ella he nova ?  
 Perdoa , ó sabia mestra , ó Mãi dos Entes.  
 Eternos sempre novos são teus dotes ,  
 Mas sabe-os arredar das mãos ingratas ,  
 Que o teu seio abraçar julgão baixeza :  
 Arem filhos ingratos terra ingrata .

Fugiste d'elles , e no Mundo novo  
 Novos homens buscar sabia quizeste ,  
 Corramos a abraçar a mestra illustre ,  
 Que morada firmou nas plagas nossas .

Lê , consulta , medita , attende , estuda  
 O livro , que a teus olhos patentêa ;  
 Cumpre para attende-lo serio estudo .  
 Arando as terras , examina os sulcos ,  
 Semêa , e da semente o curso espreita ,  
 Como o germen rebenta , como cresce ,  
 Que tempo , que terreno mais lhe quadra ,  
 Se o fundo , ou flor da terra mais dezeja ,  
 Se o norte lhe convém , se o sul , se o este ;  
 Se linfa te pedir , busca rega-la ,  
 Se o Sol lhe cresta a face , dá-lhe sombra ,  
 No decóte , no enxerto attende á quadra ,  
 Do tronco á consistencia , á cor das folhas  
 Quando a flor desabroxa , e em botão feixa ,  
 Consulta : e da semente a madureza ,  
 Antes que da colheita o curso incetes :  
 Diversas attenções pede o rebanho ,  
 Dos novillos escolhe o mais formoso ,  
 O cordeiro o mais forte , e da progenie

O numero augmentar pertença á estes ;  
 Qual os fructos melhores torna o enxerto ,  
 Amelhora-se a Grei , cruzando as raças.  
 O filho inda novel desvelos pede ,  
 Que cuidadoso o Pastor deve prestar-lhe.  
 Limpeza no curral exijas sempre ,  
 Onde abrigados os teus gados durmão.  
 De plantas nutritivas cobre os pastos ,  
 As más extirpa. Vê Catão que falla  
 He do cultor o gado a mór riqueza :  
 Dos Bois os pastos separados sejam  
 Do pasto , em que outra grei sustento busque ,  
 Ou primeiro que os mais o Boi só pasça.  
 Na tosquia a tesoura a pelle evite ,  
 Nas castrações convem cuidado eximio ;  
 Males proprios do clima , á especie proprios ,  
 Devem ser estudados junto ao enfermo :  
 Na pratica vereis , mais que nos livros ,  
 As normas principaes d'Agricultura.

Intrigas cortezãs de parte postas ,  
 As Cortes desdenhado , e seus fantasmas ,  
 Como pode feliz passar os dias ,  
 Quem de cuidados taes a mente occupa !  
 Ver novas gerações , melhores outras ,  
 Fudo trabalho seu ! que mais dezeja  
 É mais pode encantar as almas cultas ?  
 De cazal em cazal seu nome passa ,  
 Suas luzes espalhão-se com elle ,  
 É a Patria enriquecendo , a si , e ao mundo ,  
 Deixa nos corações saudoza fama.

População , Commercio , Artes , Sciencias ,

Mudão , mudando de cultura as terras :  
 Dos Imperios a sorte está no arado ,  
 Não consiste na lança a força d'elles.  
 Lagrimas banhão da victoria o carro ,  
 Mesmo vencendo , s'enfraquece a Patria ,  
 Lucto succede da victoria aos vivos ,  
 O triunfo em segredo o Heroe prantêa.  
 Essa arte deixa , que natura enluta (4) ,  
 Essa arte abraça , que natura adorna.  
 Se a Patria te chamar , sê Cincinatus. (5)  
 Dos sulcos da charrua os bens rebentão ,  
 Da charrua a rabiça os pulsos honrão , (quem.  
 Roma , (6) China , (7) Moravia , (8) alto o publi-  
 Tua arte , ó Lavrador ! he nobre , he grande ,  
 Dá riquezas , dá mais , dá bons costumes.  
 Eja hum arvore planta , hum filho educa ,  
 E á Patria dado tens o mais que he dado. (9)  
 Gloria prazeres , paz , riqueza encontra  
 Quem das cortes fugindo , a enxada empunha.  
 Olvidem-se os desgostos , caro Paulo ;  
 Vai cercado dos teus ser venturozo ;  
 Espera o Borges : seus desvelos todos  
 São pela patria , pela patria sofre ,  
 Em a patria servir sómente esfria  
 Cobarde coração , mente pequena.  
 Espera o Borges . . . que saudoso fica ,  
 Que as mãos do pai beijar , do amigo as faces ,  
 Em breve espaço partirá contente :  
 Das cidades mofando , e seus prazeres  
 Da paz e d'amizade no regaço ,  
 Dias tranquillos passará com tigo ,  
 Hum dia da ventura o rosto vendo.

## N O T A S.

(1) Filho da Bahia , tão estimavel Poeta , quão habil Agricultor. A mais estreita amizade me priva o fazer o elogio das suas luzes , e de suas relevantes virtudes.

(2) Ilha do reconcavo da Bahia.

(3) Allude aos novos nobres criados por Bonaparte.

(4) Era então militar.

(5) Este Romano largou o arado para commandar o exercito , e servida a Patria , voltou para a lavoira.

(6) Sabe-se o apreço em que os Romanos tiveram a Agricultura. As festas de Ceres , Flora , Pomona , Vertumno &c. não erão senão homenagens á primeira das artes , e honrar aos que nella se illustravão.

(7) O Imperador da China todos os annos , por dever religioso e civil , desce do throno , e com suas mãos pega na rabiça do arado , lavra a terra , e premêa aos lavradores mais benemeritos.

(8) José II. na Moravia , para honrar os Lavradores , arou com suas proprias mãos huma jeira de terra.

(9) Esta idéa he tirada de Montesquieu que diz que o maior serviço , que o cidadão póde prestar , he plantar huma arvore , e dar hum filho á sua Patria.

*Aos annos de SUA ALTEZA REAL O PRIN.  
CIPE REGENTE Nosso Senhor.*

S O N E T O

**S**alve , ó dia feliz , que o sacro Jove  
De mil virtudes tem abrilhantado ,  
Salve , dia immortal , dos Ceos mandado ,  
Tua existencia o nosso bem promove.

A' voz pod'rosa , que os destinos move ,  
Foste do negro cahos arrancado ,  
Para esmalte de Lysia a ti foi dado  
Fazer que a idade de ouro se renove.

Aquelle , a quem doaste o Ser Sob'rano ,  
JOÃO , por quem a gloria em nós revive ,  
Dá novo lustre ao Throno Lusitano.

De vê-lo embora a Sorte hoje nos prive ,  
Q' hum Principe , qual Elle , justo e humano ,  
Impera em corações , e nelles vive.

Remettido de Lisboa por D. Mariana An-  
tonia Pimentel Maldonado.

*Satira aos Poetas , attribuida ao celebre Philologo Pedro José da Fonseca.*

**D**E hum grande frenezim hoje enloquece  
Quazi meia Lisboa, e vai lavrando  
O mal, como em rebanho, que engafece.

Alça-se cada dia hum novo bando  
De Poetas, e praga tão damninha  
Vai os campos de Apollo devastando.

Não fica planta, fructo, flor, ervinha  
Sem ser abocanhada, maior damno  
Nunca fez a lagarta em qualquer vinha.

Cada hum delles sem peijo, e muito ufano,  
Mais versos n'um outeiro só vomita,  
Do que fez Thomaz Pinto em todo hum anno.

Este daqui o impulha, estoutro grita;  
Mas elle a cantilena leva avante;  
Pois lhe basta, que hum só ,, bravo ,, repita.

Siga-os muito embora essa ignorante  
Caterva, que em tropel ouvi-los vem  
Com boca aberta, e pallido semblante.

Fação-lhes roda, mil vivas lhes dem,  
Então mais, se he Romance, ou se he Soneto,  
Que a taes bocas alfaces taes convém.

Com semelhantes couzas me não metto;  
Mas não posso tragar, que elles persigão  
Os que distinguem bem branco do preto.

Mil remoques Bernardos, que lhes digão,  
O fugir delles, como de empestados,  
He em vão para que elles os não sigão.

Pois, como sanguixugas, aferrados

Já mais deixão aos pobres miseraveis ,  
Sem de sangue ficarem esgotados.

Ah ! destinos crueis , ainda julgaveis  
Por poucos nossos males , e catarros ,  
Agudas febres , velhos intractaveis ?

Presumidas mulheres , e masmarros  
Com vãos flatos de doutos , faladores ,  
Não bastavão assás sem taes galfarros ?

Mas perguntai a hum destes parladores ,  
Muito cheio de si por ter brindado  
Com descanto a huns olhos matadores :

Ou a aquel'outro c'o dedo apontado ,  
Por haver vinte glozas repetido  
A certo consoante endiabrado :

Que Horacios , que Aristoteles tem lido ,  
Que Virgilios , que Homeros , que famosos  
Antigos exemplares remexido ?

Vereis com que rizadas desdenhozos  
Vos respondem ( talvez com sentimento  
De vossos crassos erros lastimosos )

Nunca foi Gregos versos meu intento ,  
Ou Latinos compôr ; nem a Poezia  
Requer estudo ; mas veja e talento.

E logo para prova vos enfia  
Huma lenda de nomes , e apellidos ,  
Em que furor sem letras só havia.

Nomes só d'elle , e d'outros taes sabidos ,  
Que quando a boca abrião nos outeiros ,  
Sempre erão como Oraculos ouvidos.

Oh gente a mais feliz ; pois que os primeiros  
Sois que aprendeis por giria , que ainda vemos

O officio dar nas tendas dos barbeiros!  
 Mas daqui que procede? O que sabemos  
 A cada passo versos tão buçais,  
 Que nem suando sangue os percebemos.  
 Vós Œdypos, que enigmas dezatais,  
 E vós, que os caracteres Nigromantes,  
 E sybilinos versos decifrais,  
 Vinde, e vereis em quam breves instantes  
 Vos desfaço essa futil vaidade,  
 Só com dez, ou quatorze consoantes.  
 Aqui não ha segredo, nem verdade  
 Occulta; ha só palavras campanudas,  
 Que a cruel rima pucha sem piedade.  
 Hum simples termo, que a este xadrez mudas,  
 Já se tornão insulsas frioleiras  
 Couzas, que te apontavão por agudas.  
 As expressoens do vulgo mais rasteiras,  
 Vez travadas com outras na sentença,  
 Que ferem as Estrellas derradeiras.  
 Olha com que irmandade, e sem differença  
 Vão Odes, Elegias, Epigrammas,  
 E tudo o mais, que caza sem dispensa.  
 Mas se por ser Poeta assim te inflammas,  
 Dize, bom homem, quem te fez deixar  
 Acrosticos, Enigmas, e Anagrammas?  
 Tambem tinha o Romance o seu lugar,  
 Tambem de quando em quando a Outava  
 tinha,  
 A Quintilha, o Elogio lapidar.  
 Porém Eclogas! Cuidas, que a Cabrinha,  
 Que o Cajado, o Surrão, o Arrabil,

Que o dizeres bofé, cá home, azinha :  
 Que o fallar Bieito, Braz, Gonçallo, Gil,  
 Que a vaca mança, a ovelha, e o pegureiro  
 Basta a formar o estilo pastoril ?

Meu amigo, outro officio, o de gaiteiro  
 He alegre, senão vai-te á tabúa :  
 Não val mais conversar sempre ao soalheiro ?  
 Ser poeta não he não couza commua,  
 He dom divino, que hum genio apoucado  
 Nunca póde alcançar, por mais que sua.  
 Mas este mesmo dom, sem ser guiado  
 Pelas regras da Arte, ao precipicio  
 Corre, como cavallo desbocado.

Que pensas tu, que a Arte o seu inicio  
 Teve em subtís caprixos? A razão  
 He sobre que se funda este edificio.  
 Oh, se não fora assim, hum charlatão,  
 Dentro em dous mezes, sem temor ousara  
 Talvez dar Epopeas á impressão.

O estrangeiro Dramma se mostrara  
 Com muito menor pejo, do que agora,  
 Se a atrevida ignorancia o estropiara.  
 E se muito bem fosse, então embora  
 Lucilio ao grande Horacio preferira,  
 E melhor que Virgilio Mevio fora.

O fallador Crispino repetira  
 Com boa acceitação seus versos frios,  
 E nem hum bocejara, outro dormira.  
 Porém cheios de lodo os grossos Rios  
 Correm, quando os ribeiros mansos, puros  
 Se derivão com doces murmuríos.

Huns versos morrem logo, outros seguros  
Do tempo, e da inveja, estimaçoens  
Merecem aos secculos futuros.

Vedes nos Sás, Ferreiras, e Camoens:  
Mas he que nestes houve a rija lima,  
Que o gram Horacio inculca aos seus Pisoens.

Nestes doutrina, e arte igual se estima,  
No conceito, e dicção igual nobreza:  
Não parava o cuidado só na Rima.

Em o seu melhor Livro, a natureza,  
Onde mil raras graças profundavão:  
Não havia a corrente van presteza.

Assim grandes, pequenos respeitavão  
O seu alto saber; as gentes rudes  
Entre as serradas trevas se illustravão.

Elles tornão mais bellas as virtudes,  
Elles fazem, que sempre te conheçãõ,  
Vicio torpe, por mais que as formas mudes.

Daqui vem que respeito, e amor mereçãõ  
Ante o Rey, e os Heroes, que os mais famosos  
Se lastimem, que Homeros lhes faleçãõ.

Os indomitos tigres, os raivozos  
Leoens, que apôz de si mansos trazião,  
Não são contos de velha fabulozos.

São os povos ferozes, que despião  
Sua antiga bruteza, e a Ley brilhante  
Da justiça, e razão n'alma imprimião.

Que generozo Isprito ham ver diante!  
Bella imagem de feitos excellentes  
Não aspira a que a Muza illustre o cante.

Dom raro ; dom divino , que diffrentes  
São hoje os teus effeitos ! Que desprezo  
Entre o vulgo profano hoje não sentes !

Não trato de hum tal vulgo , cujo pezo  
De razoens não se estima , de outro fallo ,  
Mais ridiculo sim , porém mais tezo.

## H I S T O R I A .

*Viagem da Capitania de S. Paulo á Villa de  
Cuiabá.*

**E**Mbarcão os viajantes na Villa de Porto  
Feliz , situada 22 leguas a O. de S. Paulo ,  
banhada pelo rio , a que os primeiros descobri-  
dores chamarão *Anhembí* , e hoje se diz *Tieté* ,  
por corrupção de *Teté* , que quer dizer , rio  
de muitas agoas ; e navegando por elle , agoas  
abaixo , vão desembocar no rio *Grande* , ou  
*Paranam* , que em si recebe o primeiro. Logo  
abaixo do porto do embarque , encontram a  
caxoeira de *Acanguerucu* , como hum preludio  
das muitas , que este rio fórma , e que atrazão ,  
e arriscão esta viagem. Contão-se 47 notaveis ,  
além de muitas outras de menos consequencia ;  
e entre todas se estremão as caxoeiras de *Ava-  
nhandava* , e de *Itapura* , que o rio fórma des-  
penhando-se com formidavel ruido de altura de  
10 braças ; e para vencer estas famosas cata-

dupas, se várão as canoas em terra, e por ella se conduzem a tomar agoa abaixo destes degraus. As outras se passam a maior parte a meia carga, com grave perigo e difficuldade. De *Itapura* á boca deste rio, ou ao *Paranam*, gasta-se meio dia de viagem.

Chegados ao *Paranam*, proseguem os navegantes a sua derrota por elle abaixo, ao rumo do S., até á boca do rio *Pardo*, que tambem desagoa no primeiro. Esta navegação do *Paranam* he mais suave, por ter sómente este rio huma catarata, a que denominão *Jupia*; porém a sua grande largura, estimada em meia legua, faz que em occasião de ventos, ella seja bastante arriscada, em razão da grande agitação, que delles recebem as suas agoas, causando a submersão das canoas, que nestes tempos se achão navegadas.

Deixando os viajantes o rio *Grande*, continuão a sua derrota pelo rio *Pardo*, agoa arriba, ao rumo de N. até aos confins de suas vertentes, em cuja viagem he commum gastarem-se dous mezes, mais ou menos, assim pela arrebatada corrente deste rio, como pelas suas muitas caxoeiras, entre as quaes se contão 32 assás notaveis; e destas hum bom numero precisa vencer-se conduzindo as canoas e cargas por terra. De todas he a mais notavel a que chamão do *Balo*, salto muito maior que os do *Tieté*, e que se torna mais vistoso e pittoresco pela claresa, e transluzimento das

agoas do rio *Pardo*. Esta trabalhosa navegação conclue-se no lugar chamado *Sanguisuga*; e então se dá principio á passagem das canoas e cargas por terra para a Fazenda de *Camapoan*, distante  $2\frac{1}{2}$  leguas. Este transitio por meio de campinas e de matos serrados, se effectua conduzindo as canoas em grandes carros de quatro rodas, de construcção apropriada para este mesmo fim, tirados por 6 e 7 juntas de bois, e as cargas em carros ordinarios, e ás costas de negros e de gentes alugadas. Este comboy he sempre escoltado por gente armada, sendo indispensavel esta cautela e toda a vigilancia para não cahir nas tramas do gentio *Caiapó*, que não cessa de fazer as suas correrias por estes sitios. Na Fazenda de *Camapoan*, estabelecida acinte para commodo dos viajantes, por ser a meio tempo da jornada ao *Cuiabá*, se refazem estes de viveres, e do necessario para proseguirem a vante.

Postas as canoas, e cargas em *Capamoan*, se lanção aquellas no rio do mesmo nome, cuja pequenez, e mingoa de agoas torna fadigosa a sua navegação, obrigando a diminuir as cargas de metade, e a que as canoas, chegando ao rio *Coxim*, estabelecidos ranchos de folhas de palmeira, ali deixem metade das fazendas com algumas pessoas de guarda, e voitem para conduzir a outra metade; em cuja diligencia empregão 20, e mais dias.

Findo este transporte, começão os vian-

dantes a navegação do rio *Coxim*, agoa abaixo, até ao rio *Taquari*, em que elle desemboca; cuja navegação, que não excede a 8 ou 10 dias, he bastantemente arriscada, não só por ser a corrente do *Coxim* atalhada de troncos, em que as canoas empeçando, muitas vezes se perdem, mas pelas temerosas caxoeiras, que tem em toda a sua extensão, de difficil e arriscado vencimento. As mais notaveis são em numero de 17, e muitas destas se passam com gente dobrada e meia carga, e algumas descarregando de todo as canoas.

Chegando ao rio *Taquari*, continúa a navegação por elle abaixo, por espaço de 6 ou 7 dias, até que se chega ao lugar chamado *Pouzo-alegre*, onde se incorporáo todas as canoas para proseguirem a sua derrota debaixo do commando de hum Cabo, que alli se elege para a governar e dirigir, e fazer as disposiçoens necessarias para resistirem a qualquer ataque do gentio *Paiaguá*, que vive embarcado. Para este effeito se armáo em guerra tantas canoas quantas se julgáo necessarias para a defenza das outras, e nellas se embarcão gentes praticas e de valor conhecido, providas de armas de fogo com as competentes muniçoens; e nesta ordem proseguem a sua viagem pelos pantanaes, ou planicies alagadas pelo *Taquari*, demandando ao Poente o Rio *Paraguai*; em cuja travessa gastáo 15 e mais dias, pousando sempre em terras de matos, que se encontráo pelo meio destes paúes.

Terminada a navegação dos pantanaes, sahem os viajantes ao rio *Paraguai*, e por elle continuão a sua derrota, agoas arriba, hindo as canoas humas atrás das outras, debaixo das ordens do Cabo commandante, e da vigilancia dos Fragueiros, que vão nas canoas de guerra; as quaes tomão as barras dos sangradouros, que sahem dos pantanaes do *Paraguai*, afim de impedirem as emboscadas e assaltos que em semelhantes paragens costuma tentar o mesmo gentio *Paiaguá*, que aqui he mais frequente; e desta fórma se navega dous dias por este rio, até tomar a barra do rio dos *Porrudos*.

Chegadas as canoas a esta barra, deixão a navegação do *Paraguai*, e proseguem pelo rio dos *Porrudos*, agoas arriba, com a mesma ordem e cautelas, pör ser elle tambem frequentado pelo gentio *Paiaguá*; e com 5 ou 6 dias de viagem tomão a barra do rio *Cuiabá*.

Proseguindo a sua derrota por este ultimo, na mesma fórma que nos dous antecedentes, por nelle tambem exercitar as suas piratarias o gentio *Paiaguá*, concluem finalmente a sua viagem com 15 dias de navegação por este rio, quando elle não vai de montã-monte, desembarcando no porto, que dista da Villa do *Cuiabá*, hum quarto de legoa mais ou menos. Esta Villa inui bem conhecida não carece de ser por nós descripta; lamentaremos sómente o triste estado deste rico

paiz , pelas incessantes perseguições do gentio *Caiapô* , que continuamente ataca e mata habitantes e escravos pelos sitios e lavras , apesar das suas precauções ; o que concorre incrivelmente para o atrasamento da industria e da agricultura.

Agora daremos algumas noções sobre as particularidades dos rios navegados , e natureza de suas margens , a fim de que o leitor forme huma idéa hum pouco mais ampla e adequada desta viagem.

O rio *Tietê* , que se diz ter 180 a 200 legoas de curso , tem a sua origem nas serranias da costa do mar , entre as Villas de *Santos* e *S. Sebastião*. As suas margens são compostas de frondosos e espessos matos , que produzem varias especies de frutas silvestres ; e palmitos , de que se utilisão os navegantes. Entre as arvores fructiferas he digna de nota a que produz a fructa chamada *Jataíz* , que não sabemos classificar ; mas cuja casca he de tal grossura , que os gentios e sertanejos della fabricão canoas , em que navegão. Do seu lenho , por ser mui sólido , e de muita duração , se servem os moradores com vantagem para a fabrica de seus Engenhos de assucar ; e da rezina , que com profusão destillão as suas raizes , se utilisão os Indios para as suas luzes , e para varios encites , que usão trazer nas orelhas e beiços , preparando-a para este ultimo fim de maneira , que muito se assemelha ao verdadeiro alambre. Estes bosques são

todos povoados de grande quantidade de caças, e de innumeravel variedade de aves. O rio he tambem fertilissimo de optimos pescados, entre os quaes ha algumas especies de tal grandeza, que pezão depois de secos arroba e meia, e duas arrobas; por isso os habitantes das Villas de *Porto-Feliz*, de *Itú*, e de *Sorocaba* fazem expediçoens ao sertão de 6 e 7 dias de viagem para o fim de suas pescarias e salgas, que depois vendem ao povo. No espaço navegado, desaguão neste rio — O *Capivari*, na margem direita, dia e meio de viagem de *Porto-Feliz*, que terá 5 ou 6 braças de largura, e as suas cabeceiras ao rumo de N: — O *Sorocaba*, que passando pela Villa deste nome, desemboca duas leguas, mais ou menos, abaixo da barra do *Capivari*; na margem esquerda, com a largura de 8 braças; este rio dizem ter a sua origem nas serras da costa do mar, na altura da Villa da *Conceição de Itanhaen*: — O *Pirassicaba*, que desemboca na margem direita com a largura de 10 ou 12 braças, dois dias de viagem abaixo do *Sorocaba*: este tem as suas vertentes ao N. na entrada de *Goiáz*: — O *Jacarepipira*, 5 ou 6 dias de viagem abaixo da barra do antecedente, na margem direita, com a largura de 4 braças mais ou menos; e logo mais abaixo desemboca outro do mesmo nome; porém com o duplo da largura do primeiro: ambos estes rios parecem ter as suas vertentes ao N.

O rio *Grande*, ou *Paranam*, abunda igualmente em excellente peixe, e nas suas margens se encontrão do mesmo modo as frutas e abundancia de caças; accrescendo sómente os *Cervos*, que nas do *Tieté* se não encontrão. Durante o curso, que se discorre nesta viagem, desaguão no *Paranam* — O rio *Guacurii*, na margem direita, quasi defronte da barra do *Tieté*, com a largura de 10 braças; cujas vertentes se julgão ao Norte: — O *Agoapetuz*, abaixo da barra do *Tieté* hum dia de viagem, com a largura de 4 braças; o qual tem as suas vertentes a E. na estrada de *S. Paulo* para *Viamão*. O rio *Verde*, abaixo do *Agoapetuz* hum dia de viagem, na margem direita, com a largura de 10 braças, e as vertentes ao N. O rio *Orelha de Onça*, logo abaixo do Rio *Verde*, com pequena largura, e as vertentes ao mesmo rumo do precedente. O rio *Pardo*, meio dia de viagem abaixo do *Orelha de Onça*, com a largura de 10 braças.

O rio *Pardo*, além das particularidades já descriptas na derrota, tem a de serem as suas cristalinas agoas mui saborosas e saudáveis, pela virtude, que lhe communica a sarça parri-lha, que crião as suas margens. Estas são como as dos precedentes, até ao primeiro salto do *Cayurú*, menos na abundancia de frutas, que he compensada pelo mel das abelhas, em que abundão; porém deste salto para cima, ellas se compoem de deliciosas e exten-

nas campinas, povoadas de muita variedade de caças, entre as quaes se encontram Veados brancos, perdizes, e codornizes, e tudo com profusão; o que convida e attrahe os viandantes a saltarem das canoas, para se divertirem e aproveitarem desta abundancia; mas o temor de cahir em alguma trama do indomito e ardiloso gentio *Caiapó*, priva a muitos do gozo deste util divertimento, e os que não podem resistir a este incentivo, tem o cuidado de usar de todas as precauçoens possiveis para não perecerem ás mãos destes selvagens. Os rios, que desagão no rio *Pardo*, são = O *Nhandui-guassú*, com 6 braças de largura; o *Nhandui-meri*, hum pouco menos largo; e o *Sucuri* com 2 braças; os quaes todos desembocão na margem esquerda, e tem suas vertentes a O.

O pequeno rio *Camapoan*, que corre entre matos menos povoados de caça, he tambem menos fertil de pescados, pela pouquidade de suas agoas: as suas vertentes são a E.

O rio *Coxiim* corre entre ribeiras ferteis de caça; mas não se encontram nellas as frutas silvestres, as suas agoas são excellentes e salutariferas; a sua largura he de 8 braças; as suas vertentes ficão ao SO. Este rio he navegado em toda a sua extensão pelo gentio *Cayapó*. Poucos rios desagão no *Coxiim*, e só dous são conhecidos pelos nomes, que lhe poserão os primeiros descobridores, que vem a ser, o rio

da *Cilada*, da mesma grandeza do *Cumapuan*, com as vertentes ao N, em que o gentio *Cayapó* tem a maior força de seus alojamentos; e o rio *Jatirú*, maior duas vezes que o primeiro, e com as vertentes ao mesmo rumo.

O rio *Taquari* he ainda mais fertil de pescados que o *Coxiim*; as suas ribeiras compostas de matos, e de aprasiveis campinas, são todas povoadas da mesma variedade e abundancia de caças: nellas exercita tambem as suas correrias o gentio cavalleiro, denominado *Guaiacuru*, que tem os seus alojamentos na altura do rio *Igatimi*, que desemboca no *Paranam*. Este rio *Taquari*, de 60 braças de largura, mais ou menos, tem as suas vertentes ao N, e corre para O: as suas agoas não são boas por trazerem muitas arêas. Nos pantanaes que elle fórma se crião muitas aves, entre cuja diversidade se notão as chamadas *Anhupocas*, da grandeza de huma perúa, que a natureza defendeu com huma ponta na cabeça, reputada antidoto de venenos, e duas nos encontros; fazendo-as ao mesmo tempo das mais formosas de todo o sertão: o seu canto, da meia noite para o dia, serve de relógio para o rendimento das sentinellas, que velão sobre o gentio *Payaguá*, mais frequente do *Paraguai* em diante. No *Tieté* ha tambem huma especie das mesmas aves, a que chamão *Anhumas*, as quaes só differem das primeiras em serem todas pretas.

O *Paraguai* tem mais de 60 braças de

largura ; as vertentes a O, e a corrente para o S : por elle acima até o *Taurú* navegação os que vão para *Mato-Grosso*. As agoas deste rio são pessimas por quentes e cheias de arêas ; mas nellas se cria grande fartura de pescados, entre os quaes se encontrão os chamados *Tesouras* ; pequenos peixes bem conhecidos, que n'hum instante despedação tudo quanto cabe na agua. As suas beiradas tem a mesma variedade de caças, que as do precedente. Alguns com mais fundamento derivão o nome deste rio do gentio *Payaguá* que habita as suas ribeiras ; outros querem que venha da Cidade de *Paraguay*, por perto da qual elle passa a incorporar-se com o *Paranam* ; sendo mais provavel que fosse elle que emprestasse o seu nome á Cidade.

O *Cuiabá*, além de gozar das mesmas particularidades dos precedentes, pelo que respeita á caças e pescados, tem a de se encontrar logo acima da sua barra, dia e meio, ou dois dias de viagem, na sua margem esquerda, hum famoso bananal, do qual se utilisão com profusão os viandantes, e os Indios que vivem por estas paragens, sem que já mais se lhe reconheça desfalque sensivel. Além disso as suas campinas crião o arrôz com huma abundancia incrível, e de melhor qualidade que o cultivado, por ser muito graúdo. Neste rio desaguão - o *Guaxu-grande* ; o *Guaxu-pequeno* ; e o *Carandá*, que manão dos pan-

anaes , que ficão a E. Logo acima do *Carandá* desemboca o rio dos *Tutiz* , que tem as vertentes a O , na estrada que vai por terra do *Cuiabá* a *Mato-Grosso*. No interior destas ribeiras vivem muitos gentios *Bororos* , e *Pariciz* , dos quaes se servião os primeiros descobridores para a conquista das outras naçoens , por serem valorosos , e insignes brigadores.

---

*Historia do Rio de Janeiro , Descobrimto , e primeira restauração deste Territorio.*

**A**S confusas , e mal seguras noções , que a nossa Corte havia acerca das terras e mares , que seguem da Bahia de Todos os Santos para o S. até ao rio da *Prata* ; o incrível ardor dos nossos grandes Reís no proseguimento das novas descobertas , que tanto illustrarão o nome Portuguez , dilatando o vasto campo dos conhecimentos humanos ; este espirito indagador , que passando do immortal D. Henrique , parecia fazer parte da rica herança dos nossos Reinantes ; agora na Pessoa do Senhor D. João III. , o instigarão a esquipar huma Armada , cujo commando entregou a *Martim Affonso de Souza* , seu Conselheiro , ordenando-lhe que explorasse estas terras e mares ; e estabelecesse huma Colonia no lugar , que para

isso achasse mais idóneo , em alguma das mesmas terras do S.

Partio a Armada em 1530 , e chegando com prospera viagem pela altura de 23 grãos , avistando terra , mandou o Commandante cozer-se com ella , e no primeiro de Janeiro de 1531 se divisou hum grande boqueirão , formado por altos penhascos , com huma grande lagem no meio , a qual dividindo as agoas , formava duas barras para o interior de huma dilatada bahia , entresemeada de muitas ilhas de diferentes aspectos. Era este sitio chamado pelos naturaes , Nelheroy , e Martim Affonso o denominou Rio de Janeiro , pelo haver descoberto no mez deste nome. Fundeadas as embarcaçoens fóra da barra , metteu-se Martim Affonso em huma pequena lancha , e abordando terra , desembarcou junto ao Pão de Assucar , na praia que até certo tempo conservou o nome de porto de Martim Affonso de Souza , e depois praia vermelha. Explorado o terreno se retirou a seu bordo , despresando todas as commodidades deste bellissimo paiz , talvez por não expor a sua tropa e colonos ás contingencias de huma guerra perigosa com os Indios deste Continente ; e daqui se ausentou , proseguindo em dar cumprimento ás Reas Ordens , na exploração da Costa.

Por toda a Europa se divulgou logo , que o Estado do Brazil não era menos rico , que dilatado ; e com isto incitadas muitas Naçoens

estranhas , concorrerão a procurar nos seus portos saciar a sua cobiça. Entre todas estas , a Nação Franceza se houve com mais pertinacia , expedindo varias Náos dispersas para as Capitánias principaes deste Estado , procurando com ardilosa manha introduzir-se com os Indios habitadores destas Provincias , e colher as conveniencias , que lhes segurava o seu valor , e a cavillosa arte , com que fomentavão a inimisade dos naturaes para com nosco ; e posto que nestas expedições recebessem não pequeno estrago dos nossos valentes Capitães Pedro Lopes de Souza , Luiz de Mello da Silva , e Christovão Jaques , que lhes metterão muitas embarcações a pique , e aprisionarão outras , todavia nunca desistirão de sua empresa , á que os estimulavão os dous poderosos moveis , o amor da gloria , e o das riquezas.

Em 1555 o Almirante de Coligny mandou ao Cavalheiro Nicoláo Durand de Ville-gagnon , natural de Provins na Basse-Brie , a estabelecer no Brazil huma Colonia de Calvinistas ; o qual surgindo em Cabo-Frio pelos annos de 1556 , ahi foi benevolamente agasalhado pelos Indios Tamoios , habitadores daquelle porto , os quaes , como tivessem violado a fé promettida aos Portuguezes , que habitavão a Villa de Santos , e Capitania de S. Vicente , ( que nesse tempo tinhão o dominio de todas as nossas povoações do S. ) sob o especioso pretexto de recebidos aggravos , esti-

marão o soccorro, que liberal a fortuna lhes offerencia para ruina de seus imaginados contrarios. Villegagnon era muito astuto para deixar perder occasião tão favoravel aos seus intentos; e a fim de melhor se conciliar os animos dos Indios, lhes prometteu voltar breve com maiores forças, para vingar suas injurias com a oppressão de seus inimigos. Os Tamoios da sua parte, em signal da firme alliança, que em odio nosso estabelecião com os novos hospedes, lhes carregarão as embarcaçoens dos diversos generos do paiz, e principalmente de Páo-Brazil, muito estimado ja em toda a Europa.

Recolhido Villegagnon á sua patria, preparou com toda a brevidade maior apparatus militar na esperança de realisar os seus ambiciosos e usurpadores planos; e tornando com igual fortuna a surgir segunda vez no mesmo porto, assegurou aos Indios huma amizade mais util e constante que a dos Portuguezes, de cujas armas promettia defende-los com todo o poder da Nação Franceza. Os Tamoios, firmes nos seus sentimentos de vingança derão prazme a estas promessas; e Villegagnon começou logo a fortificar em fórma a Ilha, a que deixou o seu nome, e varios lugares em torno desta enseada, com grande pasmo e expectação do gentio, o qual fiava a nossa total expulsão do Sul, da disciplina, e amizade do seu novo alliado.

Quatro annos havia que os Francezes dominavão esta porção de terra, confederados com os Tamoios, já algum tanto civilizados com o polido trato daquelles; e de tal modo infestavão huns e outros estes mares, e toda a costa, que foi preeiso applicar maiores forças para atalhar os progressos, com que procuravão dilatar o seu dominio nesta Provincia. Avisando o Governador de S. Vicente ao Governador General do Estado Mem de Sá, sobre o critico estado das cousas, este fez logo seiente á nossa Corte de como os Francezes se achavão desde 1556 estabelecidos, e cavillosamente apossados da enseada do Rio de Janeiro; havendo grangeado a amizade dos Indios, que agora auxiliados por elles, discorrião por toda a costa, augmentando as suas hostilidades contra os Portuguezes. Estas noticias derão grande abalo ao nosso Ministerio, e sendo logo partiepadas a S. A. a Senhora D. Catharina, que pela menoridade de seu Neto, o Senhor Rey D. Sebastião, regía o Reino, ella fez immediatamente expedir huma Armada, que dirigio ao Governador General Mem de Sá, ordenando-lhe que procurasse com todas as forças lançar fóra aquella ignominia do Nome Portuguez.

Em consequencia desta ordem se fez logo prestes o Governador General, e partio da Bahia de Todos os Santos a 16 de Janeiro de 1560, com huma Armada composta de 2

Nãos, e 8 ou 9 Navios; e avistando com feliz viagem a barra do Rio de Janeiro, expedio hum aviso para a Capitania de S. Vicente, donde em breve lhe veio hum Bergantim, guarnecido de artilheria e tropa. Reunindo essas forças, investio o Governador General com a barra, e a entrou felizmente no dia 21 de Fevereiro do mesmo anno. Entrando soube logo que pelo rio dentro se achava hum Náo de Villegagnon, e a mandou sem demora tomar pela Galé Ezanza. Quando o Capitão-Mór, e os mais da Armada virão a Fortaleza, que ainda conservava o nome de Villegagnon, mais para gloria nossa, que honra sua, a muita artilheria que a guarnecia, a aspereza de sua situação, e a desproporção das nossas forças, prudentes receavão o seu acomettimento na incerteza do successo; pelo que requererão a Mem de Sá, que primeiro intimasse aos Francezes, que abandonassem a sua usurpação, o que sendo effectuado produzio sómente hum insultante e soberba resposta. Estimulados os animos insofridos dos Portuguezes, determinou o Governador General do Estado atacar os inimigos; e dirigindo-se áquella Ilha, penetrando com hum constancia inaudita por meio do excessivo fogo, que ella fulminava sobre as nossas embarcações; conseguiu finalmente ganhar terra, e estabelecer nella hum bateria de artilheria grossa, com a qual bateo a fortaleza por espaço de dous

dias, e duas noites; porém vendo o pouco effeito do seu fogo, que se perdia nos rochedos, que amparavão a fortaleza, animando à sua tropa, determinou assalta-la por todas as partes ao mesmo tempo a peito descoberto; em huma sexta feira 15 de Março. Ganhado assim o monte chamado das palmeiras, e animados os soldados com tão feliz succésso; proseguirão com ardor na peleja, obrando nesta renhida acção prodigios do valor mais esforçado; até que o inimigo desesperando de contrastar a coragem Portugueza, tomou o partido de huma precipitada fuga, protegida das sombras da noite, salvando-se em canoas aquelles, que havião escapado á violencia do ferro, ou de voar com trinta dos seus camaradas pela explosão da casa da polvora, á qual o fogo se communicou, ou por descuido seu, ou por deligencia dos nossos. Os que restarão desta derrota, occultarão-se no interior do Sertão, deixando aos Portuguezes lograr as palmas de huma gloriosa victoria; porém estes passando á terra firme em seu alcance, lhes destruirão as suas fabricas, e lavouras, com que pertendião conservar-se isentos do dominio Portuguez. Ganhada a Ilha do Villagagnon, é desalojado o inimigo de toda esta grande enseada, se fizerão Acçoens de Graças ao Deos das Victorias; com a solemne Missa, a primeira que neste sitio se celebrou.

O Governador General pertendeu povoar;

e guarnecer de Portuguezes todos estes lugares ; porém desistio deste intento , por não enfracar o Estado , dividindo as suas forças ; e demolindo a fortaleza , fazendo recolher as armas , artilheria , e despojos do inimigo , velejou para a Capitania de S. Vicente , e depois de visitadas todas as nossas povoações do Sul , voltou para a Bahia , onde foi recebido , juntamente com os seus soldados e mais pessoas desta expedição , em triumpho , entre vivas e acclamações do povo.

Por carta datada de S. Vicente a 16 de Junho de 1560 , que se conserva na Torre do Tombo , participou Mem de Sá á Serenissima Senhora D. Catharina , a feliz victoria que alcançára do orgulho Francez , e Tamoios do Rio de Janeiro , narrando-lhe as particularidades deste successo. Deste precioso monumento , que tanta honra faz á sua memoria , se colhe que os inimigos erão para cima de 1120 , em cujo numero entravão coadjuvando 1000 Tamoios escolhidos , e tão bons espingardeiros como os Francezes , e que os nossos , não passando de 260 , sómente 120 erão Portuguezes , e os mais erão gentios , pela maior parte desarmados , e com pouca vontade de pelejar : que a nossa perda foi diminuta em comparação da do inimigo ; e que estes Calvinistas , professando hum odio inveterado aos Catholicos , costumavão da-los a comer aos Indios , cevando-se nestes horrores a crueldade

de de huns e outros ; como pouco tempo antes havião praticado em S. Vicente. Terminaremos este começo da Historia do Rio de Janeiro transcrevendo fielmente dois artigos notaveis desta carta , que julgamos dever ao conhecimento do publico. ,, Mr. de Villaganhão ,, diz ella ,, havia 8 ou 9 mezes que ,, se partíra para França , com determinação ,, de trazer gente e Náos para hir esperar as ,, de V. A. , que vem da India , e destruir , ,, ou tomar todas estas Capitánias , e fazer-se ,, hum grande Senhor. Pelo que parece muito ,, do serviço de V. A. mandar povoar este Rio ,, de Janeiro , para segurança de todo o Bra- ,, zil , e dos outros muitos máos pensamen- ,, tos ; porque se os Francezes o tornão a po- ,, voar , hei medo que seja verdade o que ,, Villaganhão dizia - que todo o poder de ,, Hespanha , nem do Gram-Turco o poderá ,, tomar. - Mem de Sá conclue dizendo.

,, Por outra via escrevi a V. A. do estado ,, da terra , e do que foi no Peroaçu ; o que ,, peço agora a V. A. he , que me mande hir , ,, porque já sou velho , e sei que não sou pa- ,, ra esta terra. Devo muito , porque guerras ,, não se querem com miseria , e perder-me- ,, hei , se mais cá estiver. Nosso Senhor a vida ,, e Estado de V. A. accrescente. ,,

*Continuar-se-ha.*

## P O L I T I C A.

*Manifesto da America Septentrional contra a Gran Bretanha, trasladado da Gazeta de Philadelphia.*

Ao Senado e Casa dos Representantes dos Estados Unidos.

**E**U communico ao Congresso certos documentos, que são a continuação daquelles, que já lhe forão apresentados, a cerca dos nossos negócios com a Gran Bretanha.

Sem recuar além da renovação da guerra em 1803, na qual a Gran Bretanha está empenhada, e ommittindo não reparadas injurias de menos monta, a conducta do seu Governo offerece humna serie de actos hostis aos Estados Unidos, como humna nação independente e neutra.

Os Crusadores Inglezes tem constantemente costumado insultar a bandeira Americana na grande estrada das naçoens, e roubar e levar pessoas; que navegão debaixo della; pondo em practica, não hum direito belligerante, fundado sobre a lei das naçoens contra hum inimigo, mas sim hum privilegio municipal sobre vassallos Britannicos. A jurisdicção Ingleza se tem desta sorte estendido aos navios neutros em circumstancias, em que nenhuma lei póde ter vigor, salvo a lei das naçoens, e as leis do paiz, a que os navios pertencem; e assumio hum

desforço, que se os vassallos Inglezes fossem injustamente detidos, e só incommodados, he aquella substituição de força ao recurso do responsável Soberano, que se comprehende na definição da guerra. Ainda que a preza dos vassallos Inglezes em taes casos se pudesse considerar, como pertencendo ao exercicio de hum direito belligerante, as leis reconhecidas da guerra, que vedão que seja adjudicado artigo algum de propriedades apreçadas, sem hum regular processo perante o tribunal competente, exigiria imperiosamente o mais delicado exame, quando se trata dos sagrados direitos das pessoas. Em vez deste exame, semelhantes direitos forão sujeitos á vontade de qualquer pequeno commandante.

Contra esta escandalosa enormidade, que a Gran Bretanha seria tão pronta em vingar, se fosse commettida contra ella, debalde os Estados Unidos tem esgotado queixas, e reclamaçoens. E para que não faltasse prova alguma das suas disposiçoens conciliatorias, e não restasse algum pretexto para a continuação daquella pratica, o Governo Inglez foi certificado formalmente de que os Estados Unidos estavam prontos a entrar em convençoens, taes que não podessem engeitar-se, se a restituição dos vassallos Britannicos fosse o real e unico objecto. A communicação não teve effeito.

Os Cruzadores Inglezes estão igualmente na

pratica de infringir os direitos e a paz das nossas costas. Investem e danão o nosso commercio de importação e exportação. A's mais insultantes pretensões tem acrescentado os mais illegitimos procedimentos em nossas mesmas enseadas : e tem tido a impudencia de derramar o sangue Americano dentro do Sanctuario da nossa jurisdicção territorial. São muito bem conhecidos os principios e regras, que aquella nação põe em vigor, quando huma nação neutra se acchega ás suas costas contra navios armados dos belligerantes, e perturba o seu commercio. Todavia quando os Estados Unidos reclamavão castigo das maiores offensas commettidas pelos seus vassallos, o seu Governo concedia aos seus commandantes novos signaes de honra e confiança.

Sob pretendidos bloqueios, sem a presença de huma força proporcionada, e algumas vezes sem a possibilidade de a empregar, o nosso commercio tem sido saqueado em todos os mares; os grandes emporios do nosso paiz tem sido privados de seus legitimos mercados; e descarregou-se sobre a nossa agricultura e interesses maritimos hum golpe destructivo. Para aggravar mais estas medidas piraticas, ellas hão sido consideradas como em vigor desde as datas da sua notificação; accrescentando-se desta sorte hum effeito retrospectivo, como em outros casos importantes se ha feito, ás illegalidades da carreira, que havião

seguido. E para fazer mais assignalado o insulto, aquelles illusorios bloqueios se tem reiterado, e reforçado em presença de communicações officiaes do Governo Britannico, declarando como verdadeira definição de hum legitimo bloqueio; " que portos particulares devem estar effectivamente cercados, e deve-se primeiro avisar aos navios para alli dirigidos que não entrem. ,,

Este procedimento, hem longe de affectar só vassallos Inglezes, sob o pretexto de procurar a estes, milhares de cidadãos Americanos, debaixo da salvaguarda da lei publica, e da sua bandeira nacional, tem sido arrancados da sua patria e de quanto lhes era mais grato; arrastados para bordo dos navios de guerra de huma nação estrangeira, e exposta, sob o rigor da sua disciplina, a serem desterrados para os climas mais remotos e mortiferos, arriscarem suas vidas combatendo pelos seus oppressores; e serem os melancolicos instrumentos de tomarem os de seus proprios irmãos.

Não contente com estes occasionaes expedientes para arruinar o nosso commercio neutro, o Gabinete da Gran Bretanha recorreu a final ao assolador systema do bloqueio, sob o nome de Ordens do Concelho, que forão moldadas, e dispostas, da maneira mais ajustada ás suas vistas politicas, ao seu ciúme mercantil, ou á cobiça dos Cruzadores Inglezes.

A primeira resposta ás nossas representa-

çoens contra a complicada e transcendente injustiça desta innovação, foi que a Gran Bretanha adoptava a seu pezar as Ordens, como hum necessario desforço aos decretos do seu inimigo, que proclamavão hum bloqueio geral das Ilhas Britannicas, ao tempo em que a força naval daquelle inimigo não ousava sahir dos seus portos. Lembrou-se-lhe debalde, que os seus antecedentes bloqueios, não sustentados por huma força naval proporcionada effectivamente empregada, e continuada, erão hum embaraço a esta desculpa; que edictos executados contra milhoens dos nossos bens, não podião ser vingança de edictos, que elles confessavão impossiveis de executar; que a vingança, para ser justa, devia cahir sobre a parte, que deu o exemplo criminoso, e não sobre o innocente, que nem ainda era culpavel por haver a elle annuido.

Privada do delgado veo, que era a prohibição do nosso commercio com o seu inimigo, por haver este da sua parte revogado a prohibição do nosso commercio com a Gran Bretanha, o seu Gabinete, em vez de huma correspondente revogação, ou pratica suspensão das suas ordens, formalmente affirmou a sua determinação de persistir contra os Estados Unidos até que se abrissem os mercados de seu inimigo ás producções Britannicas; impondo desta maneira a huma potencia neutra a obrigação de exigir de hum Belligerante,

que por suas interiores ordens anime o commercio de outro Belligerante; a despeito do seu proprio côstume com todas as naçoens tanto em paz com em guerra; e atreçoando a sinceridade daquellas protestaçoens, que induzião a crer que, havendo a seu pezar recorrido ás Ordens, aproveitaria soffregamente huma occasião de pôr fim a ellas.

Abandonando ainda mais toda a attenção aos direitos neutros dos Estados Unidos, e para sua propria consistencia, o Governo Britannico exige actualmente como hum precedente requisito á revogação das suas Ordens, em quanto dizem respeito aos Estados Unidos, que se observe formalidade na revogação dos Decretos Francezes, de nenhuma sorte necessaria á sua terminação, e que não tem exemplo na pratica da Inglaterra; e que a revogação Franceza, além de incluir aquella porção de decretos, que tem effeito dentro de huma jurisdicção territorial, bem como aquella que está em vigor no alto mar contra o commercio dos Estados Unidos, não fosse huma especial revogação a respeito dos Estados Unidos, mas se estendesse a quaesquer outras naçoens neutras, que com elles não tivessem relações, a quem pertencessem aquelles decretos. E com hum insulto adicional são convidadas a huma formal negativa das condições e pretençoens avançadas pelo Governo Francez, peals quaes os Estados Unidos es-

tão tão longe de se fazerem responsaveis , que em officiaes explicaçõens , que se tem publicado , e em huma correspondencia do Ministro Americano em Londres com o Ministro Inglez dos Negocios Estrangeiros , semelhante responsabilidade estava explicita e emphaticamente renunciada.

Na verdade tem-se feito sufficientemente certo , que o commercio dos Estados Unidos deve ser sacrificado , não como opposto aos direitos belligerantes da Gran Bretanha , não por suprir as precisoens dos seus inimigos , que ella mesma suppre ; mas como opposto ao monopolio , que ella cobica para o seu proprio commercio e navegação. Ella entra em huma guerra contra o legitimo commercio de hum amigo , para melhor se entregar a hum commercio com hum inimigo , commercio polluto pelas trapaçãs e perjurios , que são pela maior parte os unicos passaportes , com os quaes elle se faz.

Querendo tudo tentar , salvo os ultimos recursos das naçoens injuriadas , os Estados Unidos tem embaraçado á Gran Bretanha , debaixo de successivas modificações , os beneficios de huma livre communicação com o seu mercado , a perda dos quaes sem duvida sobrepujaria os proveitos provenientes das suas restricçoens ao nosso commercio com as outras naçoens. E para authorisar estas experiências para a mais favoravel consideração , erão de tal sorte estribadas , que o seu adversario

ficava fóra do alcance de practica-las. O seu Governo foi igualmente inflexivel a este desafio, como se quizesse fazer sacrificios de toda a casta, antes do que dar ouvidos aos brados da justiça, ou renunciar aos erros de huma falsa soberba. Pelo contrario as diligencias empregadas estavam tão longe de vencer o aferro do Gabinete Inglez aos seus injustos edictos, que elle se animou, dentro da competencia do ramo executivo do nosso Governo, a esperar que a revogação delles seria seguida de huma guerra entre os Estados Unidos e a França, se os edictos Francezes não fossem igualmente revogados. Ainda esta communicação não foi attendida, bem que ella pozesse em perpetuo silencio o pretexto de huma disposição nos Estados Unidos para assentir aquelles edictos, originalmente o unico pretexto, que elles tinham.

Se não existisse outra prova de huma predeterminação do Governo Inglez contra a revogação das suas ordens, ella se poderia achar na correspondencia do Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos em Londres, e o Secretario Inglez dos Negocios Estrangeiros, em 1810, sobre a questão se o bloqueio de Maio de 1806 se considerava em vigor, ou não. Havia certeza de que o Governo Francez, que tomava aquelle bloqueio por fundamento do seu Decreto de Berlim; queria, huma vez que elle fosse removido, revogar aquelle de-

creto ; o qual sendo seguido por alternadas revogaçoens de outros edictos offensivos , aboleria todo o systema de ambas as partes. Esta lisonjeira oportunidade para encher hum objecto tão importante aos Estados Unidos , e que tantas vezes se havia confessado ser o desejo de ambos os belligerantes , se fez conhecer ao Governo Inglez. Como aquelle Governo admite que para a existencia de hum bloqueio legitimo he necessaria a actual applicação de huma força sufficiente , e era notorio que , se tal força se applicou alguma vez , a sua longa discontinuação tinha annullado o bloqueio em questão , não podia haver objecção attendivel , da parte da Gran Bretanha , a huma formal revogação delle ; e nenhuma objecção imaginavel a huma declaração do facto que não existia o bloqueio. A declaração teria sido conforme com os seus professados principios de bloqueio , e authorisaria os Estados Unidos a exigirem da França a correspondente revogação dos seus decretos ; ou conseguindo-a , no qual caso ficaria aberto o caminho para huma revogação geral dos edictos belligerantes ; ou não a conseguindo : e neste caso os Estados Unidos terião justificados motivos para voltarem as suas medidas exclusivamente contra a França. O Governo Inglez todavia , nem queria romper o bloquicio , nem declarar a sua não existencia , nem permittir que o Plenipotenciario Americano inferisse e

affirmasse a sua não existencia. Pelo contrario, representando que o bloqueio se comprehendia nas Ordens do conselho, os Estados Unidos foram obrigados a considera-lo como tal nos seus subsequentes procedimentos.

Houve hum periodo, em que huma mudança favoravel na politica do Gabinete Britannico se considerou justamente estabelecida. O Ministro Plenipotenciario de S. M. Britannica nesta Corte propôz hum ajuste das differenças, que mais em particular arriscavão a harmonia dos dois paizes. Aceitou-se a proposta com huma prontidão e cordialidade correspondente á invariavel profissão deste Governo. Apparecia hum fundamento para huma sincera e final reconciliação. Sem embargo, em breve se desvaneceu o prospecto. O Governo Britannico desaprovou todo este procedimento, sem alguma explicação, que podesse então refrear a crença de que a desapprovação procedia de hum espirito de hostilidade aos direitos commerciaes e á prosperidade dos Estados Unidos. E desde então ficou provado que no mesmo instante em que o Ministro publico manejava a linguagem da amizade, e inspirava confiança na sinceridade da negociação, de que estava encarregado, hum secreto agente do seu governo, foi empregado em intrigas, tendo por objecto huma subversão do nosso governo, e a dissolução da nossa feliz união.

Revendo a conducta da Gran Bretanha pa-

ra com os Estados Unidos , a nossa attenção foge necessariamente para a guerra renovada pelos selvagens em huma parte das nossas dilatadas fronteiras ; guerra que se sabe que não poupa a idade , nem a sexo , e que he assignalada por acçoens , que offendem particularmente a humanidade. He difficil referir a actividade e combinaçoens , que ha algum tempo se tem desenvolvido entre as tribus em constante commercio com os negociantes , e guarniçoens Inglezas , sem combinar a sua hostilidade com aquella influencia ; e sem recordar os authenticos exemplos de similhantes interposiçoens , antigamente fornecidas pelos officiaes e agentes daquelle Governo.

Tal he o espetaculo de injurias e indignidades , que se tem amontoado sobre o nosso paiz ; e tal a crise , que os seus soffrimentos sem exemplo , e os seus conciliatorios esforços não poderão desviar.

Ao menos podia esperar-se que huma nação illuminada , menos instada por obfigaçõens moraes , ou menos convidada por disposiçoens amigaveis da parte dos Estados Unidos , acharia só nos seus verdadeiros interesses hum motivo sufficiente para respeitar os seus direitos e a sua tranquillidade no mar alto ; que huma politica liberal houvesse favorecido aquella livre e geral circulação de commercio , no qual a nação Ingleza se interessa em todos os tempos , e que em tempos de guerra he o me-

lhor linitivo das suas calamidades, assim como das outras belligerantes; e mais particularmente, que o Gabinete Inglez não queria por amor de hum trafico precario e subrepticio com os mercados hostis, perserverar em medidas, que necessariamente arriscavão o inavaliavel mercado de hum grande e abundante paiz, disposto a cultivar as mutuas vantagens de hum commercio activo.

Prevalecerão outros conselhos. A nossa moderação e conciliação não tiverão outro effeito mais do que animar a perseverança, e dilatar as pretençoens. Nós vimos os nossos cidadãos nevegantes ainda victimas diarias de illegitimas violencias commettidas sobre a grande commum e real estrada das naçoens, ainda á vista do paiz, que os deve proteger. Vimos os nossos navios, carregados com os productos do nosso terreno e industria, ou de volta com os seus honestos resultados, desviados de seus legitimos destinos, confiscados pelos tribunaes das prezas, não já orgãos da lei publica, mas instrumentos de edictos arbitrarios; e as suas mal afortunadas guarniçoens dispersas e perdidas ou forçadas e introduzidas nos portos Inglezes, em esquadras Inglezas; em quanto para defender estas aggressoens, se empregão argumentos, que só tem por fundamento hum principio, que igualmente sustenta huma reclamação para regular o nosso commercio externo em todos os casos, quaesquer que elles sejam.

f

Finalmente nos vemos da parte da Gran Bretanha hum estado de guerra contra os Estados Unidos ; e da parte dos Estados Unidos hum Estado de paz para com a Gran Bretanha.

Se os Estados Unidos hão de continuar passivos sob estas progressivas usurpaçoens , e estes accumulados damnos ; ou oppondo força a força em defeza de seus naturaes direitos , entregar a justa causa nas mãos do Omnipotente Distribuidor dos acontecimentos ; evitando todas as relaçoens , que possão enreda-lo nas contestaçoens , ou vistas de outras potencias , e conservando huma constante prontidão para concorrer para hum honroso restabelecimento da paz e amizade , he huma solemne questão , que a constituição confia prudentemente ao Departamento legislativo do Governo. Recomendando-a ás suas temporás deliberaçoens , tenho a felicidade de affirmar que a decisão será digna dos illustrados e patrioticos conselhos de huma virtuosa , livre , e poderosa nação.

Havendo apresentado este quadro das relaçoens dos Estados Unidos com a Gran Bretanha , e da solemne alternativa , que delle provem , passo a notar que a communicação ultimamente feita ao Congresso acerca das nossas relaçoens com a França , mostrará que depois das revogaçoens dos seus decretos como infractores dos direitos neutraes dos Estados Unidos , o seu governo tem authorisado prezas illegitimas , pelos seus corsarios e publicos

navios, e que se tem praticado outros ultrages nos nossos navios, e nos nossos cidadãos. Ter-se-ha visto tambem que não se tem providenciado indemnidade, ou dado satisfação pelas amplas espoliaçoens committidas sob as violentas e retrospectivas ordens do governo Francez contra as propriedades dos nossos cidadãos apanhadas dentro da jurisdicção da França. Abstenho-me agora de recomendar á consideração do Congresso medidas definitivas acerca daquella nação, esperando que o resultado das claras discussões entre o nosso Ministro Plenipotenciario em París e o Governo Francez em breve habilitará Congresso para decidir, com maior vantagem sobre o que se deve aos direitos, enteresses, e honra da nossa Patria.

*James Madison.*

Washington, 1 de Junho de 1812.

---

*Declaração de Luiz XVIII., Rei de França.*

**C**Hegou finalmente o momento, em que a Divina Providencia parece disposta a quebrar o instrumento da sua colera! o usurpador do throno de S. Luis, o devastador da Europa, já soffre desgraças. Servirão ellas sómente pa-

ra aggravar os males da França, e não ousará esta a derribar hum poder odioso, protegido só pelos prestigios da victoria? Que prevençoens, ou que receios poderiam hoje embaraçar-lhe que se lançasse nos braços do seu Rei, e reconhecesse no restabelecimento da sua legitima authoridade, o unico penhor da união, da paz, e da felicidade que as suas promessas tantas vezes tem affiançado a seus opprimidos vassallos?

Não querendo, não podendo dever senão aos esforços destes o throno que só os seus direitos e o amor dos seus vassallos podem firmar, que votos serão contrarios a aquelles que elle não cessa de formar? Que duvida pôde haver acerca das suas intençoens paternaes?

O Rei disse nas Deliberaçoens precedentes, e de novo o affirmo, que os corpos administrativos, e judiciaes serão conservados em toda a extensão dos seus empregos; que Elle conservará os lugares aos que nelles estiverem providos e que lhe prestarem juramento de fidelidade; que os tribunaes depositarios das leis não sindicarão acerca daquelles tempos desgraçados, dos quaes a sua tornada sellará para sempre o esquecimento; que finalmente o codigo infamado com o nome de Napoleão, mas que não contém em grande parte mais do que as antigas Ordenaçoens, e praticas do Reino, ficará em vigor, excepto as disposiçoens contrarias aos dogmas religiosos.

sujeitos ha muito , bem como a liberdade do povo , aos caprichos do tiranno.

O Senado , onde se sentão homens , que os seus talentos tão jüstamente distinguem , e que tantos serviços podem illustrar aos olhos da França e da posteridade ; este corpo , cuja utilidade e importancia só se poderão reconhecer bem depois da restauração , póde deixar de perceber o glorioso destino , que o chama a ser o instrumento do grande beneficio que virá a ser a segurança mais solida e mais honrosa de sua existencia e de suas prerogativas ?

Quanto ás propriedades , o Rei que tem já annuciado a tenção de empregar os meios mais proprios para conciliar os interesses de todos , vê que as numerosas transacçoens , que tem tido lugar entre os antigos e os novos proprietarios , tornão este cuidado quasi superfluo. Elle se obriga a prohibir aos tribunaes todo o procedimento contrario á aquellas transacçoens , a animar as convençoens voluntarias , e a dar elle mesmo , e a sua familia , o exemplo de todos os sacrificios , que poderem contribuir para o descanso da França , e a união sincera dos Francezes.

O Rei tem affiançado ao exercito a conservação dos graos , empregos , soldos , e vencimentos de que ao presente goza ; promette tambem aos Generaes , Officiaes , e Soldados , que se distinguirem a favor da sua causa ,

inseparavel dos interesses do povo Francez, recompensas mais reaes, distincões mais honrosas do que aquellas, que podião receber de hum Usurpador, sempre prompto a desconhecer, e ainda mesmo a temer os seus serviços. O Rei se obriga de novo a abolir aquella conscripção funesta, que destroe a felicidade das familias, e a esperança da Patria.

Taes tem sido sempre, taes são ainda as intenções do Rei. O seu restabelecimento sobre o throno de seus antepassados será para a França a feliz passagem das calamidades de huma guerra, que perpetúa a tyrannia, aos beneficios de huma paz solida, da qual as Potencias estrangeiras só podem achar a garantia na palavra do Soberano legitimo.

Hartwell, 1.º de Fevereiro de 1813.

L.

---

*Declaração do Principe Regente da Gran Bretanha contra os Estados Unidos da America.*

**O**S ardentes esforços do Principe Regente para conservar as relações de paz e de amizade com os Estados Unidos da America, havendo sido infelizmente infructiferos, S. A. R. em nome e da parte de S. M., julga acertado declarar as causas e a origem da guerra,

em que o Governo dos Estados Unidos o tem obrigado a entrar.

Nem se imputarão, nem se podem no caso presente imputar á Gran Bretanha alguns dezejos de conquista, nem outros motivos ordinarios de aggressão: que os seus interesses commerciaes a inclinavão á paz, se Ella podesse evitar a guerra, sem fazer o sacrificio de seus direitos maritimos, ou sem huma injuriosa submissão á França, he huma verdade não poderá negar o Governo Americano.

Sem embargo S. A. R. não pertende descançar sobre a favoravel presumpção, a que tem direito. Ella está pronta a provar por huma exposição das circumstancias, que produzirão a guerra actual, que a Gran Bretanha se tem constantemente conduzido para com os Estados Unidos da America com hum espirito de amizade, de moderação, e de conciliação, e demonstrar a natureza inadmissivel das pretensões, que a final poserão desgraçadamente em guerra as duas naçoens.

Todo o mundo conhece que o fito invariavel do Dominador da França tem sido destruir o poder e a independencia do Imperio Britannico, como o principal obstaculo ao complemento de seus ambiciosos projectos.

Primeiro imaginou que lhe era possivel ajuntar na *Mancha* huma força naval, que combinada com huma numerosa flotilha, o pozesse em estado de desembarcar na Ingla-

terra hum exercito sufficiente ( como elle cria ) para subjugar o paiz ; e pela conquista da Gran Bretanha , esperava realizar o seu projecto de Imperio universal.

A adopção de hum plano de defeza interior mais extenso e acautelado , e o valor das esquadras e exercitos de S. M. , frustrarão inteiramente este plano : e as forças navaes da França , depois dos destroços mais assignalados , forão obrigadas a retirar-se do Oceano.

Fez-se então outra tentativa para desempenhar o mesmo objecto por outros meios ; estabeleceu-se hum systema , pelo qual o Dominador da França esperava anniquillar o commercio da Gran Bretanha , abalar o seu credito publico , e destruir as suas rendas ; tornar inutil a sua superioridade naval , e aproveitar da sua ascendencia no Continente , de maneira que , se constituísse em grande parte o arbitro do Oceano , apezar da destruição da sua marinha.

Com estas vistas , pelo Decreto de Berlin , seguido do de Milão , declarou que os territorios Britannicos estavam em estado de bloqueio , e que todo o commercio , e ainda mesmo correspondencia com a Gran Bretanha , era prohibido. Decretou que todos os navios e cargas , que houvessem entrado em hum porto Britannico , ou se encontrassem hindo para elle , e que em quaesquer circumstancias houvessem sido registrados por hum navio de

guerra Inglez, serião boa preza : declarou que todas as mercadorias e producçoens Inglezas, em qualquer parte que fossem achadas, e de qualquer maneira que honvessem sido adquiridas, quer viessem da mãï patria, quer das Colonias estavão sujeitas á confiscação; de mais declarou *desnacionalizada* a bandeira de todos os navios neutros, que se achasse em contravenção a estes mesinos Decretos; e deu a este plano de tyrannia universal o nome de systema continental.

Para justificar estas tentativas para arruinar o commercio da Gran Bretanha, por meios subversivos dos direitos mais claros das naçoens neutras, a França tem procurado, mas debalde, estribar-se na conducta anterior do Governo de S. M.

Nas circumstancias de huma provocação sem exemplo, S. M. se havia absterido de toda a medida, que as regras ordinarias da lei das naçoens não justificava plenamente. Nunca a superioridade maritima de hum belligerante sobre o seu inimigo foi mais completa, nem mais decisiva. Nunca o belligerante contrario foi tão terrivelmente perigoso, por seu poder e por sua politica, ás liberdades de todas as outras naçoens. A França tem atropellado já tão abertamente e systematicamente os mais sagrados direitos das Potencias Neutras, que com justiça se pôde pôr fóra do recinto das naçoens civilisadas. Entretanto, neste caso extremo, a

Gran Bretanha havia feito hum uso tal da sua ascendencia naval, que o seu inimigo não podia achar algum justo motivo de queixa; e para dar a aquelles Decretos illegaes a apparencia de huma represalia, o Dominador da França foi obrigado a avançar principios de lei maritima, que erão sancionados por alguma outra authoridade, salvo a sua propria vontade arbitraria.

Os pretextos daquelles Decretos forão, primeiramente que a Gran Bretanha havia exercido os seus direitos de guerra contra pessoas particulares, sem navios e bens, como se o unico objecto de legitima hostilidade sobre o Oceano fosse a propriedade publica de hum Estado, ou como se os Editos, e os Tribunaes da França não houvessem em todos os tempos posto em vigor este direito com hum rigor singular; em segundo lugar, que as Ordens Britannicas de Bloqueio, em vez de se limitarem ás Cidades fortificadas, havião sido, segundo pertendia a França, illegalmente estendidos ás Cidades e portos de commercio, e ás embocaduras dos rios: — e em terceiro lugar, que havião sido applicados a lugares e costas, que não estavão, nem podião ser realmente bloqueados. A ultima destas accusações não he fundada em facto; em quanto as outras, até por confissão do Governo Americano, são absolutamente despidas de fundamento em direito. S. M. protestou contra es-

tes Decretos, e appellou delles: **Requero** aos Estados Unidos que conservassem os seus direitos, e defendessem a sua independencia assim ameaçada, e atacada; e como a França havia declarado que ella confiscaria todo o navio, que houvesse tocado na Gran Bretanha, ou houvesse sido registrado por embarcações de guerra Inglezas, S. M., havendo de antemão expedido a Ordem de Janeiro de 1807, como hum acto de represalia moderada, foi finalmente obrigado pela violencia constante do inimigo, e consenso continuo das potencias neutras, a fazer cahir sobre a França, de huma maneira mais efficaz, a medida de sua propria injustiça, declarando por huma Ordem do Conselho, datada de 11 de Novembro de 1807, que nenhuma embarcação neutra fosse á França, nem a algum dos paizes, de que o commercio Ingléz era excluido, em obediencia aos mandados da França, sem primeiro tocar hum porto da Gran Bretanha ou suas dependencias. Ao mesmo tempo S. M. annunciou que estava pronta a revogar as Ordens do Conselho, quando a França annullasse os seus Decretos, e voltasse aos principios costumados da guerra maritima; e em huma epoca subsequente para dar huma prova do sincero dezejo, que S. M. tinha de accommodar, quanto fosse possivel, as suas medidas defensivas á conveniencia das Potencias neutras, se limitarão, por huma Ordem de

Abril de 1809, os effeitos das Ordens do Conselho a bum bloqueio da França, e dos paizes sujeitos ao seu dominio immediato.

Systemas de violencia, de oppressão, e de tyrannia, não pôdem ser reprimidos, nem embargados, se a Potencia contra a qual se exercen huma tal injustiça he privada do direito de represalias amplas e sufficientes; ou se as medidas da Potencia, que usa de represalia, devem considerar-se como justos motivos de offensa para com as naçoens neutras, em quanto as medidas de primeira aggressão e violencia se devem tolerar com indifferença, submissão, ou complacencia.

O Governo dos Estados Unidos não deixou de fazer representaçoens contra as Ordens do Conselho da Gran Bretanha. Ainda que elle sabia que estas Ordens serião revogadas, se fossem annullados os Decretos da França, que os havião occasionado, elle se determinou no mesmo momento a resistir aos procedimentos dos dois belligerantes, em lugar de exigir primeiro da França que annullasse os seus Decretos. Applicando com a maior injustiça a mesma medida de ressentimento ao aggressor, e a parte lesada, tomou medidas de resistencia commercial a hum e a outro, — systema de resistencia, que, sendo diversificado nos actos successivos de Embargo, de Não-communicação, ou de Não-Importação, era evidentemente desigual em seus effeitos, e principal-

mente dirigido contra o commercio e poder maritimo, superiores da Gran Bretanha.

A mesma parcialidade para com a França foi notavel em suas negociações, bem como em suas medidas de pretendida resistencia.

Requeru-se aos dois Belligerantes a revogação de seus Edictos respectivos, mas os termos, em que se fazião estas reclamações, erão bem differentes.

Requeru-se á França que revogasse sómente os Decretos de Berlim e de Milão, ainda que houvesse aquella Potencia promulgado muitos outros Editos, que grosseiramente attentavão ao commercio neutro dos Estados Unidos. Não se exigio garantia alguma de que os Decretos de Berlim e Milão, ainda mesmo depois de revogados, não se restabelecerião debaixo de qualquer outra fórma: e offereceu-se huma obrigação directa que, depois de huma tal revogação, o Governo Americano tomaria parte na guerra contra a Gran Bretanha, se a Gran Bretanha não annullasse immediatamente as suas Ordens: em quanto se não offereceu obrigação alguma correspondente á Gran Bretanha, da qual se exigia, não só que as Ordens do Conselho fossem revogadas, mas que se não expedissem algumas outras Ordens de similhante natureza, e que se desamparasse tambem o bloqueio de Maio de 1806. Os Estados Unidos não tinham feito objecção alguma contra este bloqueio, estabe-

lecido, e posto em vigor, conforme a pratica costumada na epoca, em que se havia feito. O Ministro Americano, que residia em Londres naquella epoca, havia dito, pelo contrario, que as suas disposições havião sido concertadas de maneira, que offerecião, a seu modo de pensar, huma prova das disposições amigaveis do Gabinete Britannico para com os Estados Unidos.

A' Gran Bretanha se exigio por esta maneira que abandonasse hum de seus direitos maritimos mais importantes, reconhecendo que a ordem de bloqueio, de que se trata, era hum dos Editos, que offendião o commercio dos Estados Unidos, ainda que nunca houvesse sido considerado assim nas negociações anteriores; e ainda que o Presidente dos Estados Unidos houvesse modernamente consentido em annullar o acto da *Não communicação*, com a condição unica que as ordens do Conselho serião revogadas; admittindo assim distintamente que estas Ordens erão, unicos Editos, aos que se podia applicar a lei, em virtude da qual se procedia.

Huma proposta tão hostil para a Gran Bretanha não podia deixar de animar proporcionalmente as pretenções do inimigo; porque allegando deste modo que o bloqueio de Maio de 1806 era illegal, o Governo Americano justificava virtualmente, quanto delle dependia, os Decretos Francezes.

Depois de feita esta proposta, o Ministro Francez dos negocios estrangeiros, se não com este Governo, ao menos conforme as suas vistas, em hum officio datado em 5 de Agosto de 1810, e dirigido ao Ministro Americano residente em París, declarou que os Decretos de Berlin e de Milão estavam revogados, e que o seu effeito cessaria desde o primeiro dia do mez de Novembro seguinte, com tanto que S. M. quizesse revogar as suas ordens do Conselho, e renunciar aos novos principios de bloqueio; ou que os Estados Unidos fizessem respeitar os seus direitos; entendendo por isto que respeitassem as medidas de represalia da Gran Bretanha.

Ainda que a revogação dos Decretos Francezes assim annunciada fosse evidentemente dependente, ou de concessões que a Gran Bretanha devia fazer (condições a que era claro que a Gran Bretanha não podia sujeitar-se) ou de medidas, que os Estado Unidos adoptassem, o Presidente Americano considerou immediatamente a revogação como absoluta. Debaixo deste pretexto o acto de Não Importação foi posto estreitamente em vigor contra a Gran Bretanha, em quanto as embarcações de guerra, e mercantes, do inimigo forão recebidas nos portos da America.

O Governo Americano, presumindo que a revogação dos Decretos Francezes era absoluta e real, requereu muito injustamente á Gran

Bretanha, conforme ás suas Declaraçoens, que revogasse as suas Ordens do Conselho. O Governo Britannico negou que a revogação, que annunciava a Carta do Ministro Francez dos Negocios Estrangeiros fosse tal que devesse satisfazer á Gran Bretanha; e para demonstrar o verdadeiro character da medida adoptada pela França, se requereu ao Governo dos Estados Unidos que produzisse o instrumento, pelo qual se havia effectuado a pretendida revogação dos Decretos Francezes. Se estes Decretos houvessem sido realmente revogados, devia existir aquelle instrumento, e não se podia dar razão alguma satisfatoria para não produzi-lo.

Finalmente, a 21 de Agosto de 1812, e não antes, o Ministro Americano em Londres produziu huma copia, ou ao menos huma cousa que se chamava copia, de hum instrumento daquella natureza.

Elle trazia em apparencia a data de 28 de Abril de 1811, muito posterior ao Officio do Ministro Francez dos Negocios Estrangeiros de 5 de Agosto de 1810, ou ainda ao dia que alli se nomeava, a saber, o 1.º de Novembro seguinte, em que devia cessar o effeito dos Decretos Francezes. Este instrumento reza expressamente que aquelles Decretos estavam revogados em consequencia de haver a Legisatura Americana, por seu Acto 1.º de Março de 1811, decretado que as embarcaçoens e mer-

cadorias Inglezas serião excluidas dos portos e enseadas dos Estados Unidos.

Por este instrumento, unico documento produzido pela America, como huma revogação dos Decretos Francezes, se mostra, sem dar aso a alguma duvida ou contestação, que a pretendida revogação dos Decretos Francezes era condicional, como a Gran Bretanha havia sustentado, e não absoluta, ou definitiva como a America havia pretendido; que não estão revogados na epoca, em que o Governo Americano havia dito que estavam revogados; e que não tinham sido annullados, conforme huma proposta simultaneamente feita aos dois Belligerentes, mas que em consequencia de hum Acto anterior da parte do Governo Americano, forão annullados a favor de hum belligerente com prejuizo do outro; que o Governo Americano, havendo adoptado medidas de restricção sobre o commercio dos dois belligerentes, em consequencia de Edictos promulgados por hum e outro, tem revogado estas medidas na parte, que dizia respeito á Potencia, que havia sido aggressora, em quanto os punha plenamente em vigor contra a parte lesada; ainda que os Edictos das duas Potencias continuassem a ter effeito; e em fim que excluiu as embarcações de guerra pertencentes a hum belligerente, em quanto admittia nos seus portos e enseadas as embarcações de guerra pertencentes a outra; faltando a hum dos

deveres mais claros e mais essenciaes de humanção neutra.

Ainda que o Instrumento assim produzido não fosse de sorte alguma aquella revogação geral e sem reserva, que a Gran Bretanha havia constantemente exigido, e que tinha amplo direito de reclamar; e ainda que este instrumento, vistas todas as circumstancias nas quaes então apparecia pela primeira vez, devesse fazer nascer as mais fortes suspeitas sobre a sua authenticidade; todavia, como o Ministro dos Estados Unidos o produzia como huma chamada copia de instrumento de revogação, o Governo da Gran Bretanha, dezejando voltar, se possivel fosse, aos principios antigos e costumados da guerra maritima, se resolveu a revogar conditionalmente as Ordens do Conselho. Em consequencia, no mez de Junho passado, approve a S. A. R. o Principe Regente declarar em Conselho, em nome e da parte de S. M. que as Ordens do Conselho serão revogadas no que tocava as embarcaçoens e propriedades dos Estados Unidos, desde o 1.º de Agosto seguinte. A revogação devia ficar em vigor, com tanto que o Governo dos Estados Unidos, em hum termo limitado, revogasse as suas leis de restricção contra o commercio Britanico. O Ministro de S. M. na America recebeu Frdem expressa de declarar ao Governo dos Estados Unidos que o Principe Regente havia adoptado aquell-

la medida com o mais ardente dezejo e esperança ou que Governo da França desistindo ulteriormente de seu systema, faria inutil a perseverança da parte da Gran Bretanha nas medidas de represalias, ou que se esta esperança se tornasse illusoria, o Governo de S. M. poderia, em ausencia de todos os regulamentos irritantes, e restrictivos de huma ou outra parte, entrar amigavelmente em explicação com o Governo dos Estados Unidos, afim de provar se no caso em que continuasse infelizmente a fazer sentir-se a necessidade das medidas de represalias, as medias particulares, que a Gran Bretanha devia pôr em effeito, não po-dião tornar-se mais convenientes ao Governo Americano do que aquellas, que até alli se havião seguido.

Para obviar ao caso eventual de huma declaração de guerra da parte dos Estados Unidos, antes que chegasse á America a dita Ordem de Revogação, mandarão-se instrucçoens ao Ministro Plenipotenciario junto aos Estados Unidos (instrucçoens cuja execução, em consequencia de cessarem as funcçoens de M. Foster, foi em huma epoca subsequente confiada ao Almirante Sir John Borlase Warren) pelas quaes lhe era intimado que propoessesse huma suspensão de hostilidades, se houvessem começado; e de mais offerecesse huma revogação simultanea das Ordens do Conselho de huma parte, e das leis de restricção sobre as embarcaçoens e o commercio Inglez, da outra.

Forão respectivamente authorisados para informarem ao Governo Americano, em resposta ás questoes que se podessem fazer acerca do bloqueio de Maio de 1806, que sem embargo do Governo Inglez dever continuar a manter a sua legalidade, “ de facto este bloqueio particular havia sido descontinua-do ha muito tempo, havendo sido confundido com o bloqueio geral de represalia dos portos do inimigo em virtude das Ordens do Conselho, e que o Governo de S. M. não tinha tenção alguma de reccorrer a este bloqueio, nem a algum outro dos portos do inimigo, fundado nos principios ordinarios e costumados das leis maritimas, que estavam em vigor anteriormente ás Ordens do Conselho, sem huma nova notificação ás Potencias neutras na fórma do costume. ,,

O Governo Americano, antes de estar informado do que o Governo Britannico havia feito, havia procedido de facto á medida extrema de declarar a guerra, e expedir cartas de marca, “ sem embargo de estar de posse de antemão do Officio do Ministro Francez dos negocios estrangeiros, de 2 de Março de 1812, contendo huma nova promulgação dos Decretos de Berlin e de Milão, como leis fundamentaes do Imperio Francez, sob o falso e extravagante pretexto que os principios monstruosos, que elles contém, se achavão no tratado de Utrecht, e por consequencia

erão obrigatorios para todos os estados. Nenhuma nação devia ser isenta das penas impostas por aquelle código, se o não accitasse, não sómente como regra da sua propria conducta, mas como huma lei, que se lhe requeria que obrigasse a Gran Bretanha a observar.

Em hum manifesto, que acompanhou a sua declaração de guerra, além das queixas anteriores contra as Ordens do Conselho, se meteu á cara huma longa serie de offensas; das quaes humas erão futeis da sua natureza, outras se havião accommodado reciprocamente, porém nenhuma das quaes se havião allegado antes pelo Governo Americano, como motivos de guerra.

O Congresso Americano, como se houvesse querido pôr novos obstaculos á paz, promulgou ao mesmo tempo huma lei, prohibindo toda a relação com a Gran Bretanha, concebida de maneira que privasse o Governo Executivo, segundo a interpretação dada a este Acto pelo mesmo Presidente, de todo o poder de restabelecer as relações de amizade entre os dois Estados, ao menos no que dizia respeito ás suas relações commerciaes, até que o Congresso se tornasse a ajuntar.

He verdade que o Presidente dos Estados Unidos propoz subsequenteemente hum armistício á Gran Bretanha; não todavia admittindo que havia cessado a causa de guerra, sobre a qual até então se havia estribado; mas com

condição que a Gran Bretanha preliminarmente faria cessar huma causa de guerra actualmente inculcada como tal pela primeira vez, a saber que ella renunciaria ao exercicio de seu incontestavel direito de visita para tomar abordo dos navios mercantes Americanos os marinheiros Inglezes naturalmente natos vassallos de S. M. e esta concessão era exigida sobre a simples segurança que a Legislação dos Estados Unidos faria leis para prohibir que entrassem em seu serviço os ditos marinheiros; mas independente da objecção a huma confiança exclusiva em hum estado estrangeiro para conservação de hum direito tão essencial, o Agente encarregado de fazer esta abertura não deu, nem podia dar, explicaçoens algumas, quer sobre os primeiros principios, em que se devem fundar as ditas leis, quer relativamente ás disposiçoens, que alli havia tenção de enserir.

Depois das objecçoens feitas a esta proposta, se fez outra, que continha tambem o offercimento de hum armisticio, huma vez que o Governo Inglez conviesse secretamente em renunciar ao exercicio deste direito, em hum tratado de paz. Não se exigia já o abandono immediato e formal de seu exercicio, como hum preliminar á suspensão de hostilidades, mas requeria-se que S. A. R. o Principe Regente, em nome e da parte de S. M., abandonasse em segredo o que na primeira

abertura se lhe havia proposto que concedesse publicamente.

Esta proposta muito offensiva foi igualmente regeitada, sendo acompanhada, como o havia sido a primeira, de outras requisições de natureza mais inadmissivel, e especialmente da de huma indemnidade para todas as embarcações Americanas detidas e condemnadas em virtude das Ordens do Conselho, ou do que chamavão bloqueios illegaes; condescender com estas requisições, além de todas as outras objecções, seria abandonar absolutamente os direitos, em que se fundão aquellas Ordens de bloqueio.

Se o Governo Americano fosse sincero, representando as Ordens do Conselho como o unico motivo de differença entre a Gran Bretanha e os Estados Unidos, que podesse dar azo a hostilidades: poder-se-hia esperar, que depois de notificada officialmente a revogação daquellas Ordens, elle haveria espontaneamente revogado as suas „ cartas de marca „ e procurando restabelecer immediatamente as relações de paz e de amizade entre as duas potencias

Mas o comportamento do Governo dos Estados Unidos não correspondeu a huma esperança tão racional.

Communicada officialmente na America a Ordem do Conselho de 23 de Junho, o Governo dos Estados Unidos nada vio na revogação

das Ordens do Conselho que devesse por si mesmo restabelecer a paz, em quanto a Gran Bretanha não estivesse pronta á primeira instancia á abandonar virtualmente o direito de aprezar os seus marinheiros, quando fossem achados a bordo dos navios de commercio Americanos.

A proposição de hum armisticio, e de huma revogação simultanea das medidas de restricção de huma e de outra parte, feita subsequentemente pelo Official Commandante das forças navaes de S. M. nas Costas da America, foi recebida com o mesmo espirito de hostilidade pelo Governo dos Estados Unidos. Insistio-se na suspensão de pratica de aprezar, na correspondencia que teve lugar n'aquella occasião, como hum preliminar necessario á suspensão das hostilidades: huma negociação, dizião elles, podia ter lugar sem alguma suspensão do exercicio deste direito, e tambem sem se concluir armisticio algum; mas exigia-se que a Gran Bretanha conviesse d'antemão, sem conhecer se o systema, que se lhe podesse substituir, seria sufficiente, em negociar sobre a base da aceitação dos regulamentos legislativos de hum Estado estrangeiro, como unico equivalente para o exercicio de hum direito, que ella havia julgado ser essencial á conservação do seu poder maritimo.

Se a America, requerendo esta concessão preliminar, quer negar a validade deste direito,

a Gran Bretanha não pôde assentir a esta negação ; nem tã pouco favorecerá tal pretensão , annuindo á sua suspensão , e ainda menos ao seu abandono , como base do tratado. Se o Governo Americano achou , ou crê achar regulamentos , que a Gran Bretanha possa aceitar com segurança para substituirem ao exercicio do direito de que se trata , cumpre que elle appresente este plano para se tomar em consideração. Nunca o Governo Britannico procurou excluir esta questão do numero daquellas sobre as quaes os dois Estados houvessem de negociar ; ao contrario tem declarado constantemente que estava prompto a receber e discutir qualquer proposição a este respeito , offerecida pelo Governo Americano : nunca elle pretendeu ter direito algum exclusivo ácerca de aprezar os marinheiros Inglezes abordo das embarçaõens Americanas , sem estar prompto a reconhecer como pertencendo igualmente ao Governo dos Estados Unidos , ácerca dos marinheiros Americanos , quando fossem achados a bordo das embarçaõens de commercio Inglezas : mas elle não pode , assentindo a similhante base , á primeira instancia , nem propor , nem admittir como praticavel o que , quando se tem ensaiado em occasioens precedentes , sempre se achou acompanhado de grandes difficuldades taes , que os Commissarios Britannicos em 1806 declararãõ expressamente , depois de hum maduro exame das proposiçoens appresentadas pe-

los Commissarios da parte da America , que elles não as polião vencer.

Em quanto estava pendente na America esta proposição transmittida pelo Almirante Inglez , se fez , não officialmente ao Governo Inglez neste paiz outra communicação ácerca de hum armisticio. O agente , pelo qual se recebeu esta proposição , reconheceu que elle não considerava ter alguma authoridade para assegurar huma convenção da parte deste Governo. Era natural que se entrassem algumas estipulaçoens em consequencia desta abertura , ellas recalhirão sobre o Governo Inglez , em quanto o Governo dos Estados Unidos teria liberdade para recusa-las , ou acceita-las , segundo as circustancias do momento. Portanto esta proposta foi necessariamente engeitada.

Depois desta exposição das circustancias , que preccederão , e que seguirão a declaração de guerra dos Estados Unidos , S. A. R. o Principe Regente , obrando em nome e da parte de S. M. se julga obrigado a declarar os principios capitaes pelos quaes se regulou nas transacçoens travadas com aquellas discussões.

S. A. R. nunca pôde reconhecer que qualquer bloqueio seja illegal , sendo devidamente notificado , e sustentado por huma força proporcionada , sómente pelo motivo da sua extensão , ou porque os portos e costas bloqueados não são ao mesmo tempo accometidos por terra.

S. A. R. nunca admittirá que o commercio neutro com a Gran Bretanha se possa reputar hum crime publico, cuja commissão exponha os navios de qualquer Potencia a serem desnacionalizados.

S. A. R. não pôde admittir nunca que a Gran Bretanha possa ser esballhada do seu direito de justa e necessaria vingança, por medo de offender eventualmente o interesse de hum neutro.

S. A. R. nunca admittirá que no exercicio de hum direito não equívoco, até agora não disputado, de registrar embarçaõens mercantes neutras em tempo de guerra, o aprezar marinheiros Inglezes nellas achados, se possa julgar offensa á huma bandeira neutra. Nem admittirá que levar taes marinheiros de bordo das referidas embarçaõens, possa ser considerado por algum Estado neutro, como huma medida hostile, ou como huma plausivel causa de guerra.

Não ha direito mais claramente estabelecido do que o direito que o Soberano tem á obediencia de seus vassallos, muito particularmente em tempo de guerra. Esta obediencia não he dever de opinião, que possam illudir ou cumprir a seu sabor. A sua sorte he obedecerem; ella começa no berço, e só termina com a sua existencia.

Se a similhança de linguagem e maneiras pôde fazer o exercicio deste direito mais su-

jeito a enganosa parciaes, e abusos occasionaes, em quanto praticados com vassallos dos Estados Unidos, as mesmas circumstancias tambem o fazem hum direito, cujo exercicio; ácerca de taes embarcaçoens, he mais difficil dispensar,

Mas se á pratica dos Estados Unidos de agasalhar os marinheiros Inglezes, se ajuntar o seu assumptivo direito de transferir a obediencia de vassallos Inglezes, e deste modo mallograr a jurisdicção de seu legitimo Soberano, por decretos de naturalisação e certificados de cidadãos, que elles pretendem ser tão validos fóra do seu territorio como dentro d'elle, he claro que o desamparar este antigo direito da Gran Bretanha, e admittir aquellas novas pretençoens dos Estados Unidos, seria pôr em risco o fundamento do nosso poder maritimo.

Sem entrar miudamente nos outros topicos, que assoalhou o Governo dos Estados Unidos, cumpre notar que, affirme o que quizer a Declaração dos Estados Unidos, a Gran Bretanha nunca exigio, que elles obrigassem a entrar na França as manufacturas Inglezas; e ella declarou formalmente o seu dezejo de inteiramente antever, ou modificar, de mãos dadas com Estados Unidos, o systema pelo qual se concedesse dehaixo da protecção de licenças huma communicação commercial com o inimigo; com tanto que os Estados Unidos quises-

sem proceder com ella, e com a França, verdadeiramente imparcial.

O Governo da America, se as differenças entre os Estados não são interminaveis, tem pouca razão de mencionar o caso de Chesapéake. Neste acontecimento se reconheceo a aggressão da parte de hum Official Inglez, condemnou-se o seu procedimento, e M. Foster offereceu regularmente huma satisfação da parte de S. M., e o Governo dos Estados Unidos a accitou.

Não he menos fundada na sua allusão á missão de Mr. Henry: missão comprehendida sem authoridade, nem mesmo conhecimento do Governo de S. M. e que M. Foster foi authorisado para desapprovar formal e officialmente.

A accusação de excitar os Indios a medidas offensivas contra os Estados Unidos he igualmente sem fundamento. Antes de começar a guerra, se insistio uniformemente em huma politica a mais opposta, e M. Foster deu prova disto ao Governo Americano.

Taes são as causas de guerra que produzio o Governo dos Estados Unidos. Mas a verdadeira origem da presente disputa se achará n'aquelle espirito, que infelizmente dirige ha muito os Conselhos dos Estados Unidos, a sua decidida parcialidade em palliar e ajudar a aggressiva tirania da França; os seus empenhos systematicos para inflamar e seu po-

vo contra as medidas defensivas da Gran Bretanha; o seu ignominioso comportamento com a Hespanha, intimo alliado da Gran Bretanha; e a sua indigna deserção da causa das outras nações neutras. Pela ascendencia de similhantes conselhos he que a America associou em politica com a França, e entrou em guerra com a Gran Bretanha.

E porque procedimento da parte da França se prestarão os Estados Unidos ao inimigo? A desprezivel infração do Tratado de commercio do anno de 1800 entre a França e os Estados Unidos; a atreçoada preza de todos os navios Americanos e cargas em todos os portos sujeitos ao despota das armas Francezas; os tirannicos principios dos Decretos de Berlim e de Milão; e a confiscação em virtude dellas; as subsequentes condemnações em consequencia do Decreto de Rambouillet, antedatado, ou escondido para tornar-lo mais effectivo; as regulações de commercio Francezas que fazem o trafico dos Estados Unidos com a França quasi illusorio; a queima dos seus navios mercantes no mar, muito depois da allegada revogação dos Decretos Francezes - todas estas violencias da parte da França produzirão só da parte do Governo dos Estados Unidos queixas, que terminarão em condecendencia e submissão, ou são accompanhadas de suggestoens para habilitarem a França a dar a sombra de humna forma legal ás suas usurpa-

çoens ; convertendo-as em regulaçoens municipaes. ,

Esta disposição do Governo dos Estados Unidos , esta completa servidão ao Dominador da França , esta condição hostil contra a Gran Bretanha , são evidentes em quasi todas as paginas da correspondencia official do Governo Americano com o Francez.

O Principe Regente protesta solememente contra a continuação deste procedimento como causa real da presente guerra. Emquanto luta contra a França , em defeza não só da liberdade da Gran Bretanha , mas do mundo , S. A. R. tinha direito de esperar differente resultado. Pela sua commum origem , pelo seu commum interesse , pelos seus professados principios de liberdade e independencia , os Estados Unidos crão a ultima Potencia , em que a Gran Bretanha esperaria achar hum instrumento voluntario , e protector da tirannia Franceza.

Enganado nesta sua justa esperança , o Principe Regente , continuará ainda na politica , que o Governo Inglez ha tanto tempo , e tão invariavelmente tem sustentado , repellindo a injustiça , e sustentando os direitos geraes das naçoens , e com ajuda da Providencia , fiado na justiza da sua causa , na provada lealdade e firmeza da nação Ingleza , S. A. R. espera confiadamente hum feliz termo á contenda , em que muito contra sua vontade foi abrigado a entrar.

Westminster , 9 de Janeiro de 1813

*Discurso sobre o Estado Politico da Europa.*

Faut-il toujours combattre, ou tromper les humains !  
*Voltaire.*

**E**Stas expressoens, que tão justamente quadrao ao impostor de Mecca, não são menos apropriadas ao usurpador da França. Como não pertendo fazer o parallelo entre estes dois celebres Despotas ( que talvez terião mais pontos de similhaça do que Juliano e Bonaparte ), eu me contentarei com tocar levemente os effeitos produzidos na Europa por aquella detestavel maxima, que por ventura faz a base daquella politica, de que o Tyranno tanto alardêa, e que em summa he o Cathecismo de todos os Usurpadores.

Começemos pelo Norte, e lançemos os olhos sobre hum paiz assolado; vejamos abrazada a antiga Capital, saqueadas as Cidades, milhares de habitantes sacrificados aos seus honrados sentimentos; e o despota do Continente impondo hum jugo de ferro sobre hum povo generoso. Corramos os paizes visinhos: o medo e a fraqueza algemando huns povos, errados interessès conduzindo outros, e todos, mais escravos, que auxiliares, cavando a sua propria ruina, e descarregando pezados golpes sobre a independencia nacional, tal era o lugubre quadro, que se divisava sobre os Esta-

dos do Norte ; huns enganados , outros vencidos , todos servindo áos dezejos insaciaveis de hum frenetico ambicioso. A raça humana parecia dever anniquilar-se , e erguer-se nova especie , unicamente votada ao plano abominavel de hum homem feliz. Pensar-se-hia que o Supremo Regedor dos Destinos se havia descuidado da terra , ou que a Sua Providencia havia adormecido. Mas em quanto o nosso espirito se horrorisava nesta lugubre consideração , brilha hum raio de luz , e se offerece ás nossas vistas huma scena bem differente. Desde Moscow até as fronteiras da Rússia , as estradas estão juncadas de ossos dos inimigos da paz , os caminhos entupidos de bagagens , e de carros ; nos pantanos mergulhada a artilharia ; os hospitaes atulhados de feridos e de doentes ; centenas de milhares de victimas sobre as aras da ambição , e o Tyranno , que as immolava , fugitivo. Os louros , plantados pela intriga , e pelo sordido interesse , convertidos em ciprestes ; e restando apenas para monumento de huma barbara irrupção cadaveres , despojos , e ruinas. Tropas , que , segundo a linguagem da lisonja , nunca fizeram cára aos vencedores de Austerlitz , abrazadas em hum nobre patriotismo , enxotão os bandos dessas aves de rapina , que entrarão no seu Continente. Os Governos de Moscow , de Smolensko , de Mohilow forão n'um dia usurpados , e no outro restituídos. A Polonia volta ás suas antigas re-

h

laçoens sentindo a mudança pelos estragos que experimentara, e não pelo tempo que percorrera. Os infelices Polacos conhecerão então que a liberdade que os Francezes acclamavão era o mais duro cativeiro, e que sob o pretexto de rouba-los ao dominio de hum Monarca, se lhes preparava o jugo de hum Tyranno. Elles o sentirão ainda mais abertamente, quando virão, em vez de ameaças e castigos sobre os illudidos, ou traidores, a clemencia, e o perdão, e a generosa declaração de sepultar em eterno esquecimento as passadas offensas. Quem ao ler estas expressoens não sentirá os mais vivos transportes de admiração e de alegria? „ Eu (acrescenta o Imperador Alexandre) prohibo para o futuro toda e qualquer denuncia. „ Sentimentos tão nobres exalçãõ os animos mais abatidos, e o paiz, que servia á causa da Usurpação, levanta suas bandeiras contra os Vandalos modernos.

A Prussia porém merece mais particularmente fixar a nossa attenção. Nós a vimos gemendo sob os ferros; o seu Monarca sem governo, as suas tropas arrastadas ao matadouro, as suas praças em poder dos Francezes; e o rancor, que ardia em seus coraçõens, esperava debalde o momento de huma feliz explosão. Brilhavão de quando em quando inflammados dezejos da liberdade, mas a energia daquella nação parecia haver acabado com o Grande Frederico, e aquelle Reino, mutila-

do, e cerceado, offerecia apenas hum esqueleto da antiga Monarquia. A capitulação do General d'York, golpe de mão de mestre, ao passo, que segurou o seu exercito, mostrou perfeitamente ao juizo menos atilado quaes erão as intençoens daquelle Governo. Embora Bonaparte fosse illudido pela desaprovação apparente da sua conducta, e se contentasse, ou parecesse contentar-se com aquella fria satisfação, elle devia entrever que a sua ascendencia havia expirado, e que era passado o tempo de impor leis á Prussia. Chegão finalmente os Russos. Frederico Guilherme vai a Breslau encontrar o Imperador Alexandre. Wittgenstein, o flagello dos Francezes, he recebido em Berlin entre os mais sinceros applausos, e as mais vivas demonstraçoens de alegria: os bens, as cazas, e os coraçõens dos habitantes lhe são offercidos, e nenhum Prussiano recusa acodir ás armas, para vingar-se dos insultos recebidos debaixo de huma paz simulada. A nação torna a aguerrirse, e em quanto huma consideravel massa vai oppor-se á furia dos expulsos usurpadores, D'York, o mesmo D'York ha pouco proscrito, commanda 40000 homens á disposição do illustre Wittgenstein. O General Blucher, que recusara servir no exercito assolador de Napoleão, avança para a Saxonia, e passa sem resistencia as suas fronteiras. Outros distintos Generaes se empregão nas levas, que prodigiosamente cres-

cem. O mesmo Frederico, lamentando as desgraças, que sobre a sua nação levou huma paz forçosa, mais assoladora do que a mais renhida guerra, convida os Seus Vassallos a sustentarem o nobre empenho da liberdade da Europa.

Hum tratado offensivo, e defensivo com a Russia, torna commum a causa, communs os interesses, commum o empenho. Hontem combattendo, hoje abraçando, e reconhecendo por seu libertador aquelle mesmo contra quem as suas tropas havião marchado.

Se a extensão deste periodico soffresse que o meu espirito se espraiasse sobre este passo, que me parece a base da geral independencia, eu de bom grado mostraria na generosa resolução do Rei da Prussia restituida aquella elasticidade, que parecia perdida, e huma forte reacção contra a oppressão; faria ver quanto he preferivel a sorte de morrer pelejando pela liberdade á vergonhosa existencia arrastando cadêas; cheio de huma justa altivez me gabaria de que para animar o seu povo a quebrar as algemas, aquelle Monarca não achou mais poderoso exemplo do que Portugal e a Hespanha. Mas deixo ao juizo do leitor proseguir nestas reflexoens, e acrescentar outras muitas, que meu acanhado engenho não alcançaria.

Pararei hum momento nas praias do Baltico, e considerarei duas Potencias, cujo procedimento, mais ou menos equivoco, havia

suspendido o juizo dos politicos. Em outro N.º fallei da Suecia em hum estado de hesitação, que deixava em problema os seus intentos. Hoje porém não resta o menor lugar á duvida. Este fino Politico, que se propoz converter em sua vantagem ainda as menores circumstancias, cessou de procrastinar, e com hum corpo de 50 homems desembarcou na Pomerania, devendo seguir-se mais numerosas tropas. Desta sorte aquella Potencia, que ao passo que vio roubadas as suas possessoes na margem austral do Baltico, negociou com a Russia, e segurou assim a Finlandia, aproveita o momento de recuperar os dominios usurpados, e colhe deste delicado manejo não mediocres interesses. Entretanto, cumpre confessar que ainda mesmo na sua inacção apparente, a sua amisade fez á Russia o mais importante serviço. As tropas de Finlandia ficarão disponiveis, e com effeito se empregarão na Curlandia: e o Commercio com a Inglaterra, abasteceu os portos daquelle golfão.

Em quanto esta Potencia prosegue no seu plano, combinado dantemão, e já felizmente desempenhado, a Dinamarca parece não se vacillante, se enganada. Empecendo ao Commercio do Elbo, chamou as armas Inglesas sobre si; e logo suspendeu as suas hostilidades. Esta oscillação tem sido o caracter daquella nação, a quem os seus azares não tem feito mais firme. Sem embargo, ninguem

duvidará de que o desembarque da Suecia, que a fez arredar dos procedimentos contrarios á boa causa, a fação voltar as vistas sobre os seus proprios interesses, e dar as mãos para restabelecer aquelle estado de equilibrio que a revolução Franceza desterro do mundo.

Sigo as margens do Elbo: em Wittenberg e Magdeburg vejo a passagem dos exercitos Russos, e dos seus novos alliados. Hamburg he restituído ao seu antigo estado pelo Commandante da vanguarda de Wittgenstein, e Lubeck, no Baltico, volta igualmente á sua liberdade. Entre o Elbo e o Weser se apresenta o Electorado de Hanover, arvorando os antigos estandartes, e reconhecendo os direitos da Illustré Casa de Brunswich. Logo diviso na sua Capital sobre o Leina as letras G. R. allusivas ao actual Rei da Gran Bretanha. Todos estes (para me servir da fraze de hum dos mais celebres Generaes Russos) não encruzão os braços para serem espectadores da grande lida, que retalha a Europa: tomão armas, e fazendo livres esforços superiores aos sacrificios que fazião eseravos, ajudão aos seus habitadores contra os seus oppressores.

Se fosse dado a hum homem affastado dos negocios politicos, empregado em objectos bem estranhos, e cuja esfera de hum raio muito limitado não póde estender-se ás altas combinaçoens, que decidem do destino das naçoens, se fosse dado a hum genio des-

ta ordem subalterna sondar os arcanos do destino, e revelar futuros, que só penetrão superiores talentos, eu avançaria que toda a Allemanha abraçará o mesmo systema, e o Imperador Francisco deverá não perder hum momento qual nunca se offereceu para forrar-se á prepondencia de huma nação, que o esbulhou da sua antiga representação, reduzindo-o a huma Potencia secundaria, ou antes a hum Rei escravo: eu diria que o exemplo da Prussia acordaria este unico alliado Poderoso, que lhe resta; faria desvanecer esses Regulos ephemeros, creados para enfraquecerem o poder da Austria, e que parecem cevar-se unicamente dos despojos desta: eu affirmaria que a Hollanda em breve, patrocínada pela Inglaterra, tornará ao seu antigo systema; e finalmente a Europa, que tanto tempo soffre violentas convulçoens, voltará ao seu equilibrio. Mas se eu não posso espreitar acontecimentos, que o denso véo do futuro ainda esconde, mostro nas minhas asserçoens quaes são os dezejões do meu coração, e esta demonstração dos meus sentimentos vale bem acertadas combinaçoens.

De muito boa vontade eu saltaria, nesta breve resenha, aquelle paiz, que em pouco mais de vinte annos offerece á Historia mais factos do que muitos seculos precedentes; cujos annaes, tintos de sangue das mais Illustres Personagens, serão apenas criveis na posteridade. Mas eu penso que na presente epoca

nenhuma nação offerece mais vasto campo ás vistas do filosofo. Depois de haver soffrido hum accesso da febre mais violenta , que a lançou em delirios e desatinos horriveis , ella cahio em hum abatimento sem igual : curvou-se diante de hum aventureiro : sacrificou a sua industria , o seu commercio , a sua navegação á fome de conquistas : dobrou o joelho diante de hum soldado , com as mãos escorrendo ainda em o sangue do seu legitimo Monarca , do successor dos Clovis e dos Luizes : elevou-o de grão em grão ; e sem energia , sem outro caracter mais do que a servidão , moldou o seu genio inconstante aos caprichos do ambicioso. Ella tem visto na Peninsula muitos centos de milhares de homens sacrificados : vê as estradas da Russia cobertas de ossos : e ainda mesmo nos dias da sua prosperidade , entre as suas victorias , via o seu paiz deserto , as cazas cobertas de luto , os campos incultos ; e todas as familias chorando a perda de hum parente , talvez o seu arrimo. Infeliz nação ! Até quando durará este espasmo fatal ? Quando saltará hum faisca electrica , que ponha em acção os membros paralyzados ? Virá ella da Hespanha ? Virá do Norte ? Entretanto enjôa ler nos papeis Francezes apenas frivolas descripçoens de passeios , divertimentos , caçadas , a nulla existencia do chamado Rei de Roma , indignidades , que tornarão aquella nação objecto do ridiculo de todas as idades. Mas se attentarmos a

esse germen, que começa a desenvolver-se no centro da França, se nos recordarmos do exito de iguaes levantamentos em Hamburgo, se combinarmos o estado d'aquelle povo com o Prussiano; se olharmos para os inimigos que o cercão, cujo numero diariamente se multiplica; se virmos a má vontade, e o geral descontentamento que devem necessariamente produzir rigorosas conscripçoens, pezadas contribuiçoens, repetidas e enormes perdas, não devemos esperar que rebente esta mina tanto mais terrivelmente, quanto mais escondida e sotterrada? — Não avancemos conjecturas.

Deixemos aos politicos explicarem, qual o fim para que as tropas Francezas seguem para Italia. Desconfia Bonaparte da Allemanha? Sabe elle qual he o destino dos preparativos da Turquia?

Digamos alguma cousa do estado da Peninsula. Depois que a desobediencia de hum General illudido, e as difficuldades e mingoas do exercito alliado, fizerão perderão vantagens, que tantas fadigas havião custado, desamparadas as antigas posiçoens, tomarão folego os inimigos, e ameaçarão aos vencedores. A prudencia do Chefe, e o valor das tropas frustrarão o seu impeto, e depois de vasio apparatus, saltando de posto em posto, se resolverão finalmente a alliviar a Hespanha.

Soult com todos os seus talentos militares, nada ousando depois que em Albuhera provou

como sangra o nosso ferro, se retirou para mais propicio clima, com huma parte do seu exercito; e Caffarelli, que sempre terá em lembrança o valente Mina, leva á França 100 homens cansados de lidarem com aquelle bravo guerreiro. Outras muitas tropas despejão a Peninsula. Desta sorte se enfraquecem os inimigos, em quanto as forças alliadas recebem novos augmentos, assim com a expedição da Sicilia, como com os reforços, que a Inglaterra tem enviado. He muito de esperar que estas vantagens sejam coroadas com outras gloriosas acçoens, quaes as que tantas vezes tem illustrado as nossas armas.

Em quanto espalhava assim rapidamente as minhas vistas sobre o Continente, eu não me esquecia daquella Ilha, que tem sido o fóco, donde tem sahido todos os raios: eu não desconhecia em cada passo dado pela liberdade Continental aquella mão, que destra e subtilmente tem traçado o plano, e se tem offerecido com todo o seu poder para levantar os abattidos sob o despotismo; aquella mão que (permitta-se a expressão) seineou os dentes de Cadmo, que produzirão guerreiros armados contra o Oppressor da França. A Inglaterra chama sobre si todas as bençãos, quando encara constantemente o seu fito, e empenha-se em acodir em todos os pontos aos inimigos de Bonaparte. Este titulo está de tal sorte identificado com o de amigo da Gran

Bretanha, que não são precisos tratados, nem convenção para a fazer voltar de contraria a protectora, ou co-operadora. Nós vemos as suas embarcações no Baltico, sobre o Elbo, no Atlantico, no Mediterraneo, e em summa em todos os mares com esta divisa — guerra ao Usurpador da França: paz, amizade, e protecção aos seus inimigos. — Os effeitos deste affincado systema são todos os dias visiveis. A Russia, a Suecia, a Prussia, a Hespanha, e Portugal tem encontrado hum alliado fiel e poderoso. Os Hanovrianos chamão a sua protecção; as Cidades Hanseaticas encontrão na sua força naval o exterminio dos Dinamarquezes. He esta mesma que tem varrido da superficie dos mares as embarcações Francezas; conquistado as Suas Colonias em todo o mundo, e de mãos dadas com os Portuguezes livrado a America Meridional de hum couto dos seus piratas. Eu terminarei muito embora aqui este pequeno discurso, sem me lembrar da America Septentrional: Eu feixarei os olhos a huma guerra, em que a Inglaterra se vio obrigada a entrar com tanta repugnancia: Eu sentiria em silencio o desgraçado exito de tantas propostas, e ultimamente das tentativas do Almirante Warren. Este objecto, além de estranho ao titulo deste Escrito, não póde ser tratado por huma penna grosseira, qual a minha. Caminhar sobre cinzas, que escondem brasas, não he dado a todos os genios: em vez

de reflexoens , eu farei antes votos para que duas naçoens iguaes em origem , na Religião , na linguagem , na educação , no Governo e em outros muitos pontos , se abracem em huma firme paz , tão vantajosa a ambos os partidos , em quanto da sua desunião não resulta proveito mais do que ao seu cruel inimigo , que não podendo combatter n'aquella parte do Mundo , se empenhou em engana-la , para desempenhar o verso que tomei ao principio :  
*Faut-il toujours combattre, ou tromper les humains!*

Continuação do Estado da atmosphera

Abril.

Dia	Tber.	Bar.			Tempo
	Graos	Pol.	Vint.	Mil.	
26	69	29	16	14	chuva
27	73		16	12	dito
28	77		17	10	claro
29	77		17	26	chuvoso
30	75		17	10	claro

Maio.

1	76	29	17	14	trovoada
2	75		17	10	claro
3	75		17	8	chuvoso
4	72		16	44	denso
5	72		16	12	claro
6	71		16	20	chuvoso
7	70		16	16	denso
8	68 $\frac{1}{2}$		16	8	claro
9	68		16	8	dito
10	68		16	28	
11	69		16	30	
12	70		16	10	nebrina
13	74		12	16	dito
14	77		12	20	denso
15	72		12	10	chuva
16	71		13	30	

<i>Dia</i>	<i>Ther.</i>	<i>Bar.</i>			<i>Tempo</i>
		<i>Pol.</i>	<i>Vint.</i>	<i>Mil.</i>	
17	72	29	14	6	
18	70 $\frac{1}{2}$		15	12	
19	70		16	8	
20	71		16	20	
21	72		16	10	temperado
22	74		15	26	chuva
23	72		13	28	claro
24	73		15	22	
25	73		15	22	
26	74		16	26	
27	74		13	20	
28	73 $\frac{1}{2}$		14	20	chuva
29	71		18	34	
30	69 $\frac{3}{2}$	30	0	10	
31	69			8	

## I N D I C E.

## A G R I C U L T U R A.

- Memoria sobre o Café, sua historia, cultura, e amanhos. Por B.\*\*\* pag. 3*

## L I T T E R A T U R A.

- Discurso recitado em Presença de S. A. R., na Meza do Desembargo do Paço, pelo Desembargador Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, Communicado por hum amigo do Autor. 15*

## G R A M M A T I C A P H I L O S O P H I C A.

- Memoria remettida de Macau ao Redactor da Gazeta desta Corte por Joaquim José Leite, Reitor do Real Collegio de S. José em 14 de Janeiro de 1813. 18*
- Ode Anacreontica de Diniz. 30*
- Outra do mesmo Author. 31*
- Epigramma de Diniz. 33*
- Outro do mesmo Author. 34*
- Ode ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Manoel de Portugal e Castro, sobre a Traducção dos Ensayos Moraes, e Ensaio sobre a Critica d'Alexandre Pope, feita pelo Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde d'Aguiar, seu Tio. 34*

- Vantagens da vida campestre; em resposta á carta, em que de Lisboa se despediu, devendo partir para a Bahia, Paulo José de Mello, escritas de Paris aos 21 de Maio de 1806. Por B.\*\*\** 37
- Soneto aos annos de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor.* 44
- Sutira aos Poetas, attribuida ao celebre Philologo Pedro José da Fonseca.* 45

## HISTORIA.

- Viagem da Capitania de S. Paulo á Villa de Cuiabá.* 50
- Historia do Rio de Janeiro, Descobrimen- to, e primeira restauração deste Terri- torio.* 61

## POLITICA.

- Manifesto da America Septentrional contra a Gran Bretanha;* 70
- Declaração de Luiz XVIII. Rei de França.* 83
- Declaração do Principe Regente da Gran Bretanha contra os Estados Unidos da America.* 86
- Discurso sobre o Estado Politico da Eu- ropa.* 112
- Continuação do Estado da atkmosfera.* 125

# O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO,  
POLITICO, MERCANTIL, &c.

D O  
RIO DE JANEIRO.

---

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra meei, e a minha gente.*  
Ferreira.

---

N. 6.º  
JUNHO.

---

*M.*

RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.

1813.

*Com Licença.*

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,  
na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis.*

0111



## L I T T E R A T U R A .

*Methodo de achar novas combinaçoens de letras  
para novas palavras , continuado de  
N.º 5.º pag. 18.*

**P** Rincipiando das monosyllabas : tomemos a primeira vogal , e vejamos quantas combinaçoens lhe podemos dar com as consoantes ; teremos :

ba , fa , ga , na , ra , sa , ta , za , lha , nha ,  
bla , cla , fla , gla , pla ,  
bra , cra , dra , fra , gra , pra , tra.

São 22 combinaçoens , pois ainda que *sa* seja já palavra usada em apelido de familia ; esse uso he tão limitado , que não fará equivoco ainda que se empregue em significar v. g. huma nova planta. O mesmo se pôde dizer de *na* usada já como particula. Omitirão-se as já usadas como *ca la pa* , e as de má pronuncia , ou que parece soar duas vogaes como *nhrá* , *chra* , *jra* , *nra*.

Se depois ás 22 accrescentarmos *l* final , teremos outras tantas ; e mais ; pois se já se usa *da* , *pa* , ainda se não usa *dal* , *pal*. Se em vez do *l* se substituir *r* teremos outras ; e se *o* outras : o que já dará humas 88. E pôde-se

ainda adiantar substituindo , já *rl* v. g. *barl*, *carl*, ou *sl*, *basl*, ou *nl*, *banl*; ou *nsl*, ou *rsl*. Se tambem se tira a consoante inicial podemos ter *al*, *ã* (*ar*, já *ha*), *anl*, *ansl*, *arl*, *asl*, e assim sobem a mais de 200.

Procedendo-se a operar da mesma sorte com cada huma das outras vogaes *e*, *i*, *o*, *u*, e com os nossos oito dipthongos *ai ei oi ui*; *au eu iu ou*, teremos 2400, que ainda se pôdem subir a mais pelos acentos nas vogaes, *e* e *o* como em *fêz Féz pôz fôz*.

E se tantas palavras nos pôde dar huma só syllaba, que não parecia capaz de tão varia combinação; já nos leva a huma multidão, que parece sem numero a combinação de duas. Tomemos esta palavra *rola*, e sem substituir alguma de suas letras teremos estas outras combinaçoens; andando só com as vogaes: *ralo*, *oral*, *arol*. Se tambem com as consoantes *lora*, *laro*, *olar*, *alor*. E subtraindo huma letra: *ora*, *aro*, *ola*, *alo*. São já 12, de que tirando as palavras já usadas, ainda ficão humas 7 novas. E recorrendo á varia possível acentuação, teremos mais estas 7 novas *rolá*, *ralô*, *lorá*, *laró*, *orá*, *aró*, *aló*, e ainda *olá*, cujo som se assemelha a outra já usado, mas não he attendivel equivoco.

Tendo já 14, ou 15, se em vez do *a* se substitue *e* poderá dar outras tantas, e se *i* outras &c., e se cada hum dos 8 dipthongos, muitas outras; por tudo humas 180. Se

depois da mesma sorte repondo o *a* se fazem as substituições em vez do *o* se poderão ter outras 180. Póde-se depois passar a substituir ambas *o* e *a* por outras, e pelos dipthongos, cujas varias possiveis combinações as farão subir a muitas mil.

Póde-se depois passar a acrescentar consoantes; e assim de *rola* se póde formar *rolal rolal roilã brola brolal brolã e bromla bronlal bronlar bronlã brorla brorlal broriã broslal broslar broslã bronsla bronslal bronslar, bronslã*: cujas combinações se podem multiplicar pelas outras consoantes, substituindo-as pelo *b* como *crola, crolal &c.* Se depois se correm estes varios modos de consoantes pelas antecedentes combinações de vogaes e dipthongos, já cuitarão a numerar. E que será quando se passe em todos esses casos a substituir já a primeira consoante *r* por todas as mais consoantes: e depois a segunda *l* tambem por todas as mais: e depois essas outras consoantes entre si por todos os modos possiveis, sem esquecer em todos os casos as diferentes acentuações? Ter-se-hão, ainda omitidas as já usadas, e as menos bellas, muitos e muitissimos milhares de selectas palavras.

Tentando-se combinações trisyllabas não se acharia fim. Para alguma idéa tomemos 3 vogaes á vontade v. g. *a i o*, e tambem 3 consoantes como *l m r*. As vogaes pódem-se dispor destes 6 modos *a i o, a o i, i a o, i o a,*

*e i a, o a i*: e por outras 6 as consoantes, e correndo cada hum destes pelos 6 das vogaes, se terão 36. E se a consoante inicial se passar para final dará outras 36. E se se omitir huma consoante, já o *l*, já o *m*, já o *r*, muitas mais teremos. Póde-se passar a substituir as vogaes pelas outras vogaes, e diphthongos. Depois pelos acrescimos de consoantes, e substituições de consoantes, e acentuação já na penultima, já na ultima, já na antepenultima, não sei se lhe acharia numero.

Entende-se bem que se poderiam compor novas palavras, sem exceder a trisyllabas, e bem escolhidas, tantas, e muitas mais das que se achão nos mais abundantes Dicionarios existentes. Ao nosso proposito seria util que houvesse quem publicasse huma collecção manual de selectas combinaçoens silabicas; para que á mão do Escriptor singularmente que trata de paizes, e objectos novos, sem se deter vá enriquecendo, com acerto a lingua. Quem tiver o tempo, e animo de tão bom serviço á sua nação, poderá repartir as monosyllabas a hum capitulo, as disyllabas a outro; e trisyllabas a outro: talvez fazendo paragrafos, v. g. já das mais apropriadas para objectos asperos; já para suaves: já para grandes; já para pequenos e humildes: ou melancolicos; ou festivos.

As monosyllabas serião em menor numero, pois realmente não dão tanto onde escolher,

e talvez se receie que abundando já os monosyllabos em razão das particulas, que tanto se repetem na nossa lingua (como succede em todas, eijos nomes não declinão) se se carregasse de palavras monosyllabas viria a ficar menos grave a oração. Os verbos porém melhor o serião todos, pois sempre por huma monosyllaba são muitas polysyllabas: *Ler* v. g. dá *lemos lessemos leriamos* &c. Com tudo duvido bem que a tal consideração do bello accidente da gravidade da oração valha a brevidade, que se consegue das monosyllabas, em quanto sejam boas, e fora de equivoceo. Se nossas palavras fossem monosyllabas, em quanto as obras de outros, que as tenham trisyllabas, occupassem tres volumes, em nossa lingua se encerrava em hum só, e que estimavel prerogativa até para imprimir noticias publicas, gastando-se huma só hora em vez de tres: menos papel, menos homens, menos tempo a escrever, e a ler: até de mais facil leitura; que não são muitos mesmo instruidos os bons leitores.

Nas disyllabas se deveria tomar o maior numero, pois que em quanto estiver na nossa mão, façamos, se he possivel, que os livros nos sejam mais maniaveis, nos poupem o dinheiro, e sobre tudo o precioso tempo. Das trisyllabas menos se deverião introduzir: além das muitas compridas palavras, que já temos, sempre haverá as formadas de outras, que não

pódem ser pequenas: demais as terminaçoens dos verbos, os superlativos, diminutivos, augmentativos (virtudes mui especiaes da nossa lingua, e cujo preço não parecem ter bem conhecido, e feito valer os nossos escriptores) sempre haverão as compostas como *util inutil, edificado reedificado, fazer desfazer &c.*

Dever-se-hia ajuntar áquella collecção as reflectoens aqui apontadas, mas mui brevemente, e omittindo o desnecessario; e outras novas, que se podessem haver para luz, e norte aos escriptores, que se acharem nas occasioens de empregar novas palavras. O mais bem entendido modo he adoptar palavras das linguas sabias, e as do paiz, donde vem o objecto. A cautelosa prudencia he não se prender a isso, até á custa de perder huma nova bella palavra, breve, significante, por huma ou longa, ou feia. Creio que se não deve ter respeito a essas naçoens barbaras da America; porque a palavra de huma não será conhecida de cem outras; só se ella em si fosse boa.

Quanto aos nomes de hervas, e plantas, e outros objectos de Botanica, ou Historia Natural, deverião ser communs entre os Naturalistas, e o povo: mas se suas derivaçoens as fazem longas, ou menos bellas, que se fiquem elles com ellas; e se tomem outras: ou antes elles em tal caso se acostassem ás populares breves, lindas, significantes. E nunca jámais se tolere o barbaro uzo bem frequente

nos botanicos de duas palavras inteiras para hum só objecto.

Em tomar as palavras d'outra lingua attenda-se ás modificaçoens, que os Sabios tem usado. Assim vemos que como os Latinos voltarão em *us* os nomes dos Gregos em *os*, nos- ses escriptores as tomarão em *o* v. g. em o Grego *Antidotos* he em Latim *Antidotus*, e entre os nossos *Antidoto*. E se alguma vez se desviarão, era pouco, e não sem algum motivo, v. g. dixerão *a Safira*, vendo em Latim *Saphirus*, mas foi para evitar a irregularidade do Genero, que tem em Latim. Com tudo ainda neste caso melhor fora não se ter desviado; pois o *Safiro* para nós seria pelo menos igualmente bom: assim como dizemos *o topazio*, *o rubi*, *o diamante*. A irregularidade alli, se a havia, era lá no Latim, que nos não importa. Tambem disserão *crystal* de *chrystallus*, omittindo a vogal final, que deveria ter; mas a terminação ficou bastantemente semelhante, e a palavra mais curta, e por tanto disculpavel esta licença.

Não he assim das inscias irregularidades, que se topão ordinariamente em algumas traduçoens modernas. Virão no seu livro Francez *proselyte*, *Indus*, *Elbe*, e nos dão em Portuguez *Proselyta*, *Indus*, *Elba*. O Escriptor que saiba que em latim se diz *proselytus*, *indus*, e naturalmente se diria *Elbus*, e como nossos bons autores voltavão, não diria senão *prose-*

*lito*, *Indo*, *Elbo*, olhando mais para a lingua Mãi, e de mais distincto respeito. Nem sendo *proselito* nome propriamente applicavel a homem, e os outros, nomes de rios, entre nós masculinos, faria aquellas terminaçoens irregulares, correndo sem regra alguma a empiorar a lingua, que os Sabios tanto dezejão sã, e o melhor cultivada; e ella o merece. Em estes traductores, ou Escriptores ler-se-há huma obra inteira, sem se achar o plusquam perfeito proprio v. g. *amara*, *deffendera*, mas só traduzilos mui servilmente *tinha amado*, ou *havia offendido* rodeio, dessas pobres linguas, que não se podem melhor explicar.

Estas reflexoens, primariamente intentadas para o melhor acerto das inumeraveis dicçoens novas a empregar agora no Brazil, não deixão de ser de mais geral transcendencia: muito mais que por se não acharem á mão em breve escrito taes advertencias, se vem escritores estimaveis cahir incautamente em trivialidades erroneas, vindo a concorrer a empiorar o nosso nobilissimo idioma, que poderião, e dezejarião melhorar. Escreve-se *perca* em vez de *perda*, que não he má palavra, e a outra lá está no conjunctivo do verbo *perder*. Em vez de *queda*, *cahida*, que he adjectivo; em vez de *craneiro* (sepultura) se vê *carneiro*: multiplicando equivocos, e irregularidades. Para que escrever *athé* por *até* sem nem ainda o pretexto de derivação latina para aug-

mentar letras inuteis? E aquelles dois *ll* em v. g. *matallo*, que não sendo senão *matar o* por *anthitese* trocado o *r* final em *l*, e escrito junto com o *o* ali Pronome. No que cahem tambem os que escrevem *péllo pélla* em vez de *pêlo péla*. E já se imprimio *matarão-o* que com mais acerto se diz *matarão-no*, separando o ultimo *o* por hum *n*, que se lhe accrescenta em razão da Eufonia, como tambem usaião os Gregos. Os lugares, em Latim *ubi; unde; qua; quo; onde; donde; por onde; para onde* ou *aonde*; equivocados á Castellhana, e escritos *donde; de donde; por onde; para donde* ou *adonde*. E o pior ás vezes o tal *adonde* ou ainda *aonde*, em vez de significar o lugar *quo* por força daquella proposição *a*, applicados a significar *ubi*. Acertadamente he *aonde foste? Onde estiveste?* Talvez por affeitos a ler em Hespanhol *em lo, em la*: só escrevem *em o, em a*: que incomparavelmente melhor se diz *no na &c.* Tambem quantos não advertem na incoherencia de pôr as datas em obras não escritas em Latim, em caracteres Romanos: mais toleravel seria o contrario; pois ao menos os algarismos são muito melhor invenção.

Já dava por acabado este escrito: mas ainda me lembra que seria bom examinar, e regular a derivação entre nossos nomes e verbos cognatos. O verbo significa huma acção; esta se pôde nomear como huma coisa,

e dá-se-lhe nome. *Amar* então se chama *amor*; *temer*, *temor*. Mas não basta trocar, como nestes, a ultima silaba do verbo em *ôr*, para se ter o seu nome cognato: não ha derivação mais varia: humas vezes serve a primeira pessoa do presente do Indicativo como *uso* de *usar*; *sonho* de *sonhar*; *passeio* de *passoar*. Outras he a terceira v. g. *cava* de *cavar*; *roda* de *rodar*. Outras o mesmo *Infinito* como *andar*, outras o particípio do preterito como o *rugido*; *latido*: e *ouvida*. Outras nada disso; nem ha coisa mais sem regularidade. Com tudo nesta mesma sua irregularidade ou variedade como infinita, se deverião ter como á mão os tão varios modos de formar os taes nomes dos seus verbos; ou os verbos de seus nomes; para a toda a hora se saber formar; e escolher de muitas possiveis as melhores. Fugir-se-hia sobre tudo das em *ão* v. g. *oração* de *orar*. Tambem as que são pessoas do verbo, e ainda mais o mesmo *infinito*, pelo equivoco a não ser e que pelo accento se evite o equivoco, como *chôro* de *chorar*, pois a primeira pessoa he *chôro*. Humas em *ura* *fervera* de *ferver*, em *ume* *urdume*, *costume*, de *urdir*, *costumar*. *Chamamento*, *livramento*, *rizo*, *alegria*, *carreira*, *aplauzo*, talvez mais.

E se se reduzisse a regularidade, ou tal qual methollo, a derivação de todos os nomes verbaes possiveis; em cada verbo se teria hum fonte de abundantes termos, o que faria

a lingua muito mais flexivel a se acomodar aos sentidos sem rodeios. Temos Participios do Presente, do Futuro; mas quão pouco partido se tira de seu uso; do futuro singularmente apenas temos *venturo, futuro, moribundo, ordinando*. Não sei se algum mais. Dever-se-hia descobrir, e ainda estabelecer o modo de evitar o equivoco de significação activa em Participios Passivos como *lido*, que, ou se toma como só devera ser, como em *livro lido* ou activamente *homem lido*, isto he, que lê muito. Ou *entendido*, porque entende muito. Se se não podesse sempre aplicar para a significação activa o Participio presente como seria *lente, intelligente* ou *entendente*, inellhor seria usar outro nome verbal, como aqui seria *ledor, entendedor*. E não se dizendo *matante, cantante*, se diz *matador, cantor* ou *cantador*.

Não deixo de advertir, que, ao menos ao principio muitas derivaçoens parecerião duras; mas obrando-se com sistema, e intelligencia, com o tempo iria a lingua tornando-se mui flexivel; e tudo pareceria mui notavel, e até gracioso, e elegante. Quem nesta fabrica pôde mais adiantar, com passos mais largos, e para assim dizer, saltando longe, são os bons Poetas. Que não fez Camoens! Quasi huma lingua nova. Mas he mui necessaria particular illustração nesta materia, e bem divulgada para muitos, e, se fosse possivel, todos concorrerem; e a ignorancia não pizar com

seus toscos pés o bem plantado, e para assim dizer, de novo nascido. Hum poeta já disse: o *Brazilo metal* (ouro). Oxalá tão bello adjectivo faça antiquar *Brazileiro* *Brazilense*. Mas quantos o terão lido sem perceberem o que val. Quantos até produzem palavras más, havendo-as boas do mesmo sentido! Se não contribuem a aperfeiçoar a lingua, ao menos não lhe fação taes damnos sem necessidade.

## À S A R T E S.

*Poema , recitado no dia dos annos de S. Magestade Fidelissima D. MARIA I. em 1788.*

**J**À fugirão os dias horrozos  
 De escuros nevoeiros , dias tristes ,  
 Em que as Artes generão desprezadas  
 Da nobre Lisia no fecundo Seio.  
 Hoje cheias de gloria resuscitão  
 Até nestes confins do Novo Mundo ,  
 Graças á Mão Augusta , que as anima !  
 Vejo grave Matrona meditando (1)  
 Com os olhos no Cco: a mão exacta  
 Dos Planctas descreve o movimento :  
 Por justas Leis calcúla , peza , e mede  
 Forças , massas , e espaços infinitos :  
 Dois Genios voadores lhe apresentão  
 Movel eburneo Globo , em que ella grava  
 Os limites do Imperio Lusitano :  
 Ella dirige sobre os vastos mares  
 Nadantes edificios , que transportão  
 Os thesouros , e as armas , de que treme  
 O ultimo Occaso , e o ultimo Oriente.

A par desta outra Deosa move os passos (2)  
 Da firme experiencia sustentada :  
 Ella conhece as causas , e os effeitos ;

---

(1) Mathematica.

(2) Fisica experimental.

Ella exerce, ella augmenta, e diminue  
 Da Natureza as forças: a Luz pura  
 Atravéz do Cristal separa os raios,  
 E mostra aquellas primitivas côres,  
 Que formão a belleza do Universo.  
 Por suas Leis os differentes corpos  
 Se ajuntão, e se movem: o Tridente,  
 Que levanta, e que abate as negras ondas  
 Escuta a sua voz; e o mesmo Jove,  
 Se troveja, e fulmina, reconhece, (ma. (1))  
 Que ella o move, ella o rege, ella o desar-  
 Funesta gloria, que custou a vida  
 Ao novo Promethêo, que impio roubara  
 A subtil chama do Sagrado Olimpo! (2)  
 Por ella o Nauta illustre, e valeroso (3),  
 Vindo abaixo dos pés as tempestades,  
 Vai sobre as nuvens visitar a Esfera.  
 E tu quem és, ó Ninfa, tu, que ajuntas,  
 Indagas, e descobres os thesouros,  
 Que fecunda produz a Natureza? (4)  
 Recebe as tuas Leis todo o vivente,  
 O nobre Racional, o vil Insecto,

---

(1) As experiencias da materia Electrica sobre o Raio.

(2) O desgraçado Professor de Petersburgo Richman, que morreo experimentando o Conductor da materia Electrica.

(3) O primeiro Aeronauta Mr. Pilatre de Rosier.

(4) Historia Natural.

O mudo Peixe , as Aves emplumadas ,  
 As indomitas Feras , e escamozas  
 Mortíferas Serpentes , e os Amphibios ,  
 Que respirão diversos Elementos.  
 Dos vegetaes na immensa variedade  
 Tu conheces os sexos , e distingues  
 Quaes servem ao commercio , e quaes restaurão  
 A perdida saude : tu nos mostras  
 A prata , o ouro , as pedras preciosas ,  
 Com que opulenta a inclita Lisboa  
 Vaidosa sobre o Tejo se levanta :  
 A tua mão benefica rasgando  
 Occultas veias de asperos rochedos ,  
 Arranca o ferro , que revolve os campos ,  
 Por quem o Lavrador recolhe alegre  
 Do seu nobre suor os doces fructos.

E tu , que com poder quasi divino (1)  
 Imitas portentosa , rica , e bella  
 As produçoens da sabia Natureza ,  
 Vem , ensina aos Mortaes , como a Materia  
 De differentes modos combinada ,  
 Fôrma infinitos mil corpos diversos ,  
 Corpos que nem vegetão , nem respirão.  
 Por tua mão laboriosa vejo  
 Em pedra transformar-se a molle argilla ,  
 Em cristal as areias : tu desatas  
 A união dos metaes , e ainda esperas  
 Formar o ouro brilhante , que enobrece  
 Da inculta Patria minha os altos montes ,

b

---

(1) Chimica.

E se eu trêmo de horror, vendo-te armada  
 Humã mão de mortiferos venenos;  
 Agradecido, e respeitoso beijo  
 Outra mão, que benigna me prepara  
 As riquezas, e as forças, que reprimem  
 A pallida doença rodeada  
 Dos espectros da Morte . . . Ah vem, oh bella  
 Irmã da Natureza enfraquecida, (1)  
 Que provida conservas, que renovas  
 Da humana vida a preciosa fonte.  
 De que serve o valor, e os cheios cofres  
 De Midas, ou de Cresso, se desmaião  
 Em languidez os membros, quando a febre,  
 E os correios da Morte accelerados  
 Do afflicto coração ás portas batem?  
 Então cheia de amor da humanidade,  
 ( Misera humanidade! ) pouco a pouco  
 Tu a consolas, e ergues d'entre as sombras,  
 E frio horror da negra sepultura.  
 Estende, estende, oh Deoza, a mão benigna  
 A' fraca humanidade: e tu, que pódes  
 Unir os rotos lacerados membros, (2)  
 E com saudavel, e pollido ferro  
 Affugentas a Morte, e que conheces  
 Todos os laços da Structura humana,  
 Entorna o doce balsamo da vida  
 Sobre os tristes Mortaes. Já reconheço  
 Outra formosa Ninfa, que descreve (3)

---

(1) Medicina.

(2) Cirurgia.

(3) Geografia.

Toda a extensão da Terra, o Mar, os Rios,  
 As famozas Cidades, e as montanhas,  
 De polidas Naçoens brandos costumes,  
 E de barbaros Povos fera usança,  
 Sincera indaga, e cuidadosa exprime.  
 Com ella vem bellissima Donzella, (1)  
 Que com grave eloquencia narra os factos,  
 Que o Mundo vio desde a primeira idade:  
 Ella nos mostra em quadros differentes  
 Os tempos, as Naçoens, e a varia sorte  
 De Imperios elevados, e abatidos,  
 As allianças, a implacavel Guerra,  
 O progresso das Artes, e a ruina.  
 Mas que illustre Matrona entre as mais vejo  
 De verdes louros coroada a frente? (2)  
 Tem nas mãos plectro eburneo, e Lira de ouro,  
 Que celébra os Heroes, e que eterniza  
 No Templo da Memoria o Nome, e a Fama  
 Dos inclitos Monarcas: já das Deozas  
 A companhia escuta: já repousão  
 As nuvens sobre o cume das Montanhas:  
 O rouco Mar, os ruidosos ventos,  
 A fonte, o rio, os ecos adormecem:  
 Reina o silencio: em tanto solta aos ares  
 Calliope divina a vós sonora.

„ Os Tiranos da Patria, assoladores  
 „ Do Povo desgraçado, são flagellos,  
 „ Que envia ao Mundo a colera celeste:

b ii

---

(1) Historia.

(2) Poezia.

„ São dos Mortaes o horror , a infamia , o odio ,  
 „ Mais crueis do que a Peste , s Fome , e a  
 „ Guerra.  
 „ O Seu dia natal , he dia infausto.  
 „ Dia de imprecação , epoca triste  
 „ De susto , e de geral calamidade ;  
 „ Mas o Monarca generoso , e pio ,  
 „ Amor , delicias , esperança , e gloria  
 „ Da Nação venturoza , que protege ,  
 „ He dom raro , e magnifico , que nasce  
 „ Da eterna mão , que volve os Ceos , e a  
 „ Terra.  
 „ O dia , o feliz dia , que primeiro  
 „ O deo ao Mundo , he dia assignalado ,  
 „ He dia de prazer : o Povo unido  
 „ Levanta as mãos ao Ceo : os puros votos  
 „ Com lagrimas de gosto misturados ,  
 „ São a publica voz , e o testemunho  
 „ De gratidão , de amor , e de ternura.  
 „ Tal he , Rainha Augusta , a vossa Imagem ,  
 „ Tal foi o inclito Rei , que teve a sorte  
 „ De deixar á saudosa Lusitania  
 „ A digna Filha , generosa herdeira  
 „ Do grande coração , do vasto Imperio.  
 „ Se elle invicto abateo com braço herculeo  
 „ A horrivel Hydra , os destestaveis monstros ,  
 „ Deixou tambem aos vossos firmes passos  
 „ Da bella gloria abertos os caminhos.  
 „ O Coro illustre das Reaes Virtudes  
 „ Vos segue em toda a parte ; e a esperança  
 „ Da Nação venturosa junto ao Throno

„ Erguendo os olhos, e alongando os braços,  
 „ De vós confia, e só de vós espera  
 „ Os bellos Dons da Paz, e da Abundancia.  
 „ Vejo por terra a estúpida, e maligna  
 „ Cohorte da Ignorancia: e se ainda restão  
 „ Vestigios da feroz Barbaridade,  
 „ O tempo os vai tragando: assim as folhas  
 „ Murchas, e áridas cahem pouco, a pouco  
 „ Dos proprios ramos nas regioens d'Europa,  
 „ Quando pezado, e triste o frio Inverno  
 „ Sobre o carro de gello açouta as Ursas,  
 „ E fere as nuvens com aguda lança.  
 „ Chegão por vós aos mais remotos climas  
 „ Premiadas as Artes: eu as vejo,  
 „ Eu as ouço, que juntas neste dia  
 „ Entre os transportes de prazer entoão  
 „ Ao vosso amavel nome eternos hymnos.  
 „ Elles voão, levando ao Ceo sereno  
 „ Nas brancas azas os mais ternos votos  
 „ De respeito e de amor, que vos consagra  
 „ Rude, mais grato Povo Americano.  
 „ Já destes votos nasce, e se derrama,  
 „ Como a neve dos Alpes, a torrente  
 „ Da vossa gloria, que de dia em dia  
 „ Igual ao Vosso nome se levanta;  
 „ E os ultimos vindouros assombrados  
 „ Inda a verão crescer no amor dos Povos.  
 „ E tu, que triste, e pensativo observas  
 „ Este de Gloria eterno monumento,  
 „ Oh fero tragador dos bronzes duros,  
 „ Arroja o curvo ensanguentado ferro,

„ E confundido , e temerozo adora ,  
„ Aos pés do Regio Throno Lusitano ,  
„ Da Rainha Immortal o Nome Augusto .

M. J. S. A.

---

*Canção inedita de Bocage a Luiz de Vasconcellos e Souza , então Vice-Rei deste Estado .*

**M**Uza , tu , que até agora ao som do vento ,  
Ao som dos crespos , inquietos mares  
Soltaste hum vão lamento ,  
De mil queixumes povoaste os arcs ,  
He tempo já : consola-te , respira ;  
E dignos versos ao teu Vate inspira .

Não vão cantar de coraçoes guerreiros  
Impias façanhas , barbaras victorias ,  
Os Heroes verdadeiros  
Não são esses , que adquirem torpes glorias ,  
Bebendo o sangue dos mortaes afflictos  
Na guerra atroz ; nos barbaros conflictos .

Pacifico Varão dos Ceos mimozo ,  
Alma das almas exemplar brilhante ,  
Hum coração piedozo ,  
Hum grato gesto , hum placido semblante ,  
Digno de amor , de submissão , de affecto ,  
Vai ser de meu louvor sublime objecto .

Sim , Vasconcellos , o teu nome egregio ;  
 Que o mundo incensa , que a verdade aclama ,  
     Que ao pé do Solio regio  
 Conduz mil vezes a volatil fama ,  
 Na minha ingenua voz farei que sôe ,  
 Que toque o proprio Ceo , que aos Astro vêe .

Se de teus immortaes antepassados  
 Tu não foras , Senhor , fiel transumpto ,  
     Se á teus lustres herdados  
 Hum genio superior não vira junto ,  
 Não te cantara : o sangue sem virtude  
 He vão fantasma , que aos mortaes illude .

Grande te fez a prospera fortuna ,  
 Grande te fez a sabia natureza ;  
     Mas querem que se una  
 Em ti alta virtude , alta nobreza ;  
 E aos duplicados dons , que em ti divizo ,  
 Duplicado louvor será precizo .

Não só da Fama nos patricios lares  
 Ouvi contente resoar teus vivas ;  
     Nestes mesmos lugares ,  
 Com palavras de jubilo excessivas  
 Te ouço cantar por bocas , que não fingem ,  
 Por almas lizas , que o meu lado cingem .

Da recta gratidão ternos indícios  
 Mostrão nos olhos, coraçãoes, nas frentes;  
                   E aos claros Ceos propícios  
 Mandão votos purísimos, e ardentes,  
 Mandão vozes de amor, e de lealdade  
 Pela tua cabal felicidade.

Eu, dos braços paternos arrancado,  
 E pela furia dos soberbos mares  
                   Sacodido, arrojado,  
 A remotos incognitos lugares,  
 Onde talvez, que me aparelhe a Sorte,  
 Depois de infausta vida, infausta morte:

Eu finalmente com respeito interno,  
 Meus fracos olhos nos teus olhos pondo,  
                   Teu amavel Governo,  
 Tua justiça, teus costumes sondo,  
 E digo então, Senhor, só tu podias  
 Tornar alegres os meus tristes dias.

Só tu, digno de Estatuas de alabastro,  
 Digno de bronze, que os Heroes distingue,  
                   Melhoraras meu Astro,  
 Astro infeliz; que o meu socego extingue,  
 E poderás soltar minha alma preza  
 Entre as sombras da livida tristeza.

Abatidos mortaes erguer da terra  
Tornar ditozos, consolar aquelles,  
A quem a sorte faz cruenta guerra,  
Ser pai, ser protector, e abrigo delles,  
He virtude immortal, gloria perfeita,  
A quem do Tempo a fera mão respeita.

Se de Tito a lembrança inda hoje dura,  
Se o mundo o cunta, se lhe erigem templo  
A saudade, a ternura,  
He porque foi da probidade exemplo;  
He porque elle julgou perdido o dia,  
Em que algum beneficio não fazia.

Se do Magno Alexandre os sabios fallão,  
Não he, não he, Senhor, porque os seus braços  
Altos muros alçarão;  
He só porque tirou de indignos laços,  
E dentre as garras de hum destino impio  
A regia prole do infeliz Dario.

Se a Mantuana sonoroza Lira  
Ao profugo Troiano eleva tanto,  
Não he porque elle inspira  
Aos Gregos susto, aos Rutulos espanto;  
He porque dentre mortes, a de assombros  
O já curvado pai salvou nos hombros.

Viver debaixo de teu jugo brando,  
Sentir as Leis de teu poder suave,  
Teos meritos alcançando  
Ao Palacio de Jove em metro grave,  
Oh! que ventura, que benigna estrella!  
Se o pensa-la he prazer, que fora o te-la?

Surdo o Fado a meus ais, ás minhas magoas,  
Deste ameno Paiz me quer distante;  
Manda que eu busque as agoas  
Onde se banha o valido Gigante,  
Irmão dos impios, que gerara a terra,  
Que ao Rei dos Deozes declararão guerra.

Mas inda lá nesses lugares broncos,  
De mizeros mortaes mizero azilo,  
Sobre duraveis troncos  
Teu nome escreverei em terno estilo;  
Mostrando, que não he lisonja infame  
Quem move a minha lingua a que te aclame

Oh ditozo Brazil, Provincia bella,  
Que vês na mão do Heroe, que te domina  
Toda a força daquella,  
A que o rapido Tejo a frente inclina,  
Vem de novo com fervidos louvores,  
Vem alentar meus tremulos clamores.

Vem . . . mas basta **Canção** : que mais pertendes?  
Onde vais arrojarte? ah! não prosigas;

De huns dons , que mal comprehendes ,  
Que poderás dizer por mais que digas?  
Não és capaz do assumpto , que proclamas ;  
Só pertence aos Camoens fallar dos Gamas.

*Soneto do Desembargador Antonio Ribeiro dos  
Santos , ao Illustrissimo Francisco de  
Borja Garção Stockler.*

**T**omando o facho da razão por guia ,  
Por não trilhadas rotas indireitas ,  
E a teu sublime calculo sugeitas ,  
Quanto em seu seio a natureza cria.

Segues firme a verdade que allumia ,  
O engano , o erro , o prejuizo enjeitas  
E as trevas huma e outra vez desfeitas ,  
Fazes sempre raiar o claro dia.

Quem não dirá que o Ceo quando nasceste ,  
Por honra nossa á Lisia só mandado ,  
Te deu esse alto genio , dom celeste ?

Cumpra pois teu destino e ledo fado ,  
Parte com nosco os ricos bens , que houveste ,  
E torna o Luso Imperio affortunado.

*O Retrato de Armia.*

**A** Minha penna grosseira  
 Vai tomar sublime empreza,  
 Vai traçar em rude quadro  
 Da minha Armia a belleza.

Empreste-me as finas cores  
 De Gnido e Paphos o Nume :  
 Não lhe embarace o soccorro  
 Da minha sorte o ciuime.

Cabellos da côr da noite,  
 Tu, lascivo ar, menêas,  
 Cabellos, de que amor tece  
 Aos meus pulsos as cadêas.

O manto que a Aurora espalha  
 No Celeste firmamento,  
 Aos olhos da minha Armia,  
 Furta a côr, e o luzimento.

Não he bella a mesma Aurora,  
 Estrella não ha brilhante,  
 Como os olhos luminosos  
 Da minha divina amante.

Não só brilhão, mas accendem  
 No meu peito eterna chammã:  
 Ninguem os vê sem ternura;  
 E como os verá quem ama?

Entre os jasmims, que revestem  
As suas faces mimosas,  
Os seus primores ostentão  
Pudibundas frescas rosas.

Sob os rubins finas perolas  
Escondeu a Natureza:  
Hum riso doce e fagueiro  
Descobre tanta riqueza.

O collo bello e mimoso  
O fino alabastro excede;  
Delle pende amor travesso:  
As settas dalli despede.

Pullão no seio divino  
Dois globos de neve pura,  
Que dão vida, que dão morte;  
É o morrer he mor ventura.

Toca-los . . . ó Céu! quem póde!  
Sem sentir o sangue ardente!  
Quem feliz chega a beija-los  
É morrer-se . . . ó Deus? . . não sente!

Pára já, penna atrevida:  
Não mais o meu bem retrates.  
Póde ser que ao grato amante  
Em crueis dezejos mates.

Deixa ao Vate afortunado  
Disfructar sua ventura . . .  
Elle goza o que não pintas,  
D' Armia goza a ternura.

Realça a sua belleza  
Este verniz engraçado.  
No peito d' Elmano vive  
Belleza , ternura , agrado.

*Elmano Bahiense.*

## CULTURA DO CAFÉ

*Segunda Parte.*

**N**enhuma planta promete e convida mais á ser cultivada do que o Cafezeiro ; tudo são vantagens ao principio , a facilidade da cultura , seus rapidos progressos , atrahem ; mas chega o momento da colheita , e muitas vezes tantas promessas se malogrão , e ao Lavrador inexperiente acontece o mesmo que ao Mercador de Vidros das Mil e huma Noites : mas o Lavrador intelligente e sabido se não ilude com as apparencias ; sabendo que sem trabalho nada se faz bem , estuda a exposição , examina o terreno , e presta á sua plantaçào os cuidados , que a boa cultura exige .

O Café vem em todo o terreno huma vez que as raizes o possão penetrar , é encontrado alguma humidade ; mas aquelle que quizer tirar proveito da sua plantaçào , não se guie pela generalidade , e ponha atençaõ na escolha da terra : aquella , em que as agoas se demoram estagnadas , não lhe convém , nem as abandonadas ha pouco pelo mar , estas secando-se com facilidade pelo sol , e inchando vedão todas as passagens á agoa , e pela mesma razão as terras argilosas não convém : as terras vermelhas , e saibrosas porém lhes quadrão nos sitios regados pelas chuvas , e em geral o Café gosta de terra solta , e pedrego-

sa nos lugares expostos ao calor ; quadra-lhe muito o terreno roteado de fresco , e todavia sendo entre nós a camada de terra vegetal mui rica , deve-se o Lavrador preparar para ver o seu Cafezal com muito viço não dar boa colheita senão depois de tres annos de plantado ; e por isso , e para tirar partido da terra , plantem-se com o Café outras plantas uteis.

Em S. Domingos costumavão plantar o Café nos montes , vinha bem , mas a experiencia mostrou que não produzia bem além da terceira colheita , porque sendo a terra levada pelas enxorradas se empobrecia , e as lavras e limpas , tão necessarias , facilitavão a queda da terra ; em geral não plantavão no cume dos montes , antes os deixavão coroados d'arvores para abrigo da plantação , e a experiencia ensinou que convinha abrigar , mais e segurar a terra , acompanhando a plantação com alas de arvores , que a seguissem descendo os montes , para o que ao roçar das matas deixavão as arvores , que se prestavão a essa disposição.

Na Ilha de Bourbon sendo o terreno mais elevado do nivel do mar , o Café produz excellentemente nos baixos , e nestes as limpas e lavras podendo ser mais frequentes , melhor trato póde dar-se ao Cafezal. Nas terras baixas , deve-se tambem abrigar a plantação com alas d'arvores , que a rodeão , e haver cuidado em desbasta-las á medida , que derem

muita sombra. Mr. Lescalier (1) tratando da cultura em questão na Guyanna, depois de ensinar a esgotar o terreno, aconselha que se lhe plantem bananeiras, e que se conservem sómente por espaço de tres annos, e convém em que se plante com o Café, milho, mandioca &c., mas de modo algum as batatas, como querem outros.

Muitos plantão o Café em roçados parciaes feitos por entre as matas; he verdade que vem com promptidão e bem, mas essas vantagens são iluzorias, o producto he menor e peor, pois que o Café se aprás ao sol e ao ar livre, sem o que dá fructo mesquinho.

Em terra velha, e sem ser amanhada, he perdida a plantação, e nada se deve esperar além de duas colheitas. Esta asserção he contra o que pertende o Padre Labat, mas elle escreveu quando se principiava a cultivar esta planta, e fallou por tanto sem ouvir antes a experiencia. Igual falta de experiencia mostra Mr. Barré, quando pertende que a temperatura necessaria ao Café, para o terreno mais frio he 10° abaixo de zero, e 22° acima para o mais quente, não attendendo a que o thermometro sobe á mais em Cayenna, Java, Rio de Janeiro &c., onde se obtem muito Café:

c

(1) Noções sobre a cultura das terras baixas da Guyanna.

tudo isto prova quanto he arriscado generalizar, tratando de Agricultura.

Para as plantaçoens costuma-se tirar a planta dos pés de Café, que nascem por baixo dos outras, e das sementes que cahem: estas plantas criadas á sombra, quando são expostas ao sol, resistem-lhe com difficuldade; languecem por muito tempo, e grande numero morre, cauzando ao Lavrador o trabalho de replantar muitas vezes. O meio de obter boa planta he escolher boa semente, bem madura e fresca (1), e em terra bem limpa, lavrada, e bem amanhada, semear na distancia de 6 polegadas e em quincunce, tendo de mais o cuidado de rega-las: nos paizes quentes, onde o sol nasce com grande calor, as regas devem ser á tarde; os Arabes nas vizinhanças de Moka dirigem huma vêa de agoa corrente serpeando pelo pé dos Cafezeiros: assim se fórma hum viveiro de plantas valentes, e que transplantadas vem excellentemente. O melhor tempo para esta sementeira he a Primavera, porque quando chegão os ardores do Estio, já a planta tem força para resistir-lhe. Aconselhando as regas, não quero dizer que o viveiro esteja sempre unido, seria hum grave erro, pois que os Cafezeiros ficarião fracos

---

(1) Pertence Mr. de Cossigny que se tira a pólpá á semente, e se deponha em cinza antes de ser semeada.

e incapazes de suportar a transplantação. Deve-se fazer, ou repetir a sementeira todos os annos, porque todos os annos he mister reparar algumas perdas cauzadas pelas secas, bichos, furacoens, &c.

Para o bom exito da plantação convém alinha-la, marcando com estacas os lugares das covas, e em cada huma depôr varias sementes; ter toda a atenção nas lavras e limpas repetidas; deixar só em cada cova o pé mais vigoroso, e arrancar os outros; operação, que se faz, quando as plantas tem 12 á 15 polegadas d'alto.

Limpe-se bem a terra antes de ser plantada, abirão-se as covas algum tempo antes da plantação afim de que, recebendo as agoas da chuva e mais beneficios da athmosfera, se conserve a humidade, e dê tempo á planta para que pegue bem; cubra-se, pela mesma razão, a raiz com terra humedecida: arranquem-se as plantinhas com summo cuidado, levando cada huma as raizes com a sua terra. Esta precaução assegura o bom exito da plantação, e com ella menos cuidado nos deve merecer a estação, o que não succede quando se arranca a plantinha, sem que as raizes venhão com a terra. No arrancar he quasi certo quebrar-se a ponta da raiz mestra, a qual se he bom conservar, quando o terreno he rico, e profundo, melhor he cortar, quando a camada de boa terra he pouco espessa, e se

segue tofus ou pedra, pois que não podendo profundar, a planta languece: cortando-se apressa-se o crescimento das raizes lateraes, que, estendendo-se pela boa terra, vai buscar o nutrimento necessario á vegetação, assim antes corta-la do que enterra-la quebrada ou lascarada; a ponta da raiz mestra huma vez cortada ou quebrada não cresce mais, segundo diz Duhamel, e o confirma a experiencia.

O mais essencial na transplantação he arrancar a planta com o maior numero possivel de raizes, o que he facil, pois que devendo ser depois de chuva, a terra se acha então mole.

Arrancadas as plantas arranjào-se em cesto largo com huma camada de terra no fundo, põe-se as plantas sobre esta encostando-as ás bordas do cesto; assim dispostas lança-se terra fresca sobre as raizes, por cima desta camada arranja-se outra ordem de plantas &c, cobre-se o todo de folhas de bananeiras: leva-se neste estado para o sitio da plantação; vão-se depondo as plantas nas covas, enchem-se estas de terra, acama-se de leve, e tem-se antes o cuidado de estender bem as radiculas, e a terra assim disposta conserva a humidade; e bom será chegar algumas pedras para junto das plantas, sem que todavia as toquem; e fincar alguns ramos ao pé para abriga-los do sol.

Alguns formão a plantação em triangulos para economizar terreno, mas acho que a me-

lhor fôrma para o cafezal he o de paralelogramo alongado, offerecendo as duas maiores faces ao Nacente e ao Poente, e cerca-lo todo de arvores, que o abriguem; traçar de 150 a 150 toezas ruas direitas e largas, que cortem o paralelogramo, orna-las de arvores, e de preferencia fructiferas; no meio huma rua, que o divida ao longo. Hum Cafezal bem disposto he talvez o mais lindo quadro que a agricultura offerece, a brancura brilhante das flores, o encarnado dos fructos, contrastando com o verde das folhas, apresentam o mais agradavel matís, o que mais realça o aroma, que das flores se derrama.

Quanto á distancia de pé á pé, pertendem os que plantão mui basto na distancia de 4 palmos, que conservão a frescura da terra, e diminuem as limpas, opondo-se a sombra ao crescimento das hervas, pretendendo de mais que ha maior abundancia de fructos, o que he verdade, mas só até a primeira colheita, porém crescendo mais as arvores, emaranhão-se os ramos, e privando-se mutuamente dos influxos athmosfericos produzem muito menos, e as vezes só a haste produz. Estou que a distancia deve variar segundo a qualidade de terra, sendo tanto maior quanto maior for a fertilidade do terreno, e que se dê menor distancia de planta á planta em cada linha, e maior de linha á linha: que a distancia em cazo algum seja menor, do que de seis a seis

pês, e nem maior do que 12. Verdade he que a cultura, assim disposto o Cafezal, custa mais, porém mais balanção com essa difficuldade as vantagens, que se obtêm, pois que as arvores são mais formozas, e produzem o quadruplo; sendo as alas mais espaçozas, menos se molhão os trabalhadores com o orvalho, e em fim pode-se tirar mais viveres do terreno durante os tres primeiros annos &c. He certo que alguns não admittem que se plante coiza alguma entre os Cafezeiros, senão quando a terra for muito boa, mas vejo que não ha razão para deixar de aproveitar huma terra, que se não for occupada por plantas uteis, o será por inuteis, e que de mais augmentarão o trabalho das limpas.

A profundidade das covas seja 6 á 7 polegadas, e lugares ha em que devem ser menos profundas, segundo a espessura da camada de boa terra que comprir ao solo, pois que (como anunciamos) tocando as raizes o mão fundo, estranhão a transplantação; de mais sendo mais profunda, mais tempo conserva a agoa das chuvas quando estas são mais frequentes, e as raizes apodrecendo, a planta morre. He porém do interesse do lavrador o escolher tempo chuvoso para a plantação, mas não se escolha justamente o dia em que chova muito, pois que não convém transplantar, quando a terra está reduzida a lama, por isso que vindo a secar damnifica as raizes.

He pratica recebida o decotar-se o Cafezeiro, e só varião na altura em que o decepaõ: em S. Domingos he na de 3 pés, em Bourbon e Ilha de França na de 5 a 6, outros decepaõ na de  $2\frac{1}{2}$  nas más terras, e na de 4 ou 5 nas boas: na Terra Firme, na de 4 &c., outras porém deixão subir a 24 ou 25 pés; altura que lhe a Natureza assignou.

Quando paramos o crescimento de huma planta, devemos tratar de que ella não sofra no constrangimento, a que a obrigamos, e de tirar partido da nossa operaçãõ; assim não he só bastante o decepa-la; com essa operaçãõ ella se torna mais ramoza, e folhuda, cumpre desbasta-la, e a fórma, que mais convém dar-lhe, he a de cone truncado, ou pão de assucar, e para o decote deve-se escolher o tempo em que há menos seiva, como são os mezes de Maio, Junho &c. Vemos d'aqui quantas incisoens fazemos ás arvores, e que estas expostas ao ar, á chuva, á seca, podem ser atacadas da caria, e atrophia, se não houver o cuidado de tapar, ou barrar as feridas com alguma pasta ou maça, lama &c., he este o risco, e não o de criar piolhos, e outros insectos, como pertende Mr. Barré.

As arvores assim tratadas produzem mais e melhor fructo, a colheita he mais facil, menos expostas ficão aos damnos dos furacoens, tanto pela sua altura, como pela fortaleza; que os ramos adquirem, a qual tambem as livra

de facilmente quebrar com o pezo dos fructos: em fim nos lugares, onde as chuvas abundão, e a terra he mui rica, o decote he util até como sangria, pois que não he raro ver morrer huma arvore pelo excesso de seiva: todos sabem que o açoitar as arvores, em demaio viçozas, he para que desfolhando-se frutifiquem melhor.

Com a transplatação e decote não estão acabados os cuidados, que o Cafezeiro pede: he muito necessario trazer o terreno limpo, mormente ao pé da planta, e até ao segundo anno: o uzo mais geral he servir-se da enxada, porém ha o risco de offender a planta e suas raizes, e nos montes além d'esse, ha o de soltar mais a terra, e em consequencia facilita-la mais a ser levada pelas enxoradas. A melhor das limpas he á mão, quando he praticavel, como succede em quanto a herva está pequena; a limpa á mão he tambem mais economica, o chão fica mais bem expurgado da herva, e pede menos limpas.

Livrar-se-hão igualmente as arvores dos ramos ladroens, e toda a vez que se encontrar páo morto, ramos secos, quebrados, ou lascados, cortem-se ao vivo, e cubrão-se as feridas com terra molhada.

Desde que as folhas do Cafezeiro amarellecem, he sinal que elle se acha doente, então cave-se a terra ao pé da planta, examinem-se as raizes, e se estiverem tocadas do bixo,

tire-se a terra que as cerca, e substitua-se outra misturada com cinza, e calque-se. Desbastem-se alguns ramos em proporção á perda das raizes, que houve; e não estando humida a terra, que se empregou, regue-se. Se a planta assim tratada senão restabelecer, seja decepada o mais rente possível da terra, rebentaráo varios renovos, dos quaes se escolherá e conservará o mais forte, cortando-se os outros com alguns dias de intervalo entre o corte de cada hum delles. Se a planta inorrer, escave-se o sitio, lance-se a terra para longe, deixando-se a cova exposta á chuva, ao sol &c. por algum tempo.

Quando se encontram piolhos nos ramos, folhas &c. da arvore; ha toda a apparencia de que tambem os ha nas raizes, e o remedio he excavar ao pé da planta, e lançar-lhe cinza em abundancia, esfregarem-se as raizes com lama, e decotar, como dicemos.

Os Cafezeiros cobrem-se ás vezes de huma especie de ferrugem negra; que julgo ser extravazão de seiva; e este mal persegue mais as arvores velhas do que as novas: os mesmos remedios acima annunciados são applicaveis neste caso.

Quando os furacoens derrubão as arvores; não nos contentemos, como nas Mauricias e outros paizes, com calçar de pedra os pés derrubados, ou, como fazem outros, que os deixão cahidos rebentar em novos ramos tortuozos,

mas levantemo-las, e calcemo-las logo depois da queda, pois que assim ajudadas em breve estão no antigo estado; he escuzado recomendar que se substitua logo nova planta á que morrer, para o que he de suma utilidade o viveiro bem provido.

Quando o Cafezal está velho he mister decepar as arvores rente com o chião, lavrar, e estrumar; por este meio se remoça, e pôde produzir 15 e mais annos, além dos que já tinha, mas passados estes, renove-se a plantação. O trabalho de decepar he menor do que o de plantar, a planta decepada produz ao cabo de 2 annos, e a replantada só ao cabo de 4, razoens porque aconselho que se não replante logo, e que aproveitem as plantas velhas; á medida que a arvore envelhece, se a quantidade do fructo diminue, torna-se mais miudo e mais estimado no commercio, vindo a qualidade a compensar a quantidade.

Em fim a experiencia tem mostrado que, adoptado este methodo de cultura, prolonga-se a duração do Cafezeiro, que, apezar do que diz Raynal, he de 25, até 40 e mais annos nas boas terras; no districto das Ferrieres Rouges de S. Domingos, ex. gr., Mr. Brulley diz ter visto em 1789 Cafezeiros que tinham sido plantados nos principios do seculo.

Muitos authores tem escrito acerca da cultura de Café, e, como em todas as mais materias, cada hum sustenta a sua opinião:

aquelle pois que quizer ver mais desenvolvidas algumas das idéas que eu enuncio, pôde ler além de outros os que cito (1); mas convém não tentar essa tarefa sem primeiro se armar dos principios necessarios para raciocinar com os livros, e não seguir ás cegas o que elles dizem, de outro modo mui facil he enganar-se com perda de tempo, e prejuizo de bens, por isso que autores ha que facilmente publicão o que sem o cunho da experiencia só existe em suas vizoens, outros que, apezar de fallarem com a experiencia, variando as circumstancias em que se acharão, das em que nos achamos; servindo ella alli de farol, aqui pôde illudir: cumpre por tanto ler, mas com escrupulo, e nunca porém praticar o que colhemos da leitura, sem que com estudo do sitio, e mais particularidades do cazo em que nos achamos possamos decidir se estamos na mesma circumstancia que elles, a fim de ver se os devemos seguir em tudo, ou que descontos he mister dar-lhes. Grande mestra he a Theoria, mas deve dar as mãos ás liçoens de Pratica:

---

(1) Le Breton — Ellie — Fuseri Aublet — Grainprè — Barrè — Brulley — Lescalier — Voyage à la partie meridionale de la Terre — Ferme, Moyens d'ameilliorer les colonies — Lettre à Mr. Le Monier par Cossigny &c. e outros citados na primeira parte desta Memoria.

## HISTORIA.

*Continuação das Memorias sobre o Rio de Janeiro, para servirem á Historia desta Cidade.*

**P**Assados quatro annos tornárão os Francezes a senhorear-se da enseada do Rio de Janeiro, e sempre em boa armonia com os Indios, continuárão com repetidas hostilidades a infestar os nossos portos, adiantando com efficacia o seu estabelecimento. Para evitar este damno, que de dia em dia tomava hum semblante mais serio, a Serenissima Senhora D. Catharina mandou apromptar, e bastecer amplamente dois Galioens, ordenando a Estacio de Sá, Sobrinho do Governador General do Estado, que com elles partisse sem demora para a Bahia, e por seu mando significasse a Mem de Sá, que com todas as forças que podesse ajuntar naquella Cidade, o enviasse a expellir de novo os Francezes, e a povoar o Rio de Janeiro de gente Portugueza. O Tio, e o Sobrinho derão-se igualmente diligentes á execução destas ordens, e Estacio de Sá appareceu na barra do Rio de Janeiro com a sua Armada bastecida de ferro, e reforçada com alguns Navios, que na Bahia lhe fornecera seu Tio. Daqui expedio hum aviso para a Capitania de S. Vicente, e proseguio na exploração da Costa, á qual tendo mandado huma

lança a tomar agoa, esta lhe trouxe hum Francez, que poderão haver ás mãos, do qual obteve as informações, que carecia, sobre o estado actual das forças do inimigo.

Concluida a reconhecença da costa, endereçou Estacio de Sá para o Rio de Janeiro, e entrou neste porto em hum sabbado de allélua no mez de Abril de 1565, fundiando cerca da Ilha de Villegagnon. Então conheceu a desproporção das nossas forças, e não querendo o prudente Capitão arriscar o credito de seu nome, e a gloria do Estado em huma empreza duvidosa, desferio para S. Vicente, aonde aportou em poucos dias. Aqui pertenderão dissuadi-lo de seus intentos; objectando-os pela comparação das vantagens, que lograva o inimigo bem fortificado, e munido de embarcações ligeiras, sobre fracas forças, e carencia de iguaes embarcações; porém estes inconvenientes bem capazes de desacordar a qualquer bravo menos esforçado, encontravão no coração valente de Estacio de Sá huma rija móla, tanto mais potente quanto mais comprimida; e despresando todos os obstaculos resolveu-se a investir com o inimigo, guarnecendo a Armada de Portuguezes, e de Índios, que lhe vicrão da Capitania do Espirito Santo, e dos que pôde ajuntar em Santos, e S. Vicente, cujos moradores concorrerão com os seus mantimentos necessarios.

Com estes soccorros entrou segunda vez

a barra do Rio de Janeiro, e tomando terra entre o Pão de Assucar, e o Morro de São João, para alli ordenou logo o desembarque da sua gente, e começou a intrincheirar-se, fundando neste sitio o primeiro arrayal ou povoação Portugueza, que depois veio a chamar-se Villa-Velha.

Poucos dias contavão os nossos de estada no seu estabelecimento, quando em 6 de Março de 1566 forão nelle acomettidos pelo inimigo, o qual encontrando huma resistencia, com que não contava, foi completamente rebatido, perdendo grande parte das canoas, em que viera, pela desconcertada fuga, a que foi obrigado. A 2 do mesmo mez alcançarão os nossos outra victoria, cahindo de improviso sobre o inimigo, que em cilada aguardava a passagem das nossas canoas e lanchas; e assim se hia passando o resto deste anno, quando Estacio de Sá se arrojou a hir acometter o inimigo a seu bordo, cuja ousadia lhe granjeou outra mais assinalada victoria. Depois desta acção, expedio o Commandante piquetes de aventureiros, os quaes dividindo-se por diversas aldêas, forão castigando severamente a infidelidade e a perfidia de seus moradores.

Os successos desta guerra forão varios no decurso deste anno, porém pela maior parte favoraveis á nossa causa, porque Estacio de Sá sempre á espreita das conjuncturas favoraveis, não deixava escapar ensejo de bater o inimigo.

Enlevado na conclusão da importante empreza, sempre incansavel e embebido na porfiada lide, o valente Capitão se demorou em participar a seu Tio o estado dos negocios; e Mem de Sá cuidadoso e impaciente, não podendo conter os impulsos do seu desasosegado coração, voa ao Rio de Janeiro com as forças, que pôde ajuntar, acompanhado de algumas pessoas, que espontaneamente querem hir em sua companhia, e surge neste porto a 18 de Janeiro de 1567, antevespera de S. Sebastião, a quem toma por Patrono da nova Cidade, e Tutelar da empreza, que vinha a terminar com a sua presença. Estacio de Sá e os seus o receberão com a mais cordial alegria; e informado o Governador Geral do estado, em que se achava a extirpação do inimigo em Uraçumery, e não obstante a sua numerosa guarnição, e obstinada resistencia, favorecida pela vantagem desta posição, os nossos montarão a trincheira, e passarão á espada innumeravel Genticos, e muitos Francezes, poupando sómente cinco, para serem depois victimas de hum castigo mais terroroso e exemplar. Tudo o mais cahio com esta Fortaleza, e os nossos em perseguição da victoria penetrarão o Continente, levando diante si tudo quanto se oppunha ao seu valor. As terras conquistadas forão-se repartindo por moradores capazes de as cultivar e defender, cuja presença bastou para conter e afugentar o

inimigo. Poucas vidas nos custou esta victoria; mas a fortuna, que sempre mistura as flores com os espinhos, dissipou huma grande parte da alegria dos Portuguezes pela sentida morte de Estacio de Sá, que veio a fallecer hum mez depois, de huma frechada que recebera no rosto durante o conflito; as virtudes deste insigne guerreiro lhe havião grangeado o amor universal, e a sua morte deixou a todos abismados em dor e saudade. Foi sepultado na Igreja, que elle mesmo fundara no arrayal da Villa-Velha, e em 1583 seu Primo Salvador Corrêa de Sá fez trasladar os seus ossos para a Igreja de S. Sebastião, onde se vê ainda a inscripção dedicada á sua memoria.

Mem de Sá vendo tudo já em socego, dispoz-se a lançar os fundamentos da nova Cidade, e fazendo abandonar o sitio da primeira povoação, veio estabelecer-se no lugar, em que hoje vemos a Casa da Misericordia, e nas suas immediações. Intitulou a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, conservando-lhe o nome anterior do local, e dando-lhe o primeiro em memoria da victoria ganhada, e em honra do Soberano, que então occupava o Throno Portuguez. Tendo dado principio á fundação, dispoz a sua retirada para a Bahia, delegando os seus amplos poderes em seu Sobrinho Salvador Corrêa de Sá, em quem concorrião todos os requisitos necessarios para este emprego, e em Março de 1568

sahio do Rio de Janeiro, endireitando para as Villas e povoaçoens do S., afim de agradecer aos moradores o muito que havião concorrido com suas fazendas e pessoas para o bom exito desta guerra. Por toda a parte foi deixando indeleveis testemunhos do seu zelo infatigavel, nas sabias providencias todas tendentes directamente ao bem dos povos, e ao melhor serviço d'ElRey; até que finalmente se restituiu á saudosa Bahia, onde terminou com a virtuosa vida o seu longo e fadigoso governo de 14 annos, só a morte podendo atalhar a serie de seus triunfos, e de seus importantes serviços. Jazem as suas respeitaveis cinzas junto ao cruzeiro da Igreja dos Jezuitas, e a sua memoria perpetua-se nos coraçõens virtuosos. Deixou descendencia no Brazil, a qual pelas inconstancias da fortuna apenas conserva o appellido de tão illustre progenitor.

Salvador Corrêa de Sá havia já adqurido grandes credits, distinguindo-se com luzimento nas passadas brigas; agora quando se desvelava na edificação e augmento da nova Cidade, foi novamente inquietado.

Surgirão em Cabo Frio quatro embarcaçoens Francezas com o fim de carregarem de Páo-Brazil, e os Indios Goitacazes, que então occupavão toda esta Costa até Santa Catharina das Mós, e de quem pendião as utilidades de semelhantes negociaçoens, resolverão facilmente os Commandantes a auxilia-los con-

tra Martim Affonso de Souza , Indio valoroso ; que sempre dera aos Portuguezes evidentes provas de huma fiel amizade , já na Capitania do Espirito Santo , já na conquista desta Provincia , merecendo que em premio de seus relevantes serviços se lhe conferissem muitas gratificaçoens , fazendo-o tambem Capitão Mór da aldêa de S. Lourenço , que elle mesmo creara , e cavalleiro da distincta ordem de Christo. Ainda então não havia Fortalezas , que vedassem a entrada da barra do Rio de Janeiro , e os navios Francezes entrarão a seu salvo , trazendo oito lanchas , e grande numero de canôas , com o destino de effectuarem hum desembarque , e prenderem aquelle Indio para o entregarem ao seu auxiliado. Salvador Corrêa não se demora em avisar a Martim Affonso , soccorrendo-o ao mesmo tempo com armamentos e gente ; e temendo pela Cidade ainda impossibilitada de resistir a huma inopinada invasão , manda em continente pedir soccorros a Santos , e a S. Vicente ; entre tanto que das fracas forças o seu zelo atilado e perspicaz tira recursos sempre encobertos aos genios mediocres.

Era quasi noite , quando o inimigo desembarcando em frente da aldêa de Martim Affonso se dispunha a passar huma noite tranquila , deixando a empreza para o dia immediato ; mas não lho consente o activo e engenhoso Indio , o qual dá sobre elles d'improviso com

a sua gente, e com os nossos soldados, que poucas horas havia lhe chegarão, e os derrota completamente, matando muitos, e acoçando o resto, que em desordem corre a tomar as suas embarcações ligeiras para se salvar, deixando varios despojos. Os nossos continuárão a fazer fogo sobre elles, e sobre os navios com huma pequena peça, que havião conduzido, e no dia seguinte o inimigo deixou livre a enseada, dirigindo-se a Paranambuco, parecendo haver sómente vindo para dar occasião á gloria de Martin Affonso.

Poucos dias depois chegarão os soccorros de Santos, e de S. Vicente, e com magoa virão fugida a occasião de assinalarem o seu valor; mas, a fim de não perderem de todo os passos, se resolvêrão a hir hostilizar o rebelde gentio de Cabo Frio; cujo impulso o Governador muito louvou. Chegando a este porto, achárão alli fundeada huma embarcação Franceza, carregada de varias mercadorias; e como as forças, que levavão, não podião contrastar as do inimigo, voltárão logo a participar ao Governador o que lhes havia acontecido. Salvador Corrêa, que muito estimava as occasiões de exercitar o seu valor, fez-se logo prestes com hum sufficiente numero de soldados bem armados, de Indios, e de canôas, e partiu para Cabo Frio, caminhando com grande socego e cautela; e havendo chegado, dispoz tudo para dar o assalto na madru-

d ii

gada seguinte. A' hora determinada abalroou com a embarcação por hum e outro bordo ; mas os Francezes defendendo-se valorosamente, tres vezes rechaçarão os nossos , que mais se affincavão na briga com a pertinaz resistencia , até que finalmente morrendo o Capitão Francez de huma frechada , os Portuguezes conseguirão montar o navio , e senhorear-se delle. Durante a porfiada contenda , tres vezes foi ao mar o intrepido e ousado Salvador Corrêa , e outras tantas o salvarão os Indios da sua canôa. Concluida esta acção de tanto empenho , retirou-se o Governador na mesma embarcação Franceza para o Rio de Janeiro , onde generosamente deo o saque della aos que o acompanharão , reservando sómente para si a gloria do triumpho. Applicou os petrechos e muniçoens de guerra para a defeza da nova Cidade ; e não ha muitos annos que na Fortaleza de Santa Cruz ainda se conservavão algumas das peças daquella tomada.

O zeloso Governador não descansou no augmento da nova Cidade , acudindo com as diminutas posses ás obras de maior urgencia , tendo sempre em mira a felicidade dos povos , e o engrandecimento do Estado ; até que por ordem de S. Magestade o Senhor Rey D. Sebastião , entregou o Governo a Christovão de Barros. Este seguiu os passos de seu antecessor , e ainda governava em 1573 , porque neste anno concedeo elle a Manoel de Brito

a sesmaria do terreno, em que hoje existe o Mosteiro de S. Bento.

A Christovão de Barros succedeo Antonio Salema ( Dezembargador que se achava com alçada em Paranambuco ), com o titulo de Governador Geral do Sul, porque em 1574 dividio S. Magestade em dois o Governo Geral do Brazil, residindo hum na Bahia, e outro no Rio de Janeiro. Salema ainda governava em 1577.

Tornando S. M. a reconcentrar o Governo Geral nas mãos dos Governadores da Bahia, nomeou em 1577 para Capitão Mór e Governador do Rio de Janeiro a Salvador Corrêa de Sá. Em 1583 se lavrou nesta Cidade hum Auto de avença, que elle como Governador e Provedor da Fazenda Real fez com João Guterres Valerio, obrigando-se este a pagar certa quantia por cada escravo, que de Africa conduzisse no seu navio. Este Governo ainda durava em Outubro de 1589, em que chegarão a esta Cidade os Fundadores do Mosteiro de Benedictinos, que nella existe; mas não consta precisamente o anno, em que Salvador Corrêa de Sá dimitio a Capitania, julga-se porém que a entregou a Francisco de Mendonça por varias rasoens que occorrerão.

Francisco de Mendonça ainda governava em Outubro de 1598, quando o Governador Geral do Estado D. Francisco de Souza veio a estas partes do Sul a promover o descobrimento das Minas.

A Francisco de Mendonça seguiu-se Martim de Sá, que ainda governava em Fevereiro de 1605, porque a 24 deste mez propozeram os Camaristas de S. Vicente ao povo hum requerimento do Ouvidor daquellas Capitánias de S. Vicente e de Santo Amaro, Antonio Pedrozo, no qual pedia este Ministro que houvessem de ajudar ao Capitão Mór das mesmas Capitánias Pedro Vaz de Barros, no caso de elle querer hir com gente impedir por meios brandos e pacificos o resgate, que lhe constava haver Martim de Sá mandado fazer com tres navios em partes daquellas Capitánias, por isso que este procedimento violando a jurisdicção alheia, era subversivo da boa ordem estabelecida, que devia manter-se religiosamente, e porque aquelle Governador nenhum caso fizera da representação, que sobre este objecto lhe dirigira Pedro Vaz de Barros.

A Martim de Sá succedeu Affonso de Albuquerque. Foi este Governador quem lançou a primeira pedra para a fundação do Convento de Santo Antonio em 4 de Junho de 1608. Em 7 de Junho de 1611 concedeu aos Monges de S. Bento huma data de terras em Iguaçú, e parece que em 1614 ainda governava.

Affonso de Albuquerque foi seguido por Constantino de Menelau, o qual por ordem do Governador Geral do Estado Gaspar de Souza, passou em 1615 a Cabo Frio com alguns Portuguezes, e 400 Indios da aldêa da

Sapetiba, que hoje existe em Taguahy, a fim de expulsar daquelle porto cinco embarcaçoens Hollandezas, que alli se achavão negociando com os Indios Goitacazes a troco de Páo Brazil. Constantino de Menelau, havendo feito retirar aquellas embarcaçoens, mandou demolir hum pequeno Forte com artilheria encarretada, que defendia a barra da parte do Norte, do qual ainda hoje se descobrem alguns vestigios, e huma casa de abobada, tudo de pedra e cal, e construido pelos Francezes em outro tempo; e em Novembro do mesmo anno creou aquella povoação, que tomou o titulo de Cidade, concedido a todas as que se estabelecção no tempo dos Philippes: até então a casa de abobada era o caracteristico deste lugar, que se dominava a casa de Pedra. Por voto dos que o acompanharão nesta empreza, mandou entulhar a barra com as demoliçoens destas obras, sem reflectir no damno, que para o futuro viria a sentir-se de semelhante conducta, e nomeando a Estevão Gomes por Capitão Mór e Governador da nova povoação, voltou para o Rio de Janeiro.

Em 3 de Julho de 1616 nomeou Philippe III. em Lisboa a Rui Vaz Pinto para governar o Rio de Janeiro, o qual tomou posse nesta Cidade a 19 de Junho de 1617. Succedeu-lhe Francisco Fajardo, o qual se aposentou do Governo em 20 de Junho de 1620.

Em 11 de Junho de 1623 tornou a go-

vernar Martim de Sá ; e por outra Provisão de 27 de Junho de 1626 mandou S. M. que continuasse no Governo. Em 1630 ainda governava , porque neste anno fundou elle a aldeia de S. Pedro em Cabo Frio.

Rodrigo de Miranda Henriques foi provido no Governo do Rio de Janeiro pelo Governador Geral do Estado Diogo Luiz de Oliveira , e tomou posse em 13 de Junho de 1633.

Sucedeo a Miranda , Salvador Correa de Sá e Benevides , o qual tomou posse a 3 de Abril de 1637. Em 15 de Agosto de 1641 confirmou o Senhor Rei D. João IV a Patente deste Governador , na qual Philippe IV ordenava que além dos primeiros tres annos governasse ainda outros tres , no caso de proceder como devia. O mesmo Senhor D. João IV o fez independente do Governador Geral do Estado , conferindo-lhe ao mesmo tempo jurisdicção sobre as outras Capitánias do Sul , cuja Mercê foi depois revogada por S. M. Ausentando-se a visitar as Minas , por ser Administrador Geral de todas ellas , ficou interinamente governando seu Tio Duarte Correa Vasquianes , que tomou posse em 19 de Março de 1642.

Seguia-se Luiz Barbalho Bezerra , que governava em Outubro de 1642. Não acabou os tres annos , em que fora provido , por fallecer em 15 de Abril de 1642. Seu filho Agostinho Barbalho foi feito Administrador Geral

das Minas em attenção aos serviços de seu Pai.

A Luiz Barbalho Bezerra succedeu Francisco de Souto Maior. Tomou posse do Governo a 7 de Maio de 1644; mas governou pouco tempo por ser mandado ao Reino de Angola a fundar hum Presidio em Quicombo, depois que os Hollandezes se apoderarão cavilosamente da Cidade de Loanda.

Em 21 de Dezembro de 1644 nomeou S. M. para o Governo do Rio de Janeiro a Duarte Correa Vasquianes, o qual tomou posse em 22 de Março de 1645.

Salvador Correa de Sá e Benevides sahio de Lisboa com o cargo de Governador desta Cidade, e Capitão General do Reino de Angola; e chegou ao Rio de Janeiro em Janeiro de 1648. Partio para Angola a 12 de Maio do mesmo anno, e ficou governando aquelle Reino, que havia libertado do poder dos Hollandezes, em cuja ardua empreza se houve com grande sciencia e valor.

Recahio o Governo do Rio de Janeiro em Duarte Correa Vasquianes, no mesino dia em que seu Sobrinho desferiu deste porto. Faleceu em 23 de Maio de 1650, depois de haver feito grandes serviços ao Estado. Jaz na Igreja dos Jezuitas.

## N A V E G A Ç Ã O.

*Reflexões sobre as derrotas de estima,  
e suas correcções.*

Non gloria nobis  
Causa , sed utilitas . . .

*Ovid.*

**H**Avendo sido muitas vezes empregado no ensino da navegação , e apurado os pequenos conhecimentos , que me permittia meu acanhado talento , em algumas viagens , huma das quaes meramente apprehendida em Serviço de S. A. R. em huma estação a mais cruel , foi huma excellente escola de quanto pôdem os conhecimentos contra huma cega e rotineira pratica ; sendo muitas vezes testemunha do embaraço , que a atmosphera offerece á observação dos astros , este faixo brilhante , que ensina o navegante a abandonar as costas , e a engolfar-se no intratavel Oceano ; eu julguei que a derrota de estima , que nos accompanha fielmente a pesar das tormentas mais rigorosas , e quando mesmo o Céu está fechado para nós , merecia ser o objecto da mais sizuda attenção , e deviamos voltar a ella os nossos maiores desvellos. Eu passei por tanto a examinar os seus elementos , e de serias reflexões deduzi as seguintes adverteneias , que talvez não serão inúteis a quem trilhar a immensa estrada das ondas.

Eu dividirei os elementos da derrota em distancia e rumo; e cada hum destes objectos me occupará separadamente.

### *Distancia.*

A distancia, ou o arco do circulo maximo descrito sobre a superficie das agoas, se a derrota he directa, ou de Loxodromia, se he obliqua, he medida por hum instrumento muito simples e muito engenhoso, que tem o nome de barquinha. E' porque para avaliar qualquer espaço percorrido, he necessario attender ao tempo, nasceu daqui a necessidade de empregar hum instrumento, que servisse á medida do tempo; e a ampulheta satisfiz a este objecto. Aqui temos pois sujeitos ao nosso exame a barquinha e a ampulheta.

### *Da barquinha.*

Todos conhecem a barquinha, e por isso he escusada a sua descripção. Todavia cumpre notar que ha grande differença entre o sector de madeira, que fórma o corpo da barquinha, e o cordel que serve para medir o espaço. Os Hespanhoes dão ao sector o nome de *barquilla*, e ao todo do instrumento o de *corredera*. Quanto ao primeiro, deve reflectirse que elle he destinado a formar hum ponto fixo na superficie das agoas, do qual se co-

meção a contar os nós , ou divisoens do cordel ; o que não se pôde conseguir exactamente , porque este sector participa do movimento do navio , do fluxo do mar , e da agitação do vento. A estas circumstancias se tem obviado em parte , 1.º dando ao cordel , antes que comecem as divisoens , hum comprimento igual ao do navio , a fim de salvar desta sorte o seu rebojo , o que não sei que motivo physico possa ter ; pois estou persuadido que a agoa , não sendo hum fluido perfectamente elastico , gasta menos tempo em mudar de estado do que em restituir-se a elle , seguindo-se daqui que o fluido deslocado em quanto o navio corre hum espaço igual ao seu comprimento , não se restitue á sua primeira posição , e portanto ainda tem acção além de huma distancia do navio igual ao seu comprimento. E como nenhum inconveniente ha em que o ponto fixo comece mais longe , eu lembraria dar-se de entrevallo dois comprimentos do navio em vez de hum só , e creio que nem a operação seria sensivelmente mais longa , nem a exactão seria menor.

A acção do vento tendo effeito sómente á flor da agoa , ou nas primeiras camadas deste fluido , conviria que a barquinha mergulhasse mais , para que fosse mais fiel o seu testemunho. A barquinha de Bouguer , que se emprega nos lugares em que ha correntes , deveria empregar-se com preferencia á ordinaria

em todos os casos, e eu creio que só desta ligeira mudança resultarião grandes vantagens.

Porém a divisão do cordel he ainda mais interessante. Esta operação não he mais do que a proporção entre o tempo e o espaço. He huma lei de Mechanica, que os espaços são proporcionaes aos tempos, quando as velocidades são iguaes, e cumpre accrescentar quando os obstaculos, que se oppoem ao movimento, como a fricção, a inercia, a resistencia do meio &c., são constantes. Esta ultima condição requer que se supponha o mesmo estado da athmosfera, e do mar, e ao mesmo tempo que a intensidade do vento, o numero e disposição das velas, e a direcção do navio sejam constantes. Posto isto, he necessario dar ao comprimento do intervallo, que se conta por huma milha, a mesma relação com esta, que tem o tempo que dura a observação com a unidade de tempo. Ordinariamente se toma para o primeiro tempo 30'', e para unidade huma hora. O que logo se offerece como mais digno de attenção he examinar o comprimento absoluto de huma milha; e este he o objecto, que me parece ter sido menos discutido, e ao qual prestarei agora algum desvelo.

Se a terra fosse esferica, todas as direcções da gravidade concorrerião no centro della, por consequencia todos os graos serião iguaes, porque serião medidas de angulos

iguaes, e este arco, quer tivesse os seus extremos proximos ao pólo, quer nas visinhanças do equador, teria sempre a mesma grandeza absoluta. Reciprocamente, se os graos medidos em differentes latitudes fossem iguaes, concluir-se-hia a esfericidade da terra. Mas depondo a medida daquelles contra a existencia da segunda, parece bem pouco seguro continuar inteiramente com huma hypothese erronea. Digo inteiramente, porque em alguns casos he toleravel esta supposição. Em derrotas de pequena extensão, o caminho percorrido, qualquer que seja a figura da terra, não differe sensivelmente de hum arco de circulo, o qual mesmo, attendendo á grandeza do raio, confunde-se com a sua corda; donde vem que a redução da derrota se faz por hum triangulo rectilineo. E como todos os dias se faz esta operação, não importa muito attender á figura da terra. Mas para avaliar as hypotenusas destes triangulos não conviria o maior cuidado?

Não sendo de antemão conhecida a figura da terra, os astrónomos voltarão-se para o Céu, e determinarão por comprimento de hum grao sobre a superficie da terra o espaço percorrido até que a vertical de hum astro mude hum grao. Posta esta definição, se empregarão homens muito habéis em medirem differentes graos, e os seus resultados todos differentes se achão em muitas obras, e nelles

vemos variações de 567,53<sup>t</sup> (no Equador) até 5744<sup>2</sup> (no círculo polar). Na Latitude de 45° se achou 57008: de maneira que (para se forrar ao trabalho) se assentou dar ao grao 57000 toesas, que dá para huma legoa, ou a vigesima parte de hum grao 2850 toesas, ou 178100 pés, que reduzidos a metros (porque pé: metro:: 1: 0,32484 *Trig. de Legendre* Introd.) dão 5554,764; que corresponde a 2524,892727 braças, ou 25248,92727 palmos = 5049,7854 varas para comprimento da legoa; e para a milha, 1683,261818 varas. Daqui resulta que

$\frac{1}{120}$  deste comprimento, ou 14,02718 varas,

ou 14 varas, 1 pollegada e huma linha, he a extensão que se deve dar ao cordel durando a observação 30". Para 28", achar-se-ha por huma muito simples proporção 13 varas 3 pollegadas, 8 linhas.

Mas vê-se que este comprimento não he exacto em latitude alguma. Não seria melhor em cada huma empregar o verdadeiro comprimento da milha, e por consequencia da divisão do cordel? Porém isto exigiria medidas de todos os grãos. A theoria acode a esta difficuldade, prestando a formula

$$\frac{c}{c} = 1 - 3\alpha \left\{ \text{sen}^2 \Phi' - \text{sen}^2 \Phi \right\}.$$

Sendo  $c$  o comprimento de hum grao na la-

titude  $\Phi$ ,  $c'$  o de outro na latitude  $\Phi'$ , e  $a$  o achatamento da terra, ou a differença dos dois eixos, suppondo-a espheroidal, que fazemos com Laplace de  $\frac{1}{334}$ . Esta formula se

acha em muitos authores, e se verá tambem no Compendio de Astronomia para uso da Academia R. M., que brevemente verá a luz.

Esta fórmula he a mesma para o comprimento do cordel da barquinha porque  $\frac{c}{7200}$  he o mesmo que  $\frac{c}{7200} : \frac{c'}{7200}$ . Logo havendo

determinado na latitude de  $45^\circ$  (onde o comprimento do grao he 57008 toesas) a extensão de cada intervallo de cordel correspondente a  $30''$  de tempo de 14 varas, 1 pollegada e 2 linhas, ou 14,02914 teremos facilmente para as outras latitudes a seguinte tabella

Latitudes.	Comprimentos.			
	Graos	Braças	Palmos	Pollegadas
0	13	9	5	$3\frac{1}{2}$
10	13	9	5	7
20	13	9	6	$5\frac{1}{2}$
30	13	9	7	$9\frac{1}{2}$
40	14	0	1	5
50	14	0	3	2
60	14	0	4	10
70	14	0	6	5
80	14	0	7	4

Ora ( penso eu ) que , emendando de dez em dez graos o cordel , se approximar  mais   verdadeira avalia o do caminho andado ; e he t o simples esta opera o , que eu n o sei que motivo retarde a sua pratica.

Tenho dito da barquinha quanto basta. Quanto ao modo de a lan ar , e cautelas necessarias , a practica he o melhor Mestre , e o golpe de vista , que nesta sciencia ( como em todas ) he o resultado de estudos e combina oens juntos a humia acertada pratica , p de mais que todas as minhas reflexoens.

Por m esta exac o na medida seria bem pouco proveitosa , se n o observassem cuidadosamente as varia oens , que soffre o comprimento do cordel , allongando-se , ou encolhendo com o calor , ou com a humidade. Pelo que convem frequentes vezes verifica-lo , e fazer as emendas necessarias. P dem evitar-se estas emendas , attendendo   differen a , e fazendo conta com ella. Se achassemos , por exemplo , que em 8 divis oens havia crescido ou miugado meia divis o , diriamos no primeiro caso  $8:7,5::$  as milhas contadas na singradura : as milhas andadas ; e no segundo a primeira raz o seria  $8:8,5$ . E isto pouparia com effeito a emenda. Mas , sendo necessario repetir esta opera o a cada rumo , ou pelo menos a cada triangulo , me parece que seria muito mais commoda a emenda , do que a frequente repeti o de propor oens.

Outras muitas reflexoens se poderião fazer, que ommitto, porque a sua utilidade seria nulla, e esta he o alvo das minhas consideraçoens, como declara a epigraphé. Mas o que cumpre attender escrupulosamente he a medida do tempo. Esta se faz por meio do instruento bem conhecido, chamado ampulheta. As difficuldades, que ha neste instrumento, são sabidas de todos; 1.º a perfeita similhança dos dois vidros, que o compõe, o que influe notavelmente na velocidade com que a arêa passa de hum a outro vaso. Quanto mais estreito for o cône de vidro, que a arêa deve encher, tanto maior será a pressão, que as particulas inferiores soffrerão, e em consequencia maior será a velocidade, com que passe pela abertura ou ponto de communicação. Donde se segue que a desigualdade dos vasos tras com sigo a desigualdade de velocidade, e por consequencia as passagens de hum vaso para outro não serão feitas em igual tempo. O outro obstaculo he que a fricção da arêa vai successivamente alargando a abertura, e por tanto diminuindo o tempo, em que a arêa passa de hum a outro vaso. Estas duas causas não são ainda as unicas. A humidade da athmosfera altera tambem a sua fidelidade, chegando algumas vezes a embarçar inteiramente a passagem da arêa. Estes motivos tem obrigado a levar huma ou mais ampulhetas de verificação; porém sendo estas sujeitas aos

mesmos inconvenientes, vem a ser bem equivoco o seu testemunho.

O modo de verificar este instrumento em terra, tambem merece alguma attenção. Hum pendulo de segundos he o meio, de que se servem para este fim. Ensina a Mechanica que o tempo de humia oscillação he igual á raiz quadrada do comprimento dividido pela gravidade, entendendo por estas expressoens, o n.º abstracto que mostra a razão do comprimento do fio para a unidade, e outro que mostra o n.º de pés que a gravidade percorre em humia unidade de tempo, v. g. hum segundo; donde se vê que a razão he homogenea. Daqui se deduz que o comprimento do fio deve ser igual ao quadrado do tempo multiplicado pelo espaço percorrido pela gravidade em hum segundo. Se a gravidade fosse constante em todos os lugares da terra, debería ser igual o comprimento do pendulo de segundos. E he esta a supposição que fazem os Authores de Navegação, quando estabelecem para compri-

mento do pendulo de verificação  $9^p 2^{\frac{1}{7}}$  francezas, ou  $9^p 0,78^l$  portuguezas, que he o comprimento em Pariz. Ora mostrando a experiencia que a gravidade muda de hum lugar para outro, devem ser os comprimentos proporcionaes ás gravidades, isto he, mudarem

successivamente. Tomando por unidade o comprimento em París, se tem achado os seguintes.

<i>Latitudes.</i>	<i>Comp. do Pendulo.</i>
0°	0,99669
18°	0,99745
43,6	0,99950
48,8	1,00000
66,8	1,00137

De maneira que tomando pelas partes proporcionaes para 23° a fracção 0,99786, teremos o comprimento do pendulo no Rio de

Janeiro 9<sup>P</sup> 1, <sup>1</sup>9 francezas, ou 9<sup>P</sup> 0,54 <sup>1</sup> portuguezas ou a differença de perto de  $\frac{1}{4}$  de linha.

Eu bem sei que na pratica não se póde attender a tanta delicadeza, porque ha erros na execução maiores do que aquelles que se podem commetter na theoria. Mas será por ventura melhor ajuntar a aquelles inevitaveis outros que se poderião obviar, para nos poupar-mos a hum pequeno trabalho? Se Newton dizia que nas couzas mathematicas não se devião desprezar os erros mais pequenos, que fará quando a applicação das mesmas tem por objecto as vidas, e as fazendas de tantos individuos!

As difficuldades pois que offerece o uso da ampulheta recommendão com preferencia o uso de hum relógio de segundos. O erro não será de meio segundo, em quanto he inevitavel hum mais consideravel na ampulheta.

De que servirão porém tantos desvelos, se a operação fosse grosseiramente feita? Mas porque hão de haver descuidos em huma materia de tanta importancia? Quem pensaria que muitas vezes mudando de rumo, de panno, de força do vento, de mar, se continuasse a escrever na pedra o numero de milhas correspondente a outros dados para evitar o deitar a barquinha? Quem se persuadi-ria que a preguiça tenha feito passar muitas horas sem procurar saber o verdadeiro anda-mento do navio? E porque? — Porque a bar-quinha não he exacta. — Isto quer dizer, eu com todos os meus descuidos terei de engano meia milha. — Ha tal discorrer! Doze milhas em huma singradura já não merecem attenção? — Porém com todas estas impertinencias o erro não diminuiria de metade. — Negando o facto, digo que ainda assim trata-se de 6 milhas por singradura, e se muitos dias não houver sol, por exemplo 10 dias, temos o erro de hum gráo. Não basta ( torno a dizer ) que o numero de erros que se evitão seja muito menor do que o dos inevitaveis: ninguem he responsavel pelo que fica além do seu alcance, mas todos devem empenhar-se em diminuir quanto em si he as causas de erro. Pilotos, a vossa honrosa profissáo exige as mais delicadas combinaçoens. Nenhum escrupulo he muito, quando se trata dos bens, e da vida de tantos homens, confiados ao vosso cuidado. Os nomes dos Gamas

e Cabraes anda de mistura com o do celebre Piloto Nicolau Coelho ; Alvaro Esteves , e João de S. Jago , e outros ganharão aos Portuguezes os primeiros descobrimentos. E porque descorçoais ? Para que vos entregais ao ocio ! Eu sei bem quanto he penoso o vosso mister : mas não perdeis vós muitos instantes , que tão bem empregados serião em aperfeiçoar os instrumentos da vossa gloria ? Ouvi os conselhos de hum homem que prestou á vossa profissão alguns cuidados , e que se ainda hoje não se emprega em espreitar os meios de aperfeiçoá-la , *Ob noxam unius et furias . . .* , todavia não renuncia absolutamente a estes cuidados , e em huma tarefa analoga aos seus primeiros estudos , volta muitas vezes os olhos ao destino , a que o chamavão os seus desejos , e por ventura a sua constituição physica.

## G E O G R A F I A .

*Noticias sobre Cabo Negro , extrahidas dos fragmentos da Viagem do Doutor Joaquim José da Silva.*

**N**ÃO ha muito tempo se publicou hum Mappa Hollandez , que dá o nome de *Cunéne* ao rio , que desemboca ao S. de Cabo Negro , querendo dar a entender que aquelle rio corta este Cabo com huma largura propria dos grandes rios ; mas pondo de parte o haver-se o seu A. enganado sobre a posição geographica da sua desembocadura , muitas rasoens concorrem a persuadir-me , que aquelle nome lhe não convem. Em Hacabona , onde estive , Capital de Animba , que vizinha com os Mungamboes , dizão que dalli perto estava hum grande rio , a que chamavão *Cobale* , indicando , quando nelle fallavão , para Quiabicua , para onde os nossos dizem corre o *Cunene* ; e accrescentavão , que este rio lia ter a *Inhana* , ou grande lagoa , segundo quer dizer aquella palavra. Ora geralmente entre todas , ou a maior parte destas Naçoens , *Quinene* quer dizer *grande* , e não duvido que por isso *Rio Cunéne* por corrupção , venha a ser o mesmo *Rio Quinene* , ou grande , como outros mesmo de entre os negros chamão ao *Cobale* , por ser elle talvez o unico rio grande , e perene , que se conhece neste sertão do Sul. Se

este rio he o mesmo que os nossos chamão Cunene, como parece provavel, não he sem duvida daquelles, cuja desembocadura he conhecida: quando nós estavamos em pouco menos altura que a de  $19^{\circ}$ , e a 5 ou 6 dias de jornada do mar, eu me persuadi que poderiamos pelo SO, ou pelo OSO encontrar a sua corrente; mas andando ainda muitas legoas, não podemos achar hum só vestigio, que não fosse das estereis vizinhanças de huma Costa inhabitavel. Todavia parece indubitavel que he a este rio, e não ao que desemboca em Cabo Negro, que compete o nome de *Cunéne*.

Sabe-se que os que navegão pela latitude de  $16^{\circ}$  observão quotidianamente sobre as agoas varios pedaços de madeiros, ou ramos de arvores, a que chamão *Trombas*, e outros signaes de chêa de algum grande rio, que lança ao mar, em notavel distancia da Costa, estes fragmentos; mas esta observação, ainda que feita pela maior parte dos navegantes, não he menos certo que não tem acontecido infalivelmente em todos os tempos, nem a todos elles, como anim me acconteceu viajando para esta Costa; e posto que isto se attribua ás diversas distancias, em que se passa da Costa, não ha rasão alguma que confirme este pensamento, podendo succeder o mesmo porque o rio, qualquer que elle seja, só arroje as chamadas *Trombas* em occasião de enchente. Effectivamente ao Sul daquelle Cabo

desemboca hum rio, que faz barra entre humma pequena ponta de arêa ao S. do Cabo, e a Costa tambem de arêa ao S. desta ponta, que assim continúa pela terra dentro por espaço de muitas legoas, sempre fronteira a humma serrania não menos extensa, que termina iinda de longe em humma Mina de Sal marinho terrestre, por detraz, e ao N. de Cabo Negro. Quem navega por este rio para o mar nos mezes de secca, encontra por todo elle, não só profundas lagoas de agoa navel, mas tambem tanques naturaes de rocha, que se tem formado pelo correr dos tempos, nos quaes se conserva agoa pela maior parte salgada, e com peixes; e algumas destas cavernas se vêm cobertas de bellas crystallizaçoens do mesmo sal: alem disto o menos profundamente que se cave no leito deste rio, sempre se encontra excellente agoa doce, que em algumas partes se vê manando, até sumir-se pela arêa a pouco distancia da sua fonte; como igualmente me dizem acontece, e eu o observei em outros rios deste sertão. Estas circumstancias, a grande extensão da corrente deste rio, e os vestigios das suas grandes cheias, que se conservão, em não poucas braças acima do seu fundo, pelos troncos e ramos de altas arvores, são mui claros indicios da grande massa, com que corre em certos tempos, em que a sua arrebatada corrente deve necessariamente arrojar muitas legoas ao mar, troncos, e frag-

mentos de arvores, maiormente de palmeiras, que povoão toda a extensão das margens, que trilhei. Daqui concluo; que este he sem duvida o rio, que lança ao mar as chamadas Trombas, e o mesmo que o A. daquelle Mappa ehama Cunene, por não ter certamente podido fazer todas estas observaçoens. Em quanto á foz do Cunene, se ella existe nesta Costa, ou he muito ao S. de Cabo Negro, ou cortando aquelle rio o paiz dos Hotentotes.

Do porto que fôrma o rio das Trombas, se avista continuada desde OSO até o NE, huma formosa bahia, terminada da parte do S. pela costa baixa de arêa, em que já fallei, donde recolhendo para dentro, continúa em rochedos, que pelas estranhas configuraçoens que nestes sitios se lhe imprimem, inda de longe da costa, representão já capiteis, já pilastras, cornijas, e outras obras de arquitetura, prostradas pela antiguidade, só com a interrupção do mesmo rio. Da parte do SO, e dentro da mesma bahia, se levanta a Costa em huma ponta grossa, com huma planicie emeima, cuja superficie he tapizada de pequenos seixos de diversos generos, misturados de argilla, em combinação de huma ocre amarellada, que se observa em toda a Mina de sal. No meio da bahia ao N  $\frac{1}{4}$  NE está outra ponta grossa de pedra, toda de impressoens de conchas de differentes generos, e de seixinhos, que se estende para terra desigual

por espaço de tiro de mosquete ; de sorte que a mencionadada bahia vem a ser dividida por esta ponta em duas enseadas , sendo a da parte do N mais curva. A outra metade da bahia comprehende não só a ponta grossa do SO , mas outra pequena ponta ao NNO , da qual corre para o SO hum estreito banco de arêa , que terá meia legoa de extensão , o qual tapa justamente a boca do rio , neste tempo quasi secco , e encoberto de arêas. Em qualquer destes sitios se não encontra desembarque mais trabalhoso que no porto de Benguella ; e como a este chegámos a 10 de Agosto de 1786 , dia de S. Lourenço , os nossos concordarão todos em chamar-lhe *Porto de S. Lourenço*. A ponta de impressoens lhe chamei *Ponta do Padrão* , porque felizmente , subindo esta ponta , alli achou a minha curiosidade hum meio de confirmar o calculo pelo qual me fazia em Cabo Negro , descobrindo hum Padrão de marmore nobre , com huma inscripção em caracteres goticos , prostrado , e quasi arruinado pelo tempo , cujo achado causou em todos hum alegre espanto : eu o fiz novamente erigir , e reparar o melhor que me foi possivel. Esta ponta , juntamente com a do SO , creio que forma o Cabo Negro do moderno Mapa , cortado pelo rio das Trombas.

O rio das Trombas he abundantissimo de sal , que tambem se acha em grande copia nas montanhas da sua margem do Norte. Os

habitantes das suas ribeiras são tão inermes e pouco dispostos para a guerra, que demorando-nos por aqui mais de hum mez, nunca achámos embaraço ás nossas marchas, antes a grande vantagem de lhes tomar-mos impunemente os seus gados, de que tivemos grande falta até ás suas vizinhanças. Deste modo se vê, que será facil em tempo de secas subir por elle acima, e talvez tão grande distancia, que deste modo se consigão mais certas noticias do Cunene, e da Contracosta. Alem disto, se algum dia parecer conveniente procurar Hacabona, na vista de alcançar em menos tempo mais seguras noticias daquelle rio, he mais facil, desembarcando em Cabo Negro, buscar aquella Libata, como mais breve caminho para a parte mais austral do Cunene. Nem menos he digno de ponderação, que a sobredita Libata não pôde estar muito distante do Paiz do *Monotapa*, hum e o mais poderoso vizinho do rio de Sena: as argolas, e outros pedaços de cobre, que servem de ornato aos habitantes, e que lhes vem do Humbi, são huma demonstração da vizinhança, assim do Humbi, como do rio Cunene. O cobre, e a abundancia de Abadas, e de Elefantes por estes paizes, são tres artigos de grande importancia, e que valerão bem a pena de se estabelecer por aqui huma Feitoria. O genio brando destes povos não contrariaria o nosso estabelecimento; e este mes-

mo genio indicando docilidade de animo , faz presumir , que elles serão susceptiveis de tal ou qual civilisação , que mão sábia com brandura lhes procure introduzir. Seria facil de adquirir a sua amizade , fornecendo-lhes nós ovos de Hema , de que tanto abunda o Brazil , por preço mais commodo , que aquelle pelo qual elles hão este artigo dos de Haca-bona , ou dos Mohumbis , para a construcção das suas *Canhamenas* , que tanto estimão ; como tambem manilhas de ferro , e outros enfeites ; e por hum sistema invariavel de justiça , e de equidade , nós conseguiriamos em breve espaço , haver das suas mãos em profusão o marfim , as pontas de abada , o sal , e talvez o cobre , e algum outro artigo de grande valia ; e por ventura a gloria de libertar estes miseraveis da sua bruteza , e de conquistar mais hum povo ao Christianismo , e á Sociedade Universal.

---

## P O L I T I C A .

**N**O Prospecto desta Obra se premetteu dar noticia das Leis , Decretos , Editaes , &c. , que sahisse nesta Corte ; o que até agora não se cumprio , reservando para este lugar fazer o extracto de quantas se houvessem publicado no corrente anno. A este projecto satisfare-

mos neste N.º, dando huma idéa resumida das mesmas Leis.

*21 de Janeiro de 1813.*

Decreto, que explica o paragrafo segundo do Alvará de 28 de Abril de 1809, determinando que a isenção de direitos alli facultada, comprehenda sómente os generos fabricados nas manufacturas em grande, estabelecidas por Immediatas Reaes Ordens, ou Provisoes da Real Junta do Commercio.

*26 de Janeiro de 1813.*

Edital do Conselho da Fazenda, prohibindo os cortes de páo brazil, e declarando que o Principe Regente por Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios do Brazil de 11 do mesmo mez determinára que as licenças para os ditos cortes fossem concedidas por aquelle Tribunal.

*12 de Fevereiro de 1813.*

Decreto, que declarando o de sete de Novembro do anno passado, Ordena que os presos á Ordem do Intendente Geral da Policia, ou a requerimento de partes, cujas culpas formadas houverem sido remetidas aos respectivos Magistrados, e á sua Ordem se tenham

lavrado os Assentos do costume, sejam soltos em virtude das Sentenças, em que forem julgados livres, sem dependencia de nova determinação do mesmo Intendente Geral da Policia.

16 de Fevereiro de 1813.

Decreto, que isenta os cazais de Ilheos que pela Intendencia Geral da Policia foram pedidos ao Governo das Ilhas dos Açores, e a seus filhos de serem recrutados para o serviço militar da tropa de linha, e mesmo de servirem nos corpos milicianos contra sua vontade; estendendo a mesma graça aos cazais de Ilheos, que para o futuro viessem estabelecer-se no Brazil.

10 de Março de 1813.

Decreto, que concede ás pessoas effectivamente empregadas no serviço da Fabrica das Cartas de jogar desta Corte, ou na venda dellas os Privilegios, Faculdades, e Isenções concedidas aos empregados na Fabrica de Lisboa pelos Alvarás de trinta e hum de Julho de mil setecentos e sessenta e nove, e seis de Agosto de mil setecentos e setenta.

1 de Abril.

Decreto, que approva o plano de Estu-

dos de Cirurgia, offerecido por Manoel Luiz Alvares de Carvalho, Medico Honorario da Camara de S. A. R., e Director dos Estudos de Cirurgia e Medicina nesta Corte.

Como este plano, como hum estabelecimento litterario, pertence á nossa empreza, copia-lo-hemos fielmente.

*Plano dos Estudos de Cirurgia.*

I.

**O**S Estudantes para serem matriculados no primeiro anno do Curso de Cirurgia, devem saber ler, e escrever correctamente.

II.

Bom será que entendão as lingoas Franzeza, e Ingleza; mas esperar-se-ha pelo exame da primeira, até á primeira matricula do segundo anno, e pelo da Ingleza, até á do terceiro.

III.

A primeira matricula se fará de quatro até doze de Março, e a segunda de dous até seis de Dezembro.

IV.

O Curso completo será de cinco annos.

## V.

No primeiro aprende-se a Anatomia em geral até ao fim de Setembro, e deste tempo até seis de Dezembro ensinar-se-ha Chimica, Pharmaceutica, e o conhecimento dos generos necessarios á Materia Medica, e Cirurgica sem applicaçoes; o que se repetirá nos annos seguintes.

## VI.

Todos os Estudantes assistirão desde o primeiro anno ao curativo, o qual se fará das sete horas até ás oito e meia da manhã; e dahi até ás dez, ou ainda mais, será o tempo das lições da Anatomia, e de tarde quando for preciso.

## VII.

No segundo anno repete-se aquelle estudo com a explicação das entranhas, e das mais partes necessarias á vida humana, isto he, a Physiologia, das dez horas até ás onze e tres quartos da manhã, e de tarde se conveniente for.

## VIII.

Aquelles Estudantes que ou souberem Latin, ou Geometria, signal que o seu espirito está acostumado a Estudos, matricular-se-hão logo pela primeira vez neste segundo an-

f

no, e nenhum outro o poderá pertender, porque não he de presumir que tenha os conhecimentos necessarios para o exame das materias do segundo anno, o qual, como outros quaesquer exames deste Curso, sempre será publico.

## IX.

Deste segundo anno por diante até ao ultimo haverá Sabatinas, e todos os mezes Dissertação em lingua Portugueza.

## X.

No terceiro das quatro da tarde até ás seis, dará hum Lente Medico as liçoens de Hygiene, Etiologia, Pathologia, Therapeutica.

## XI.

Deste até ao fim do quinto não ha feriados nas Enfermarias, mas sómente nas Aulas, se não houver operação de importancia a que devão todos assistir.

## XII.

No quarto instruções Cirurgicas, e Operações de sete horas até ás oito e meia da manhã, e ás quatro da tarde lições, e pratica da Arte Obstetricia.

## XIII.

No quinto pratica de Medicina das nove

até ás onze da manhã , e ás cinco da tarde haverá outra vez assistencia ás lições do quarto , e á Obstetricia.

#### XIV.

Neste anno depois do exame podem haver a Carta de Approvado em Cirurgia.

#### XV.

A'quelles porém , que tendo sido approvados plenamente em todos os annos quizerem de novo frequentar o quarto e quinto anno , e fizerem os exames com distincção , se lhes dará a nova graduação de Formados em Cirurgia.

#### XVI.

Os Cirurgiões Formados gozarão das prerogativas seguintes: 1.º Preferirão em todos os Partidos aos que não tem esta condecoração: 2.º Poderão por virtude das suas Cartas curar todas as enfermidades , onde não houverem Medicos: 3.º Serão desde logo membros do Collegio Cirurgico , e Oppositores ás Cadeiras destas Escolas , e das que se hão de estabelecer nas Cidades da Bahia e Maranhão , e em Portugal: 4.º Poderão todos aquelles que se enriquecerem de principios , e pratica a ponto de fazerem os exames , que aos Medicos se determinão , chegar a ter a Formatura , e o Grão de Doutor em Medicina.

Os exames são os dos preparatorios, os dos annos lectivos; as Conclusões Magnas, e Dissertações em Latim.

Palacio do Rio de Janeiro em o primeiro de Abril de mil oitocentos e treze.

*Conde de Aguiar.*

8 de Abril de 1813.

Alvará com força de Lei, pelo qual simplificando-se a publica administração, he extincto o Tribunal da Junta dos tres Estados, passando para o Conselho da Fazenda a Inspeção sobre os restos dos Dircitos Reaes, que ainda estavam a seu cargo, e para o Conselho da Guerra inteiramente a Inspeção das Caudelarias; concedendo aos Deputados, Fiscal, Secretario, e mais Officiaes da extinta Junta metade dos Ordenados que percebão, em quanto não forem empregados nas Secretarias do Conselho da Fazenda, sendo habéis, e necessarios.

13 de Maio.

Alvará com força de Lei, que estabelece numero certo de Ministros effectivos na Casa da Supplicação, e Relação e Casa do Porto; a saber sessenta na primeira, e quarenta e cin-

co na segunda, alem do Chancellor: extingue duas Casas de Aggravos, reduzindo-as a doze, e duas varas da Correição do Civel da Corte, ficando sómente duas: e igualmente extingue a Commissão das dividas preteritas, creada pelo Decreto de onze de Outubro de mil setecentos e sessenta e seis: augmenta as Alçadas com mais duas partes do que se acha no Alvará de vinte e seis de Janeiro de mil seiscentos e noventa e seis: ficando por exemplo a dos bens de raiz de 2500<sup>000</sup> reis reduzida a 750.

*Tabella do Regulamento das Alçadas, que se devem observar daqui em diante.*

Para excluir a Revista nos bens de

Raiz 1:0500<sup>000</sup>

Nos Moveis 1:2000<sup>000</sup>

Nas Causas sentenciadas em huma  
ou duas Instancias, de

Raiz 3600<sup>000</sup>

Moveis 6000<sup>000</sup>

Corregedor do Civel da Corte e  
do Porto

Raiz 7500<sup>000</sup>

Moveis 9000<sup>000</sup>

Penas 3000<sup>000</sup>

Relação do Porto

Raiz 7500<sup>000</sup>

Moveis 9000<sup>000</sup>

Corregedores das Comarcas Civil da Cidade de Lisboa Juiz de India e Mina Provedor das Capellas e Re- ziduos Ouvidor da Alfandega	Raiz	320000
	Moveis	400000
	Penas	120000

Raiz	320000
Moveis	400000
Penas	120000

Ouvidores das Comarcas

Raiz	320000
Moveis	400000
Penas	120000

Juizes de Fóra das Terras da  
Coroa

Raiz	160000
Moveis	200000
Penas	60000

Juizes de Orphãos desta Cidade,  
e Juizes dos Orphãos de Fóra

Raiz	160000
Moveis	200000
Penas	60000

Palacio do Rio de Janeiro em treze de  
Maio de mil oitocentos e treze.

*Conde de Aguiar.*

## N E C R O L O G I A.

**A** Russia perdeu hum dos seus homens mais distinctos, e a honra do seu clero, o illustre Platon, Metropolitano de Moscow e de Kalomna. Este homem celebre morreu na idade de 75 annos. Deixou obras, que formão mais de 20 volumes. Todas ellas ajuntão a huma unção rara hum grande talento de persuadir e de mover, e muita força de mistura com muita doçura - debaixo do exterior mais simples. Ellas fazem epoca na eloquencia do pulpito da Russia. Ellas sobreviverão sempre ao seu author, como as suas virtudes. Elle tinha todas as de hum sabio, hum bom pastor, hum verdadeiro Christão; era o bemfeitor e o amigo de humanidade, e amava a sua patria.

*Courier de Lond.*

Londres 23 de Março,

Sua Alteza Serenissima Madame Princeza de Condé morreu a 23 de Março pelas 8 horas da noite, de huma enfermidade, que durou poucos dias. Tinha de idade 75 annos.

Sua Alteza Real Augusta Duqueza de Brunswick, depois de huma breve enfermidade, falleceu esta noite, entre as 9 e as 10 em sua caza em Hanover-square, com grande sentimento de toda a Real Familia.

Londres 6 de Abril.

Os restos de S. A. R. a Duqueza de Brunswick forão enterrados quarta feira passada no cemiterio da Capella de S. Jorge em Windsor. No dia precedente os obreiros que trabalhavão n'aquelle cemiterio descobrirão dois caixoens antigos, hum de chumbo e outro de pedra. Hindo o Principe de Galles quinta feira a Windsor, lhe pedirão as suas ordens, e elle mandou registrar os caixoens antigos em sua presença. Sir Henry Halford, hum dos medicos do Rei, desceu ao cemiterio com S. A. R. Abrio-se o caixão de chumbo, e achou-se hum corpo coberto de encerado; descobrio-se com cuidado a cabeça e o rosto, e se reconheceu o infeliz Rei Carlos I, cujas feiçoens parecião tão perfeitas como em vida. Sir Henry Halford tentou levantar o corpo, mas separou-se a cabeça, e se percebeu a fractura irregular dos golpes de machado, e parecia que a cabeça tinha sido pegada com argamaça. O que accrescentou hum alto gráo de interesse a este espectaculo extraordinario; he que quando a cabeça se separou do corpo, cahio na mão de Sir Henry huma gota de hum fluido similhante a sangue; elle suppoem que era sangue coalhado que o calor do ar dissolveu. Sabia-se que o corpo do Rei martyr tinha sido enterrado em Windsor, mas de huma maneira tão secreta que até o pre-

sente não se havia sabido o sitio. O caixão de pedra contiha o craneo e os principaes ossos do corpo de Henrique VIII, todos bem conservados.

---

A falta de lugar no N.º precedente não me permittio referir a perda mais lamentavel, e á qual tantas demonstraçoens tenho já dado de hum verdadeiro sentimento, sem procurar satisfazer mais do que á verdade.

A Serenissima Senhora Infanta D. Maria Anna, Irman da Fidelissima Rainha Nossa Senhora, falleceu de huma dispepsia no dia 16 de Maio pelas 9 horas da noite com 76 annos 7 mezes e 9 dias. As suas virtudes fizeram vivamente sensivel a sua falta. A sua brandura, affabilidade, Religião e Piedade tinham ganhado os coraçõens de todos os Portuguezes, e em hum e outro mundo erão os titulos inauferiveis ao amor, e veneração da Posteridade. A sua singular caridade, estendendo-se ás tristes habitaçoens da miseria, visitando os carcereos, acodindo aos hospitaes, e amparando tantos desvalidos, deixou hum vastissimo campo aos mais bem merecidos elogios, e hum indelevel motivo á dor mais profunda. No dia 19 foi depositado o Seu Real Corpo no Coro do Convento das Religiosas de N. S. da Ajuda desta Corte.

O Principe Regente N. S., tendo o mais perfeito conhecimento das eminentes qualidades de Sua Augustissima Tia, que fielmente em si copiava, tinha por isso mesmo hum mais avultado quinhão no publico sentimento. Depois das costumadas demonstraçoens, determinou fazer-lhe solemnes exequias na tarde do dia 13 e em todo o dia 14 do corrente.

Em outro lugar démos a discripção desta funebre Ceremonia, que seria inutil repetir. Hum elogio eloquente, tecido por hum muito habil Orador, avivou a saudade de todos, e fez correr lagrimas verdadeiras. As virtudes da Heroína Christá não havião mister os encantos da eloquencia para produzirem aquelle effeito; mas quando seria mais bem empregada a sua magica do que em desafiar á imitação de tão preclaras acçoens aquelles que talvez pararião em estereis admiradores? Não sendo o meu intento apressar o meu juizo sobre esta Oração, que com tanta satisfação ouvi recitar, julgo todavia hum justo tributo haver expendido estas poucas palavras.

*Obras publicadas nesta Corte no mez de Junho.*

**C**ARTAS ao Author da Historia Geral da Invasão dos Francezes em Portugal: e da Restauração deste Reino, por Francisco de Borja Garção Stockler, Fidalgo da Casa de S. A. R.,

Marechal de Campo dos Reaes Exercitos, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e da Sociedade Philosophica &c.

Esta Obra he composta de 9 Cartas. A 1.<sup>a</sup>, que serve de Introducção, depois de muito serias reflexoens sobre o scepticismo historico, dá huma idéa dos objectos, que hão de occupar o A. em toda sua Obra, a saber a revindicação da Memoria do Duque Marechal General, e a justificação da Academia Real das Sciencias. Qualquer destes he, e deve ser muito caro a hum homem, cujos sentimentos correm parellas com os seus talentos. Como agradecido emprehende com calor, mas sem exageraçoens, a primeira, e como hum Sabio, estimado e distincto por huma Corporação de Sabios, sustenta o decoro da Academia. Sinto (pela primeira vez) que as obrigaçoens de Discipulo e de Amigo, e o profundo reconhecimento á gratuita estima, que sempre deví ao Illustre A., não me permittão desafogar os meus sentimentos, receando ser suspeito. Por tanto eu não farei mais do que expor muito rapidamente a materia, que contem aquellas polidissimas Cartas.

Depois de indicar na segunda as correcções que se devem fazer aos factos relativos á Campanha de 1801, e na 3.<sup>a</sup> a situação do Duque como Marechal General, expõe meudamente os principios, que servirão de base ás operações, as ideas de hum plano de defeza,

politica, isto he, do que fez, e do que pertenceu fazer, em qualidade de Almirante General. Havia hum homem muito versado no exercicio de escrever, e muito particularmente instruido de todas as circumstancias de sua vida Politica e Privada, que devia illustrar ó Publico sobre este importante objecto. Este homem era o seu Mestre, que do seu retiro escreveu, e deu á luz o presente Elogio.

Em todo elle apparece constantemente o Author e seria bem difficil desconhecê-lo, ainda quando o seu nome não estivesse estampado na primeira pagina. Elle contém 29 pag. de texto, e 41 de notas: em humas e outras se encontrão muitas noticias que serão bem interessantes quando o tempo houver apagado da nossa memoria grande parte do que presenciámos. Em hum Summario, que precede o Elogio, se vê de hum golpe de vista o seu objecto, e eu o recomendaria de bom grado á attenção do Publico.

Para dar ainda mais singularidade a esta Obra, se inserirão nas Notas varios mappas, o 1.º Da duração e conceito de cada lição que deu o Senhor Infante nos annos de 1802 e 1803, assim como de todos os passos da sua vida privada.

No verso deste se lê a Relação das forças navaes, que sahirão do Tejo em 29 de Novembro de 1807, seus Commandantes, e passageiros mais notaveis.

O segundo Mappa contem as Commissões ordenadas por S. A., com o seu estado ou situação no fim do referido Novembro.

*Reflexão do Redactor.*

**E**U disse no N.º 1.º que, depois de haver desempenhado a minha empresa, cumpria pezar as razões daquelles que a condemnavaõ. Este vem a ser por tanto o lugar annunciado, e eu não posso por mais tempo escusar-me a este ingrato exame, no qual sem embargo procederei com toda a moderação possível.

Era hum problema, se no Brazil podia haver hum Jornal. Pessoas de acreditado saber, mas de hum genio melancolico, avultando as difficuldades, que carregarião sobre o Redactor, accusavão altamente a sua temeridade, e produzião milhares de argumentos, a que dava mais pezo a authoridade de quem as pronunciava. Costumado porém a ceder sómente á razão e á experiencia, eu julguei que o verdadeiro modo de resolver o problema, era pôr-me em prova, e confiar da minha queda o meu desengano. Eu annunciei a empresa, e entre pragas e agouros de huma parte, e elogios e estimulos de outra, caminhei constante ao meu fito. Tenho consuminado a carreira, e he facil agora estabelecer hum argumento victorioso. Se a mingoa de talentos.

se a pobreza de conhecimentos, se o desempenho de obrigações, que eu considerava mais remotas, e que fazem a parte principal das minhas occupaões; se todos estes motivos juntos e outros muitos que não são desconhecidos aos Leitores, não ambaraçarão a publicação de hum tal qual Periodico; como será elle impossivel a quem possue as qualidades que me faltão, e a quem talvez sobeja mais tempo? Como não sahiria elle perfeito das mãos d'aquelles, que embebidos na tarefa de condemna-lo, não quizerão concorrer, nem com huma linha, para a sua perfeição, julgando por ventura accelerar assim a sua queda?

Pessoas de hum merecimento decisivo prometterão ajudar os meus patrioticos intentos: mas não sei que motivos tem embaraçado este beneficio ao Publico. Outras porém, insistindo em levar avante aquelle projecto que havião fomentado, cooperarão, quanto em si era, para illustração dos seus compatriotas, e os seus nomes honrando de huma maneira distincta, a Lista dos Subscriptores, acordará os outros do seu lethargo.

Porém acaso desempenhei eu o meu fim principal? Jámais foi o meu intento fazer huma obra perfeita. E como o poderia eu esperar? Era sim o meu fito desafiar a applicação dos estudiosos, excitar a emulação daquelles que podião ser uteis; para que, pass

sando do imperfeito ao mais completo, se fizessem assim escritores. Pretende-los immediatamente irreprehensíveis he ignorar esta gradação dos nossos conhecimentos, ainda muito mais longa, que as dos actos moraes. Ora he evidente, que huns não haverião escrito sem este incentivo, e outros deixarião no esquecimento as suas obras. Logo he innegavel que eu fiz hum serviço util á Patria em abalancar-me a esta empreza.

E com effeito, qual outro seria o meu proposito? Lembrar-se-há alguém do dezejo do lucro? Não seria facil mostrar que este jámais podia ser o meu alvo? E se não, como accrescentei mais de cem paginas nos 6 N.ºs, ajuntei 4 estampas ( não havendo promettido alguma no Prospecto ) além das Tabellas, difficeis de compôr, e por isso mais dispendiosas? O excesso da mão de obra sobre o preço esperado, despezas extraordinarias para satisfazer em tempo determinado á espectação do Publico, e outras muitas, que tem occorrido, me poem ao alcance de asseverar o meu desinteresse. Será o dezejo de bom nome? Por muito sensível que eu seja a este sentimento tão natural, eu seria loucamente presumido, se ousasse confiar de meu tenue saber tão vantajoso resultado. O fim por que me tem guiado tanto, he clara e unicamente o querer satisfazer aos versos que tomei por epigraphes.

Não entrarei agora na sincera conção

de meus defeitos : vale mais emenda-los que publica-los. O tempo he sempre o melhor Mestre , e os proprios erros são uteis a quem delles sabe aproveitar para evita-los.

O publico está já enformado da continuação da minha empreza , debaixo de huma forma mais elegante. Os soccorros, que ultimamente havemos recebido, nos poem em estado de esperar-vos a plena satisfação dos Leitores.

## Continuação do Estado da atmosphera

Junho.

Dia	Ther.	Bar.			Tempo
		Graos	Pol.	Vint.	
1	69 $\frac{1}{2}$	29	17	34	claro
2	70		15	2	
3	70		15	2	
4	70		16	24	
5	69		15	40	nebrina
6	69 $\frac{1}{2}$		13	28	
7	71		11	38	chuva
8	71 $\frac{1}{2}$		12	30	
9	69		17	44	chuvoso
10	65	30	2	8	dito e denso
11	65	29	19	28	claro
12	67		18	32	nebrina
13	68 $\frac{1}{2}$		19	8	chuvoso
14	68		18	32	
15	69		15	26	nebrina
16	69		14	40	claro
17	69		18	8	chuvoso
18	70		19	34	claro
19	70		19	20	chuvoso
20	69 $\frac{3}{4}$		18	34	claro
21	70		18	12	
22	68 $\frac{1}{2}$		18	42	
23	68 $\frac{1}{2}$		17	28	
24	70		17	22	

<i>Dia.</i>	<i>Ther.</i>	<i>Bar.</i>			<i>Tempo.</i>
		<i>Pol.</i>	<i>Vint.</i>	<i>Mil.</i>	
	<i>Graos</i>				
25	70		18	32	
26	70	30	0	34	muita chuva
27	49		1	36	claro.

I N D I C E.

L I T T E R A T U R A.

*Methodo de achar novas combinaçoens de  
letras para novas palavras , continuado  
do N.º 5.º pag. 18.*

P O E S I A.

*Poema , recitado no dia dos annos de Sua  
Magestade Fidellissima D. MARIA I.  
em 1788.*

*Canção inedita de Bocage a Luiz de Vas-  
concellos e Souza , então Vice-Rei deste  
Estado.*

*Soneto do Desembargador Antonio Ribeiro  
dos Santos , ao Illustrissimo Francisco  
de Borja Garção Stockler.*

*O Retrato de Armia.*

A G R I C U L T U R A.

*Cultura do Café , Segunda Parte*

H I S T O R I A.

*Continuação das Memorias sobre o Rio de  
Janeiro , para servirem á Historia des-  
ta Cidade.*

NAVEGAÇÃO.

<i>Reflexoens sobre as derrotas de estima, e suas correcçoens.</i>	58
--------------------------------------------------------------------	----

GEOGRAFIA.

<i>Noticias sobre Cabo Negro, extrahidas dos fragmentos da Viagem do Doutor Joaquim José da Silva.</i>	
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

POLITICA.

<i>Leis promulgadas nesta Corte.</i>	77
--------------------------------------	----

---

<i>Necrologia.</i>	87
<i>Obras publicadas nesta Corte no mez de Junho.</i>	90
<i>Reflexão do Redactor.</i>	95
<i>Continuação do Estado da athmosfera.</i>	99

*Lista dos Assignantes.*

**A** SERENISSIMA SENHORA PRINCEZA DO BRAZIL D. CARLOTA JOAQUINA.

**A** SERENISSIMA SENHORA INFANTA D. MARIA IZABEL.

Alexandre Azzupard.

Anastacio Feliciano de Bastos Teixeira.

Antonio Alves de Araujo , 2 ex.

Antonio de Araujo de Azevedo.

Antonio de Figueredo Ramos.

Antonio Francisco Leal.

Antonio Homem do Amaral.

Antonio José de Oliveira Barreiros.

Antonio Martins Bandeira.

Antonio Miguel Machado de Carvalho.

Antonio Nicoláo de Souza Pereira Pinto.

Antonio Nunes de Aguiar.

Antonio Pedro Teixeira.

Antonio de Souza Caldas.

Antonio Pimentel do Vabo.

Antonio Pussich.

*Antonio de Saldanha da Gama.*

*Fr. Arcanjo de Ancona.*

Arcebispo da Bahia

Antonio José da Silva Pauleti.

Barão de S. Lourenço

Barão do Rio Seco.

Bento da Silva Lisboa.

Bernardo Carneiro Pinto de Almeida.  
Berdarno da Costa Pacheco.  
Bernardo Duarte dos Santos.  
Bibliotheca Publica da Bahia.  
Bispo Capellão Mór.  
Camillo Luiz de Rossi.  
*Camillo Martins Lage.*  
Candido Lazaro de Moraes.  
Carlos Antonio Napion.  
Clemente Ferreira França  
Conde dos Arcos.  
Conde de Belmonte  
Conde de Caparica.  
Conde de Cavalleiros.  
Conde das Galvêas.  
Conde de Linhares.  
Condeça de Linhares.  
Conde da Palma.  
Conde da Ponte.  
Diogo Duarte Silva.  
Diogo Gill.  
Diogo de Toledo Ordonhes.  
Domigos Alves Branco.  
*Domigos Borges de Barros.*  
Domigos Carvalho de Sá, 2 ex.  
Enviado dos Estados Unidos.  
Estacio Gularte.  
Francisco de Abreu Barreto.  
Francisco Alberto Rubim.  
Francisco Antonio Demichellis.  
Francisco Bibiano de Castro.

*Francisco de Borja Garção Stockler.*

Francisco Ferreira Machado.

Francisco Gameiro Pessoa.

Francisco Galli.

Francisco Jaques de Araujo Bastos.

Francisco José da Cunha.

Francisco José Ferreira Rego.

Francisco Lemos.

Francisco Lobo.

Francisco Lopes de Araujo.

Francisco Luiz Saturnino.

Francisco Miguel da Silva Mello.

Francisco de Miranda.

Francisco Pereira de Mesquita.

Francisco Roza.

Francisco Xavier Pires.

Freese e Banckenhagem

*Gaspar Marques.*

Gaudencio José Maria.

Guilherme Harrison.

Jacinto de Mello Palhares.

Jeronimo Francisco de Freitas Caldas.

*Ildefonso José da Costa e Abreu.*

João Bandeira de Gouvea.

João Ferreira da Costa Sampaio.

Fr. João da Graça.

João Gomes Duarte.

João Gomes de Oliveira e Silva.

João José da Cunha.

*João José Ferreira de Souza*

João Lopes Baptista.

- João Luiz Bortalho.  
João Marquez Vieira de Araujo Pereira.  
João Mazzoni.  
João Miguel da Silva.  
João Pinto.  
João Ricardo.  
João Rodrigues de Brito.  
João Rodrigues da Costa.  
João Rodrigues Pereira de Almeida.  
João Soares de Oliveira.  
Joaquim Antonio Alves.  
Joaquim Ignacio Moreira Dias.  
Joaquim José Ferreira Rego.  
Joaquim José Marquez.  
Joaquim José de Souza Lobato.  
Joaquim Pereira Queiroz.  
Isidoro Manoel Francisco Ferrugento.  
José Albano Fragozo.  
José Antonio de Oliveira Guimarães.  
*José Bernardes de Castro.*  
José Bernardes de Campos.  
José Bernardes Moreira.  
José Caetano Lima.  
José Costa de Resende.  
José Fernandes Figueiredo.  
José Gomes Morel Salgado.  
José Gomes Puppe Correia.  
José Ignacio da Silva.  
José Joaquim de Mattos e Lucena.  
José Manoel Placido de Moraes.  
José Maria Dantas Pereira.

- José Maria Velho da Silva.  
José Maria de S. Anna.  
José Mathias de Landaburu.  
José Nuues de Souza.  
José de Oliveira Pinto Botelho Mosqueira.  
José Pereira Lopes da Silva e Carvalho.  
José da Silva Lisboa.  
Leandro José Rodrigues Machado.  
Luis Antonio Barboza da Silva.  
Luis Antonio Barradas.  
Luis Gomes Anjo.  
Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça.  
Luis Joaquim dos Santos Marrocos.  
Luis Prates Almeida e Albuquerque.  
Manoel Antonio Cardozo.  
Manoel Bernardes.  
Manoel da Costa Pinto.  
Manoel Joaquim de Azevedo.  
Manoel José Campos Porto.  
Manoel José da Lima Braga.  
Manoel José Pereira Maia.  
Manoel Luis Alvares de Carvalho.  
Manoel Pereira Blanchart.  
Manoel de Souza Coutinho.  
Manoel Theodoro da Silva.  
Manoel Vieira da Silva.  
*Mariano José Pereira da Fonseca.*  
Marquez de Borba.  
Marques de Torres Novas.  
Martinho Grossman.

Martiniano José de Andrade e Silva.  
Manoel Ignacio de Sampaio.  
Nicolao Viegas de Proença.  
Paulo Fernandes Vianna.  
Paulo Martins e filhos em Lisboa , 25 ex.  
*Pedro Francisco Xavier de Brito.*  
Pedro Maria Colona.  
Rainaldo José da Silva.  
Roberto João Damby.  
Rodrigo Pinto Guedes.  
Simeão Estellita Gomes da Fonceca.  
D. Thereza do O' de Almeida de Mello e Castro.  
Thomaz Gonçalves.  
Thomaz José de Aquino Pereira.  
Fr. Tiburcio José da Rocha.

N. B. Dos Assignantes de fóra da Cidade não sabemos todos os nomes , mas da-los-hemos nos numeros seguintes á medida que chegarem ao nosso conhecimento.



